

**RIVALIDADE FRATERNA NA PERSPECTIVA DOS PROGENITORES:
DA GESTAÇÃO AO SEGUNDO ANO DE VIDA DO SEGUNDO FILHO**

Caroline Rubin Rossato Pereira

Orientadora Profa. Dra. Rita de Cássia Sobreira Lopes

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Março, 2011.**



INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA

**RIVALIDADE FRATERNA NA PERSPECTIVA DOS PROGENITORES:
DA GESTAÇÃO AO SEGUNDO ANO DE VIDA DO SEGUNDO FILHO**

Caroline Rubin Rossato Pereira

Tese de Doutorado

Porto Alegre/RS, 2011

**RIVALIDADE FRATERNA NA PERSPECTIVA DOS PROGENITORES:
DA GESTAÇÃO AO SEGUNDO ANO DE VIDA DO SEGUNDO FILHO**

Caroline Rubin Rossato Pereira

Tese apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de
Doutora em Psicologia

Orientadora Profa. Dra. Rita de Cássia Sobreira Lopes

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Março, 2011.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

PARECER

TÍTULO DA TESE: “RIVALIDADE FRATERNA NA PERSPECTIVA DOS PROGENITORES: DA GESTAÇÃO AO SEGUNDO ANO DE VIDA DO SEGUNDO FILHO”

Orientadora: Prof. Dr. Rita de Cássia Sobreira Lopes/UFRGS

Doutoranda: Caroline Rubin Rossato Pereira

Examinadora: Profa. Dra. Adriana Wagner/UFRGS

O estudo investigou a rivalidade fraterna desde a gestação até os dois anos de vida do segundo filho, a partir da perspectiva dos progenitores. A temática é de extrema relevância para os estudos da família, considerando a importância das relações que se estabelecem no subsistema fraterno no desenvolvimento psicossocial dos indivíduos. Chama atenção a trajetória da doutoranda no Núcleo de Pesquisa, a qual vem se dedicando desde o seu mestrado na temática do relacionamento entre irmãos, o que configura a construção de uma linha de pesquisa, a qual já tem publicações.

Quanto aos aspectos formais, a revisão da literatura é extensa e bastante completa, apresentando os estudos mais relevantes, além de fazer uma boa articulação entre eles. Sente-se falta, entretanto, de maior clareza quanto ao modelo teórico que sustenta a compreensão dos dados. O método está bem descrito e os casos claramente apresentados. Destaca-se a excelente sistematização dos dados feita pela aluna, conseguindo organizar um número grande de informações de forma muito didática e elucidativa.

As indicações para pequenas melhorias foram feitas verbalmente na banca.


Dra. Adriana Wagner



Universidade de Brasília-UnB
Instituto de Psicologia-IP/PED
Laboratório de Desenvolvimento Familiar

TESE DE DOUTORADO: Rivalidade Fraternal na Perspectiva dos Progenitores: da Gestação ao Segundo Ano de Vida do Segundo Filho

ALUNA: Caroline Rubin Rossato Pereira

ORIENTADORA: Profa. Dra. Rita de Cássia Sobreira Lopes

PROGRAMA: Pós-graduação em Psicologia

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PARECERISTA: Profa. Dra. Maria Auxiliadora Dessen

P A R E C E R

O projeto de tese apresenta relevância social, na medida em que o tema investigado é essencialmente aplicado no cotidiano das relações familiares e seus resultados contribuem para a melhoria da qualidade de vida das famílias durante a transição decorrente do nascimento de filhos. Sua contribuição indireta se estende para a elaboração de programas de educação familiar, uma vez que os dados relatados fornecem subsídios que podem ser utilizados para a elaboração de tais programas.

No que tange à relevância científica, conforme destacado no capítulo introdutório da tese, a investigação do tema proposto – rivalidade fraternal, vem preencher uma lacuna na literatura brasileira, e mesmo internacional, uma vez que a maioria das pesquisas sobre o assunto datam das décadas de 70 e 80. Considerando que as duas últimas décadas registraram um avanço metodológico muito significativo na ciência do desenvolvimento humano e da família, com implicações para a pesquisa, vários temas necessitam ser investigados, com um novo olhar – o da perspectiva sistêmica da família. Faz-se necessário, portanto, aplicar o discurso teórico das últimas décadas na prática da pesquisa, na tentativa de encontrar ferramentas apropriadas para coletar informações e desenvolver sistemas de categorias para temas complexos e multideterminados como o objeto de análise desta tese de doutorado.

Apesar do discurso sistêmico vigente desde meados do século XX, as décadas de 70 e 80 registraram um “boom” na produção do conhecimento sobre relações fraternas,

Asses

mas utilizando um recorte metodológico que priorizava os comportamentos “isolados” dos progenitores e do primogênito e seu irmão. Um recorte desta natureza permite uma compreensão limitada das relações fraternas, dada a complexidade das das relações entre os diferentes subsistemas familiares: conjugal, parental e fraternal. Neste quesito, o trabalho ora apresentado cumpriu a sua função, contribuindo para o avanço da área, sobretudo ao incluir a categoria das relações parentais como variável crucial para compreender as reações do primogênito ao nascimento do irmão.

Se queremos compreender um fenômeno de desenvolvimento humano, e não temos a infraestrutura necessária, em termos de recursos humanos e materiais para examiná-lo na perspectiva do curso de vida, nós podemos selecionar os períodos “chave” de transição no desenvolvimento. O trabalho ora apresentado focalizou o período exato da transição familiar: antes do nascimento até o bebê completar dois anos de idade. Este período de adaptação da família, tão bem descrito pelo Dr. Kreppner, fornece a “matéria prima” para a compreensão do fenômeno da rivalidade entre irmãos na infância. Mais do que isto, permite a compreensão das origens de tal comportamento que explicam, em parte, não só as relações entre pares na adolescência, mas também na vida adulta. Compreender as origens das relações fraternas significa, por exemplo, contribuir para as possíveis explicações para a agressão e a violência, um problema social da maioria das sociedades contemporâneas.

A introdução da tese reflete um levantamento bibliográfico cuidadoso, com destaque para as décadas de 80 e 90, conforme esperado, e a redação mostra, apropriadamente, as reflexões oriundas da bibliografia consultada. Os objetivos e justificativas para a realização do projeto são compatíveis com a introdução e há coerência entre objetivos e o método adotado. Sobre este último, gostaria de destacar a importância do trabalho que, como poucos no Brasil, pode ser classificado na categoria de pesquisa em desenvolvimento humano. A coleta de dados longitudinal, realizada em quatro pontos no tempo, perfazendo um total de aproximadamente dois anos, capturou o período essencial da transição familiar decorrente do nascimento do segundo filho na família.

Um dos aspectos positivos da análise dos dados é a interpretação coerente com a teoria sistêmica da família, em que fica evidenciada a distribuição de atenção dos progenitores durante o período de adaptação da família ao nascimento do segundo filho. Outro aspecto positivo é tentativa recorrente de tratar o ciúme infantil como parte essencial do processo de crescimento emocional e psicológico do indivíduo. Além

causas

disso, a análise do relato verbal é objetivamente focada na questão investigada. No entanto, a categoria de relações parentais poderia ter sido mais explorada, incluindo subcategorias importantes para a compreensão da rivalidade fraterna, tais como os valores e as estratégias empregadas pelos progenitores na socialização do primogênito no papel de irmão.

Independentemente deste aprofundamento da categoria de relações parentais, o estudo é inovador, do ponto de vista metodológico, na medida em que cria um sistema de análise que permite avançar na compreensão do tema abordado. A minha sugestão para pesquisas futuras da aluna é incluir, na construção dos instrumentos, questões relativas à bidirecionalidade nas interações e relações entre os membros da família. Como sugestões para elaboração de artigos com os dados constantes desta tese, destaco:

1. Existe influência de gênero na rivalidade fraterna em dias: M-F e F-M?
2. Qual a diferença de idade “ideal” entre irmãos, do ponto de vista sistêmico da família?
3. Que aspectos são importantes para o planejamento familiar e para elaboração de programas de educação familiar, considerando as relações fraternas?
4. Qual a participação do pai no momento de transição decorrente do nascimento de filhos no que tange às origens da rivalidade fraterna?
5. O processo de socialização dos filhos no papel de irmãos: valores transmitidos e as estratégias utilizadas.
6. O relacionamento parental como variável mediadora das origens e evolução da rivalidade fraterna. (a idéia é aprofundar a categoria atual do relacionamento parental)

Espero que a aluna e sua orientadora deem prosseguimento às análises sobre o assunto, transformando esta tese em uma futura linha de pesquisa no Brasil.

Porto Alegre, 20 de Março de 2011



Porfá. Dra. Maria Auxiliadora Dessen

UnB

PARECER

TÍTULO DA TESE: “RIVALIDADE FRATERNA NA PERSPECTIVA DOS PROGENITORES: DA GESTAÇÃO AO SEGUNDO ANO DE VIDA DO SEGUNDO FILHO”

Orientadora: Prof. Dr. Rita de Cássia Sobreira Lopes/UFRGS

Doutoranda: Caroline Rubin Rossato Pereira

Examinadora: Profa. Dra. Dorian Mônica Arpini /UFSM

O tema apresentado com já foi apontado no parecer referente ao projeto de qualificação é relevante e atual, conforme apontado pela autora existem poucos estudos com este foco sobretudo no contexto atual.

O trabalho está muito bem escrito, com clareza na colocação das idéias e um cuidado com relação a forma como está estruturado. Percebe-se um cuidado em justificar a importância do estudo e a retomada do tema no meio acadêmico.

Destaca-se que a tese revela considerações que foram propostas e pensadas no momento da qualificação como a inclusão da perspectiva do pai no estudo. Nesse sentido, cabe salientar a preocupação da autora em atender as considerações pontuadas na qualificação.

A revisão de literatura está muito boa, percebe-se o esforço por trazer o panorama acadêmico em relação ao tema e uma tentativa de problematizar evitando sair dos lugares de positivo e negativo muitas vezes presentes quando se aborda o tema do ciúmes, rivalidade e cooperação. Este aspecto merece destaque no trabalho, pois tratando-se de uma tese considera-se importante apontar aspectos que em estudos anteriores não foram contemplados. A noção de positivo e negativo não tem auxiliado na abordagem do tema, pelo contrário ela leva a aprisionamentos.

Os períodos nos quais o estudo foi realizado (último trimestre da gestação, 6, 12 e 24 meses) foram justificados, com ênfase nos dois primeiros anos como sendo um marco dentro do qual os aspectos abordados no texto estão em foco. Novamente destaca-se que este aspecto atende a apontamentos realizados na qualificação.

Os objetivos estão claramente definidos e foram atendidos pelo estudo, desta forma é importante destacar que houve uma preocupação em responder as questões propostas pelo estudo, havendo um detalhamento e um rigor na apresentação dos casos e na análise indo das partes para o todo, estabelecendo as relações entre os diferentes períodos em cada caso e posteriormente entre os casos.

Considero importante também destacar o cuidado da autora com as afirmações realizadas evitando generalizações, o que indica como já aponte anteriormente um rigor no tratamento do tema, aspecto relevante tratando-se de um trabalho acadêmico, sobretudo um doutorado.

O método foi bem descrito e atendeu plenamente os objetivos, a proposta por um estudo qualitativo foi importante para a superação apontada anteriormente com relação a evitar um dualismo na compreensão do tema. Percebe-se que houve todo um cuidado com as questões éticas, o que também é importante num estudo dessa natureza.

Com relação a apresentação dos casos, os mesmo foram detalhadamente apresentados, entendo que houve uma opção da autora na forma de apresentação colocando as vinhetas ao final (anexo, como resultados), porém considero que esta parte tratando-se de um estudo qualitativo poderia ter sido incluída no corpo do texto, pois tem trechos muito importantes e que dão uma compreensão muito clara do que está sendo abordado porém, como ficam em blocos separados do texto não facilita a integração, nesse sentido, penso que teria dado mais riqueza ao texto se estivesse incluída. No entanto, essa é apenas uma sugestão, talvez uma questão de estilo, pois a forma como se encontra não prejudica a qualidade do texto, nem do trabalho como um todo.

Na página 66, quando a autora descreve o primeiro caso dá uma idéia de que a família como um todo integrou ou estudo, talvez fosse interessante ao invés de colocar “contato com a família” colocar

contato com os progenitores, deixando claro ao leitor que o primogênito não esteve presente nesse momento, essa mesma sensação aparece no caso seguinte.

Com relação aos resultados, aparecem aspectos importantes que foram destacados como a importância do pai neste momento do nascimento e da vida inicial do segundo filho. Houve uma significativa aproximação do pai em relação ao primogênito, ele se tornou mais ativo, mais participativo nas rotinas familiares e como isso parece ter auxiliado e qualificado as relações familiares e a superação das dificuldades inerentes ao período. Este aspecto é relevante pois, como apontado pela autora nas considerações finais a ausência de estudos que envolvem o pai ou mesmo sua instabilidade no contexto familiar atual somente reforçam a importância de não “banalizar” ou mesmo minimizar os efeitos ou as faltas que o pai pode fazer na construção das relações iniciais.

Apenas para complementar achei interessante destacar alguns aspectos que não foram apontados nos resultados mas que aparecem nas falas dos progenitores como por exemplo: as mães terem sido descritas pelos pais como apresentando uma certa alteração nas reações maternas, como estarem estressadas, irritadas, briguentas ou com menos paciência, me refiro a este aspecto pois tal situação não foi apontada em relação aos pais, parece que nos casos se evidenciou uma sobrecarga maior das mães, ou pelo menos, elas manifestaram estarem mais vulneráveis a transformação e as novas exigências, o que torna ainda mais relevante o papel do pai nesse momento.

Achei importante também destacar que os progenitores trouxeram uma preocupação com identificar se aquilo que estavam vivendo estava dentro da “normalidade”. Me parece que esta questão tem relação com os aspectos de negatividade que o ciúmes e a rivalidade tem no imaginário social que leva pais a se preocuparem com possíveis manifestações exacerbadas na conduta dos filhos. Me refiro também a este aspecto porque em dois dos estudos de caso os progenitores chegaram a procurar auxílio de profissionais (psicólogo e psiquiatra) a fim de checarem se o que estava acontecendo estaria dentro do esperado (entenda-se normal).

Por outro lado, considero importante destacar a preocupação dos pais com relação às manifestações dos filhos, uma vez que referiram nas suas falas um cuidado com o que estava acontecendo e com as mudanças que iam percebendo nos filhos e nas relações familiares, demonstrando estarem atentos ao contexto familiar.

O estudo me parece também poderia destacar a oportunidade desses pais de terem durante todo período sido desafiados a pensar as relações fraternas e parentais o que certamente deve ter lhes auxiliado a lidar com este período.

Um aspecto que senti falta na apresentação dos casos ou mesmo na discussão dos resultados é com relação à concordância ou discordância dos pais em relação aos acontecimentos e as manifestações que foram acontecendo, ou seja, os pais tinham opiniões concordantes em relação aos filhos, ao que estava acontecendo, me parece que a inclusão deste aspecto é importante para qualificar compreensão do tema.

Por fim, gostaria de agradecer o convite e a confiança em mim depositada, dar os parabéns a Caroline e sua orientadora Profa. Dra. Rita pela qualidade do trabalho.

Dorian Mônica Arpini
Departamento de Psicologia
Universidade Federal de Santa Maria
Mail: monica.arpini@gmail.com



“Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que fez tua rosa tão importante.”

(Antoine de Saint-Exupéry)

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este percurso de trabalho e esta etapa de vida do Doutorado, faz-se necessário tecer alguns importantes agradecimentos.

À minha orientadora Profa. Dra. Rita de Cássia Sobreira Lopes, agradeço imensamente o cuidado com esta tese, os momentos de reflexão conjunta, o respeito por minhas idéias e a possibilidade da construção compartilhada do conhecimento. Seu olhar atento e profundo foi fundamental. Agradeço ainda o apoio e a compreensão frente às minhas decisões profissionais ao longo deste período.

Às famílias que participaram deste estudo, agradeço a confiança de abrir as portas de suas casa e, mais que isso, de dividir a intimidade da vida familiar. A receptividade, a sinceridade, a franqueza de vocês são o ouro deste trabalho.

À Profa. Brenda Lee Volling, PhD, agradeço à oportunidade de realizar o Doutorado Sanduíche junto ao seu grupo de pesquisa. O conhecimento adquirido através do contato com seu projeto de pesquisa, assim como a acesso ao vasto material bibliográfico disponibilizado pela biblioteca da University of Michigan, foram imprescindíveis para a estruturação do conhecimento aqui proposto. Juntamente à Profa. Volling, agradeço às colegas Kelly Kuznicki e Nicole Lucassen pela amizade no período nos Estados Unidos, a qual tornou a saudade de casa mais amena e os dias mais alegres.

Ao Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini, agradeço o incentivo constante e sua presença em minha caminhada na UFRGS desde o Mestrado. Agradeço ainda às professoras Dras. Adriana Wagner, relatora desta tese, Dorian Mônica Arpini e Maria Auxiliadora Dessen, pela generosidade em compartilhar seu conhecimento para que este trabalho pudesse melhor se desenvolver.

À CAPES e ao CNPq, por viabilizarem financeiramente a realização deste estudo e a realização do estágio de Doutorado Sanduíche.

Às colegas e amigas do projeto de pesquisa Débora de Oliveira e Aline Vivian, agradeço o possibilidade de dividir o trabalho, as angústias, os desafios, e também as alegrias deste percurso. Vocês são parte importante desta conquista. Agradeço também às bolsistas Michelle Deluchi, Daiana Linhares, Doralúcia Silva e Carolina Mazoni pela empenho e carinho com que se dedicaram ao nosso projeto de pesquisa.

À equipe do NUDIF – Núcleo de Infância e Família (UFRGS), meu agradecimento pelo apoio e pelas críticas sempre enriquecedoras.

Às amigas Cristina Krueel, Chaiene Silveira e Micheline Bastianello, agradeço pela acolhida, pelo carinho, pelos momentos compartilhados e por tornarem Porto Alegre um lugar mais aconchegante. Agradeço também aos demais amigos que, de perto ou de longe, torceram, vibraram e me incentivaram a cada passo desta conquista.

Aos colegas de trabalho da UFSM, Camila, Clarita, Déia, Jaisso, Lu, Marcela e Tânia, agradeço a imensa compreensão e a torcida constante de vocês. Ao Pró-reitor José Francisco e à Marta, o apoio de vocês na reta final deste trabalho foi fundamental. Agradeço ainda à Cristiana, Coordenadora e colega do curso de Psicologia da ULBRA, pelo apoio e compreensão.

Aos meus pais, Elenita e Ricardo, agradeço a compreensão das ausências, o apoio nas decisões importantes, a visita nos Estados Unidos, e, acima de tudo, agradeço pelo amor e incentivo constantes. Aos meus irmãos, Cristiane, Elisiane e Felipe, vocês são parte da inspiração para este trabalho e também parte importante das alegrias e aprendizados de minha vida. Com vocês, aprendo a cada dia que, rivalidade não é oposto de amor, carinho e cooperação. O meu agradecimento a vocês se estende aos meus cunhados Leandro e Felipe, à minha amada sobrinha Ana Laura e à Mariane – irmã de coração. Agradeço ainda aos meus tios, especialmente Maribel, Carlos e família, pelo apoio e pela amizade sempre presentes.

Aos meus sogros, Neuza e Valmir, e aos meus cunhados, Carla, Deise e Júlio, agradeço o apoio, a torcida sempre alegre e vibrante e a compreensão nas diversas ausências. Através de vocês, agradeço aos demais familiares, tios, primos, que sempre acompanharam, de perto ou de longe, este trabalho e torceram de coração por mim.

Por fim, agradeço ao meu esposo, Deividi. Palavras não podem expressar o tamanho de minha gratidão por sua parceria nestes 4 anos. Você foi peça-chave desta conquista. Soube abrir mão incontáveis vezes da minha companhia, dos momentos de lazer, soube ser confiança quando esta me faltou, soube ser carinho quando desanimei, soube ser força quando esmoreci, soube ser paciência quando precisou esperar, soube ser presença quando a distância física nos separou, soube ser amor. Contigo sonho ainda muitos projetos familiares e a ti dedico esta conquista.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	11
RESUMO	12
ABSTRACT	13
CAPÍTULO I	
INTRODUÇÃO.....	14
Apresentação	14
1. O relacionamento fraterno	16
2. O curso do relacionamento fraterno nos anos iniciais.....	22
3. Rivalidade fraterna	33
3.1. Rivalidade fraterna: perspectiva histórica	33
3.2. Rivalidade fraterna: definição de conceitos	38
4. Fatores associados à rivalidade fraterna	45
4.1. Características individuais dos irmãos: idade e sexo	45
4.2. Características do relacionamento parental	51
Justificativa e objetivo	56
CAPÍTULO II	
MÉTODO	58
Participantes.....	58
Delineamento e procedimentos	61
Instrumentos	63
CAPÍTULO III	
RESULTADOS	65
CASO 1: ARTUR E FELIPE	69
Fase I – Felipe com 36 semanas gestacionais e Artur com 5 anos.....	69
1. Rivalidade fraterna	69
1.1. Ciúme entre os irmãos	69
1.2. Disputa e competição fraterna	69

2. Relacionamento parental	70
Fase II – Felipe com 7 meses e Artur com 5 anos e 7 meses	70
1. Rivalidade fraterna	71
1.1. Ciúme entre os irmãos	71
1.2. Disputa e competição fraterna	71
2. Relacionamento parental	71
Fase III – Felipe com 1 ano e 3 meses e Artur com 6 anos e 3 meses	72
1. Rivalidade fraterna	72
1.1. Ciúme entre os irmãos	72
1.2. Disputa e competição fraterna	73
2. Relacionamento parental	73
Fase IV – Felipe com 2 anos e Artur com 7 anos.....	73
1. Rivalidade fraterna	74
1.1. Ciúme entre os irmãos	74
1.2. Disputa e competição fraterna	74
2. Relacionamento parental	74
Análise longitudinal por categoria.....	75
1. Rivalidade fraterna	75
1.1. Ciúme entre os irmãos	75
1.2. Disputa e competição fraterna	78
2. Relacionamento parental	80
Análise conjunta do Caso 1	83
CASO 2: ALINE E CAMILA	84
Fase I – Camila com 33 semanas gestacionais e Aline com 4 anos e 8 meses	84
1. Rivalidade fraterna	84
1.1. Ciúme entre os irmãos	84
1.2. Disputa e competição fraterna	84
2. Relacionamento parental	84
Fase II – Camila com 7 meses e Aline com 5 anos e 4 meses	85
1. Rivalidade fraterna	85
1.1. Ciúme entre os irmãos	85

1.2. Disputa e competição fraterna	86
2. Relacionamento parental	86
Fase III – Camila com 1 ano e 1 mês e Aline com 5 anos e 10 meses	86
1. Rivalidade fraterna	86
1.1. Ciúme entre os irmãos	86
1.2. Disputa e competição fraterna	87
2. Relacionamento parental	87
Fase IV – Camila com 2 anos e 1 mês e Aline com 6 anos e 10 meses	88
1. Rivalidade fraterna	88
1.1. Ciúme entre os irmãos	88
1.2. Disputa e competição fraterna	89
2. Relacionamento parental	89
Análise longitudinal por categoria.....	89
1. Rivalidade fraterna	89
1.1. Ciúme entre os irmãos	89
1.2. Disputa e competição fraterna	94
2. Relacionamento parental	96
Análise conjunta do Caso 2	99
CASO 3: GUILHERME E LAURA.....	101
Fase I – Laura com 32 semanas gestacionais e Guilherme com 4 anos e 3 meses	101
1. Rivalidade fraterna	101
1.1. Ciúme entre os irmãos	101
1.2. Disputa e competição fraterna	101
2. Relacionamento parental	102
Fase II – Laura com 4 meses e Guilherme com 4 anos e 8 meses	102
1. Rivalidade fraterna	102
1.1. Ciúme entre os irmãos	102
1.2. Disputa e competição fraterna	103
2. Relacionamento parental	103
Fase III – Laura com 1 ano e 2 meses e Guilherme com 5 anos e 6 meses.....	104
1. Rivalidade fraterna	104

1.1. Ciúme entre os irmãos	104
1.2. Disputa e competição fraterna	105
2. Relacionamento parental	105
Fase IV - Laura com 2 anos e 2 meses e Guilherme com 6 anos e 6 meses	105
1. Rivalidade fraterna	106
1.1. Ciúme entre os irmãos	106
1.2. Disputa e competição fraterna	106
2. Relacionamento parental	106
Análise longitudinal por categoria.....	107
1. Rivalidade fraterna	107
1.1. Ciúme entre os irmãos	107
1.2. Disputa e competição fraterna	111
2. Relacionamento parental	113
Análise conjunta do Caso 3	117
CASO 4: HELENA E LUCAS	119
Fase I – Lucas com 32 semanas gestacionais e Helena com 6 anos e 1 mês	119
1. Rivalidade fraterna	119
1.1. Ciúme entre os irmãos	119
1.2. Disputa e competição fraterna	119
2. Relacionamento parental	119
Fase II – Lucas com 6 meses e Helena com 6 anos e 8 meses	120
1. Rivalidade fraterna	120
1.1. Ciúme entre os irmãos	120
1.2. Disputa e competição fraterna	121
2. Relacionamento parental	121
Fase III - Lucas com 1 ano e Helena com 7 anos e 2 meses	121
1. Rivalidade fraterna	122
1.1. Ciúme entre os irmãos	122
1.2. Disputa e competição fraterna	122
2. Relacionamento parental	122
Fase IV - Lucas com 2 anos e 1 mês e Helena com 8 anos e 4 meses	123

1. Rivalidade fraterna	123
1.1. Ciúme entre os irmãos	123
1.2. Disputa e competição fraterna	123
2. Relacionamento parental	124
Análise longitudinal por categoria.....	124
1. Rivalidade fraterna	124
1.1. Ciúme entre os irmãos	124
1.2. Disputa e competição fraterna	128
2. Relacionamento parental	130
Análise conjunta do Caso 4	134
Análise conjunta de todos os casos.....	137
1. Rivalidade fraterna	137
1.1. Ciúme entre os irmãos	137
1.2. Disputa e competição fraterna	148
CAPÍTULO IV	
DISCUSSÃO	151
1. Rivalidade fraterna	151
1.1. Ciúme entre os irmãos	151
1.2. Disputa e competição fraterna	165
CAPÍTULO V	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
REFERÊNCIAS	175
ANEXOS	187
ANEXO A. Carta de aprovação do estudo (ELSEFI) pelo Comitê de Ética.....	188
ANEXO B. Ficha de Contato Inicial	189
ANEXO C. Entrevista de Dados Demográficos do Casal.....	190
ANEXO D. Entrevista sobre o Impacto da Gestação do Segundo Filho na Dinâmica Familiar	191

ANEXO E. Entrevista sobre o Desenvolvimento do Primogênito.....	192
ANEXO F. Entrevista sobre o Relacionamento Familiar aos 6 meses do Segundo Filho.....	194
ANEXO G. Entrevista sobre a Maternidade/Paternidade e o Desenvolvimento do Primogênito após o Nascimento do Segundo Filho	196
ANEXO H. Resultados Caso 1.....	198
ANEXO I. Resultados Caso 2	214
ANEXO J. Resultados Caso 3	232
ANEXO K. Resultados Caso 4.....	249

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dados Demográficos dos Participantes.....	60
Tabela 2. Manifestações de Ciúme entre os Irmãos – Caso 1.....	77
Tabela 3. Manifestações de Disputa e Competição Fraternal – Caso 1.....	79
Tabela 4. Relacionamento Parental – Caso 1.....	81
Tabela 5. Manifestações de Ciúme entre os Irmãos – Caso 2.....	92
Tabela 6. Manifestações de Disputa e Competição Fraternal – Caso 2.....	95
Tabela 7. Relacionamento Parental – Caso 2.....	97
Tabela 8. Manifestações de Ciúme entre os Irmãos – Caso 3.....	109
Tabela 9. Manifestações de Disputa e Competição Fraternal – Caso 3.....	112
Tabela 10. Relacionamento Parental – Caso 3.....	115
Tabela 11. Manifestações de Ciúme entre os Irmãos – Caso 4.....	126
Tabela 12. Manifestações de Disputa e Competição Fraternal – Caso 4.....	129
Tabela 13. Relacionamento Parental – Caso 4.....	132
Tabela 14. Presença de Ciúme entre os Irmãos segundo a Fonte, o Destinatário e o Rival.....	138
Tabela 15. Indicadores de Ciúme do Primogênito em Relação aos Progenitores com o Irmão...	140
Tabela 16. Presença dos Indicadores de Ciúme do Primogênito em Relação aos Progenitores com o Irmão – por caso.....	142
Tabela 17. Presença dos Indicadores de Ciúme do Primogênito em Relação aos Progenitores com o Irmão – por fase.....	142
Tabela 18. Presença de Disputa e Competição Fraternal: Motivos, Expressão e Estratégias de Manejo.....	149

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar a rivalidade fraterna desde a gestação até os 24 meses de vida do segundo filho em famílias com um primogênito em idade pré-escolar, a partir da perspectiva dos progenitores. De modo especial, buscou-se compreender como se manifesta e como se desenvolve a rivalidade fraterna ao longo dos 2 anos iniciais da relação. Além disso, o estudo visou a examinar as possíveis interações estabelecidas entre esta dimensão do relacionamento fraterno e o relacionamento parental. Para tanto, através de um estudo de caso coletivo, 4 casais de progenitores de famílias com dois filhos responderam separadamente a entrevistas semidirigidas, em 4 momentos de coleta de dados (3º. trimestre de gestação, aos 3, 6, 12 e 24 meses de vida do segundo filho). A análise de conteúdo qualitativa indicou que no período inicial após o nascimento do irmão, a rivalidade fraterna se manifestou prioritariamente através do ciúme do primogênito em relação aos progenitores. Conforme o segundo filho passou a apresentar maior capacidade motora e de comunicação, essa passou a se expressar também através das competições e das disputas diretas entre os irmãos. Além disso, os dados indicaram uma possível inter-relação do relacionamento parental com o surgimento do ciúme do primogênito em relação aos progenitores com o irmão, enquanto que a disputa e a competição fraterna pareceram estar relacionadas ao curso do desenvolvimento do segundo filho. Estes achados apontam para uma compreensão da rivalidade fraterna como constitutiva do relacionamento fraterno, imersa no processo de crescimento e transformação da família como um todo.

Palavras-chave: Rivalidade fraterna; ciúme entre irmãos; competição fraterna.

ABSTRACT

The present study aimed to investigate sibling rivalry in preschool firstborns from parents' perspective, from pregnancy to the second child's 24th months. In particular, it aimed to understand how sibling rivalry manifests itself and develops through the initial 2 years of the sibling's relationship. In addition, the study aimed to examine possible interactions between sibling rivalry and parental relationship. A collective-case study was carried out with four families comprising both parents and two children. Fathers and mothers answered separately to a semistructured interview, comprising four moments of data collection (3rd trimester of pregnancy, at 3, 6, 12 and 24 months of the second child). Qualitative content analysis indicated that in the initial period after the second child's birth sibling rivalry expressed itself primarily through the firstborn's jealousy towards parents. As the second child showed more motor and communication skills, sibling rivalry was also expressed through direct competition and disputes between siblings. Moreover, the data indicated a possible interrelation between parental relationship and the emergence of the firstborn's jealousy towards parents, while sibling dispute and competition seemed to be related to the second child's course of development. These findings bring an understanding of sibling rivalry as constitutive of sibling relationships and as part of the process of growth and transformation of the family as a whole.

Keywords: Sibling rivalry; sibling jealousy; sibling competition.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Apresentação

A fratria, ou subsistema fraterno, inaugura-se com o nascimento do segundo filho (Silveira, 2002). A experiência do nascimento de um irmão constitui-se em uma realidade bastante comum para muitas crianças pré-escolares, podendo estar entre as mais estressantes do início da infância (Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Legg, Sherick, & Wadland, 1974; Teti, Sakin, Kucera, Corns & Eiden, 1996). Com a chegada do novo bebê, tanto as rotinas familiares quanto os relacionamentos começam a tomar dimensões inesperadas: as relações com os progenitores alteram-se e o primogênito encontra-se frente a um ser que não apenas disputa a atenção dos progenitores, como também, não está preparado e sensível a responder às suas próprias interações (Dunn & Kendrick, 1982; Trause & Irvin, 1992).

Segundo Minuchin (1982), no mundo dos irmãos, as crianças aprendem como negociar, cooperar, mas também como rivalizar e competir. Assim, com a chegada do segundo filho à família, surge um novo desafio ao primogênito, o de dividir e compartilhar com o irmão o espaço físico da casa, suas posses, brinquedos e, mais do que isto, a atenção, a admiração e o afeto dos progenitores. Neste contexto, a rivalidade poderia ser pensada como uma experiência normal e talvez diária para estas crianças. A partir da Teoria do Apego (Bowlby, 1969/2002), a rivalidade fraterna justifica-se uma vez que a relação progenitores-criança que é ameaçada pelo irmão rival constitui-se na fonte primária de apego na vida inicial de uma criança.

As experiências de rivalidade entre irmãos podem, contudo, apresentar-se de modo muito variado entre uma família e outra, respeitando as características individuais das crianças envolvidas assim como as características do sistema familiar que as cerca. A partir de uma compreensão familiar sistêmica, o relacionamento fraterno é compreendido como imerso no contexto social da família, sendo, deste modo, influenciado direta e indiretamente pelos demais relacionamentos em andamento, de modo especial o relacionamento parental. Assim, o relacionamento fraterno desenvolve-se ao longo do tempo, sofrendo mudanças adaptativas durante os primeiros anos após o nascimento do segundo filho e respeitando à interação das características individuais das crianças com a qualidade dos demais subsistemas familiares envolvidos, destacando-se a relevância do subsistema parental.

A partir destas considerações, em 2005 o Núcleo de Infância e Família (NUDIF) do Instituto de Psicologia da UFRGS iniciou um estudo longitudinal visando a investigar uma série de fatores associados à gestação e ao nascimento do segundo filho, tais como: dinâmica das relações familiar, relacionamento mãe-primogênito, experiência da maternidade, desenvolvimento emocional do primogênito e, o foco deste estudo, o relacionamento fraterno. Intitulado “Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito” - ELSEFI (Piccinini, Lopes, Rossato & Oliveira, 2005), o estudo iniciou investigando 51 famílias que possuíam um primogênito em idade pré-escolar (3 a 6 anos). Os participantes apresentavam nível socioeconômico variado, residiam na região metropolitana de Porto Alegre e eram casados, sendo 46 famílias de primeiro casamento (90%). Dentre os participantes, em 26 famílias a mãe estava grávida do segundo filho no momento do contato inicial, e as demais 25 famílias possuíam um único filho. O grupo de famílias de dois filhos foi investigado desde o último trimestre de gestação do segundo filho até os 2 anos de vida deste, envolvendo quatro fases de coleta de dados, a saber: terceiro trimestre de gestação do segundo filho e aos 6, 12 e 24 meses de vida do segundo filho. O grupo de filho único seguiu etapas semelhantes de coleta de dados. No ano de 2008, ao concluir todas as etapas de coletas de dados previstas, permaneceram participantes do estudo 38 famílias, sendo 22 com dois filhos e 16 famílias com um único filho. Participaram do presente estudo de tese de Doutorado 4 casais de progenitores provenientes do grupo de famílias com dois filhos.

Inserida neste estudo desde sua constituição, a autora investigou, na Dissertação de Mestrado, o relacionamento mãe-primogênito durante a gestação do segundo filho e o incipiente relacionamento fraterno (Pereira, 2006). Já naquele momento, foi possível identificar manifestações de rivalidade do primogênito para com o irmão que estava para nascer. Em continuidade a esta investigação, a presente tese de Doutorado visa a examinar a rivalidade fraterna desde a gestação até os 24 meses de vida do segundo filho em famílias com um primogênito em idade pré-escolar, a partir da perspectiva dos progenitores. De modo especial, busca-se compreender como se manifesta e como se desenvolve a rivalidade fraterna ao longo dos 2 anos iniciais da relação. Além disso, o estudo objetiva compreender as possíveis interações estabelecidas entre esta dimensão do relacionamento fraterno e o relacionamento parental.

A fim de contextualizar a temática a ser investigada, na revisão da literatura que segue, inicia-se por uma apresentação em termos gerais do relacionamento fraterno e sua relevância para

o campo da Psicologia, que conduz a uma apresentação sobre o curso de desenvolvimento do relacionamento fraterno na infância, passando pelo período gestacional e pós-parto. Em seguida, propõe-se uma revisão acerca do tema da rivalidade fraterna em uma perspectiva histórica, passando-se, posteriormente, à definição conceitual do construto de rivalidade fraterna e apresentação dos estudos empíricos sobre esta temática. Por fim, destacaram-se as contribuições dos fatores individuais (gênero e sexo das crianças) e familiares (subsistemas parental) para a qualidade do relacionamento entre os irmãos.

1. O relacionamento fraterno

Um exame da literatura psicológica, desde o final do século XIX até a primeira metade do século XX, fornece muito poucos estudos focados na relação fraterna em si. Alguns dos temas principais investigados neste período referiram-se à posição ordinal ocupada pelos irmãos e à rivalidade fraterna, ambos examinados a partir do nexos progenitores-criança (Irish, 1964). Alfred Adler (1870-1937) é considerado o pioneiro no estudo das relações fraternas, sendo o primeiro a assinalar a constelação de irmãos como o primeiro “microcosmo” social onde a criança pode desenvolver habilidades cooperativas e preparar-se para os relacionamentos futuros. Além disso, foi Adler o primeiro a definir a personalidade correspondente a cada uma das principais posições fraternas, considerando para isso tanto a ordem de nascimento, quanto o sexo e o número de irmãos (Adler, 1954; Fernandes, Alarcão & Raposo, 2007).

No âmbito da pesquisa empírica, contudo, foi apenas na segunda metade do século XX, em especial a partir da década de 1980, que se pôde visualizar uma retomada de estudos sobre a temática do relacionamento fraterno. Desde este período até o presente, a pesquisa sobre irmãos tem focado quatro questões principais: o curso do desenvolvimento do relacionamento fraterno; ligações entre o relacionamento fraterno e outros relacionamentos sociais; as contribuições do relacionamento fraterno para a personalidade e o desenvolvimento sociocognitivo do indivíduo e; a contribuição relativa de fatores genéticos e do ambiente compartilhado e não-compartilhado nas diferenças entre irmãos (Hetherington, 1994). A primeira e a segunda destas temáticas serão contempladas no presente estudo de tese que, além de investigar o desenvolvimento da rivalidade fraterna ao longo dos anos iniciais, visa compreendê-lo em sua interação com o subsistema parental.

Embora o número de estudos empíricos sobre o relacionamento fraterno tenha aumentado consideravelmente a partir da década de 1980, mantém-se atual a afirmação de Dunn e Kendrick

(1980) de que a influência dos irmãos tem sido amplamente ignorada na literatura psicológica. A própria Dunn (2005) afirmou mais tarde que até a década de 1990 não se possuía condições de responder a muitas das perguntas sobre os irmãos. Como destacado por Dessen (1997), no contexto brasileiro, de modo especial, as pesquisas sobre relacionamento entre irmãos pequenos são quase inexistentes. A discreta posição ocupada pelo relacionamento fraterno na literatura que descreve os relacionamentos familiares deve-se, em parte, a uma primazia de estudos focalizados nas interações das crianças com os progenitores e com os pares (Dunn & Kendrick, 1980, 1981a; Deater-Deckard & Dunn, 2002; Kramer & Bank, 2005; Perez, 2002). Além disso, a implicação dos achados acerca do relacionamento fraterno para a prática ainda não foi suficientemente delineada e disseminada (Kramer & Ramsburg, 2002).

Felizmente, a última década tem presenciado uma onda renovada de pesquisas sobre os irmãos e começa-se a ganhar uma apreciação da complexidade dos processos de desenvolvimento envolvidos (Deater-Deckard & Dunn, 2002). O início do interesse pelo estudo do relacionamento fraterno estaria vinculado à expansão da teoria familiar sistêmica. Na década de 80, esforços de conceituar a família como um sistema de indivíduos em interação levaram a que se incluísse o relacionamento fraterno como um aspecto significativo do sistema familiar (Minnett, Vandell & Santrock, 1983; Murphy, 1993). De acordo com esta perspectiva, os membros da família são parte de uma rede interativa e interdependente na qual o comportamento de um indivíduo ou subsistema afeta os demais. Aplicada ao estudo da qualidade do relacionamento fraterno, a teoria familiar sistêmica define que as características dos membros individuais da família ou a dinâmica dos subsistemas familiares pode contribuir para as atitudes e as interações entre os irmãos (Brody, 1998).

Esta complexidade do relacionamento fraterno poderia ser pensada como um dos motivos pelo qual este relacionamento tem sido pouco estudado. Este seria um relacionamento muito desafiador a se investigar, cujos modelos teóricos têm enfrentado dificuldades em explicar (Kramer & Bank, 2005). A tarefa de compreender o relacionamento fraterno é necessariamente complexa por envolver relacionamentos que: incluem múltiplas dimensões (conflito, afeto, envolvimento), são experienciados pelas duas crianças de modo potencialmente diferente, estão ligados a diversos elementos da dinâmica familiar (relacionamento parental, conjugal), operam diferentemente em diferentes contextos familiares e mudam continuamente conforme as crianças amadurecem (McHale & Crouter, 1996).

Ao examinar os motivos pelos quais a relação fraterna se tornou uma fonte renovada de interesse, tanto profissional quanto do público em geral, nas últimas décadas, Rustin (2007) apontou três fatores. Primeiramente, a autora descreve um contexto de vida de maior complexidade com aumento da longevidade, maior mobilidade espacial e redução da manutenção de parcerias duradouras. Assim, os irmãos adultos se tornariam mais importantes como fontes de continuidade e apoio uns aos outros durante a vida. Em segundo lugar, os irmãos possuem um papel importante de compartilhar o cuidado dos progenitores quando estes atingem a velhice. Com eles se pode dividir a carga prática, emocional e financeira de cuidar de progenitores idosos. Por fim, destaca-se que, com o aumento marcante da taxa de emprego materno fora de casa, a mãe está menos disponível como referência emocional das crianças pequenas. Com a nova estrutura para a infância daí decorrente (que inclui creches e babás), os irmãos podem se tornar as figuras de apoio emocional mais estáveis disponíveis. Brody (1998) já havia destacado, no final da década de 90, a relevância dos irmãos devido ao aumento do número de famílias em que ambos os progenitores trabalhavam em tempo integral e os irmãos mais velhos passavam a fornecer cuidados aos menores. Neste contexto, as disputas e a rivalidade na relação fraterna poderiam tornar menos provável que as crianças mais novas recebessem cuidados pró-sociais e responsivos.

Neste sentido, se acentua o que Minuchin (1985) já defendia na década de 80, ou seja, que o relacionamento entre os irmãos possui uma importância crítica para o desenvolvimento. Tal relevância seria mais marcante nos anos iniciais, quando os irmãos passam muito tempo juntos, suas interações são frequentes e carregadas emocionalmente e quando a imitação e a autocomparação caracterizam suas trocas (Dunn & Kendrick, 1982). A relação dos irmãos é, muitas vezes, a única relação íntima e diária com iguais que a criança desfruta (Silveira, 2002) e, além disso, constitui-se, para a maioria dos indivíduos, na mais duradoura das relações familiares de suas vidas (Stocker, Dunn & Plomin, 1989). Para Dunn (2005), o contato diário e a familiaridade, o relacionamento desinibido emocionalmente, e o impacto de compartilhar os progenitores sugerem que o relacionamento fraterno teria influências marcantes no desenvolvimento das crianças. Os irmãos se conhecem como ninguém, são *experts* em como agradar e também como incomodar uns aos outros, podendo despertar o melhor e o pior de cada um (Kramer & Bank, 2005).

Considerando-se a relevância do relacionamento fraterno, a importância de se estudar a rivalidade presente neste relacionamento se deve à evidência do papel dos irmãos para o ajustamento psicológico infantil. O estudo de Modry-Mandell, Gamble e Taylor (2007), realizado com 63 famílias norte-americanas de origem mexicana e de baixa renda que possuíam dois filhos, sendo um pré-escolar, reforça esta ideia. Depois de controlar as características da criança (temperamento, gênero, ordem de nascimento) e da família (expressividade emocional, conflito conjugal, concordância sobre a criação do filho), os resultados indicaram que a cordialidade entre os irmãos mostrou uma contribuição significativa e única para o ajustamento e adaptação da criança 6 meses mais tarde, prevendo menos problemas de comportamento e maior adaptação da criança tanto em casa quanto na escola.

Os irmãos podem, inclusive, vir a compensar deficiências no relacionamento com os progenitores através do contexto que criam uns para os outros (Rustin, 2007). Minuchin (1982) já havia destacado há duas décadas que faz parte de nossa cultura ocidental ensinar desde muito cedo aos irmãos mais velhos que eles devem cuidar dos mais novos na ausência dos progenitores. Tal fenômeno torna-se perceptível de maneira marcante quando uma família se desmantela e as crianças são levadas para cuidados públicos. Nestas situações, chama a atenção o quanto a identidade da criança pode focar-se intensamente no pertencimento ao grupo de irmãos (Rustin, 2007). A este respeito, os teóricos defendem que quando as crianças não podem ser mantidas com seus progenitores, quando estes estão deprimidos, incapacitados por drogas ou álcool ou ausentes, o relacionamento fraterno pode ser o único apoio emocional e laço afetivo contínuo disponível (Norris-Shortle, Colletta, Cohen & McCombs, 1995).

Além de possuir um importante papel como fonte de apoio e afeto, salienta-se que a relação dos irmãos é vista como parte integral do mundo social da maioria das crianças, fornecendo oportunidades para companheirismo, jogo, apoio emocional, assim como conflito e rivalidade (Howe, Petrakos & Rinaldi, 1998). A partir das experiências de conflito e de seu manejo os irmãos podem contribuir para o desenvolvimento uns dos outros, através de competências que talvez não aprendessem na ausência do conflito. No que tange à aprendizagem dos papéis sociais e cognitivos, Minuchin (1982) destacou, já na década de 80, que é no mundo dos irmãos que as crianças aprendem como negociar, cooperar, assim como competir. No esforço para se fazer prevalecer no contexto das trocas entre irmãos, crianças pequenas precisariam usar de habilidades mais avançadas do que aquelas empregadas em outras interações sociais, tais

como com seus progenitores. Através do envolvimento em conflito construtivo, as crianças podem aprender sobre negociação, tomada de vez, compromisso e resolução de problemas (McHale, Kim, & Whiteman, 2006). Além de apresentar-se como o primeiro laboratório no qual as crianças podem experimentar relações com iguais, os irmãos constituem um grupo e, desta forma, oferecem a oportunidade de aprender a funcionar como membro de um grupo, o que inclui lidar com temas de liderança, igualdade, respeito e diferenças (Rustin, 2007).

Extrapolando o núcleo familiar, tem-se argumentado que as habilidades psicossociais adquiridas através da interação fraterna são também utilizadas ao longo da vida, em uma ampla variedade de outros relacionamentos sociais (Brody, 1998; Silveira, 2002). Como lembrado por Herrera e Dunn (1997), a exposição a habilidades de argumentação sofisticadas e negociação construtiva nos relacionamentos fraterno pode permitir à criança aprender a discutir eficazmente em outros relacionamentos sociais com amigos e colegas.

A este respeito, considera-se desnecessária a distinção, continuamente apresentada na literatura científica, entre aspectos positivos e negativos do relacionamento fraterno. Em um levantamento acerca da literatura sobre o relacionamento entre irmãos, Kramer, Noorman e Brockman (1999) indicaram que as conceitualizações atuais sobre a qualidade do relacionamento fraterno incluiriam três aspectos considerados pelos autores como negativos – conflito, controle e rivalidade – e três dimensões consideradas positivas – afeto, envolvimento e manejo de conflito. Contudo, tal distinção parece estar permeada de julgamentos de valor acerca dos relacionamentos familiares, sendo questionável uma vez que os comportamentos de conflito, controle e rivalidade seriam tão enriquecedores e importantes para o desenvolvimento dos irmãos quanto os comportamentos de afeto, envolvimento e manejo de conflito.

Como referido anteriormente, a intensidade emocional do relacionamento fraterno motiva o desenvolvimento infantil e o uso de habilidades sociais sofisticadas (Dunn, 1983, 1998). A competição amigável poderia, de fato, promover o desenvolvimento de habilidades ao criar o tipo de ambiente estimulante e desafiador para aprendizado e novas conquistas (Cicirelli, 1985). Além disso, cordialidade e hostilidade não se referem a pólos opostos em um relacionamento fraterno, o qual pode incluir responsividade em um momento e indiferença no outro, expressões de amor e sentimento de ciúme, ou interações afetivas pontuadas por conflito ocasional (Mendelson, 1990). Volling (2003) defendeu, então, que não há nada inerentemente negativo no conflito, e pode haver muitos benefícios para as crianças quando este é manejado de modo construtivo, pautado

por baixa intensidade emocional e resoluções negociadas e equitativas. O conflito se tornaria prejudicial para as crianças quando envolve coersão, hostilidade, destruição e agressão e quando há pouco afeto entre os irmãos (Howe, Fiorentino e Gariépy, 2003; Volling, 2003).

Assim, o relacionamento entre irmãos tem sido caracteristicamente descrito na literatura como emocionalmente ambivalente, incluindo tanto cordialidade quanto conflito e rivalidade, tanto expressões de carinho quanto de raiva (Deater-Deckard & Dunn, 2002; Kramer & Bank, 2005; Rustin, 2007). Destaca-se também que as experiências com irmãos e irmãs variam tremendamente entre crianças e mesmo entre crianças de uma mesma família (McHale & Crouter, 1996). Enquanto alguns irmãos brigam intensamente e com frequência, entre outros as disputas, a competição e a hostilidade são raras, e o carinho, a intimidade e a cooperação dão o tom do relacionamento. Outros, ainda, apresentam tanto afeto quanto conflito em seu relacionamento. A intensidade da expressão emocional vivida no relacionamento fraterno deve-se ao contexto de intimidade e desinibição em que se estabelecem estas trocas. Como apontado por Dunn (1995) e Mendelson (1990), a família, fonte primária de afeto e segurança para a criança, é a arena onde os irmãos podem expressar seus sentimentos mais livremente. Relacionamentos importantes como este, inevitavelmente abrigam algum conflito e podem ocasionalmente ser altamente carregados. Irmãos e irmãs – assim como maridos e esposas e progenitores e filhos – às vezes discordam, competem e rivalizam e nem sempre resolverão seus conflitos suavemente. Neste contexto, a rivalidade fraterna pode ser pensada como parte constitutiva e inerente ao relacionamento entre irmãos. Já no início da década de 1980, Neubauer (1982) sustentava que a rivalidade era parte do desenvolvimento normal de uma criança e sua ausência mereceria a mesma atenção dispensada aos casos em que a esta atingia níveis de alta intensidade.

Embora seja um engano pensar o relacionamento fraterno como primariamente competitivo, uma vez que a maior parte das interações fraternas tende a envolver cooperação e brincadeira (Abramovitch, Corter, Pepler & Stanhope, 1986), a temática da rivalidade fraterna ocupa um lugar de destaque nas preocupações dos progenitores e profissionais envolvidos com a educação de crianças (Calladine, 1983; McHale et al., 2006). Esta parece constituir-se em uma dimensão mal aceita do relacionamento entre irmãos, possivelmente associada a uma idealização das relações familiares que excluem de cena o conflito e a tensão. Talvez por esta razão, em um artigo da década de 60, Irish (1964) indicou que a rivalidade fraterna esteve incluída entre os primeiros temas investigados pela literatura psicológica acerca do relacionamento fraterno,

considerada-a como um aspecto negativo do relacionamento. O fato de as primeiras investigações tomarem a rivalidade e o ciúme como dimensões chave da relação fraterna deriva seguramente do foco sobre a relação mãe-filho, herdada das teorias psicanalíticas, como característica crucial do desenvolvimento afetivo e social da criança na infância. A relação de uma criança com seu irmão era, então, considerada frente à relação mãe-filho, ou seja, em termos de uma resposta ao deslocamento, competição e rivalidade pelo amor materno (Dunn & Kendrick, 1982).

Destaca-se, contudo, que a rivalidade fraterna ocorre no contexto do relacionamento familiar, acompanhando o desenvolvimento de cada um dos irmãos, assim como o desenvolvimento da família como um todo. Assim, dentro de uma perspectiva sistêmica familiar, é imerso neste desenvolvimento que o surgimento da rivalidade deve ser compreendido e investigado. Deste modo, torna-se relevante compreender o curso do relacionamento fraterno inicial a fim de poder conhecer o contexto em que surge a rivalidade fraterna.

2. O curso do relacionamento fraterno nos anos iniciais

Antes de abordar diretamente o relacionamento fraterno na infância, será apresentada uma revisão dos achados da literatura acerca dos primórdios da relação fraterna, ou seja, do impacto da gestação e do nascimento do segundo filho para o primogênito e para o sistema familiar¹. Inicia-se descrevendo o impacto da gestação do segundo filho para o primogênito, na sequência, apresenta-se o impacto do nascimento do irmão para o ajustamento do primogênito e de suas relações com os progenitores, para, progressivamente, introduzir-se o relacionamento fraterno.

A chegada de um novo membro à família pode gerar um aumento na tensão familiar, pois traz consigo a necessidade de uma reformulação nos papéis de cada um de seus membros e nas suas regras de funcionamento familiar (Minuchin, 1985). Em particular, o nascimento do segundo filho constitui-se em um momento marcante no desenvolvimento da família (Dessen, 1997; Pereira & Piccinini, 2007) e pode ser considerado como um acontecimento nodal no ciclo de vida familiar. Carter e McGoldrick (2001) definiram acontecimentos nodais como os eventos capazes de criar instabilidade no funcionamento do sistema familiar. Momentos de transição como este são tipicamente associados ao

¹ Seções deste texto foram extraídas de artigos publicados pela autora: Piccinini, C., Pereira, C., Marin, A., Lopes, R. & Tudge, J. (2007). O nascimento do segundo filho e as relações familiares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (3), 253-262.; Pereira, C. & Piccinini, C. (2007). O impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar. *Estudos de Psicologia*, 24 (3) 385-395.

aumento no estresse, pois afetam a dinâmica familiar (Minuchin, 1985). Assim sendo, cada membro da família (pai, mãe e primogênito) e, em especial, suas relações (relação conjugal, relação progenitores-primogênito e o incipiente relacionamento fraterno) poderão ser afetadas de modo distinto (Dessen, 1997; Silveira, 2002). Contudo, destaca-se que o processo de mudança familiar para a inclusão de um segundo filho na família já se inicia desde a gestação, momento em que novos papéis familiares começam a ser experimentados.

O processo de tornar-se um irmão mais velho se inicia, então, antes mesmo do nascimento do segundo filho na família, e impacta na vida do primogênito tanto no período da gestação, quanto durante a hospitalização da mãe para o parto. A este respeito, Field e Reite (1984), constataram um incremento nas taxas de batimentos cardíacos, na fala, no choro, na brincadeira fantasiosa e uma agitação generalizada por parte do primogênito no período de hospitalização da mãe para o parto do irmão. O aumento na brincadeira fantasiosa, do mesmo modo que a criação de um amigo imaginário, teria uma função terapêutica, auxiliando a criança a melhor elaborar a situação. Segundo os autores, embora as mudanças tenham sido percebidas após o afastamento da mãe para a hospitalização, estas não estariam relacionadas unicamente à separação mãe-primogênito, mas também à antecipação feita pela criança do novo bebê e da alteração em seus relacionamentos, uma vez que muitos progenitores buscavam preparar a criança para o nascimento do irmão com antecedência. A este respeito, Dunn e Kendrick (1982) afirmaram que, mesmo nos casos em que o parto ocorreu na própria casa da família, os acontecimentos que rodeavam o nascimento foram suficientes para distorcer a relação dos progenitores com o primogênito e romper sua harmonia.

Endossando estas ideias, os achados do estudo de Stewart, Mobley, Van-Tuyl e Salvador (1987) revelaram que o impacto do nascimento do irmão já era sentido mesmo antes de sua chegada, de forma que os relatos maternos referentes ao ajustamento do primogênito foram bastante similares entre o último mês pré-parto e o primeiro mês pós-parto. Em um estudo mais recente, de meados da década de 90, Gottlieb e Baillies (1995), estudando uma amostra canadense de 80 primogênitos com idade entre 1,5 e 5 anos cujas mães estavam grávidas do segundo filho, relataram que o nível de aflição sentida antes do nascimento do irmão foi o melhor preditor da aflição expressa pelo primogênito nos meses seguintes ao nascimento deste. Neste sentido, as interações e relações familiares anteriores ao nascimento do bebê desempenhariam um

importante papel no ajustamento do primogênito no período posterior ao nascimento do irmão (Dunn & Kendrick, 1982; Teti et al., 1996).

Apesar de não referir-se ao período de maior tensão familiar e maiores dificuldades para o primogênito, o período gestacional serve como um organizador da qualidade afetiva da relação fraterna nos anos iniciais. Neste sentido, Dunn e Kendrick (1982) relataram que nas famílias em que o primogênito era frequentemente descrito como preocupado e introvertido antes do nascimento do irmão, houve uma tendência a manter este padrão, e as interações com o irmão aos 14 meses foram menos afetuosas e amistosas do que aquelas experienciadas por crianças que expressavam mais espontaneamente suas frustrações através de “crises de raiva” passageiras.

No estudo brasileiro de Dessen e Mettel (1984), as alterações no comportamento do primogênito também puderam ser percebidas pela mãe desde a época em que ele foi informado sobre o nascimento do irmão. A este respeito, Gottlieb e Baillies (1995) referiram que a fase intermediária da gestação seria, de modo geral, o momento em que é contado para a criança sobre a gestação e quando a mãe e a criança começariam a concretizar a realidade do bebê. Nesta etapa da gestação, os pesquisadores constataram que todas as crianças estavam mais dependentes do que na fase seguinte, com destaque para os meninos, que passaram a resistir mais à separação e a demonstrar mais agressividade. O período gestacional seria, mais que tudo, caracterizado por ambivalência da parte do primogênito. Conforme Oliveira e Lopes (2008), que investigaram 5 primogênitos brasileiros em idade pré-escolar e suas respectivas mães no terceiro trimestre gestacional, além de comportamentos de dependência, alguns primogênitos passaram também a apresentar comportamentos de independência, sugerindo a busca das crianças por adaptarem-se ao novo papel exigido. Um quadro similar foi referido por Pereira e Piccinini (in press a) que, através de entrevistas com 8 mães brasileiras, encontraram que, concomitantes a manifestações de alegria pela chegada do irmão, o avançar da gestação e a proximidade do parto desencadearam ansiedade e ciúme nos primogênitos pré-escolares. Segundo os autores, todas as crianças apresentaram atitudes indicativas de ciúme, incluindo medo de perder a atenção e o carinho da mãe, assim como sinais de agressividade dirigidos à barriga da gestante. Tais manifestações estariam associadas, em parte, às mudanças ocorridas no contexto relacional dos primogênitos. A este respeito, no estudo brasileiro do Pereira e Piccinini (in press b), ao investigar 8 mães gestantes do segundo filho, os autores referiram que o período da gestação trouxe a necessidade de uma redefinição na relação mãe-primogênito. Além de voltar-se emocionalmente para o bebê,

as restrições físicas da gestação impuseram limitações à interação mãe-primogênito, tanto em brincadeiras como nos cuidados diários deste. Seria o início do complexo processo de tornar-se irmão, que pode minar temporariamente a segurança e confiança do primogênito, que passa a requerer mais atenção e apoio dos progenitores.

Sensível a todas estas mudanças, o primogênito tem de lidar com a nova situação e passar do papel de filho único para o de irmão mais velho (Walz & Rich, 1983). Conforme Mendelson (1990), a transição para o status de irmão pode ser caracterizada como uma instância de aquisição de um papel. Uma vez que a mera presença de um irmão nominalmente define um primogênito como irmão mais velho, estas crianças são forçadas pela chegada do bebê, e mesmo pela gestação materna, a construir uma identidade que inclua seu novo papel. Pré-escolares que estão esperando um irmão precisam, então, passar por um trabalho psicológico de reestruturação de seu autoconceito. Eles precisam definir novos papéis sociais, ao mesmo tempo em que desenvolvem um conceito sobre o bebê. Antes de o bebê nascer, mesmo informações inadvertidamente irrealistas, como o mito de que o irmão mais velho irá cuidar do bebê e o mito segundo o qual o bebê será seu companheiro de brincadeiras, fornecem ideias concretas para os primogênitos sobre como ser um irmão mais velho.

Nesta perspectiva, a autora sugeriu haver quatro fases no processo de aquisição do papel de irmão, a saber: fase antecipatória, fase formal, fase informal e fase pessoal (Mendelson, 1990). A fase antecipatória corresponde ao período da gestação materna, no qual a criança começa a se adaptar social e psicologicamente para a transição. Na fase formal, que se inicia com o nascimento do irmão, ocorre a adaptação da criança ao papel de irmão mais velho. Esta fase é considerada “formal”, pois, inicialmente, o desempenho do novo papel está fortemente determinado por expectativas prescritas aprendidas dos progenitores, dos familiares, de livros, entre outros. Na fase informal, por sua vez, a criança passa a desenvolver seu próprio modo pessoal de lidar com o papel de irmão, ajustando-o às suas capacidades e interesses. Por exemplo, uma criança que esperava cuidar completamente do bebê, raramente o faz após as primeiras semanas, pois descobriu que tais tarefas estavam além de suas habilidades e não eram tão divertidas. A última etapa corresponderia à fase pessoal de aceitação do irmão como o bebê da casa. As mudanças no comportamento e no ajustamento do primogênito ao longo deste processo, poderiam, então, ser compreendidas como sinal de ansiedade frente às novas exigências, assim como busca por reaver os padrões de interação desfrutados até o momento.

Apesar de já na gestação o primogênito ser capaz de antever algumas mudanças em seu relacionamento familiar e expressar a ansiedade relacionada a estas, é com o nascimento do irmão que as principais mudanças no contexto familiar passam a se apresentar. Dentre as principais mudanças, destacam-se as alterações na relação dos progenitores com o primeiro filho, que podem ocorrer tanto em um nível comportamental (qualidade, frequência e padrões de interação) quanto em um nível mais abstrato, incluindo as percepções e emoções dos envolvidos. A frequência e a qualidade afetiva das interações e o estilo disciplinar dos progenitores são alguns aspectos afetados durante esta transição, os quais podem mediar a reação do primogênito ao nascimento do irmão (Baydar, Greek & Brooks-Gunn, 1997). A este respeito, Stewart et al. (1987) afirmaram, já na década de 80, que as mudanças no comportamento do primogênito atuavam como estratégias para reaver as interações e a atenção desfrutada até o momento anterior ao nascimento do irmão.

Dentre as relações progenitores-primogênito, a literatura tem apontado que o principal impacto da gestação e do nascimento do segundo filho seria sentido no relacionamento com a mãe, uma vez que alterações devido à gestação, ao afastamento para a hospitalização, e, de modo marcante e prolongado, às demandas do recém-nascido, desorganizam esta relação. Conforme relatado em diversos estudos da década de 80 (Dunn & Kendrick, 1980, 1982; Field & Reite, 1984; Stewart et al., 1987), após a chegada do segundo filho haveria uma diminuição acentuada nas interações mãe-primogênito, na atenção materna e no tempo que ocupavam em brincadeiras e jogos conjuntos. Frente a isso, os filhos mais velhos reagiram ao nascimento do irmão tentando interromper a interação mãe-bebê, direcionando a atenção para si ou dirigindo a agressão para a mãe e ou para o recém-nascido (Field & Reite, 1984; Legg et al., 1974; Nadelman & Begun, 1982; Stewart et al., 1987). Neste contexto, além de um aumento na incidência de enfrentamentos mãe-primogênito, Dunn e Kendrick (1980, 1982) perceberam incremento das proibições e repreensões maternas ao primogênito, bem como uma diminuição da iniciativa materna em interações positivas com o primogênito, de modo que este passou a assumir relativamente maior responsabilidade pela iniciação de conversação e brincadeira com a mãe. Com isso, segundo Brazelton e Sparrow (2003), apesar de todas as intenções no sentido contrário, quando a mãe se volta para seu bebê, afasta-se imperceptivelmente do primogênito.

Contudo, dada todas as mudanças que ocorrem na família após o nascimento do segundo filho, torna-se difícil afirmar se as reações do primogênito se devem ao ciúme e à perda da

atenção exclusiva da mãe ou se os comportamentos problemáticos se devem à outras mudanças na família que coincidem com o nascimento do segundo filho, como fadiga dos progenitores, conflito conjugal ou aumento na disciplina severa materna (Volling, Kennedy & Jackey, 2010). Além disso, destaca-se que o fato de o maior impacto do nascimento de um segundo filho ser sentido no relacionamento mãe-primogênito pode se dever ao foco das investigações psicológicas nesta díade, sem considerar, em muitos casos, o papel do pai na adaptação familiar para a chegada do segundo filho.

Com relação ao ajustamento do primogênito após o nascimento do irmão, em um estudo que marca as investigações sobre o nascimento do segundo filho, na década de 80, Dunn e Kendrick (1980, 1982) acompanharam 40 famílias inglesas com um filho (18-43 meses de vida) desde o último trimestre gestacional do segundo filho até 14 meses após seu nascimento, e constataram que quase todos os primogênitos observados mostraram sinais de descontentamento. De acordo com o relato das mães, após o nascimento do irmão, a grande maioria dos primogênitos passou a apresentar mais condutas caprichosas e travessuras, aumento na dependência e na propensão ao choro e comportamentos imitativos do bebê (fala infantilizada, pedido de colo, retrocesso na aprendizagem de hábitos de toalete). Além disso, alguns primogênitos apresentaram aumento da introversão e problemas relacionados ao sono. Entretanto, estes comportamentos eram também acompanhados de demonstrações de carinho e interesse pelo bebê. Esta resposta ambivalente do primogênito frente ao nascimento de um irmão foi corroborada para a realidade de famílias norteamericanas no mesmo momento histórico da década de 1980, através dos estudos de Field e Reite (1984) e Stewart et al. (1987).

No que se refere à realidade brasileira, o estudo de caso relatado por Dessen e Mettel (1984), também na década de 1980, realizado com uma família de classe média antes e após o nascimento do seu segundo filho, apontou aspectos semelhantes aos relatados acima. Embora o primogênito (com idade de 2 anos e meio) parecesse aceitar bem o irmão, emitindo comportamentos de carinho e de ajuda nos cuidados do bebê, ele apresentou, concomitantemente, um aumento nas exigências em direção à mãe, aumento na agressividade em direção ao pai e problemas de sono e de toalete.

Conforme os estudos relatados sobre a transição para o nascimento de um irmão, destaca-se que a maioria das investigações utilizou um delineamento pré e pós-parto, medindo essencialmente o ajustamento do primogênito um mês antes e um mês após o nascimento do irmão (Bourguignon et al., 1980; Field & Reite, 1984; Gullicks & Grase, 1993; Teti et al., 1996). Desta forma, a análise das diferentes trajetórias de mudança ao longo do tempo no modo como os

irmãos se ajustam ao relacionamento fraterno inicial são raras e datam da década de 80 e final dos anos 90 (Dessen, 1997; Dunn & Kendrick, 1982; Kreppner, Paulsen & Schuetze, 1982; Stewart et al., 1987). Os estudos que incluíram tal investigação relataram interações geralmente pró-sociais entre os irmãos durante o primeiro ano, com um aumento no conflito fraterno conforme o bebê adquire maior mobilidade. A partir da segunda metade do primeiro ano, conforme o bebê cresce, as interações entre ele e o irmão mais velho se tornariam crescentemente frequentes (Dunn, 1983). Segundo Dunn e Kendrick (1982), que investigaram as famílias em quatro momentos da transição para o nascimento do segundo filho (3º. trimestre de gestação, 2-3, 8 e 14 meses após o nascimento do segundo filho), as interações entre os irmãos tenderam a ser mais pró-sociais durante os primeiros meses, com um gradual aumento nas interações de conflito, de modo que aos 14 meses, as interações pró-sociais e conflitivas eram praticamente iguais. A maioria dos irmãos interagiu com o recém-nascido tanto de modo amigável quanto agressivo.

Kreppner et al. (1982) realizaram um estudo longitudinal através de observações e entrevistas com 16 famílias alemãs em cinco momentos: 1 mês antes do parto, 1, 4, 8 e 12 meses após o nascimento do irmão. Os autores alegaram que o padrão mais comum de mudança no ajustamento do primogênito indicou alta incidência de problemas nas três áreas investigadas no primeiro mês após o nascimento (comportamento regressivo, ansiedade e confrontação), seguida por contínua ansiedade aos 4 meses, aumento na confrontação com os progenitores e o irmão aos 8 meses, e confrontação focada no irmão aos 12 meses. Segundo este estudo, entre o 9º. e o 12º. mês após o nascimento do segundo filho, com a ampliação da atividade motora e o desenvolvimento da capacidade comunicativa do segundo filho, este se torna capaz de interferir ativamente nas brincadeiras do primogênito, passando a ser cada vez mais percebido como um rival.

O estudo de Kreppner et al. (1982), destaca-se por preservar a complexidade familiar que existe para além dos comportamentos observados, descrevendo as mudanças na estrutura familiar ao longo do tempo. Observando os padrões de continuidade e mudanças nas interações familiares, os autores propuseram que a família passaria por três etapas adaptativas após o nascimento do segundo filho. A primeira etapa, do nascimento aos 8 meses do segundo filho, teria como tarefa central a integração inicial da criança à família. Esta fase seria marcada pela necessidade de os progenitores desenvolverem novos padrões para lidar com as exigências adicionais surgidas com o nascimento do bebê, criando uma nova economia das interações

progenitores-criança dentro da família. O pai desempenha um papel crucial neste momento em que ambos estão mais estressados e precisam criar uma “equipe de trabalho”. Em alguns casos, ambos os progenitores buscam dar conta de todas as tarefas, em outros, o pai assume mais o cuidado do primogênito e a mãe do bebê, e em outros ainda o pai assume mais as tarefas domésticas e a mãe a responsabilidade pelas crianças (Kreppner et al., 1982).

Endossando esta ideia, Carter e McGoldrick (2001) afirmaram que a necessidade de negociação de tarefas e trabalhos seria um dos principais desafios e um gerador de conflito entre os casais com crianças pequenas. As tarefas de cuidados do bebê, de atenção ao primogênito, bem como as tarefas domésticas, precisam ser redefinidas, especialmente se ambos os progenitores trabalham fora (Carter & McGoldrick, 2001; Dessen, 1997; Dessen & Braz, 2000). A este respeito, há algumas décadas parece haver um consenso na literatura de que a relação conjugal constitui-se na principal fonte de apoio à mulher no período do nascimento de um filho (Belsky, 1981). A pesquisa de Dessen e Braz (2000), por exemplo, investigou a rede de apoio no momento do nascimento dos filhos em famílias brasileiras e revelou que todas as mães destacaram o companheiro como a figura mais importante na provisão de apoio durante a gestação e nos primeiros meses de vida do bebê. Neste mesmo sentido, Levitt, Weber e Clark (1986), em um estudo realizado com mães norte-americanas grávidas, demonstraram que o bem-estar materno no período pós-parto esteve vinculado à qualidade da relação conjugal e ao montante de apoio recebido do companheiro nas tarefas domésticas e no cuidado dos filhos. Com isso, percebe-se a relevância do apoio entre o casal parental neste momento.

Além do casal parental, conforme a investigação de Kreppner et al. (1982), na primeira fase de adaptação à chegada do segundo filho, o primogênito possui também um considerável ajustamento a fazer. Inicialmente, ele apresenta comportamentos ambivalentes, podendo em alguns momentos ocupar a posição de superioridade, de diferente do irmão (“eu sou grande”), e, em outros, colocar-se no papel de bebê. Com relação aos progenitores, as crianças podem buscar interagir mais do que antes e redirecionar para si sua atenção, ou se voltarem mais a seus próprios jogos e brinquedos, deixando os progenitores com o bebê. Os progenitores parecem apresentar duas formas básicas de lidar com o primogênito neste momento: intervir e restringir fortemente ou dar mais atenção.

Na segunda fase, caracterizada pelo engatinhar e andar (dos 9 aos 16 meses do segundo filho), a principal tarefa parental seria a transmissão das regras básicas de comportamento social para o segundo filho e o manejo dos problemas na interação fraterna. Nesta etapa deve iniciar-se,

contudo, uma relação fraterna autônoma dentro da família, tornando menos necessária a intervenção dos progenitores entre as duas crianças. A terceira fase é considerada a fase de diferenciação dentro da família. Neste período, que vai de 1,5 aos 2 anos do segundo filho, a segunda criança tem sua posição afirmada como um parceiro interacional competente e surgem dois subsistemas principais: o dos progenitores e o das crianças. As crianças passam a se ver como uma unidade, e os progenitores se percebem como progenitores de “crianças” e não mais como progenitores de um bebê e uma criança maior. Além desses, outros subsistemas formados por sexo ou características de personalidade podem emergir. A personalidade das crianças aparece mais claramente e passa a diferenciar mais as crianças do que sua idade. Neste momento, os progenitores podem separar-se um pouco dos filhos e voltar a perceberem-se como pessoas individuais com suas necessidades e desejos pessoais (Kreppner et al., 1982).

Outro estudo que investigou o relacionamento fraterno inicial foi realizado com 41 famílias norteamericanas com primogênitos com idade entre 2 e 4 anos, através de observações e entrevistas em quatro etapas (1 mês pré-parto, 4, 8 e 12 meses pós-parto) (Stewart et al., 1987). Os autores encontraram que no quarto mês pós-parto os comportamentos de imitação do bebê e de confrontação com a mãe e o bebê reduziram-se acentuadamente. Contudo, isto não indica necessariamente uma redução na ansiedade do primogênito. Conforme os autores, a criança teria apenas percebido que tais comportamentos não possuíam o efeito esperado sobre a atenção e interação dos progenitores, sem que soubesse ainda o que fazer para resolver este problema. Os achados confirmaram também o aumento na confrontação entre irmãos aos 12 meses.

No estudo brasileiro que investigou o relacionamento fraterno inicial, Dessen (1997) realizou entrevistas e observações com 5 famílias brasilienses em quatro momentos distintos (3º trimestre pré-parto, 1, 3, e 6 meses após o nascimento do segundo filho). No primeiro mês após o nascimento do segundo filho, verificou-se a emissão de comportamentos contraditórios e perda de apetite por parte do primogênito, seguidos por um aumento nos comportamentos afetivos dirigidos ao irmão e aumento de exigências à mãe no terceiro mês, período caracterizado pelas alterações mais intensas. No sexto mês, observou-se uma diminuição da emissão de comportamentos afetivos e aumento da supervisão da mãe ao primogênito.

Apesar do grande impacto relatado quando do nascimento de um irmão, com a passagem do primeiro ano, contudo, as dificuldades do primogênito declinariam e sua afeição para com o irmão aumentaria, ao passo que ele se adapta à sua presença e encontra um novo interesse em

brincar com ele (Dunn & Kendrick, 1982). Tomando como foco o sistema familiar como um todo, Kreppner et al. (1982), estimaram que 2 anos seria o tempo necessário para que o grupo familiar pudesse reestruturar-se. Este seria o período necessário para que se estabelecessem novas identificações, papéis e funções familiares adequados ao novo funcionamento da família. Deste mesmo modo, Kramer e Ramsburg (2002), duas décadas mais tarde, confirmaram esta previsão, definindo o período de ajustamento ao nascimento de um segundo filho como indo desde a gestação da mãe ao segundo aniversário da criança mais nova.

O relacionamento fraterno pode mudar ao longo do tempo em qualidade e intensidade e no balanço de amizade e hostilidade nas interações. Durante a infância inicial, os irmãos se tornam crescentemente envolvidos em trocas sociais, e junto com seu envolvimento aumentam as taxas de comportamentos pró-sociais (Stewart et al, 1987; Pepler, Abramovitch, & Corter, 1981). Esta mudança parece dever-se, em parte, ao aumento da iniciativa e atividade do irmão mais novo no relacionamento (McHale et al., 2006). A este respeito, Abramovitch et al. (1986) relataram aumento no papel do irmão mais novo em iniciar interações durante o segundo e terceiro ano. Após os 2 anos do segundo filho, haveria uma tendência a um aumento nas interações fraternas. Em um estudo com 47 famílias norte-americanas, no período entre meados dos 2 anos e os 4 anos do segundo filho foi observado um notável aumento na interação com seus irmãos de idade pré-escolar (3-6 anos) e diminuição na interação com suas mães (Dunn, Creps & Brown, 1996). Segundo estes autores, as crianças podem se tornar companheiros mais gratificantes para seus irmãos após este período considerado os “terríveis 2 anos”. Contudo, mesmo que haja um aumento nas interações fraternas na idade pré-escolar, quando ambos os irmãos encontram-se nesta faixa etária as interações entre eles tendem a ser ainda pouco frequentes. No estudo de Coutu, Provost e Pelletier (1996), os irmãos iniciaram relativamente poucos comportamentos pró-sociais ou de disputa com seus irmãos. Neste estudo, as crianças passaram 21% do tempo em jogo solitário e 43% em jogo paralelo. Dito de outra forma, eles passaram 64% do tempo na presença da fratria explorando seus brinquedos e efetuando a montagem dos pedaços do jogo separadamente ou lado a lado, sem interagir um com o outro diretamente.

Ao longo dos 3 anos seguintes, conforme o irmão mais novo atingiu 5 anos de idade e o mais velho a idade escolar, houve um marcante declínio nas expressões de raiva e tensão e nas tentativas da criança de ter seus interesses atendidos (Dunn, Creps & Brown, 1996). Além disso, as crianças eram mais capazes de sustentar o jogo cooperativo, compartilhar a brincadeira de faz-

de-conta, sendo menos tomadas por suas próprias emoções. Estes achados foram corroborados por McGuire, Manke, Eftekhari e Dunn (2000) que indicaram que a agressão física começa a declinar rapidamente após os anos pré-escolares e conforme ambos os irmãos avançam para a idade escolar. Após os 6 anos, a empatia somada à habilidade para atribuir intenção às ações dos outros começaria a atenuar as respostas agressivas. No que se refere aos motivos das disputas, conforme a criança amadurece, tanto a agressão física quanto a agressão verbal estariam mais relacionadas a insultos e ameaças à auto-estima do que a disputas pela posse de objetos (White & Mullen, 1989).

Além do já mencionado, salienta-se que o processo de tornar-se irmão e o relacionamento estabelecido entre eles pode ter consequências em longo prazo que transcendem o período imediatamente após o nascimento do novo bebê e os anos iniciais do relacionamento (Baydar, Hyle & Brooks-Gunn, 1997). Muitas crianças possuem reações bastante favoráveis à perspectiva de se tornarem um irmão pela primeira vez, e isto, apesar de alguns problemas de ajustamento iniciais, mantém sua atitude favorável sobre ter um irmão ao longo do primeiro ano de vida do irmão (Dunn, Kendrick & MacNamee, 1981; McHale et al., 2006; Stewart et al., 1987). Segundo Brody (1998), a qualidade da relação fraterna seria estável desde a infância média à adolescência, e os sentimentos de rivalidade originados na infância persistiriam na idade adulta. A estabilidade no relacionamento fraterno entre a infância inicial e a adolescência foi estudada em 39 díades de irmãos ingleses, usando observação e entrevistas com a mãe e com os irmãos (Dunn, Slomkowski & Beardsall, 1994). A evidência de continuidade ao longo do tempo foi impressionante, havendo considerável estabilidade no comportamento entre os irmãos ao longo dos 8 anos entre a infância inicial e a adolescência. A maior estabilidade foi evidente através dos anos da infância média (5-10 anos), com declínios da intimidade entre os irmãos na adolescência inicial. A este respeito, tanto as dimensões pró-sociais quanto as conflitivas do relacionamento seriam relativamente estáveis ao longo do tempo (Abramovitch et al., 1986; Brody, Stoneman & McCoy, 1994; Dunn et al., 1994; McHale et al., 2006; Volling, 2003).

A partir do exposto, percebe-se que, respeitando-se as particularidades das crianças e das famílias envolvidas, pareceria haver alguns padrões de desenvolvimento característicos do relacionamento fraterno nos anos iniciais da infância. Deste modo, os irmãos passariam por períodos de maior disputa e rivalidade seguidos por retomadas no afeto e cooperação, conforme avançam em idade e maturidade sociocognitiva e emocional. Além disso, destaca-se a relevância

de se investigar o surgimento da rivalidade fraterna a fim de que na infância se estabeleçam padrões de relacionamento fraterno funcionais que favoreçam o desenvolvimento dos sujeitos neles inseridos. Destaca-se, contudo, que, embora diversos estudos tenham referido a temática do conflito fraterno e de reações indicativas de ciúme do irmão, nenhuma das investigações relatadas examinou especificamente a temática da rivalidade fraterna nos anos iniciais dos irmãos. Os estudos longitudinais referidos investigaram, em sua maioria, o processo de ajustamento do primogênito ou da família como um todo ao nascimento do segundo filho, sem tomar como foco a rivalidade fraterna. Esta temática era referida nos estudos algumas vezes indiretamente através de comportamentos indicadores de ciúme ou através de menções a conflito e disputa fraternas. Além disso, pode-se perceber que as investigações tenderam a examinar aspectos isolados do relacionamento fraterno, ora o conflito, ora o ciúme, ora a competição, como construtos independentes e separados.

Ao buscar abordar especificamente o tema da rivalidade fraterna, cabe examinar o modo como esta tem sido definida e compreendida em termos teóricos no campo da Psicologia. Além disso, destaca-se que o modo como hoje nossa sociedade relaciona-se com este construto possui uma história anterior às teorias psicológicas que buscaram explicá-la.

3. Rivalidade fraterna

3.1. Rivalidade fraterna: perspectiva histórica

A descrição da rivalidade fraterna remonta à antiguidade. Na Bíblia, ela foi representada em “Caim e Abel”, “Esaú e Jacó” e “José e seus irmãos”. Nestas passagens bíblicas respectivamente, o desejo de se destacar perante Deus, a disputa pelo lugar de filho primogênito e detentor de todos os direitos, e o favoritismo de seus progenitores, levou à atitude extrema do assassinato do irmão. A mitologia egípcia e a romana também contemplaram esta temática através dos personagens de “Seth e Osíris” e “Rômulo e Remo”, os quais, por inveja e luta pela posse de terras e privilégios, cometeram o fratricídio. Em um tom menos intenso ou menos explícito, os contos de fadas também fizeram menção à rivalidade fraterna no clássico de Cinderela (de Charles Perrault), em que as filhas da madrasta maltratavam e humilhavam Cinderela. Assim, a rivalidade e a violência psicológica e física que podem emergir entre irmãos tem sido parte de nossa história humana. Estas lendas são tão compreensíveis hoje como o foram há milhares de anos, talvez por refletirem uma verdade universal sobre o relacionamento fraterno.

Por outro lado, como destacado por Mendelson (1990), como parte da mitologia ocidental, elas também direcionam nossas expectativas e atribuições sobre o que é ser irmão.

Como temática referente à criação de filhos, a partir de uma análise extensiva dos manuais norte-americanos sobre criação de filhos do século XIX e XX, Stearns (1988) identificou que foi apenas no início do século XX, mais especificamente na década de 1920, que o tema da rivalidade e do ciúme entre irmãos tornou-se um fato preeminente na vida familiar. Embora a hostilidade ao ciúme já estivesse presente há mais tempo no universo do amor conjugal, o que se apresentava como novo neste momento era a intensidade do ataque e seu foco na infância inicial. Segundo o historiador, livros específicos sobre como lidar com o ciúme infantil emergiram apenas na década de 1940. Apesar de extremamente indesejável, o ciúme era também compreensível e considerado inevitável. Com isso, é natural que a partir deste momento, a presença de comentários explícitos sobre o ciúme no nascimento de um irmão, o distinto vocabulário e as expectativas dos adultos, incluindo o ideal de uma família sem conflito, tenham contribuído para o aumento na experiência de ciúme nas famílias. Além disso, o autor conjecturou que o maior investimento afetivo dos progenitores no relacinamento parental, somado ao aumento das práticas de uso do hospital para o parto e a redução do número de filhos nas famílias neste momento histórico tenham criado um contexto propício para o florescimento do ciúme no mundo ocidental.

Coincidindo historicamente com esta preocupação popular e contribuindo para ela, a psicanálise, recém fundada, enfatizou, de modo geral, os efeitos patológicos da interação fraterna. A literatura psicanalítica inicial se direcionou para os componentes traumáticos da experiência de ser irmão e as reações ao nascimento de um irmão (Neubauer, 1982). Na busca pelo trauma psicológico, o papel negativo dos irmãos foi explorado. No início do século XX, Freud (1916-1917/1976, p. 133) havia afirmado: “Provavelmente não há quarto de crianças sem violentos conflitos entre seus ocupantes. Os motivos de tais desavenças são a rivalidade pelo amor dos pais, pelas posses comuns, pelo espaço vital. Os impulsos hostis são dirigidos contra membros da família mais velhos e também mais novos”.

Embora esta tese não esteja fundamentada na teoria psicanalítica, considera-se relevante apresentar o modo como esta perspectiva abordou inicialmente a temática dos irmãos, uma vez que inaugurou em grande parte as teorizações sobre a rivalidade fraterna e contribuiu histórica e culturalmente para o modo como o Ocidente compreende tal relação. A psicanálise começou a

pensar o problema do fraterno em Totem e Tabu (Freud, 1913/1974). Neste artigo, Freud propôs o tabu do incesto como pedra angular da sociedade, marcando a passagem do estado da natureza para a cultura. Como destacou Teixeira (2002), o pacto fraterno no assassinato do pai e a consequente culpa compartilhada que fundaram o tabu do incesto e a ordem social. O ódio compartilhado e o desejo de matar, juntamente com a culpa e o arrependimento, que geraram a irmandade como possibilidade de alguma coesão grupal. Entretanto, tal empresa coletiva não supôs a abolição do ódio e da ambivalência presente na inveja e no ciúme (Teixeira, 2002). Em 1923, Freud utilizou pela primeira vez o termo *complexo fraterno*, no artigo intitulado “Dr. Sándor Ferenczi (em seu 50º. Aniversário)”. Ao relatar a trajetória de vida de Ferenczi e sua contribuição à psicanálise, afirmou: “Ferenczi, que, como filho do meio numa grande família, teve de lutar com um poderoso complexo fraterno, tornou-se, sob a influência da análise, um irmão mais velho irrepreensível, um professor bondoso e um promovedor de talentos jovens” (Freud, 1923/1976, p. 334).

Contudo, segundo Moguillansky (2003), a expressão *complexo fraterno* como uma noção teórica viria a ser estabelecida somente por Lacan em “A família”, de 1938. Segundo esta concepção, o destino coloca os humanos frente ao impacto da aparição de um semelhante capaz de ocupar um mesmo lugar na série que lhe havia sido dada, seja como herdeiro ou como usurpador. Lacan defendeu que o irmão, semelhante em tantas coisas, desperta um interesse que não deve ser confundido com amor, mas, pelo contrário, se configuraria como ciúme e desencadearia uma agressão primordial. Para exemplificar tal sentimento, Lacan utilizava um comentário mordaz de Santo Agostinho a respeito do olhar envenenado que sabe ter uma criança ao observar sua mãe amamentando seu irmãozinho. O complexo fraternal poderia, então, ser postulado como a hostilidade que a criança manifesta em relação aos irmãos (rivais) despertada pela ocorrência ou pela possibilidade de perda ou divisão dos carinhos dos progenitores (Elyseu, 2003) – definição esta que mais tarde viria a servir como base para o conceito de ciúme na pesquisa empírica. Segundo Freud (1916-1917/1976), o complexo fraternal seria uma transferência dos afetos edípicos, originalmente dirigidos aos progenitores, para aos irmãos. Os irmãos serviriam, então, de substitutos. Tal compreensão fica evidente na seguinte passagem: “Quando outras crianças aparecem em cena, o complexo de Édipo avoluma-se em um complexo de família. Este, com novo apoio obtido a partir do sentimento egoístico de haver sido prejudicado, dá fundamento a que os novos irmãos e irmãs sejam recebidos com aversão, e faz

com que, sem hesitações, sejam, em desejos, eliminados” (Freud, 1916-1917/1976, p.65). Esta posição foi compartilhada por diversos autores que afirmaram que no seio de toda rivalidade fraterna está a dificuldade que as crianças possuem em dividir seus progenitores (Calladine, 1983).

Abordagens posteriores postularam o complexo fraternal como independente do complexo de Édipo. Elyseu (2003), apoiado no postulado de Bowlby (1969/2002) segundo o qual as vivências infantis são marcadamente não-eróticas, defende que, diferentemente do complexo fraternal, o complexo de edípico seria apenas uma possibilidade, não uma situação regular no desenvolvimento da personalidade. Segundo Bowlby, é pelo valor psicobiológico de sobrevivência atribuído à mãe como provedora de alimento, proteção e afeto, que ela torna-se a principal figura de posse do filho, e não como figura libidinal. Sendo assim, conforme Elyseu (2003), excluída a situação edípica, todas as demais situações de rivalidade estão compreendidas no complexo fraternal, mesmo que envolva a figura do pai rival ou a disputa pela posse da figura sexual. Assim, o complexo fraternal seria caracterizado de um modo mais abrangente, incluindo a disputa entre rivais da mesma espécie (um irmão, um dos progenitores, outras pessoas) pela detenção de uma figura de posse, qualquer que seja esse bem, pelo valor que ela possa ter para eles. Permeado de afeto, desejo, ciúme e inveja, este complexo é um conceito de universalidade entre os indivíduos, uma vez que reflete uma conduta instintiva de posse, contextualizada nas mais diversas situações de disputa em relação a quaisquer bens (Elyseu, 2003). Tal concepção foi apoiada por Moguillansky (2003), que defendeu que o complexo fraterno possui sua própria envergadura estrutural e pode se manifestar no campo da clínica através da relação com os pares, assim como ressignificar-se nos filhos e no casal.

No que tange ao impacto do nascimento do irmão para o primogênito, a perspectiva a ser sustentada nesta tese de Doutorado está de acordo com a proposta por autores como Bowlby (1969/2002) e Hadfield (1962), que argumentaram que a atração sexual seria secundária às necessidades da criança de segurança e dependência de seus progenitores. Hadfield (1962) situou o ciúme em termos Darwinianos, focando no papel do instinto de sobrevivência e considerando o ciúme fraterno como sinal de autopreservação. Ele defendeu que, uma vez que a primeira necessidade da criança diz respeito à segurança no amor materno, se este amor é direcionado a outro, a criança seria lançada a um estado de ciúme e raiva. Neste mesmo sentido, segundo Hill e Davis (2000), na perspectiva evolucionária a resposta de ciúme da criança pequena poderia ser

compreendida como não patológica uma vez que serve a uma razão funcional. Ciúme em uma criança dependente e não-verbal poderia bem ser um mecanismo adaptativo, resultando em comportamentos que garantem maior proteção e atenção dos cuidadores.

Uma compreensão da rivalidade fraterna fundamentada na Teoria do Apego viria a enriquecer e complementar o entendimento familiar sistêmico proposto para esta tese de Doutorado. Como apontado por Nichols e Schwartz (2007), conforme o campo da Teoria Familiar Sistêmica amadureceu, delineou-se um renovado interesse pela vida interior dos indivíduos que constituem a família, aspecto este não respondido pela abordagem Sistêmica. Neste contexto, a Teoria do Apego propôs-se como um importante instrumental para descrever as raízes subjacentes às dinâmicas dos relacionamentos íntimos. A Teoria do Apego prediz, então, que a introdução de um irmão e a conseqüente redução no acesso à mãe pode romper padrões de apego e criar tensão (Bowlby, 1973/2004b). Para crianças pequenas, a ameaça ao relacionamento primário no triângulo do ciúme seria equivalente à ameaça a uma relação de apego (Bowlby, 1973/2004b). O rompimento do laço de apego ao cuidador primário durante uma evocação de ciúme pode, então, conduzir a comportamentos similares àqueles utilizados pelos bebês a fim de manter seu apego aos cuidadores (ex. agarrar-se, aproximação da mãe, choro, protesto) (Volling et al., 2010). Deste modo, Neubauer (1982) já havia enfatizado a importância de que tais comportamentos fossem compreendidos como parte da intensificação do apego, e não necessariamente uma regressão a etapas anteriores do desenvolvimento psicosssexual – como proposto pela perspectiva psicanalítica.

A partir do exposto, argumenta-se que a relevância da rivalidade entre irmãos pequenos justifica-se uma vez que a relação progenitores-criança que é ameaçada pelo irmão rival constitui-se na mais importante e formativa relação da vida inicial de uma criança (Volling, McElwain & Miller, 2002). Assim, a rivalidade poderia ser uma experiência normal e talvez diária para as crianças pequenas. Este aspecto do relacionamento fraterno merece atenção ainda mais especial no período de formação da relação, ou seja, durante a transição para a chegada do segundo filho na família, uma vez que se configura em um período fundamental de adaptação potencialmente marcante para a qualidade da relação. Contudo, conforme mencionado, esta temática tem recebido pouca atenção dos pesquisadores do desenvolvimento ou da família, de modo que são muito raros os estudos sobre a temática da rivalidade fraterna, do ciúme e da competição entre irmãos. Além disso, os resultados apresentando sobre o desenvolvimento da

rivalidade fraterna ao longo dos anos iniciais dos irmãos são ainda pouco convergentes e o próprio conceito de rivalidade carece de uma definição clara e compartilhada no meio científico.

3.2. Rivalidade fraterna: definição de conceitos

Com o crescimento do número de estudos empíricos voltados à temática do relacionamento fraterno na década de 1980, surgiu a necessidade de se encontrar definições objetivas e operacionais para as diversas dimensões envolvidas neste relacionamento. Sabe-se que nos estudos empíricos, a rivalidade fraterna tem sido um conceito difícil de definir, colocando-se como um desafio não suficientemente respondido até o momento. O que tem sido afirmado, já há algumas décadas, é que tanto a rivalidade quanto o ciúme são específicos para contextos que incluem um objeto ou relação valiosa e estimada (Hart, Field, Del Valle & Letourneau, 1998; Kendrick & Dunn, 1980). Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa, em sua etimologia (do latim *rivalis*) o termo rivalidade refere-se àquele sujeito que possui, juntamente com outro, o direito à mesma corrente de águas de um rio, o que levaria a uma luta constante pelo reassseguramento do suprimento básico de água para a sobrevivência. Chama a atenção que o conceito de rivalidade fraterna continua sendo empregado indiscriminadamente com os conceitos de ciúme, conflito e competição. Apesar de relacionados e sobrepostos em alguma medida, destaca-se que estes se referem a construtos distintos, cujas motivações podem diferir consideravelmente. A exposição que segue, constitui-se em uma tentativa de delimitar tais conceitos.

O conflito pode ser pensado como o conceito mais amplo a abrangente dos anteriormente referidos, uma vez que refere-se, na definição de Volling et al. (2010), à qualquer forma de oposição diádica ou desentendimento verbal. Assim, o conflito pode ser a expressão final tanto de competição, quanto de ciúme ou rivalidade. O conflito constitui-se em um aspecto normal dos relacionamentos sociais e é definido pela oposição mútua entre dois indivíduos, podendo ou não envolver agressão (Cicirelli, 1995; Vandell & Bailey, 1992). Nos relacionamentos entre irmãos pequenos, este seria um aspecto bastante corriqueiro, ocorrendo em uma média de seis a sete vezes por hora na interação de uma criança pré-escolar com seu irmão menor (Dunn & Munn, 1986; Perlman & Ross, 1997). Contudo, muito do que é denominado de conflito ou agressão entre irmãos nos estudos empíricos poderia refletir competição, rivalidade ou ciúme, conforme definição que segue.

Boer (1990) buscou diferenciar os conceitos de competição e de rivalidade, sendo a primeira definida em uma relação diádica e a segunda em uma relação triádica. Deste modo, a competição seria a busca por superar o irmão, circunscrita ao relacionamento a dois, enquanto que a rivalidade equivaleria à busca por superar o irmão em face de um terceiro. A rivalidade envolveria o desejo de mostrar-se superior em status, poder, habilidades ou aparência para alguém de fora da relação fraterna. Percebe-se que a linha divisória entre estes dois conceitos é muito tênue, de modo que toda rivalidade refere-se a uma competição, mas nem toda competição pode ser considerada como sinal de rivalidade. Pode-se considerar que a competição seria o aspecto comportamental mais observável do construto rivalidade. Por exemplo, quando dois irmãos tentam vencer um ao outro em um jogo de videogame, pode ser com o objetivo de comparar competências mútuas, ou ganhar poder sobre o outro por demonstração de superioridade. Mas este comportamento competitivo pode também ser um “show para uma plateia”, um modo de ganhar admiração ou simpatia de uma terceira pessoa, neste último caso uma demonstração de rivalidade.

O autor propôs que enquanto que a competição diria respeito a comportamentos, a rivalidade refere-se a emoções (Boer, 1990). A este respeito, embora a rivalidade pareça envolver um nível mais profundo de cognições e emoções do que a competição diádica, sabe-se que toda a ação humana ocorre em uma constante inter-relação dos aspectos emocionais com os cognitivos e os conativos do funcionamento do indivíduo. Deste modo, haveria uma retroalimentação constante entre estes níveis de operação. O que fica bastante evidente, a partir da afirmação do autor, é a noção de que a competição apresenta-se como um construto mais facilmente mensurável e observável da interação fraterna, enquanto que a rivalidade depende para sua caracterização de informações sobre as emoções e cognições experienciadas pela pessoa envolvida. Além disso, como o próprio autor apontou, é difícil distinguir entre um nível consciente e um inconsciente subliminar à competição fraterna. Assim, considerando-se as diferenças entre os irmãos envolvidos na relação, destaca-se que um mesmo padrão de comportamento pode ocorrer como expressão de diferentes dinâmicas relacionais, emoções e cognições experienciadas pelos irmãos, de modo que seria impossível distinguir estas categorias apenas com base na observação. Qualquer competição entre irmãos poderia refletir rivalidade.

A rivalidade fraterna, um construto menos observável que o conflito e a competição, envolveria, então, a competição entre os irmãos por recursos, prestígio ou *status* (poder) em face

de um terceiro (Mendelson, 1990) e o ciúme com relação aos progenitores existente entre irmãos e irmãs (Boer, 1990). A rivalidade baseia-se no desejo de não perder o objeto ou status para um rival, mantendo-se o contato com o objeto (Neubauer, 1982). Segundo Boer (1990), o objetivo primário da rivalidade refere-se a vencer, superar o rival, visando recompensas favoráveis tais como o amor parental, aprovação e reconhecimento. Com frequência, processos de comparação social estão em jogo e as crianças avaliam a si mesmas através dos irmãos na família (Volling, 2003). Além da competição por status, objetos e conquistas, os irmãos também competem pelo amor e pela atenção de seus progenitores. Qualquer competição entre irmãos pode refletir rivalidade, mas quando a rivalidade envolve o amor e a atenção dos progenitores para o irmão rival, fala-se de ciúme. O ciúme é, então, a rivalidade entre os irmãos em face dos progenitores (Volling et al., 2010). Assim, a rivalidade pode tomar várias formas: a disputa por uma posse valiosa, a competição divertida entre irmãos no campo de futebol, a empenho por superar o irmão no sucesso acadêmico, os intensos sentimentos de aversão e inveja sobre as conquistas pessoais do irmão em comparação a si, e o ciúme quando os progenitores estão interagindo com o irmão.

Assim como a rivalidade, segundo White e Mullen (1989), o ciúme é um complexo de emoções, comportamentos e pensamentos que surgem no contexto de um triângulo social formado pelo indivíduo enciumado, o sujeito amado (no caso os progenitores) e o rival (no caso, o irmão). No caso do ciúme fraterno, o irmão é o rival, contudo, como destacado por Parrot (1991), o ciúme pode ter como rival não necessariamente uma pessoa, mas objetos, interesses, hobbies, como, por exemplo, o ciúme da esposa em relação ao emprego ou ao carro do marido. White e Mullen (1989) propuseram que o ciúme seria desencadeado pela percepção de perda ou ameaça de perda de um relacionamento valioso para um rival. Três características têm sido continuamente sublinhadas acerca do ciúme: ele ocorre no contexto de um triângulo social de relações; a relação ameaçada precisa ser uma relação próxima e valiosa; o ciúme é desencadeado pela perda real ou percebida desta relação para um rival. Destaca-se que haveria um relacionamento recíproco entre o valor de uma experiência ou recurso satisfatório e o grau de preocupação sobre sua possível perda ou redução. Como lembrado por Parrot (1991), o ciúme distingue-se da rejeição, precisando incluir não apenas a perda da pessoa amada (ex. morte, viagem, término de um relacionamento), mas também sua perda para um terceiro.

Em termos empíricos, irmãos pequenos estariam reagindo a esta perda de atenção quando um dos progenitores retira seu foco dele e interage com seu irmão ou irmã (Volling et al., 2002).

A aflição da criança frente ao direcionamento da atenção materna ao irmão tem sido considerada como evidência de ciúme. Esta seria atribuída à sensibilidade da criança à injustiça na distribuição da atenção do progenitor. A aflição da criança pode refletir uma objeção ao objeto da atenção, assim como às características específicas do comportamento parental, tais como vocalizações positivas de afeto (Hart et al., 1998). Diferentemente das emoções básicas de raiva, tristeza e alegria, o ciúme refere-se a uma emoção social complexa. Os indivíduos em situação de ciúme expressam uma gama de emoções incluindo raiva, ansiedade e tristeza, as quais podem estar associadas a comportamentos de conflito com os progenitores e o irmão e busca da atenção dos progenitores para si (Hill & Davis, 2000; Miller, Volling & McElwain, 2000). Segundo Parrot (1991), embora possa ser experienciado em numerosas formas, tipicamente a expressão emocional do ciúme inclui medo da perda, raiva e insegurança. Assim como o ciúme em adultos, as crianças enciumadas agem, pensam e sentem de variadas formas que não são necessariamente agressivas ou abertamente competitivas (White & Mullen, 1989).

Parece que mesmo crianças bem pequenas são sensíveis à perda da atenção de seus progenitores para outra criança. Miller et al. (2000), estudando 62 famílias norteamericanas com dois filhos (o mais velho com idade pré-escolar), perceberam que crianças de apenas 16 meses de idade demonstraram ciúme no contexto em que o progenitor direcionava sua atenção ao filho mais velho. Com isso, ressalta-se que, embora grande parte dos estudos sobre a transição para o nascimento do segundo filho na família tenham focado sua atenção sobre o ciúme do primogênito com o irmão mais novo, o ciúme pode manifestar-se em ambos os sentidos, incluindo ciúme do irmão recém chegado direcionado ao irmão mais velho.

Como pode ser notado através do exposto, o conflito, a competição, a rivalidade e o ciúme estão intimamente intrincados, contudo mantém suas particularidades. Por exemplo, um conflito iniciado como uma competição por uma posse pode se tornar ciúme quando a mãe se envolve e afirma que uma criança deve abdicar do brinquedo para o irmão, particularmente se a criança interpretar a ação da mãe como favoritismo do irmão (Volling et al., 2010). Frente a esta complexidade de construtos envolvidos no relacionamento fraterno, muitos pesquisadores explicitamente ou implicitamente assumiram que a maioria dos conflitos entre irmãos se devia ao ciúme pela proteção e afeto parental. Esta afirmação esteve presente em muitos manuais desde a década de 80, mas não tem apoio das pesquisas recentes (Banks & Kahn, 1982; Dunn, 1983). De fato, embora o ciúme faça parte do relacionamento fraterno em alguma medida, diferente dos

preconceitos populares, uma criança com um novo irmão não é necessariamente consumida por este sentimento (Dunn & Kendrick, 1982). Intenso ciúme e hostilidade não são necessariamente parte do processo de tornar-se um irmão (Dunn & Kendrick, 1982; Gottlieb & Mendelson, 1990), de modo que a maioria da agressão fraterna não é atribuível à rivalidade pela atenção parental (White & Mullen, 1989).

Percebe-se que, embora haja algumas proposições teóricas já formuladas acerca dos construtos envolvidos na rivalidade fraterna, para que este campo de investigação se expanda há ainda necessidade de melhor definir tais conceitos. Enquanto o conceito de ciúme parece apresentar-se com mais clareza na literatura internacional, o mesmo não ocorre com o conceito de rivalidade fraterna. Definir rivalidade fraterna como a competição entre irmãos em face de um terceiro, como proposto por Mendelson (1990), não parece fazer jus a toda a gama de disputas envolvendo os irmãos em que não é possível se inferir a intenção de superar o irmão perante alguém. Nesta perspectiva, rivalidade fraterna facilmente passa a ser considerada na literatura psicológica como sinônimo de ciúme, ou seja, a disputa entre irmãos em face dos progenitores. Tal posição justifica-se pelo maciço investimento da psicologia nas relações progenitores-filhos desconsiderando-se o mundo dos irmãos.

Na pesquisa empírica, com vistas a problematizar o ciúme como causa do conflito entre irmãos, alguns estudos buscaram investigar os motivos relatados pelas crianças e adolescentes para o conflito fraterno. Os autores foram unânimes, desde a década de 80 até o período atual, ao afirmar que as disputas entre os irmãos estiveram relacionadas a temas reais da fratria, envolvendo a relação fraterna em si e não os progenitores. Um dos temas mais frequentes, tanto para adolescentes quanto para crianças em idade escolar, referiu-se à divisão de posses pessoais (Felson, 1983), propriedade (McGuire et al., 2000) ou a proteção de seu espaço pessoal (Prochaska & Prochaska, 1985). É possível que disputas sobre direitos e propriedades sejam uma característica única e consistente da relação fraterna, ao menos enquanto ambos os irmãos vivem em casa. Além deste tema, a divisão de tarefas domésticas (Felson, 1983), a agressão física e verbal (McGuire et al., 2000) e o mau humor ou problemas de personalidade dos irmãos foram apontados como temas centrais das disputas (McGuire et al., 2000; Prochaska & Prochaska, 1985). O relato dos irmãos raramente incluiu o relacionamento com os progenitores como fonte de conflito. A luta por ter a atenção e o amor dos progenitores, conflitos envolvendo o tratamento

parental diferencial ou comparações, estiveram entre as causas menos frequentes de conflito relatadas pelos irmãos (Felson, 1983; McGuire et al., 2000; Prochaska & Prochaska, 1985).

Dunn (1995) corroborou esta perspectiva ao afirmar que o conflito fraterno, possuiria diversas causas, além da rivalidade e do ciúme. Em um livro voltado para o público leigo, com base em sua pesquisa longitudinal com famílias inglesas, a pesquisadora elencou os seguintes motivos pelos quais as crianças brigam: choque de personalidade (diferentes estilos de personalidade e interesses), tédio (as crianças provocam umas às outras para afastar o tédio da cena familiar), disputa por posses (dificuldade em dividir suas posses com os irmãos), territórios, espaços, regras (dificuldade em compartilhar espaços comuns e delimitar espaços privados), controle (manifesta em questões triviais como o canal da televisão ou quem irá sentar-se no banco da frente do carro), cansaço e fome. Com base nestes achados, os autores defenderam que haveria pouca evidência para o modelo teórico do ciúme entre irmãos, que associa o conflito e a agressão entre os irmãos necessariamente à disputa pelo amor parental (Felson, 1983). Ao contrário, os irmãos possuiriam seu próprio repertório de temas de conflito separado daqueles envolvendo os progenitores (McGuire et al., 2000). Neste sentido, já na década de 80, Felson (1983) propôs o modelo realista de conflito, que implica que os irmãos brigam por assuntos reais e tangíveis. Segundo este modelo, a agressão existente entre os irmãos possui uma função instrumental, ou seja, visa a obter certas posses ou evitar tarefas desagradáveis compartilhadas, não sendo um meio para expressar unicamente sentimentos de ciúme.

Contudo, destaca-se que estes estudos basearam-se em relatos verbais dos participantes, de modo que pode ser que as crianças e adolescentes não soubessem ou não fossem capazes de expressar todas as causas de seus conflitos com seus irmãos. Como destacaram McGuire et al. (2000), as crianças em idade escolar de seu estudo poderiam estar descrevendo apenas a causa imediata do conflito e não seriam capazes de reconhecer ou articular temas subjacentes como a disputa pelo amor parental ou o tratamento diferencial, por exemplo. Neste ponto, uma postura intermediária parece mais adequada para compreender os motivos dos conflitos e disputas fraternos. Enquanto os sentimentos dos irmãos uns para com os outros são profundamente influenciados pelo contexto parental, não se descarta haver também um fator independente. Como defendeu Rustin (2007), os irmãos e irmãs são pessoas de valor em si e não apenas competidores pelo amor parental. Os irmãos são o objeto de sentimentos passionais de amor e

ódio, e isto se dá tanto em um terreno de suas vidas emocionais com energia própria, quanto no contexto da rivalidade fraterna pela afeição e atenção parental.

Assim, enquanto um subsistema imerso no sistema maior da família, o relacionamento fraterno possui fronteiras permeáveis com os demais subsistemas familiares, de modo especial o subsistema parental. Deste modo, ao mesmo tempo em que possui um funcionamento que responde às características restritas às crianças envolvidas diretamente na fratria, também sofre influências de todos os demais membros familiares e das demais relações em andamento (Murphy, 1993). Neste sentido, a teoria familiar sistêmica propõe que as características particulares dos relacionamentos familiares refletem a dinâmica presente no ambiente familiar (Minuchin, 1982). Assim, a qualidade do relacionamento entre irmãos poderia ser vista como determinada, em parte, pela qualidade do contexto familiar maior (Howe, Bukowski & Aquan-Assee, 1997). Conforme Dessen (1997), examinar como o relacionamento fraterno influencia e é influenciado por outras relações que a criança vivencia em sua rede social constituiria o primeiro passo para compreender as diferenças entre crianças de uma mesma família e a importância dos irmãos para o desenvolvimento infantil.

Percebe-se, como já mencionado, que o desenvolvimento da relação fraterna desafia explicações simples. Com vistas a examinar a transição para o nascimento de um irmão, Volling (2005) propôs um modelo que reconhece a importância de diversos sistemas interdependentes, que podem interagir mutuamente para determinar resultados de desenvolvimento na criança. Com isso, propôs a inclusão de diversos níveis de análise ao estudar a temática: características psicológicas dos progenitores (bem-estar, características de personalidade, sentido de competência como progenitores); características da criança (idade, gênero, temperamento); o ambiente familiar e sua dinâmica imediata. Similarmente ao proposto por Volling (2005), Hoffman e Edwards (2004) propuseram um modelo teórico para explicar o relacionamento fraterno baseado nos seguintes componentes principais: o relacionamento conjugal, o relacionamento parental, o relacionamento fraterno, atitudes e características individuais e conflito verbal entre os irmãos. Além destes, idade, diferença de idade, gênero, composição de gênero, estrutura e renda familiar foram incluídos como potenciais variáveis de controle.

A fim de compreender o curso da rivalidade fraterna nos anos iniciais, destaca-se, então, a necessidade de se considerar as características individuais e contextuais dos indivíduos envolvidos no relacionamento. A este respeito, salienta-se a relevância das características de

idade e do sexo dos irmãos e, em termos relacionais, a qualidade do relacionamento parental experienciado na família.

4. Fatores associados à rivalidade fraterna

4.1. Características individuais dos irmãos: idade e sexo

A experiência de se tornar irmão e o modo como é vivido o relacionamento fraterno é muito variado entre as crianças e se associa tanto a fatores relacionais quanto a fatores individuais de cada criança. Dentre os fatores individuais, ou seja, os não compartilhados entre as crianças, destacam-se a idade e o sexo de cada um dos irmãos.

No que tange à idade, quanto à reação ao nascimento do irmão parece haver um consenso de que crianças menores (entre 1 e 6 anos) tendem a reagir mais intensamente ao nascimento de um irmão do que crianças que já se encontram na terceira infância (entre 6 e 12 anos). Conforme Kramer e Ramsburg (2002), crianças relativamente mais velhas possuem habilidades sociais e cognitivas mais bem desenvolvidas que lhes permitiriam entender melhor e tolerar algumas das mudanças na família neste momento de transição. Além disso, Baydar, Greek et al. (1997) já haviam sugerido que quando as crianças são maiores, as interações familiares seriam menos vulneráveis ao nascimento de um irmão.

Contudo, parece não haver um padrão uniforme de respostas dos primogênitos menores de 6 anos. Assim, alguns autores da década de 80 e 90 sugeriram que crianças em idade pré-escolar (entre 3 e 6 anos) apresentariam um risco maior de experienciar dificuldades no ajustamento durante a transição para a “irmandade” do que crianças menores (Richardson, 1983; Teti et al., 1996). Por exemplo, Richardson (1983) relatou, já nos anos 80, que ao final da gestação as mães de crianças muito pequenas, assim como de crianças em idade escolar, relataram relações mais satisfatórias com seus filhos do que as mães de pré-escolares. As crianças nesta última faixa etária apresentaram comportamentos como fala infantilizada, pedido de mamadeira, de comida de bebê e de colo, acidentes de toaleta e confrontação com a mãe com maior intensidade e frequência que as demais. Reforçando estes achados, mais recentemente, Teti et al. (1996) relataram que crianças pré-escolares apresentaram declínios mais dramáticos nos escores de segurança do que as crianças menores que 2 anos. Isto poderia estar vinculado ao fato de que as crianças muito pequenas, por carecerem de uma sofisticação sociocognitiva, não seriam capazes de prever o impacto do nascimento do irmão em suas vidas, não o percebendo como fonte de ameaça.

Quanto às reações das crianças ao nascimento do irmão, os achados de estudos dos anos 80 (Stewart et al., 1987) revelaram que, crianças mais velhas (3 a 5 anos) passaram a utilizar mais da imitação dos bebês através da fala infantilizada, enquanto que crianças menores (2 a 3 anos) tiveram mais problemas de abandono de hábitos adquiridos de alimentação e toalete, uso de objetos de segurança e pedido de mamadeira. Nesta mesma linha, Dunn et al. (1981) encontraram que as crianças menores tenderam a se tornar mais dependentes, apresentando mais comportamentos de estar “agarradas”, passar mais tempo no colo e próximas à mãe. A reação das crianças menores pareceria dever-se mais a um aumento em sua ansiedade do que a comportamentos intencionais (Stewart et al., 1987).

Passado o impacto inicial do nascimento do irmão, características diferentes entre as crianças menores e os pré-escolares estariam ligadas às manifestações de ciúme. Com o desenvolvimento, a compreensão cognitiva das regras sociais e da expressão apropriada da raiva pode moderar as manifestações de ciúme. Segundo Volling et al. (2002), ao invés de simplesmente reagir com raiva, não se esperaria que crianças mais velhas fossem tão emocionalmente reativas em face de uma situação eliciadora de ciúme, pois elas são capazes de processar cognitivamente a situação social de tal forma que emergem sentimentos mais empáticos pelo irmão. Além disso, as crianças podem ter uma melhor compreensão do porquê seus progenitores direcionariam mais atenção a seu irmão menor do que a eles e isto as ajudaria a lidar de modo mais efetivo com o ciúme. Conforme os autores, as crianças de idade pré-escolar possuíam estratégias de controle das emoções mais bem desenvolvidas do que seus irmãos menores, de modo que utilizaram mais a estratégia de chamar a atenção dos progenitores através de suas habilidades verbais do que se tornando bravos como forma de lidar com o ciúme quando a atenção dos progenitores estava no irmão. Pode ser que nesta idade, as crianças tenham uma melhor compreensão do motivo pelo qual seus progenitores direcionariam mais atenção a seu irmão menor do que a eles e isto as ajudaria a lidar de modo mais efetivo com o ciúme.

Ao abordar o relacionamento fraterno como um todo durante a infância, passa-se a destacar o papel ocupado por cada um dos irmãos conforme sua posição na fratria. De modo geral, o irmão mais novo tem sido representado pela literatura das últimas décadas como possuindo uma forte tendência a utilizar mais a imitação do mais velho como recurso nas interações (Corter, Pepler & Abramovitch, 1982; Silveira, 2002; Teti, 1992). Os mais novos foram também mais atentos ao comportamento do irmão e emitiram mais comportamentos de

expressão de cordialidade que os mais velhos, monitorando as atividades e os movimentos do irmão e tomaram o papel principal em manter a proximidade entre eles (Lamb, 1978a; Teti, 1992). Assim, como observado por Coutu et al. (1996), na idade pré-escolar os irmãos mais novos tenderam a assumir um papel subordinado nas interações com o mais velho, iniciando menos disputas e emitindo comportamentos que favoreceram a manutenção da interação, tais como dirigir grande atenção aos gestos e ações do mais velho e imitar mais comportamentos de expressão de cordialidade. Além disso, dadas suas habilidades verbais menos avançadas, crianças pré-escolares utilizaram mais de demonstração física do que verbal em uma situação de ensinamento com o irmão mais velho (4-9 anos).

Por outro lado, os irmãos mais velhos foram apontados pela literatura como tendendo a liderar a relação fraterna na infância (Silveira, 2002; Teti 1992), assumindo um papel mais dominante e de cuidado (Buhrmester, 1992) e dirigindo um número desproporcionalmente maior de comportamentos sociais para seu irmão menor (Teti, 1992). Mais dominantes e mais pró-sociais, foram os irmãos mais velhos quem mais frequentemente controlaram os recursos e agiram como modelo para os mais novos (Coutu et al., 1996). Devido a suas maiores habilidades sociocognitivas e verbais e à maior experiência, as crianças mais velhas eram mais propensas a se envolver em instruções verbais e de controle para com o irmão (Howe & Recchia, 2005). Além disso, os mais velhos iniciaram mais disputa de objetos e comportamento de afeição física (Corter et al., 1982; Coutu et al., 1996), apresentaram mais comportamentos afiliativos para seus irmãos como vocalizar ou oferecer brinquedos (Lamb, 1978b; Teti, 1992) e foram apontados em díades na terceira infância como sendo o típico vencedor dos desentendimentos (McGuire et al., 2000). Os irmãos mais velhos foram também mais propensos a ver o irmão mais novo como intrusivo ou incômodo do que o inverso (Stewart et al., 1987).

A partir deste panorama, diversos estudos desde os anos 80 até o período atual indicaram que a qualidade da relação fraterna estaria mais ligada ao ajustamento do irmão mais velho e não do irmão mais novo (Dunn & Kendrick, 1982; Jenkins, O'Connor, Dunn, Rasbash & Behnke, 2005; Pike, Coldwell & Dunn, 2005). Isto significaria que o irmão mais velho seria mais dominante nestas díades, de modo que suas próprias características estariam refletidas na qualidade do relacionamento fraterno em maior grau do que as características do irmão mais novo. Como apontado por Dunn e Kendrick (1982), o comportamento do irmão mais velho com o recém-nascido previu o comportamento do irmão mais novo no relacionamento fraterno anos

mais tarde. No estudo de Jenkins et al. (2005), mantendo-se constante a idade do irmão mais novo, quanto mais velho o mais velho da dupla de irmãos, menores níveis de conflito e competição foram encontrados. Estes resultados sugerem que o irmão mais velho tem mais poder de influenciar o curso do relacionamento fraterno do que o mais novo.

Além das características de posição na fratria, salienta-se a necessidade de diferenciar os irmãos conforme o seu intervalo de nascimento (Dunn, 1983). No que se refere ao intervalo de idade entre os irmãos, a maioria dos estudos das últimas décadas envolvendo crianças e adolescentes indicou que irmãos com idades mais próximas apresentaram índices mais elevados de conflito e violência física e menos comportamentos pró-sociais (Buhrmester, 1992; Corter et al., 1982; Felson, 1983; Kramer & Kowal, 2005; Minnett et al., 1983; Stocker et al., 1989). Conforme Kramer e Kowal (2005), crianças que eram relativamente mais velhas quando seus irmãos nasceram (4-5 anos de intervalo) experienciaram menos disputa e rivalidade/competição na adolescência do que aquelas que tinham 3 anos quando os irmãos nasceram. Estudando crianças com idade entre um e 3,5 anos no momento do nascimento do irmão, Corter et al. (1982) também encontraram que díades com um maior intervalo de idade foram mais pró-sociais em suas interações.

Conjectura-se que irmãos com idades próximas teriam mais contato e conflito por possuírem interesses, habilidades e amigos similares e pela necessidade de compartilharem a propriedade familiar (Minnett et al., 1983). Irmãos com pequena diferença de idade também podem ser sensíveis a indicações de favoritismo parental por experienciarem mais comparações sociais. Além disso, pares de irmãos com diferenças de idade substanciais podem ter menos conflito devido a uma estrutura de poder mais claramente definida no relacionamento. Nestes casos, o irmão mais novo e geralmente mais fraco fisicamente poderia submeter-se ao mais velho devido à sua inabilidade de se envolver em um ataque físico bem sucedido (Hoffman & Edwards, 2004).

Com relação ao sexo das crianças, as diferenças na reação ao nascimento do irmão e na interação fraterna tenderam a ser menores do que as diferenças referentes à idade (Abramovitch et al., 1986). Estudos dos anos 80 e 90 indicaram que a reação ao nascimento de um irmão, assim como o tom afetivo da relação fraterna eram mais cordiais e estáveis nas díades de irmãos do mesmo sexo do que nas díades mistas. Crianças que vivenciaram o nascimento de um irmão do mesmo sexo apresentaram um melhor ajustamento (Dunn et al., 1981) e menores níveis de

comportamentos imaturos e dependentes que crianças que tiveram um irmão do sexo oposto (Baydar, Hyle et al., 1997).

Quando se trata do relacionamento fraterno, embora alguns estudos não tenham identificado diferenças na qualidade do relacionamento com relação à composição de gênero (Felson, 1983; Kramer, Perozynski & Chung, 1999), a literatura aponta para uma tendência de as díades do mesmo sexo serem mais cooperativas e afetivas (Abramovitch et al., 1986; Buhrmester, 1992; Silveira, 2002) e menos agressivas quando comparadas a díades mistas (Dunn & Kendrick, 1981b). No estudo de Dunn e Kendrick (1981b, 1982), quando o segundo filho atingiu a idade de 14 meses, tanto o primogênito quanto o bebê apresentaram muito mais comportamentos amigáveis para com o irmão quando estes possuíam o mesmo sexo. Nestas díades, houve um aumento nos comportamentos pró-sociais, tanto do primogênito quanto do bebê, entre o oitavo e o 14º. mês e a frequência de agressão e hostilidade não aumentou. Em contraste, os primogênitos nas díades mistas tornaram-se com muito mais frequência hostis com seus irmãos aos 14 meses. Segundo os autores, uma possível interpretação seria de que a criança mais velha reconhecia o gênero do bebê e interessava-se mais em interagir socialmente quando este era do seu gênero. Outra possibilidade era que, conforme se desenvolve, o bebê passaria a se dar conta de seu próprio gênero e estaria mais interessado em interagir com um irmão do mesmo gênero. Neste sentido, Berndt e Bulleit (1985) indicaram que a identificação entre irmãos do mesmo sexo seria maior, o que pode ser suposto a partir da observação de que crianças com um irmão do mesmo sexo mostraram maior frequência de imitação nas interações do que díades mistas. Como possíveis explicações, Corter, Abramovitch e Pepler (1983) já haviam relatado que as mães tendem a ser menos consistentes no tratamento positivo de irmãos de sexos diferentes do que de mesmo sexo, o que poderia favorecer uma maior tensão nestas díades. Neste mesmo sentido, estaria uma tendência, apontada por estudos da década de 70 e 80, de as mães demonstrarem mais atenção e interagirem mais com o segundo filho quando este não era do mesmo sexo que o primogênito, o que levaria a maiores níveis de rivalidade fraterna (Dunn & Kendrick, 1981b; Jacobs & Moss, 1976).

Poucos estudos foram encontrados retratando um padrão contrário ao referido anteriormente. No estudo de Stewart et al. (1987), as díades do mesmo sexo apresentaram mais problemas de adaptação ao nascimento do irmão e mais problemas durante os 2 anos seguintes ao nascimento do que díades mistas. Além disso, os irmãos do mesmo sexo não apresentaram tantas

trocas de cuidado quanto díades mistas, de modo que nas díades mistas os irmãos mais velhos foram mais ativos em cuidar dos mais novos. Em um estudo mais recente de Jenkins et al. (2005), díades apenas femininas mostraram mais conflito do que díades mistas, o mesmo não sendo encontrado para díades masculinas. A explicação sugerida pelos autores seria de que crianças do mesmo sexo, por requererem formas de interações e brincadeiras semelhantes, apresentariam maior rivalidade. A identificação serviria apenas para intensificar a rivalidade fraterna, com ambos os irmãos buscando as mesmas gratificações aproximadamente ao mesmo tempo (Schachter, Shore, Feldman-Rotman, Marquis & Campbell, 1976).

Considerando-se apenas o sexo do primogênito, este parece também influenciar sua reação ao nascimento do irmão e o relacionamento fraterno subsequente. De modo geral, a literatura desde os anos 70 tem apontado que as meninas, como irmãs mais velhas, seriam mais cooperativas e afetuosas e menos hostis e agressivas com seus irmãos do que os meninos (Dunn, Deater-Deckard, Pickering & Golding, 1999; Silveira, 2002). Após o nascimento do irmão, os meninos demonstraram uma maior tendência a se tornarem emocionalmente retraídos (Dunn et al., 1981), ao passo que as meninas expressaram mais excitação e interesse com relação ao novo bebê (Kramer, 1996), além de tenderem a interagir mais e de forma mais pró-social este (Corter et al., 1982; Lamb, 1978b). Este padrão também foi encontrado em crianças pré-escolares e na terceira infância, de famílias divorciadas. Segundo MacKinnon (1989), nestas famílias os irmãos mais velhos do sexo masculino eram mais hostis e resistentes e menos complacentes do que as irmãs mais velhas do sexo feminino.

No estudo de Stewart (1983), na situação estranha, os meninos mais velhos tenderam a responder equitativamente aos pedidos de cuidado do menor (razão 1,8:1), enquanto que as irmãs mais velhas tenderam a dar muito mais cuidado do que o buscado (razão 4,7:1), usando estratégias características dos pais e das mães respectivamente. Destaca-se que estes irmãos mais velhos possuíam idade entre 2 e 4 anos, o que indica que os papéis de gênero se delineiam muito cedo na vida das crianças. Cicirelli (1989) também encontrou evidência para laços de apego mais fortes entre mulheres e seus irmãos na velhice. Segundo seus achados, as mulheres não só teriam laços de apego mais fortes a seus irmãos do que os homens, como seriam mais atraentes como figuras de apego. Segundo os autores, haveria componentes tanto genéticos quanto culturais que predisporiam as mulheres a formarem laços de apego mais fortes, assumindo comportamentos mais nutridores e de cuidados. Estas diferenças entre os sexos poderiam refletir as expectativas

sociais e do senso comum a respeito dos comportamentos esperados para meninos e meninas (Silveira, 2002).

Apesar de alguns estudos não terem encontrado diferença significativa entre meninos e meninas para os comportamentos específicos de briga e agressão (física e verbal) (Felson, 1983; Prochaska & Prochaska, 1985), pode ser que uma irmã do sexo feminino tenda a adaptar mais seus comportamentos ao irmão e tornar-se mais complacente com este. Em contrapartida, uma criança do sexo masculino exigiria de seus irmãos habilidades sociais mais bem desenvolvidas para manejar o relacionamento. A este respeito, Berndt e Bulleit (1985) encontraram que as crianças que estiveram mais desocupadas e observando os colegas na pré-escola foram as meninas que não possuíam nenhum irmão do sexo masculino. Os meninos, por sua vez, receberam escores mais elevados do que as meninas em diversas medidas de comportamento na escola, o que indica que estes poderiam fornecer mais oportunidades de aprendizagem social para suas irmãs em casa também. Assim, as meninas sem um irmão do sexo masculino em casa estariam em desvantagem para com seus colegas, pois deixaram de aprender certas habilidades para o jogo tipicamente masculino que outras meninas aprenderam durante as interações com seus irmãos (Berndt & Bulleit, 1985).

A partir do exposto, pode-se perceber a relevância das características individuais de idade e sexo das crianças para o tom e a qualidade do relacionamento desfrutado com seus irmãos. Contudo, cabe lembrar que as crianças constroem e vivenciam seus relacionamentos imersos em um contexto relacional mais amplo, o qual, na grande maioria dos casos, inclui uma família. A partir desta perspectiva, é fundamental considerar-se as trocas mútuas e constantes existentes entre as relações presentes no meio familiar. No que se refere à compreensão da rivalidade fraterna, destaca-se a relevância da interação do subsistema fraterno com o subsistema parental no contexto familiar.

4.2. Características do relacionamento parental

No que se refere às relações familiares, um consenso dos achados de pesquisas desde a década de 80 até o período atual indica que interações parentais positivas, com elevados índices de afetividade, estariam vinculadas a níveis mais altos de comportamentos afetuosos entre os irmãos (Dunn & Kendrick, 1982; Brody et al., 1994; Feinberg, Reiss, Neiderhiser & Hetherington, 2005; Jenkins et al., 2005; Stewart et al., 1987; Stocker et al., 1989; Volling &

Belsky, 1992). O efeito da insatisfação e do conflito conjugal, assim como do ajustamento psicológico dos progenitores (depressão e hostilidade) para o relacionamento fraterno seria mediado pela extensão em que as tensões nestas áreas levam a uma parentagem hostil. Brody (1998) destacou, inclusive, que a relação progenitores-criança pode servir como um fator protetor para amenizar os efeitos de um temperamento difícil na relação fraterna.

O relacionamento fraterno é caracteristicamente desinibido, de modo que se a criança sente raiva (a partir da exposição ao conflito com os progenitores) ela está propensa a mostrar esta agressividade para com o irmão que, por sua vez, tende a reagir agressivamente. Deste modo, a qualidade da interação progenitores-crianças influencia dramaticamente o relacionamento fraterno e fornece um modelo comportamental para as crianças. Relações parentais empobrecidas, especialmente a falta de afetividade e de proximidade emocional, o favoritismo, a rejeição, a negligência, a violência, o abuso e uso de punição física, criam estresse psicológico para as crianças e os encorajam a utilizar de violência para resolver conflitos. Tais comportamentos podem ser transpostos para as interações fraternas, aumentando a intensidade e a frequência do conflito verbal, da violência física e abuso psicológico entre irmãos (Hoffman & Edwards, 2004). Conforme Brody (1998), crianças que experienciam progenitores ríspidos e punitivos são mais propensas a desenvolver e usar técnicas comportamentais coercitivas e agressivas com seus irmãos.

A associação entre o relacionamento parental e o fraterno foi confirmada por diversos estudos na literatura científica. Em um estudo com 30 famílias norte-americanas com dois filhos em idade pré-escolar, Volling e Belsky (1992) encontraram que o nível de conflito mãe-criança esteve associado ao conflito entre os irmãos. Dubrow e Howe (1999) confirmaram esta tendência através de um estudo envolvendo 30 famílias canadenses com dois filhos em idade pré-escolar em uma atividade de montar quebra-cabeça. Os pesquisadores concluíram que o comportamento negativo parental esteve associado com disputa entre os irmãos quando as crianças estavam sozinhas, indicando efeitos de segunda ordem e sincronia nos padrões de trocas. Neste mesmo sentido, o estudo de Howe et al. (1997) já havia indicado que a qualidade da relação materna influenciou o relacionamento entre as crianças tanto na presença quanto na ausência da mãe, conforme a idade das crianças. A partir de um estudo com 26 pares de irmãos pré-escolares canadenses, o maior envolvimento materno (responsividade atenta e elogios) esteve associado com maiores índices de cooperação do irmão mais novo quando a mãe estava presente no recinto

e mais cooperação do irmão mais velho quando a mãe não estava presente. A partir destes resultados, pode-se especular, então, que, enquanto as crianças pequenas ainda necessitariam do auxílio da mãe para reafirmar as regras de conduta e controlar seus impulsos agressivos e competitivos, as crianças mais velhas teriam internalizado as regras familiares sobre se envolver em comportamento de disputa e sobre o valor do comportamento cooperativo.

Embora muito menos pesquisas tenham investigado o papel do pai para o desenvolvimento do relacionamento fraterno, nestes poucos estudos a positividade paterna com as crianças esteve associada a um relacionamento fraterno mais amigável. No estudo de Volling e Belsky (1992), a interação dos irmãos aos 6 anos era mais pró-social se a relação pai-primogênito houvesse sido mais facilitadora, afetuosa e envolvida aos 3 anos do primogênito. Brody et al. (1994) também relataram que níveis mais elevados de afetividade paterna foram relacionados a menores níveis de conflito e mais afetividade no relacionamento entre irmãos. Neste estudo, o afeto paterno na infância média esteve associado com relacionamentos fraternos menos conflituosos na adolescência inicial. Do mesmo modo, em um estudo com crianças em idade escolar, Stocker e McHale (1992) relataram que as crianças que passaram mais tempo em atividades diádicas com seus pais e reportaram um relacionamento afetuoso pai-filhos, apresentaram o relacionamento fraterno menos hostil e mais afetivo. Estas análises revelaram a importância particular do pai em prever a qualidade do relacionamento fraterno da infância para a adolescência inicial.

Além dos construtos já mencionados de afeto, envolvimento, intrusividade e conflito parental, a segurança afetiva dos filhos em relação à mãe também foi apontada pela literatura como vinculada à qualidade da relação fraterna. Conforme um estudo realizado com 44 famílias canadenses intactas, com filhos com idade entre 2 e 7,5 anos, a segurança afetiva das crianças para com sua mãe esteve associada a mais expressão positiva e atenção do mais velho com o irmão e a menos rivalidade e disputa do mais novo para com o mais velho (Coutu et al., 1996). Estes dados indicam que um relacionamento materno que transmita segurança afetiva favorece a que as crianças possam ver umas às outras de um modo menos competitivo. Um relacionamento seguro, não significa, contudo, intenso envolvimento materno com as crianças. Neste ponto, deve-se diferenciar frequência de interação de qualidade afetiva da interação.

No que se refere à frequência interacional, o envolvimento materno intenso previu piores no relacionamento fraterno. Segundo Howe e Ross (1990), que observaram 32 pares de irmãos

canadenses (2 anos – 3-5 anos) e suas mães em uma forma adaptada da situação estranha, a interação materna frequente com os filhos esteve associada com um relacionamento fraterno menos amigável e com menos atenção compartilhada. Em acordo com estes achados, Dunn e Kendrick (1982) já haviam relatado na década de 80 que a brincadeira materna frequente com a primogênita no período do nascimento do segundo filho esteve associada a um relacionamento fraterno pobre 14 meses mais tarde. Conforme este estudo, em famílias nas quais existia uma troca particularmente intensa e divertida/alegre entre a mãe e a primogênita, não apenas o comportamento desta era relativamente hostil e agressivo para com o irmão 14 meses após o parto, mas o comportamento do bebê em relação à primogênita era também mais negativo (Dunn & Kendrick, 1981a). Segundo Howe e Ross (1990), diferentes processos podem contribuir para esta correlação negativa. Primeiro, o maior envolvimento materno pode reduzir as oportunidades de as crianças se envolverem em interações, pois a mãe estaria competindo pelo tempo e a atenção das crianças. Inversamente, pode ser também que as mães que percebiam seus filhos como pouco engajados entre si ou hostis, passassem a intervir extensivamente para encorajar trocas fraternas mais amigáveis e frequentes.

Ao examinar-se a inter-relação do relacionamento parental com o fraterno, destaca-se também, que à primeira vista tende-se a considerar o relacionamento parental como a causa e a qualidade do relacionamento fraterno como o resultado, mas a direção poderia bem ser reversa. Poderia ser que a alta frequência de disputa e antagonismo entre os filhos gerasse tensão e irritação nos progenitores, que levaria a menos comportamentos parentais centrados na criança. Conjectura-se que uma relação inversa entre a qualidade do cuidado parental e a qualidade do relacionamento fraterno fosse um fenômeno restrito a grupos extremos de conflito e hostilidade fraternos (Boer, Goedhart, & Treffers, 1992)

Além disso, outra ressalva e especificidade a ser considerada refere-se às famílias em que há alto índice de violência parental e conjugal. Embora haja uma consistência na literatura em associar relacionamento parental pobre a dificuldades no relacionamento fraterno, pode ser que este não seja o caso em famílias altamente conflituosas. Waddell, Pepler e Moore (2001) investigaram 30 díades fraternas (6-15 anos) e suas mães, incluindo um grupo de 10 famílias residentes em abrigos devido a abuso da mãe por parte de seu companheiro. Com base em questionários, escalas e observações da interação fraterna, foi possível perceber que as crianças abrigadas utilizaram menos agressão verbal e física e demonstraram mais comportamentos de

apoio social a seus irmãos do que crianças de famílias não violentas. Estas crianças também apresentaram a menor frequência de conflito e possuíam o maior equilíbrio de poder entre os irmãos. Estes achados indicam que os irmãos de famílias violentas podem tornar-se fonte de apoio social em momentos de estresse. Como lembrado por Coutu et al. (1996), é possível que as crianças envolvidas em uma relação insatisfatória e frustrante com os progenitores se voltem à fratria a fim de preencher sua necessidade afetiva. Contudo, este efeito de compensação seria mais provável em crianças de grupos extremos, que vivem dificuldades particulares, do que em crianças de uma população não clínica.

A partir destes resultados, destaca-se, como apontado por McHale e Crouter (1996), que o relacionamento fraterno e a vida familiar são muito mais complexos do a teoria da aprendizagem social e um modelo de congruência – também denominado *spillover*, difusão ou contaminação social – pode prever. Segundo a hipótese da congruência na experiência familiar, promovida pela maior parte da literatura, progenitores com bons casamentos apresentam melhor estilo parental, promovendo relacionamentos fraternos mais amigáveis e bem-estar mais adaptativo das crianças. Os diferentes relacionamentos dentro de uma mesma família acabam sendo congruentes entre si. Embora útil e eficaz para explicar a maioria das situações, esta hipótese não se aplica aos casos em que frente à um relacionamento conjugal ou parental desfavorável os irmãos passam a apresentar um relacionamento mais íntimo e favorável. Nestes casos entraria em cena a hipótese da compensação fraterna, proposta por Boer et al., (1992), segundo a qual o haveria um relacionamento fraterno mais próximo quando os irmãos experienciam uma relativa falta de cuidado parental. Consistente com uma perspectiva ecológica é a ideia de que embora um modelo de congruência forneça a melhor descrição das conexões entre os relacionamentos familiares em amostras de famílias não clínicas, um modelo de compensação pode descrever melhor a dinâmica de famílias “disfuncionais” (Bank & Kahn, 1982; Boer, 1990; Dunn, 1992). Nestes contextos, hostilidade parental extrema podem fornecer a base para relacionamentos fraternos especialmente próximos e apoiadores em algumas famílias (McHale & Crouter, 1996). A este respeito, em termos teóricos, Dunn (2005) destacou que haveria ainda uma falta de especificidade sobre os processos sociais que podem estar implicados no processo de associação entre o subsistema parental e o fraterno. Metáforas tais como contaminação social, difusão e *spillover* descrevem a associação entre os diferentes relacionamentos dentro da família, mas não fornecem muito esclarecimento sobre o que realmente ocorre entre os indivíduos nestes diferentes

relacionamentos. Frente a este panorama, seria útil que as pesquisas focassem mais nos relacionamentos em si e em como eles variam.

Justificativa e objetivo

Conforme a revisão anterior, o início do relacionamento fraterno ocorre imerso em um contexto de adaptação e tensão, passando por mudanças importantes ao longo dos 2 primeiros anos após o nascimento do segundo filho. Percebe-se que a relação dos irmãos não ocorre instantaneamente, ao contrário, desenvolve-se ao longo do tempo dentro do contexto da família, em uma relação de retroalimentação com o relacionamento parental.

Destaca-se que a temática da relação fraterna tem recebido pouca atenção por parte dos psicólogos do desenvolvimento interessados nas relações familiares. Na verdade, tem havido poucas tentativas de se investigar as maneiras como o relacionamento de uma criança pré-escolar com seu irmão pequeno altera-se com o tempo e os desafios envolvidos. Os poucos estudos que investigaram o desenvolvimento do relacionamento fraterno inicial apontaram um padrão de oscilações na qualidade das interações entre os irmãos nos primeiros meses após o nascimento do segundo filho (Dessen, 1997; Dunn & Kendrick, 1982; Kreppner et al., 1982; Stewart et al., 1987), sem, contudo, dirigirem a atenção à temática específica da rivalidade fraterna. Além disso, considera-se haver ainda uma falta de clareza na literatura científica acerca dos conceitos referentes a esta temática. Tal imprecisão parece contribuir para uma fragmentação do campo, de modo que cada uma das dimensões envolvidas na rivalidade fraterna (ex. ciúme, disputa, competição) seja considerada isoladamente.

Destaca-se, então, a escassez de estudos qualitativos que explorem em profundidade o tema da rivalidade fraterna. Como apontado por Minuchin (1985), seria importante compreender como os sistemas familiares que são flexíveis e mais funcionais diferem daqueles que enrijecem seus padrões de relacionamento de modo disfuncional. Para tanto, fazem-se necessárias descrições detalhadas de processos ao longo do tempo, em diferentes famílias, ao invés de sumários de comportamentos associados de forma genérica. Segundo a autora, estudos correlacionais não permitem explorar como os estes sistemas se autocorrigem, ou não, ao longo do tempo. Volling (2005) endossou esta visão, ao salientar que os estudos que apresentam a média geral da mudança, calculada a partir de toda a amostra das crianças, não são capazes de refletir a variabilidade e as diferenças individuais das trajetórias dentro da amostra.

Assim, o estudo de caso parece um delineamento bastante apropriado para investigar o relacionamento fraterno, os padrões familiares envolvidos e as peculiaridades de cada caso investigado. Como apontado por Yewchuk e Schlosser (1996), que investigaram o relacionamento fraterno de 144 mulheres canadenses, um olhar mais aprofundado sobre este relacionamento seria favorecido por uma metodologia qualitativa. Segundo as autoras, o estudo de caso forneceria uma descrição mais rica do fenômeno, uma vez que a família, e em seu interior o relacionamento fraterno, é uma entidade difícil de estudar devido à natureza complexa e encoberta dos processos psicológicos envolvidos.

Ao abordar a complexidade do relacionamento fraterno e, de modo especial, a rivalidade fraterna, faz-se necessário considerar o contexto familiar em que este se desenvolve. Uma vez que parte do que é considerado rivalidade fraterna relaciona-se diretamente à disputa pelas figuras parentais, destaca-se a relevância de considerar as mudanças e as adaptações que a relação estabelecida entre os progenitores e os dois filhos sofre conforme o relacionamento fraterno se desenvolve. Mais do que servir como modelo para as relações fraternas, acredita-se que o subsistema parental opera de modo interligado ao subsistema fraterno, influenciando-se mutuamente em uma constante retroalimentação visando o equilíbrio das relações familiares. A este respeito, torna-se importante compreender como se estabelecem as interconexões entre o relacionamento parental e a rivalidade fraterna nos anos iniciais dos irmãos.

Com base no apresentado, o presente estudo tem como objetivo investigar a rivalidade fraterna desde a gestação até os 24 meses de vida do segundo filho em famílias com um primogênito em idade pré-escolar, a partir da perspectiva dos progenitores. De modo especial, busca-se compreender como se manifesta e como se desenvolve a rivalidade fraterna ao longo dos 2 anos iniciais da relação. Além disso, o estudo objetiva compreender as possíveis interações estabelecidas entre esta dimensão do relacionamento fraterno e o relacionamento parental. Para tanto serão examinadas as impressões parentais sobre a rivalidade fraterna e sobre o seu relacionamento com os filhos durante a gestação, aos 3, 6, 12 e 24 meses de vida do segundo filho.

CAPÍTULO II

MÉTODO

Participantes

Todos os participantes do presente estudo fazem parte do projeto longitudinal maior realizado pelo *Núcleo de Infância e Família* (NUDIF) do Instituto de Psicologia da UFRGS e intitulado *Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito - ELSEFI* (Piccinini, Lopes, Rossato & Oliveira, 2005), descrito na introdução desta tese. Este estudo, iniciado em 2005, objetiva examinar os aspectos subjetivos e comportamentais da relação pai-mãe-primogênito, o impacto do nascimento do segundo filho no relacionamento familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito, bem como o relacionamento fraterno. Para tanto, o estudo iniciou investigando 51 famílias que possuíam um primogênito em idade pré-escolar (3 a 6 anos). Destas, em 26 famílias a mãe estava grávida do segundo filho no momento do contato inicial, e as demais 25 famílias possuíam um único filho. No ano de 2009, ao concluir todas as etapas de coletas de dados previstas, permaneceram participantes do estudo 38 famílias, sendo 22 com dois filhos e 16 famílias com um único filho. O grupo de famílias de dois filhos, do qual fazem parte os progenitores do presente estudo, foi investigado desde o último trimestre de gestação do segundo filho até os 2 anos de vida deste, envolvendo quatro fases de coleta de dados, a saber: terceiro trimestre de gestação do segundo filho e aos 6, 12 e 24 meses de vida do segundo filho. No início do estudo, a constituição do grupo que esperava o segundo filho baseou-se nos seguintes critérios de inclusão: a mãe deveria estar no terceiro trimestre de gestação do segundo filho e não apresentar gestação de risco ou gestação gemelar; o primogênito deveria estar em idade pré-escolar (3 a 6 anos); o marido deveria residir com a família em situação matrimonial.

Participaram do presente estudo de tese de Doutorado 4 casais de progenitores de famílias com dois filhos nas quais a mãe estava no terceiro trimestre de gestação do segundo filho e o primogênito estava em idade pré-escolar no momento da primeira etapa de coleta de dados do estudo. Todas as famílias constituíam configurações familiares intactas, sendo o marido o pai dos dois filhos. As mães e pais possuíam idades entre 25 e 35 anos no momento do nascimento do segundo filho, com escolaridade média ou superior e nível socioeconômico variado. Todos os progenitores trabalhavam e residiam na região metropolitana de Porto Alegre. Os primogênitos

possuíam idades entre 4 anos e 4 meses e 6 anos e 2 meses no momento do nascimento do irmão. Considerando-se as possíveis combinações de sexo entre os irmãos (primogênito e o segundo filho), para fins do presente estudo, foram selecionados os quatro primeiros casos que responderam a este critério e em que ambos os progenitores haviam respondido às entrevistas. Deste modo, incluiu-se entre os participantes uma família de cada uma das combinações de sexo dos irmãos: primogênito masculino/bebê masculino (Caso 1), primogênita feminina/bebê feminino (Caso 2), primogênito masculino/bebê feminino (Caso 3), primogênita feminina/bebê masculino (Caso 4) (Vide Tabela 1).

No que tange à configuração familiar dos participantes, a escolha por não incluir neste estudo famílias recasadas justifica-se uma vez que tais configurações familiares inevitavelmente trariam consigo um incremento na complexidade das relações estabelecidas na família, de modo a dificultar uma aproximação inicial à compreensão do fenômeno estudado. Sem desconsiderar a relevância das diferentes tipologias familiares e dos diferentes relacionamentos fraternos delas decorrentes (ex. meio-irmãos, co-irmãos), considera-se necessário, ao buscar estabelecer uma compreensão acerca de um tema ainda pouco investigado, iniciar-se por sua forma de apresentação simplificada para, mais tarde, poder avançar para uma compreensão de suas peculiaridades.

Ainda com relação à escolha dos participantes do estudo, destaca-se a relevância de se incluir o pai, e não apenas a mãe, como informante acerca da rivalidade fraterna e do relacionamento parental na família. Embora historicamente negligenciada na literatura psicológica, a relação pai-filhos possui um papel singular na família. Além disso, em uma perspectiva familiar sistêmica, deve-se considerar a importância do papel de cada um dos membros da família frente aos processos de adaptação do sistema como um todo, o que se torna ainda mais evidente em momentos de transição como é o caso do nascimento do segundo filho.

Tabela 1

Dados Demográficos dos Participantes

Caso	Primogênito	Sexo primogênito	2°. filho	Sexo 2°. Filho	Diferença de idade irmãos	Mãe	Idade mãe	Escolaridade mãe	Profissão mãe	Pai	Idade pai	Escolaridade pai	Profissão pai
1	Artur ²	M	Felipe	M	5a	Larissa	31	médio completo	securitária	Marcelo	34	médio completo	eletricista
2	Aline	F	Camila	F	4a9m	Cristine	33	superior completo	nutricionista	Rafael	32	superior completo	administrador
3	Guilherme	M	Laura	F	4a4m	Denise	34	superior incompleto	vendedora	Leonardo	35	superior completo	publicitário
4	Helena	F	Lucas	M	6a2m	Marta	28	médio completo	auxiliar de higienização	Rodrigo	25	médio completo	subgerente de farmácia

² Os nomes dos participantes foram alterados a fim de garantir a confidencialidade da identidade dos mesmos.

Delineamento e procedimentos

O presente estudo teve caráter longitudinal e utilizou um delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994), com vistas a investigar a rivalidade fraterna desde a gestação até os 24 meses de vida do segundo filho em famílias com um primogênito em idade pré-escolar, a partir da perspectiva dos progenitores. De modo especial, buscou-se compreender como se manifesta e como se desenvolve a rivalidade fraterna ao longo dos 2 anos iniciais da relação. Além disso, o estudo objetivou compreender as possíveis interações estabelecidas entre esta dimensão do relacionamento fraterno e o relacionamento parental.

O estudo envolveu quatro etapas de coleta de dados: (1) 3º. trimestre de gestação do segundo filho, (2) 6 meses de vida do segundo filho, (3) 12 meses de vida do segundo filho, (4) 24 meses de vida do segundo filho. Em cada uma destas etapas as mães e os pais foram entrevistados separadamente. O delineamento longitudinal empregado justifica-se, pois o estudo pretendeu verificar o desenvolvimento e as mudanças na rivalidade fraterna ao longo dos 2 primeiros anos de vida do segundo filho na perspectiva dos progenitores.

Cabe salientar que a escolha pelos quatro momentos de coleta de dados (3º. trimestre gestacional, 6, 12 e 24 meses do segundo filho) visou a favorecer que fossem acessados momentos importantes do relacionamento fraterno e, conseqüentemente, para a rivalidade fraterna, nos anos iniciais. A gestação materna foi tomada como ponto de partida da investigação devido à necessidade de conhecer os padrões de funcionamento familiar preexistentes ao nascimento do segundo filho, de modo especial no que se refere ao relacionamento progenitores-primogênito. Além disso, segundo Pereira e Piccinini (in press a), manifestações de rivalidade fraterna (através do ciúme dos progenitores) já seriam perceptíveis desde o período gestacional. O segundo momento de contato com a família, 6 meses após o nascimento do segundo filho, teve como objetivo acessar o impacto inicial do nascimento do segundo filho para a rivalidade fraterna e para o relacionamento parental. Destaca-se que os meses iniciais após o nascimento do segundo filho foram apontados por Kreppner et al. (1982) e Stewart et al. (1987) como especialmente difíceis para o ajustamento do primogênito, que precisa passar do papel de filho único ao de irmão mais velho, assim como os progenitores que precisam encontrar uma nova economia das tarefas de cuidado dos filhos. O terceiro momento de coleta de dados, ou seja, aos 12 meses de vida do segundo filho, tem sido apontado pela literatura como característico por uma mudança na interação fraterna. Conforme o segundo filho amplia sua atividade motora, acompanhado por uma crescente capacidade comunicativa, ocorreria uma intensificação das interações fraternas,

assim como do conflito e da rivalidade entre os irmãos (Dunn & Kendrick, 1982; Kreppner et al., 1982). Por fim, o quarto momento de coleta de dados, no 2º. ano de vida do segundo filho, inicia-se a linguagem e incrementa-se a mobilidade e a capacidade física do segundo filho, trazendo um aumento ainda maior das interações fraternas. Além disso, destaca-se que 2 anos seria o período considerado pela literatura como necessário para que a família realizasse a adaptação aos novos papéis e funções de uma família com dois filhos (Kramer & Ramsburg, 2002; Kreppner et al., 1982).

Quanto aos procedimentos do estudo, a apresentação e o convite às famílias para a participação no projeto *ELSEFI*, do qual esta pesquisa faz parte, foram realizados através de instituições de ensino e de saúde ou via ligação telefônica no caso de indicações individuais. Após o consentimento da instituição de contato, os progenitores que se dispuseram a participar da pesquisa preencheram a *Ficha de Contato Inicial*. Na sequência, foi agendado um encontro para a aplicação dos instrumentos de coleta de dados referentes à primeira etapa do estudo. Neste encontro, as mães e os pais foram solicitados a assinar o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* e a responder à *Entrevista de Dados Demográficos do Casal*. Neste mesmo encontro, cada progenitor respondeu individualmente à *Entrevista sobre o Impacto da Gestação do Segundo Filho na Dinâmica Familiar* e à *Entrevista sobre o Desenvolvimento do Primogênito*.

Aos 6, 12 e 24 meses após o nascimento do segundo filho, respectivamente, a mãe e o pai foram novamente contatados e solicitados a responder individualmente à *Entrevistas sobre o relacionamento familiar* e à *Entrevista sobre a Maternidade/Paternidade e o Desenvolvimento do Primogênito*, ambas adaptadas à idade dos filhos e ao momento da transição familiar. Conforme a conveniência dos participantes, as entrevistas ocorreram em um dos seguintes locais: Instituto de Psicologia da UFRGS, instituição de contato (escola, instituição de saúde), local de trabalho do progenitor ou residência da família. As entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas para posterior transcrição e análise.

O estudo longitudinal, do qual faz parte o presente projeto de pesquisa, foi avaliado e considerado ético e metodologicamente adequado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Proc. 2004373) em 28 de abril de 2005. (Anexo A)

Instrumentos

Ficha de Contato Inicial (NUDIF, 2005a): ficha com dados gerais a respeito da família e da gestação. Incluiu: endereço, telefone, idade, escolaridade, profissão e estado civil da gestante e do companheiro, idade e sexo do primogênito, tempo de gestação e sexo do bebê, estado de saúde durante a gestação e data prevista para o nascimento do bebê. (Anexo B)

Entrevista de Dados Demográficos do Casal (NUDIF, 2005b): entrevista visando a obter dados demográficos adicionais aos contidos na *Ficha de Contato Inicial*, tais como: religião, tempo de trabalho, etnia e moradores da casa. (Anexo C)

Entrevista sobre o Impacto da Gestação do Segundo Filho na Dinâmica Familiar (NUDIF, 2005c): nesta entrevista buscou-se examinar o impacto da gestação do segundo filho sobre diversos aspectos da dinâmica familiar. Para fins do presente estudo, consideraram-se as respostas dos progenitores às seguintes temáticas: reação do primogênito à notícia da gestação materna; o que agrada e o que desagrada o primogênito em relação à gestação materna; curiosidades, preocupações e interesses quanto à gestação e ao bebê; interação do primogênito com o bebê na barriga; mudanças percebidas na relação do primogênito com os progenitores, familiares e outras crianças. (Anexo D³)

Entrevista sobre o Desenvolvimento do Primogênito (NUDIF, 2005d): entrevista desenvolvida a fim de investigar diversos aspectos do desenvolvimento do primogênito. Para fins do presente estudo, foram consideradas as respostas dos progenitores às seguintes temáticas: com quem o primogênito é mais “agarrado”; em que momentos se percebe isso; mudanças neste comportamento desde a gestação. (Anexo E)

Entrevista sobre o Relacionamento Familiar aos 6/12/24 meses do Segundo Filho (NUDIF, 2006): buscou examinar as impressões e sentimentos das mães e dos pais sobre diversos aspectos do relacionamento familiar, adaptada aos 6, 12 e 24 meses do segundo filho. Dentre os pontos abordados, destacaram-se, para o presente estudo, as percepções parentais sobre o relacionamento fraterno primogênito-segundo filho (mudanças no relacionamento; o que agrada e o que desagrada o primogênito em relação ao irmão; reações do primogênito quando algo o desagrada; comportamento do primogênito quando progenitores estão atendendo o irmão), sobre o relacionamento parental (mudanças nos comportamentos do primogênito em relação aos progenitores; atividades realizadas pelos progenitores com o primogênito e com o segundo filho;

³ Nos instrumentos apresentados nos Anexos foram incluídas apenas as versões maternas das entrevistas, pois as entrevistas paternas seguiram a mesma estrutura.

dificuldades encontradas; percepção do cônjuge no papel parental) e sobre o relacionamento do primogênito com os demais familiares e com outras crianças. (Anexo F⁴)

Entrevista sobre a Maternidade/Paternidade e o Desenvolvimento do Primogênito após o Nascimento do Segundo Filho (NUDIF, 2005e): entrevista elaborada a fim de investigar diversos aspectos do desenvolvimento do primogênito, assim como a experiência da maternidade e da paternidade, adaptada aos 6, 12 e 24 meses após o nascimento do segundo filho. Para o presente estudo foram consideradas apenas as respostas dos progenitores às seguintes temáticas: com quem o primogênito é mais “agarrado”; em que momentos se percebe isso; mudanças neste comportamento. (Anexo G)

Embora os instrumentos utilizados sejam estruturados, as entrevistas com os participantes deste estudo foram realizadas de forma semidirigida, de modo que questões adicionais foram inseridas à medida que se fez necessário explorar mais detalhadamente algum conteúdo abordado. Além disso, não havia rigidez na sequência das questões apresentadas aos participantes, adequando-se aos assuntos referidos pelos progenitores.

⁴ Nos Anexos F e G foram apresentadas apenas as entrevistas referentes aos 6 meses do segundo filho, pois as entrevistas realizadas aos 12 e aos 24 meses sofreram pequenas adaptações em relação a esta, seguindo a mesma estrutura básica.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Os dados obtidos a partir da transcrição literal das entrevistas maternas e paternas foram examinados através da análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999) visando a identificar tanto as semelhanças quanto as particularidades entre os casos no que se refere à rivalidade fraterna presente desde a gestação até os 24 meses de vida do segundo. De modo especial, a análise conjunta dos dados buscou compreender, a partir da perspectiva dos progenitores, o modo como se manifesta na relação e como se desenvolve, as variações e as constâncias na forma de expressão da rivalidade fraterna ao longo dos 2 anos iniciais da relação. Além disso, o estudo objetivou examinar as possíveis relações estabelecidas entre esta dimensão do relacionamento fraterno e o relacionamento parental.

A definição das categorias temáticas de análise seguiu o modelo aberto ou misto, proposto por Laville e Dionne (1999), segundo o qual as categorias são construídas no curso da própria análise, embora tenham como base a literatura revisada. Deste modo, a análise inicial dos dados partiu de duas categorias temáticas prévias – *1. Rivalidade fraterna*; *2. Relacionamento parental* – estabelecidas a partir do objetivo do estudo e da literatura sobre o tema. Com base nestas categorias, após a leitura exaustiva das entrevistas, procedeu-se à identificação dos relatos dos progenitores que refletiam tais temáticas. Dois codificadores classificaram os relatos dos participantes e eventuais discordâncias foram eliminadas através da discussão e do consenso. Desta classificação, com base nos dados apresentados, duas subcategorias da categoria *1. Rivalidade fraterna* emergiram (*1.1. Ciúme entre os irmãos*; *1.2. Disputa e competição fraterna*), originando-se a seguinte estrutura de análise:

- | |
|--|
| Categorias de análise:
1. Rivalidade fraterna
1.1. Ciúme entre os irmãos
1.2. Disputa e competição fraterna
2. Relacionamento parental |
|--|

A primeira categoria de análise – 1. *Rivalidade fraterna* – referiu-se às manifestações de disputa e competição fraterna referidas pelos progenitores. Ao analisar os dados provenientes desta categoria, percebeu-se não ser possível restringir a análise aos relatos referentes à disputa e à competição ocorridas no contexto de interações triádicas, conforme proposta conceitual de Mendelson (1990) para o construto de rivalidade fraterna. Embora a maior parte dos relatos fizesse referência ao ciúme em relação aos progenitores, ou seja, uma disputa em face de um terceiro em um contexto triádico, parte das disputas e competições fraternas também ocorreram no contexto das interações diádicas primogênito-segundo filho. Em tais situações, embora não se descarte a possibilidade de algumas delas incluírem a intenção dos irmãos em superar um ao outro em relação a um terceiro (progenitores ou outras pessoas do convívio), não era possível inferir tal associação. Além disso, acredita-se que parte destas interações se restringissem, de fato, ao universo fraterno.

Deste modo, a análise dos dados acerca da rivalidade fraterna dividiu-se em duas subcategorias: 1.1. *Ciúme entre os irmãos* e 1.2. *Disputa e competição fraterna*. Considerou-se como *Ciúme entre os irmãos* as manifestações de ambas as crianças (primogênito ou segundo filho) associadas à perda ou ameaça de perda de um relacionamento valioso (relacionamento parental; com familiares e amigos; relacionamento fraterno) para um rival (White & Mullen, 1989). *Disputa e competição fraterna*, por sua vez, referiram-se aos conflitos fraternos não diretamente associados a uma relação triádica, ou seja, toda forma de oposição diádica ou desentendimento verbal estabelecido entre os irmãos ao longo do período investigado (Volling et al., 2010).

A segunda categoria de análise – 2. *Relacionamento Parental* – incluiu os relatos dos progenitores acerca do relacionamento pai-filhos e mãe-filhos. A este respeito, foram considerados os relatos referentes à proximidade do relacionamento parental de cada um dos progenitores com os filhos e as mudanças percebidas no seu relacionamento, assim como do cônjuge, com os filhos. Esta categoria de análise foi incluída neste estudo a fim de compreender a eventual interação deste aspecto contextual da família ao desenvolvimento da rivalidade fraterna nos anos iniciais. Buscou-se, com isso, investigar as possíveis inter-relações da rivalidade fraterna com o relacionamento parental e os ajustes bidirecionais sofridos em função das necessidades familiares de cada momento.

Ao analisar cada caso, os relatos maternos e paternos foram considerados conjuntamente em cada uma das fases de investigação. Em cada uma das quatro fases, foram apresentados os resultados referentes a cada uma das categorias de análise. Conforme a proposta de análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999), em uma abordagem indutiva, a explicação do fenômeno foi sendo elaborada a partir do exame dos trechos das entrevistas (vinhetas), buscando-se as relações entre os relatos, a fim de se construir uma compreensão sobre a categoria temática de análise em questão.

Devido à extensão do material analisado, a análise completa de cada um dos casos investigados, contendo os trechos das falas dos participantes que elucidam os resultados apresentados, encontra-se em Anexo (Anexos H, I, J, K). Destaca-se, contudo, que os resultados discutidos nesta tese basearam-se na análise completa dos casos e não na análise sintetizada. A seguir, apresenta-se a análise sintetizada dos casos.

Ao abordar cada um dos casos, após uma breve descrição da realidade familiar no momento da coleta de dados, apresenta-se uma síntese dos achados para cada uma das fases de investigação no que se refere às categorias de análise. Em seguida, passa-se a uma análise longitudinal dos resultados do caso para cada uma das categorias de análise, considerando-se conjuntamente as quatro fases de investigação. Neste ponto, a fim de elucidar o processo de desenvolvimento de cada um dos construtos investigados ao longo das quatro etapas, incluiu-se uma tabela com os dados principais relatados em cada uma das categorias temáticas. Ao concluir a análise do caso, apresenta-se uma síntese geral deste ao longo das quatro etapas de investigação, buscando-se apontar eventuais associações entre as categorias *1. Rivalidade fraterna* e *2. Relacionamento parental*.

Por fim, após a análise individual de cada caso, destacam-se os aspectos comuns aos quatro casos investigados, assim como as particularidades destes no que se refere à manifestação e ao desenvolvimento da rivalidade fraterna. Neste ponto, os resultados são organizados com base apenas na categoria de análise *1. Rivalidade fraterna*, subdivididos entre *1.1. Ciúme entre os irmãos* e *1.2. Disputa e competição fraterna*. Não são apresentadas separadamente as análises para a categoria *2. Relacionamento parental*, pois esta foi examinada em conjunto com as duas subcategorias referentes à rivalidade fraterna, buscando-se compreender suas eventuais interconexões.

A fim de esclarecer o conceito de rivalidade fraterna, uma vez que o ciúme não pode ser acessado diretamente (pois inclui um complexo de comportamentos, cognições e emoções), será apresentada uma estrutura de *indicadores de ciúme* com base nos dados de todos os casos investigados. De modo semelhante, para a subcategoria de *Disputa e competição fraterna* será elaborada uma estrutura geral incluindo os motivos das disputas, suas formas de expressão e as estratégias de manejo das disputas empregadas pelos irmãos.

CASO 1: ARTUR E FELIPE⁵

Fase I – Felipe com 36 semanas gestacionais e Artur com 5 anos

No momento do primeiro contato com a família, Larissa estava com 36 semanas de gestação e Artur, o primogênito da família, havia completado 5 anos no dia anterior à entrevista. Felipe (segundo filho) nasceu 14 dias após esta entrevista. Marcelo (pai) tinha idade de 34 anos e Larissa (mãe) 31 anos. Ambos os progenitores trabalhavam pela manhã e tarde e Artur frequentava a escola infantil em tempo integral.

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

De modo geral, neste primeiro momento de contato com a família (final da gestação), percebeu-se que o ciúme de Artur para com o irmão que estava para nascer manifestou-se através da busca da atenção/afeto dos progenitores (colocar-se no meio quando acariciavam a barriga), do sentimento de perda do amor (carinho) dos progenitores para o irmão (sentimento de injustiça na distribuição do afeto parental), da expressão de agressividade (ameaça de comportamentos agressivos para com o irmão após seu nascimento) e da expressão de tristeza quando os progenitores davam carinho ao irmão (barriga da mãe). Estas demonstrações de ciúme foram perceptíveis nos momentos em que os progenitores direcionavam sua atenção e carinho ao bebê através da barriga da mãe.

1.2. Disputa e competição fraterna

A competição de Artur com o irmão também esteve presente neste momento através do desejo de preservar seu espaço (quarto) e suas posses (roupas), não desejando dividi-los com o irmão. A competição fraterna, assim como o ciúme, fora mais intensa no período em que Artur começou a perceber concretamente a realidade da gestação materna, ou seja, no momento em que a barriga da mãe estava maior e os progenitores começaram a organizar o espaço físico da casa para a chegada do irmão. No momento deste contato com a família (último mês gestacional), segundo os progenitores, Artur estava mais acostumado com a ideia do nascimento do irmão e menos ansioso.

⁵ A análise completa do Caso 1 encontra-se no Anexo H.

2. Relacionamento parental

No que se refere ao relacionamento parental, neste momento, Larissa pareceu estar menos disponível tanto física quanto emocionalmente a Artur do que Marcelo. As limitações do final da gestação a impediam de participar de algumas brincadeiras e de pegar Artur no colo e, segundo o relato de Marcelo, Larissa estava mais intolerante com o filho. Neste contexto, Marcelo indicou apresentar mais condições de acolhimento e compreensão de Artur. Destaca-se que ambos os progenitores apontaram haver um relacionamento de maior proximidade de Artur com o pai do que com a mãe, desde seu nascimento. Isto poderia favorecer a um relacionamento mais empático e compreensivo de Marcelo com Artur neste momento e de menos tolerância de Larissa. Apesar disso, Artur buscou aproximar-se mais da mãe durante a gestação, possivelmente tendo em vista seu envolvimento com o bebê e o sentimento de perda do amor desta. A este respeito, o primogênito foi descrito como ansioso pela chegada do irmão e insatisfeito por não poder brincar com a mãe neste período.

Fase II – Felipe com 7 meses e Artur com 5 anos e 7 meses

No segundo momento de coleta de dados, o segundo filho encontrava-se com 7 meses de vida e o primogênito estava com idade de 5 anos e 7 meses. A mãe, Larissa, relatou que o parto transcorreu bem, ficando 2 dias hospitalizada. Durante este período, Artur (primogênito) foi cuidado pela avó materna (mãe de Larissa), mas posou em casa com seu pai. Artur foi visitar a mãe e o irmão no hospital e, neste momento, não demonstrou sinais de ciúme.

Até então, Artur frequentava a escola em turno integral, mas, após o nascimento de Felipe, por estar em casa com o bebê, Larissa decidiu que o primogênito ficaria com eles no período da manhã e iria à escola apenas à tarde. Frente a esta mudança, destaca-se a expectativa irrealista de Larissa de que Artur ficasse em casa para ajudar a cuidar do irmão. Nesta situação, o foco estava colocado no segundo filho e não em Artur, do qual se esperava adaptação e colaboração. Larissa não forneceu indicativos de que Artur ficaria em casa para aproveitar a companhia da mãe.

No momento da entrevista, Larissa já havia retomado sua atividade profissional em turno integral. Marcelo (pai) tinha horários de trabalho parecidos com os de Larissa, mas possuía 1 ou 2 dias de folga por semana. Artur continuava frequentando a escola infantil apenas à tarde mesmo

depois do término da licença maternidade de Larissa e Felipe passou a ficar em uma creche no período da manhã e da tarde. De manhã, nos dias em que o pai estava trabalhando, as crianças ficavam com a avó materna. Nos dias de folga de Marcelo, ele cuidava dos filhos no período da manhã.

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

No segundo momento de coleta de dados, pôde-se obter informações referentes aos 7 meses desde o nascimento de Felipe. Apesar de reagir favoravelmente à hospitalização materna e demonstrar alegria ao conhecer o irmão no hospital, assim que voltaram para casa, Artur passou a apresentar claramente sinais de ciúme. Conforme o relato dos progenitores, o ciúme foi perceptível através de comportamentos que visavam a obter a atenção dos progenitores em detrimento do irmão (solicitar a atenção da mãe para a higiene de toailete quando ela estava amamentando Felipe; chamar os progenitores para mostrar algo; protesto quando o pai precisava atender o irmão antes dele); sentimento de perda do amor dos progenitores (sentimento de não ser mais amado; sentimento de injustiça na distribuição da atenção dos progenitores); desejo de voltar a ser bebê (entrar no carrinho do irmão). Embora ainda houvesse ciúme de Artur para com o irmão, o período de maior dificuldade referente ao ciúme ocorrera nos primeiros meses após o nascimento de Felipe. No momento deste contato com a família (7 meses de vida de Felipe), Artur estava mais acostumado com a presença do irmão e, inclusive, divertindo-se com o aumento das capacidades interativas deste.

1.2. Disputa e competição fraterna

A disputa fraterna foi também perceptível neste momento através de comportamentos agressivos dirigidos ao irmão (apertar o nariz/trancar a respiração do irmão, colocar chapéu no rosto do irmão, pegar o bebê no colo, ameaçar jogar o carrinho do bebê na escada), de descuidos com o irmão e de brincadeiras que podiam machucá-lo.

2. Relacionamento parental

No que tange ao relacionamento parental, ambos os progenitores continuaram a indicar um relacionamento mais próximo entre Artur e o pai, o que pode ter contribuído para a divisão do

casal parental no cuidado dos filhos, Marcelo dedicando-se mais a Artur, enquanto que Larissa focalizava sua atenção em Felipe. Apesar de logo após o nascimento do irmão, Artur ter ficado mais difícil de lidar e Larissa mostrar-se pouco tolerante com ele, Larissa referiu ter se aproximado mais do filho no período de licença maternidade. Destaca-se que a experiência de cuidado de Felipe havia trazido à Larissa, talvez pela primeira vez, a sensação de competência como mãe, pois quando Artur era bebê Marcelo havia assumido prioritariamente seus cuidados. Tal experiência pode ter preparado Larissa para aproximar-se e ser mais tolerante com Artur, uma vez que foi relatada redução do uso de práticas coercitivas (chineladas) e maior paciência de Larissa com o primogênito neste período.

Fase III – Felipe com 1 ano e 3 meses e Artur com 6 anos e 3 meses

No terceiro momento de contato com a família, Felipe estava com 1 ano e 3 meses e Artur (primogênito) tinha 6 anos e 3 meses de idade. Larissa e Marcelo continuavam trabalhando em turno integral, Artur frequentava a escola infantil pela tarde e Felipe ficava na creche pela manhã e tarde. Felipe havia começado a caminhar 3 meses antes da realização deste contato com a família, com 1 ano de vida. O casal parental contava com o auxílio da avó materna para o cuidado dos filhos. Neste momento, além de suas preocupações anteriores, o casal (de modo especial Marcelo) referiu a necessidade de um maior investimento nos cuidados com a mãe de Marcelo, que havia sido internada em uma clínica devido a um acidente vascular cerebral (AVC).

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Neste momento de contato com a família (1 ano e 3 meses de Felipe), tanto Larissa quanto Marcelo relataram ter ocorrido uma redução nas demonstrações de ciúme de Artur em relação aos progenitores com o irmão desde seu nascimento. Apesar de menos intenso, em torno do primeiro aniversário de Felipe, quando este começou a caminhar, houve novamente manifestações de ciúme. Ao longo deste período o ciúme foi perceptível através da exigência do envolvimento do pai exclusivo com ele (sem o irmão) em brincadeiras e passeios, do sentimento de perda do amor dos progenitores (sentimento de não ser mais amado e de injustiça na distribuição de sua atenção entre ele e o irmão).

1.2. Disputa e competição fraterna

Devido ao aumento nas brincadeiras conjuntas entre os irmãos e à maior capacidade de locomoção e de comunicação de Felipe, os progenitores relataram também o surgimento da competição entre Felipe e Artur referentes à divisão dos espaços físicos e dos amigos de Artur. Além disso, a disputa também foi indicada através de brincadeiras de Artur que poderiam machucar Felipe e de comportamentos agressivos de Felipe para com o irmão mais velho (mordidas, beliscões, puxões de cabelo). Frente a estas agressões, Artur reagia chorando, sem, contudo, afastar-se do irmão.

2. Relacionamento parental

No que tange à parentalidade, ambos os progenitores apontaram o aumento nas exigências no cuidado dos filhos devido ao fato de Felipe ter começado a caminhar. Neste contexto, tanto Larissa quanto Marcelo indicaram passar mais tempo com Felipe, uma vez que este exigia vigilância constante enquanto que Artur estava ampliando seus relacionamentos de modo a incluir mais tempo em interação com amigos, sem a supervisão parental. Além de aumentar seu envolvimento com Felipe, Marcelo destacou a necessidade de cuidar de sua mãe (internada por doença) neste período. Neste contexto, Artur passou a exigir mais atenção e envolvimento do pai em brincadeiras e em cuidados que antes aceitava serem realizados pela mãe. Para Larissa, constituía-se em um desafio não perder a paciência com Artur, não compreendendo as dificuldades do filho em tolerar a redução da atenção dos progenitores com ele. Isto podia ser mais difícil para Larissa devido a certa tristeza de sua parte por não se sentir tão próxima do filho quanto Marcelo.

Fase IV – Felipe com 2 anos e Artur com 7 anos

Neste momento da coleta de dados, Felipe estava com 2 anos e Artur estava com 7 anos de idade. Ambos os progenitores continuavam trabalhando em turno integral, Artur frequentava a escola à tarde e Felipe ficava na creche em turno integral. Durante a manhã, as crianças ficavam com a avó (mãe de Larissa) até a hora de ir para a escola, com exceção dos dias em que Marcelo (pai) estava de folga do trabalho.

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Neste momento de contato com a família, em que Felipe já estava com 2 anos, houve um novo aumento no ciúme de Artur para com o irmão, expresso através da busca da atenção dos progenitores (busca da atenção do pai; aumento na exigência e provocações com a mãe quando esta estava envolvida com Felipe), sentimento de perda do amor dos progenitores e sentimento de injustiça na distribuição da atenção entre ele e o irmão. Artur também demonstrou desejo de estar no lugar do bebê através de questionamentos aos progenitores sobre os cuidados recebidos pelo irmão, se quando ele era pequeno era da mesma forma.

1.2. Disputa e competição fraterna

Com o aumento crescente na interação dos irmãos, ambos os progenitores indicaram um aumento na competição fraterna expresso através da disputa por brinquedos e do espaço de cada um.

2. Relacionamento parental

No que se refere ao relacionamento parental, neste momento, devido à maior proximidade com o pai, Artur continuava exigindo mais atenção por parte deste do que da mãe. Marcelo também referiu perceber uma maior dificuldade no relacionamento entre Artur e Larissa, sendo Artur apontado como “desafiador” e Larissa como “pavio curto”. Isto estava ocorrendo em um contexto em que Larissa destinava mais atenção a Felipe e estava sobrecarregada com o trabalho, as tarefas da casa e os cuidados de dois filhos pequenos. Larissa indicou tristeza por perceber que, apesar de seus esforços, Artur sentia-se injustiçado e com ciúme do irmão, demonstrando também pouca capacidade de empatia com Artur ao referir-se a ele como “chato” e “insuportável” – comportamentos que poderiam ser compreendidos como pedidos por atenção. Além disso, Marcelo estava menos disponível, tanto física quanto emocionalmente, aos filhos devido a dores na coluna e à doença de sua mãe.

Análise longitudinal por categoria

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

No que se refere ao ciúme de Artur com relação ao irmão (Felipe) desde a gestação materna até o segundo ano do segundo filho, conforme o relato dos progenitores, pôde-se perceber quatro momentos considerados como picos de ciúme, a saber: entre o segundo e o terceiro trimestre gestacional, nos meses iniciais após o nascimento do irmão, em torno do primeiro aniversário de Felipe e nos meses próximos ao segundo ano de vida de Felipe. Durante a gestação materna (fase I), conforme a barriga da mãe começou a ficar mais aparente e iniciaram-se as mudanças na organização do espaço físico da casa para receber o segundo filho, Artur apresentou os primeiros sinais de ciúme.

Após o nascimento de Felipe (fase II), passada a alegria inicial ao conhecer o irmão no hospital, os primeiros meses foram caracterizados como de intenso ciúme. Sete meses após o nascimento de Felipe, Artur já havia se acostumado com a presença do irmão e havia ocorrido um aumento na brincadeira conjunta entre os irmãos, havendo uma redução no ciúme, que se estendeu até pelos menos os 8 meses seguintes, quando Felipe tinha 1 ano e 3 meses (fase III). Entre o 1 ano e 3 meses e os 2 anos de Felipe (fase IV), houve novo aumento nas manifestações de ciúme, possivelmente relacionado ao aumento crescente nas capacidades interativas de Felipe.

Ao longo deste período, o ciúme foi perceptível, conforme o relato dos progenitores, especialmente nas situações em que precisavam dar atenção, cuidar ou estavam brincando com Felipe, através dos seguintes indicadores: busca da atenção dos progenitores (pedir ajuda da mãe na higiene de toalete; chamar para mostra algo aos progenitores; exigir envolvimento do pai exclusivo com ele em brincadeiras/passeios; protestar quanto o pai precisava atender o irmão antes dele; colocar-se no meio entre os progenitores e o irmão; exigência e provocações com a mãe); sentimento de perda do amor dos progenitores (sentimento de não ser mais amado ou ser preterido ao irmão; sentimento de injustiça na distribuição da atenção dos progenitores); desejo de estar no lugar do bebê (desejo de voltar a ser bebê; comparação com os cuidados recebidos pelo irmão); ameaça de comportamentos agressivos com o irmão; expressão de tristeza ao perceber o carinho dispensado ao irmão. A busca da atenção dispensada ao irmão pelos progenitores esteve presente em todos os momentos de coleta de dados, assim como o sentimento de perda do amor dos progenitores. O desejo de estar no lugar do bebê foi referido no período

próximo ao nascimento do irmão (fase II) e aos 2 anos deste (fase IV). A expressão de agressividade com o irmão e de tristeza ou descontentamento estiveram presentes apenas no período gestacional (fase I).

Ao avaliar os comportamentos indicadores de ciúme, percebe-se que foram relatadas mais manifestações de ciúme nas fases I, II e IV, ou seja, no período gestacional, logo após o nascimento do irmão e no período entre o primeiro e o segundo aniversário de Felipe. No período gestacional, juntamente com busca da atenção dos progenitores e sentimento de perda do amor destes, houve expressões de agressividade e de tristeza. Nas fases II e IV, juntamente com a busca pela atenção e do sentimento de perda do amor dos progenitores, Artur também manifestou a busca por voltar a ser bebê. A fase III, período em torno do primeiro aniversário de Felipe, foi o caracterizada por menor presença de indicadores de ciúme.

A Tabela 2, a seguir, apresenta os principais resultados do caso para a categoria de *ciúme entre os irmãos*.

Tabela 2

Manifestações de Ciúme entre os Irmãos – Caso 1

	F1	F2	F3	F4
Idade 2º. filho	36 semanas gestacionais	7 meses	1 ano e 3 meses	2 anos
Idade primogênito	5 anos	5 anos e 7 meses	6 anos e 3 meses	7 anos
Ciúme do primogênito em relação aos progenitores com o irmão	<p>Com mãe e pai:</p> <ul style="list-style-type: none"> - tristeza quando dirigiam carinho ao irmão (através da barriga da mãe); - busca da atenção/afeto dirigido ao irmão (colocar-se no meio quando acariciavam a barriga da mãe); - sentimento de perda do amor dos progenitores; - sentimento de injustiça na distribuição do afeto dos progenitores; - ameaça de comportamentos agressivos para com o irmão após seu nascimento. 	<p>Com mãe e pai:</p> <ul style="list-style-type: none"> - chamar para mostrar algo; - sentimento de perda do amor dos progenitores ou de ser preterido ao irmão; - sentimento de injustiça na distribuição da atenção dos progenitores; - desejo de voltar a ser bebê (entrar no carrinho do bebê). <p>Com mãe:</p> <ul style="list-style-type: none"> - busca da atenção/cuidados quando amamentava o irmão (pedido de ajuda na higiene do toalete). <p>Com pai:</p> <ul style="list-style-type: none"> - protesto quando precisava atender o irmão antes dele. 	<p>Com mãe e pai:</p> <ul style="list-style-type: none"> - sentimento de perda do amor dos progenitores; - sentimento de injustiça na distribuição da atenção. <p>Com pai:</p> <ul style="list-style-type: none"> - exigir envolvimento do pai exclusivo com ele (brincadeira/passeio). 	<p>Com mãe e pai:</p> <ul style="list-style-type: none"> - aumento na exigência; - sentimento de perda do amor dos progenitores; - sentimento de injustiça na distribuição da atenção (se quando era bebê fazia as mesmas coisas, recebia os mesmos cuidados; por que Felipe faz algumas coisas que ele não pode fazer?). <p>Com mãe:</p> <ul style="list-style-type: none"> - exigência e provocação com a mãe quando esta estava com Felipe.
Oscilação	<ul style="list-style-type: none"> - Pico ciúme: quando começou a concretizar a realidade da gestação materna (barriga da mãe maior; organização da casa para a chegada do irmão); - Final da gestação: redução do ciúme. 	<ul style="list-style-type: none"> - Novo pico ciúme: primeiros meses após o nascimento de Felipe; - 7 meses de Felipe: redução do ciúme; Artur mais acostumado com a presença do irmão. 	<ul style="list-style-type: none"> - redução no ciúme de Artur para com o irmão. 	<ul style="list-style-type: none"> - novo aumento no ciúme de Artur com o irmão.

1.2. Disputa e competição fraterna

A disputa e a competição direta entre os irmãos foram relatados desde a gestação até o segundo ano de vida de Felipe, tendo seu pico aos 2 anos de Felipe (fase IV). Durante a gestação materna (fase I), ao reorganizar a casa para a chegada de Felipe, Artur apresentou desejo de preservar suas posses (roupas e móveis) e não dividir seu espaço (quarto) com o irmão. Aos 7 meses de Felipe (fase II), foram relatados alguns comportamentos considerados como sinais de agressão de Artur para com Felipe (apertar o nariz/trancar a respiração do irmão, colocar chapéu no rosto do irmão, ameaçar jogar o carrinho do bebê na escada), além de algumas situações de descuidos de Artur com o irmão e de brincadeiras que podiam machucar Felipe.

Quando Felipe estava com 1 ano e 3 meses de vida (fase III), houve a primeira referência de competição direta entre os irmãos pela divisão de dos espaços físicos e dos amigos de Artur. A partir deste momento, Felipe passou a desejar participar dos momentos de brincadeira de Artur e seus amigos, o que gerava competição. Além disso, Artur também propunha brincadeiras que podiam machucar o irmão. Neste momento, Felipe passou a apresentar comportamentos que desagradavam Artur como: mordidas, beliscões, puxões de cabelo. Frente a isso, Artur chorava, mas não sabia defender-se a afastar-se do irmão. Aos 2 anos de Felipe (fase IV), a competição por brinquedos e espaços havia aumentado, atingindo seu pico. Neste momento, Artur tendia a lidar com as disputas através do choro e de xingamentos ao irmão.

A Tabela 3, a seguir, apresenta os principais resultados do caso para a categoria de *disputa e competição fraterna*.

Tabela 3

Manifestações de Disputa e Competição Fraternal – Caso 1

	F1	F2	F3	F4
Idade 2º. filho	36 semanas gestacionais	7 meses	1 ano e 3 meses	2 anos
Idade primogênito	5 anos	5 anos e 7 meses	6 anos e 3 meses	7 anos
Disputa e competição fraterna	- desejo de preservar e não dividir seu espaço (quarto) e suas posses (roupas, móveis do quarto) com o irmão.	- comportamentos agressivos dirigidos ao irmão (apertar o nariz/trancar a respiração do irmão, colocar chapéu no rosto do irmão, pegar o bebê no colo, ameaçar jogar o carrinho do bebê na escada); - descuidos com o irmão; - brincadeiras que podiam machucá-lo.	- competição por espaços físicos e pelos amigos de Artur; - Artur: brincadeiras que podiam machucar o irmão (como se fosse boneco); - Felipe: mordidas, beliscões, puxões de cabelo em Artur; - Artur: chorava, ficava magoado, mas não se afasta das agressões.	- aumento na competição por brinquedos e pelo espaço de cada um. - Artur: choro, xingamentos.
Oscilação			- surgimento de disputa.	- aumento na competição.

2. Relacionamento parental

No que tange ao relacionamento de Artur com os progenitores, o pai fora apontado como possuindo o relacionamento de maior proximidade com Artur desde bebê, mantendo-se assim durante todo o período investigado. Apesar disso, percebeu-se uma busca de Artur por aproximar-se da mãe no período gestacional (fase I), quando esta, por sua vez, estava menos disponível fisicamente e intolerante com ele. O período da licença maternidade (fase II) também foi apontado pela mãe como trazendo uma maior proximidade entre ela e Artur, devido ao tempo passado juntos em casa, o que podia estar associado ao sentimento de competência como mãe trazido pelo cuidado de Felipe e a uma postura de mais paciência da parte de Larissa com Artur. De modo geral, contudo, pôde-se perceber uma divisão entre o casal parental no cuidado dos filhos, a mãe envolvendo-se mais com o segundo filho e o pai com Artur. Enquanto a mãe envolvia-se intensamente com Felipe, Artur contava com o relacionamento estreito com o pai.

Quando Felipe estava com 1 ano e 3 meses (fase III), já tendo começado a caminhar, passou a necessitar mais a atenção de ambos os progenitores, e o pai passou a envolver-se mais com ele do que com Artur. Além disso, a doença de sua mãe também passou a solicitar a atenção de Marcelo e Artur já estava usufruindo mais de outras relações sociais fora da família (amigos). Neste contexto, Artur passou a solicitar mais os cuidados do pai em tarefas que antes aceitavam serem realizadas pela mãe. Aos 2 anos de Felipe (fase IV), somado à redução na disponibilidade do pai, e a partir de um relacionamento caracteristicamente distante e de pouca empatia da mãe com Artur, o relacionamento mãe-primogênito foi descrito com difícil.

A Tabela 4, a seguir, apresenta os principais resultados do caso para a categoria de *relacionamento parental*.

Tabela 4

Relacionamento Parental – Caso 1

	F1	F2	F3	F4
Idade 2º. filho	36 semanas gestacionais	7 meses	1 ano e 3 meses	2 anos
Idade primogênito	5 anos	5 anos e 7 meses	6 anos e 3 meses	7 anos
Mãe e pai		- divisão no cuidado dos filhos: pai-Artur, mãe-Felipe.	- mais atenção para Felipe do que Artur (mais dependente; necessidade de vigilância constante – Felipe caminhando).	- divisão: pai-Artur, mãe-Felipe.
Mãe	Mãe: - menos disponível físicamente para brincadeiras e para pegá-lo no colo; - mais intolerante, estressada, nervosa, agressiva (“estourada”). Artur: - busca de maior proximidade (ficar mais em casa com ela); - desgosto por não poder brincar com a mãe.	Logo após nascimento de Felipe: - mãe sobrecarregada e intolerante. Período de licença maternidade e depois: - aproximação mãe-Artur (mãe mais tempo em casa). Mãe: - mais paciente com Artur no período de licença maternidade; - redução no uso de “chineladas”; - maior sentimento de capacidade como mãe (por assumir Felipe sozinha).	Mãe: - falta de tempo para atenção/brincadeira com os filhos; - pouca paciência com Artur; - não compreendia dificuldades de Artur em tolerar redução da atenção.	- maior dificuldade no relacionamento mãe-Artur. Mãe: - irritação e baixa tolerância às exigências de Artur de atenção; - sobrecarregada: trabalho, tarefas da casa, cuidado dos filhos; - pouco tempo para os filhos; - tristeza/culpa em relação a Artur; - mais atenção e envolvimento com Felipe do que com Artur.

Pai	<p>Pai: - mais empático e compreensivo;</p> <p>Artur: - maior proximidade com o pai do que com a mãe (mais “agarrado” com o pai; escolhe os programas que o pai gosta; se o pai sai, quer ir junto).</p>	<p>Artur: - maior proximidade com o pai do que com a mãe desde bebê (quer estar com ele; se ele sai, quer ir junto; prefere ficar com o pai do que com a mãe; amigo do pai; sente falta quando está longe; pai deu mais atenção/cuidado à Artur do que a mãe desde bebê).</p>	<p>Pai: - menos disponível (sua mãe doente); - maior envolvimento com Felipe do que com Artur.</p> <p>Artur: - maior proximidade com o pai do que com a mãe (cobra mais companhia e brincadeira; sente falta do pai quando ele não está; gostos parecidos; prefere ficar com o pai do que com o pai); - exigência do pai para cuidados que antes aceitava ser feito pela mãe (banho).</p>	<p>Pai: - relação especial com Artur (1º. filho, maior capacidade de interação e compreensão); - menos disponível física e emocionalmente (dores na coluna e doença da mãe) – cansaço e falta de paciência.</p> <p>Artur: - maior proximidade com o pai do que com a mãe;</p>
-----	--	---	---	---

Análise conjunta do Caso 1

Ao analisar conjuntamente as categorias de *Rivalidade fraterna* e *Relacionamento parental*, pode-se apontar algumas coerências. Artur sempre tivera um relacionamento de maior proximidade com o pai. Durante a gestação materna (fase I), conforme começou a concretizar a realidade da gestação (com o crescimento da barriga da mãe), passou a demonstrar sinais de ciúme em relação a ambos os progenitores. Devido ao sentimento de perda do amor dos progenitores, além das limitações do envolvimento da mãe em brincadeiras e cuidados, Artur passou a buscar maior proximidade com a mãe, buscando passar mais tempo com ela durante a gestação do que anteriormente. Após o nascimento do irmão (fase II), associada à licença maternidade e ao maior tempo passado juntos, ocorreu uma maior aproximação entre a mãe e Artur. Apesar de Larissa buscar ser mais paciente com o filho neste momento, este período foi caracterizado por um grande investimento materno em Felipe (segundo filho), com o qual, pela primeira vez, Larissa sentiu-se capaz como mãe. Neste contexto, houve um aumento no ciúme de Artur para com ambos os progenitores, o que incluiu demonstrações de agressividade para com o irmão. A partir daí, passou-se a se configurar uma divisão do casal parental no envolvimento com os filhos: o pai com Artur e a mãe com Felipe.

Após Felipe completar 1 ano de vida (fase III), com o aumento na brincadeira conjunta entre os irmãos, os progenitores relatam uma redução nas demonstrações de ciúme e o surgimento da disputa entre os irmãos referente a espaços físicos e aos amigos de Artur. Com o aumento na sua capacidade de locomoção e comunicação, ambos os progenitores, incluindo o pai, passaram a ter de se envolver mais com o segundo filho. Neste momento, embora continuasse a existir uma divisão entre o casal parental no cuidado dos filhos, o maior envolvimento de Marcelo com Felipe desencadeou ciúmes expresso através do aumento das exigências de Artur em relação ao pai por atenção e envolvimento exclusivo com ele.

Na última etapa de coleta de dados, quando Felipe estava com 2 anos (fase IV), percebeu-se um novo aumento no ciúme de Artur para com o irmão e aumento na exigência de atenção do pai, acompanhado também por um aumento na disputa por brinquedos e espaços. Pode ter contribuído para isso a menor disponibilidade do pai neste momento, que teve que lidar com a doença de sua mãe (internada em uma clínica) e problema de coluna dele próprio. Enquanto Larissa dispensava mais atenção a Felipe, defendia-o nas disputas com o irmão e mostrava-se pouco tolerante com Artur, este passou a ser mais exigente e desafiador com a mãe.

CASO 2: ALINE E CAMILA⁶

Fase I – Camila com 33 semanas gestacionais e Aline com 4 anos e 8 meses

No momento do primeiro contato com a família, Cristine estava com 33 semanas de gestação e Aline, a primogênita da família, estava com 4 anos e 8 meses de idade. Camila, a segunda filha, nasceu 1 mês e 9 dias após esta entrevista. Rafael (pai) tinha 32 anos e Cristine (mãe) 33 anos de idade. Ambos os progenitores trabalhavam fora de casa e Aline frequentava a escola no turno da tarde, ficando em casa pela manhã com a babá.

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

O ciúme de Aline ao longo da gestação materna havia apresentado seu pico quando a barriga da mãe começou a ficar maior e aparecer mais, possivelmente no final do segundo trimestre gestacional. Tanto no momento desta entrevista (penúltimo mês gestacional), quanto no início da gestação, Aline estava menos ansiosa e demonstrando alegria referente ao nascimento da irmã. Durante a gestação, o ciúme de Aline em relação aos progenitores com a irmã foi perceptível através de pedidos de que a mãe não falasse na irmã, ou seja, não desse atenção à irmã, e de demonstrações de agressividade para com a barriga da mãe.

1.2. Disputa e competição fraterna

A antecipação da competição de Aline com a irmã foi perceptível através do desejo de Aline de preservar algumas de suas posses (brinquedos, revistinhas) do acesso da irmã.

2. Relacionamento parental

No que tange ao relacionamento de Aline com os progenitores, tanto Cristine quanto Rafael referiram haver um laço de maior proximidade de Aline com Cristine, o qual se intensificou após a gestação. A busca de Aline por maior proximidade com a mãe parecia indicar o temor de perda do relacionamento estabelecido com ela até o momento e foi percebido através do desejo de estar sempre perto da mãe (desejo de dormir com a mãe, almoçar com a mãe em casa, temor ao acordar e não encontrá-la), dificuldade e choro ao despedir-se da mãe para ficar na

⁶ A análise completa do Caso 2 encontra-se no Anexo I.

escola, ansiedade ao antecipar a separação da mãe para sua hospitalização quando do nascimento da irmã. Em síntese, Aline demonstrava temor de perder a mãe. Além disso, no período final da gestação, Aline estava solicitando mais a atenção materna através de simulação de algum machucado, do desejo de contar ou mostrar algo. No final da gestação, a partir do sétimo mês, Aline também se aproximou do pai, que passou a perceber uma maior solicitação da atenção de sua parte com a filha. Rafael referiu sempre ter possuído um bom relacionamento com Aline e estar mais disponível, estando mais em casa, neste período.

Fase II – Camila com 7 meses e Aline com 5 anos e 4 meses

No segundo momento de contato com a família, a segunda filha (Camila) havia completado 7 meses e a primogênita (Aline) encontrava-se com 5 anos e 4 meses de idade. Nos primeiros 5 meses, Cristine (mãe) ficou em casa, de licença maternidade. No momento desta entrevista, Cristine já havia retomado seu trabalho em turno integral, Rafael continuava trabalhando em turno integral, Aline continuava estudando à tarde e Camila ficava em casa o dia todo, sendo cuidada por uma babá. Durante a internação de Cristine para o nascimento de Camila, Aline ficou na casa dos avôs e Rafael (pai) acompanhou Cristine no hospital.

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Após uma reação de felicidade ao nascimento da irmã, Aline passou a demonstrar comportamentos de ciúme dirigidos ao pai quando estavam em casa e este pegava Camila no colo (expressão de desconforto ou tristeza). Por compreender a necessidade de Cristine de cuidar da irmã pequena, o ciúme com a mãe, apareceu nos momentos em que elas não estavam em casa, ou seja, quando a mãe não precisava necessariamente dar atenção à Camila. Nestas situações, Aline buscava chamar a atenção da mãe, solicitando que brincasse com ela ou lesse historinhas. Isto havia sido mais acentuado desde o nascimento de Camila até os 5 meses da irmã. O ciúme de Aline pôde também ser percebido nos momentos em que a mãe estava atendendo Camila, através da manifestação do desejo de voltar a ser bebê. Além disso, Aline demonstrou ciúme através de questionamentos aos progenitores sobre o seu passado como bebê. No momento desta entrevista (7 meses após nascimento de Camila), Aline estava novamente voltando a apresentar mais ciúme da irmã em relação à mãe, uma vez que Camila estava se tornando mais interessante e interativa.

O ciúme fora perceptível através de solicitações de que a mãe ficasse com ela e deixasse a irmã com o pai. Além disso, Aline passou a buscar chamar a atenção de ambos os progenitores, jogando-se no chão ou simulando machucar-se.

1.2. Disputa e competição fraterna

A disputa entre Aline e Camila esteve presente através de demonstrações de carinho que pareceriam beirar a agressão e do incômodo de Aline com o choro de Camila. Frente a isso, Aline reagia reclamando aos progenitores ou fechando a porta de seu quarto quando se sentia incomodada pela irmã.

2. Relacionamento parental

No que se refere ao relacionamento de Aline com os progenitores, percebeu-se ter ocorrido uma divisão entre o casal parental para o cuidado das filhas, Cristine dedicando-se mais à Camila (bebê) e Rafael à Aline. Enquanto Cristine reduziu a atenção dispensada à Aline, Rafael aumentou seu envolvimento com a filha mais velha e esta se aproximou mais do pai, passando a procurá-lo mais do que à mãe para os cuidados diários (banho) e a atenção (contar historinhas). Esta maior proximidade com o pai havia ocorrido principalmente nos primeiros meses após o nascimento de Camila, momento em que o pai procurava realizar programas com Aline (andar de barco, piscina, pracinha, shopping), enquanto Cristine ficava em casa com a filha mais nova. Aos 7 meses de Camila, Cristine estava conseguindo voltar a ter mais atenção para Aline.

Fase III – Camila com 1 ano e 1 mês e Aline com 5 anos e 10 meses

No terceiro momento de coleta de dados, Camila estava com 1 ano e 1 mês e Aline estava com 6 anos e 4 meses de idade. Os progenitores continuavam trabalhando fora no turno da manhã e tarde, Aline frequentava a escola à tarde e Camila ficava em casa, sendo cuidada pela babá.

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Neste momento, em que Camila (segunda filha) estava com 1 ano e 1 mês de idade, as irmãs estavam interagindo mais em brincadeiras. Conforme Camila tornou-se mais interessante

para Aline, Cristine (mãe) identificou menos manifestações de ciúme de Aline em relação à mãe. Possivelmente, Aline havia passado a participar mais dos momentos de interação da mãe com Camila. Apesar de reduzidos, os sinais de ciúme de Aline para com a mãe estiveram presentes principalmente nos momentos em que Cristine estava cuidando de Camila, através de demonstrações de desconforto, protestos, pedidos explícitos para que a mãe ficasse com ela ou através da solicitação de atenção (pedido de mamadeira ou água; mostrar que se machucou).

Por outro lado, o pai indicou um aumento nas manifestações de ciúme de Aline para com a irmã. Pode ser que o aumento no ciúme se referisse especialmente a ele (pai), que havia aumentado a interação com Camila neste momento, em que ela estava caminhando e com mais capacidades de interação. O ciúme com relação ao pai foi percebido especialmente nos momentos em que ele brincava com Camila, através de busca de atenção e demonstração de desconforto de Aline.

Pela primeira vez, houve também relatos de manifestações de ciúme da filha mais nova (Camila) em relação ao pai com Aline, uma vez que o pai dedicava-se prioritariamente à Aline.

1.2. Disputa e competição fraterna

Mais do que ciúme, neste momento, os progenitores relataram a presença de competição e disputa entre as irmãs em relação aos espaços (ficar sozinha no quarto para brincar/ver um filme) e à divisão dos brinquedos. Frente a estas disputas, Aline solicitava que a irmã saísse de seu quarto, fechava a porta do quarto ou expressava fisicamente seu descontentamento através de empurrões em Camila.

2. Relacionamento parental

Em termos do relacionamento parental, neste momento manteve-se a divisão do casal parental no cuidado das filhas, Cristine com Camila e Rafael com Aline. Além do maior envolvimento com Camila do que com Aline, neste momento o trabalho de Cristine estava exigindo mais de sua dedicação, inclusive em casa. Aline estava mais próxima do que nunca ao pai, passando a solicitar mais sua atenção do que a da mãe (hora de dormir, banho, ir para cama do casal), conforme ele estava mais disponível que a mãe em termos de atenção, cuidados e brincadeiras. Com isso, Rafael precisou dedicar-se mais a Aline novamente, tendo de abdicar da atenção dispensada à Camila. A maior aproximação de Aline em relação ao pai pareceu uma

escolha adaptativa baseada na necessidade mais do que no desejo da primogênita, pois havia sinais de que, caso fosse possível, a mãe seria a escolha preferencial de Aline. Neste contexto, apesar do apoio do pai, percebeu-se haver certa tensão na relação mãe-Aline. Aline demonstrou desejar a atenção materna através de comportamentos de desafio e de contradição à mãe.

Fase IV – Camila com 2 anos e 1 mês e Aline com 6 anos e 10 meses

Neste momento de coleta de dados, Camila já havia completado 2 anos há 1 mês e Aline estava com 6 anos e 10 meses de idade. Os progenitores continuavam trabalhando em turno integral e Aline continuava estudando à tarde. Agora, diferentemente dos períodos anteriores, Camila havia passado a frequentar a escola de educação infantil à tarde.

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

No que se refere às manifestações de ciúme de Aline em relação à mãe, o momento mais crítico havia ocorrido desde o primeiro aniversário de Camila (após Camila ter começado a caminhar) até aproximadamente seu 1 ano e 9 meses. Neste período, Aline disse explicitamente à mãe que estava com ciúme dela em relação à irmã, expressando receio de que a mãe não gostasse dela ou gostasse mais da irmã, expressando seu descontentamento por perceber o maior direcionamento da atenção da mãe pra a irmã do que para ela e por receber atenção apenas do pai. No momento deste contato com a família, 2 anos e 1 mês de Camila, o ciúme de Aline em relação à mãe estava mais ameno.

Por outro lado, houve um aumento nas manifestações de ciúme de Aline em relação ao pai, uma vez que ele estava interagindo mais com Camila do que no momento anterior. Embora menos intenso do que com a mãe, o ciúme do pai foi percebido através de demonstração de desconforto quando este dava atenção à Camila, da busca da atenção do pai (receber o mesmo carinho/brincadeira dirigido à irmã) e da busca por participar dos momentos de interação pai-irmã.

A filha mais nova (Camila) também apresentou um aumento nas manifestações de ciúme em relação aos progenitores nos momentos em que estes interagem com a irmã mais velha (Aline). O ciúme de Camila foi referido como mais intenso do que o de Aline neste momento, que já teria condições de compreender quando os progenitores precisavam atender a irmã.

1.2. Disputa e competição fraterna

Quanto ao relacionamento entre as irmãs, dado o incremento das capacidades interativas e de comunicação de Camila, houve uma intensificação na competição fraterna através de disputas por espaços (seu quarto, programa na TV) e posses individuais (brinquedos). Aline expressava de modo verbal seu descontentamento (xingamentos, gritos, bater a porta do quarto, referir querer ficar sozinha), enquanto que Camila chorava ou apresentava reações físicas como puxar o cabelo ou dar tapas na irmã.

2. Relacionamento parental

Frente ao aumento da capacidade interativa de Camila e o consequente aumento do ciúme de Aline em relação à mãe, somados à redução da dependência de Camila em relação aos cuidados maternos, houve uma importante modificação na dinâmica familiar. Cristine passou a direcionar mais atenção à Aline e reduzir um pouco seu envolvimento com Camila, enquanto que Rafael passou a interagir mais com Camila, não mais se dedicando exclusivamente à Aline. Com isso, Aline estava apresentando relacionamentos próximos tanto com a mãe quanto com o pai, embora a mãe ainda parecesse ser a figura principal de referência para a primogênita. Apesar deste novo equilíbrio, Rafael continuava mais próximo e envolvido com Aline e Cristine com Camila.

Análise longitudinal por categoria

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

No que se refere ao ciúme de Aline em relação aos progenitores com a irmã (Camila), pôde-se perceber quatro momentos marcados por mais manifestações de ciúme: ao final do segundo trimestre gestacional, nos meses posteriores ao nascimento da irmã, aos 7 meses de Camila e entre 1 ano e 1 ano e 9 meses de Camila. No início da gestação materna (fase I), Aline demonstrou alegria ao saber da notícia da gestação. Conforme a barriga da mãe começou a ficar maior, Aline passou a demonstrar claramente sinais de ciúme e ansiedade. Ao final da gestação, o ciúme e a ansiedade reduziram-se e Aline voltou a demonstrar alegria pela chegada da irmã.

Após o nascimento de Camila (fase II), no período imediatamente posterior ao nascimento, houve manifestações de ciúme direcionadas ao pai quando a família estava em sua casa e à mãe quando fora de casa. Após um pequeno período de redução nas manifestações de ciúme em relação à mãe, aos 7 meses de Camila, conforme esta se tornava mais ativa e interessante aos adultos, houve um novo aumento do ciúme da mãe. Após este período, o ciúme em relação à mãe apresentou um declínio enquanto houve um aumento do ciúme do pai.

O ciúme de ambos os progenitores foi ressurgir em torno do primeiro aniversário de Camila (fase III), de modo marcante em relação à mãe, mantendo-se presente até o 1 ano e 9 meses de Camila. Neste momento, pela primeira vez houve também relatos de ciúme da segunda filha (Camila) em relação ao pai com a irmã. Aos 2 anos e 1 mês da irmã (fase IV), o ciúme de Aline (primogênita) em relação à mãe estava mais ameno enquanto houve novo aumento no ciúme do pai. Neste momento, o ciúme de Camila (segunda filha) em relação aos progenitores também havia aumentando, estando mais intenso do que o de Aline.

No que tange ao ciúme de Aline em relação aos progenitores, embora tenham ocorrido menções a ciúme do pai desde a gestação materna, pode-se considerar que o ciúme em relação a ele surgiu mais expressivamente após o período em torno do primeiro aniversário da irmã, pois, até então, Rafael dedicava-se integralmente à Aline, interagindo pouco com a segunda filha. Mesmo assim, o ciúme do pai pareceu menos intenso do que o ciúme manifestado em relação à mãe, pois possuíam um relacionamento de muita proximidade que foi modificado com o intenso investimento materno na segunda filha.

Ao longo deste período, o ciúme foi perceptível, no relato dos progenitores, especialmente nas situações em que precisavam dar atenção, cuidar ou estavam brincando com Camila, através dos seguintes indicadores: busca de atenção dos progenitores (desejo de que os progenitores deixassem de dar atenção à irmã - pedir que a mãe não falasse na irmã; pedir mamadeira/água à mãe; convidar a mãe para brincar, ler historinhas; solicitar que a mãe ficasse só com ela e deixasse a irmã com o pai; protestar quando a mãe dava carinho à irmã; buscar receber o mesmo carinho e brincadeira dirigidos pelo pai à irmã; buscar participar da interação pai-irmã); sentimento de perda do amor da mãe (verbalização de sentir ciúme; sentimento de não ser mais amada ou ser preterida à irmã; sentimento de injustiça na distribuição da atenção da mãe); desejo de estar no lugar do bebê (desejo de voltar a ser bebê; questionamentos sobre o seu passado como

bebê); agressividade para com a barriga da mãe (durante a gestação); expressão de desconforto (quando pai pagava irmã no colo; quando progenitores cuidavam da irmã).

Destaca-se que, embora a busca por redirecionar para si a atenção dos progenitores tenha estado presente em todas as fases analisadas, algumas formas de manifestações de ciúme foram restritas a determinados períodos. Na gestação (fase I), Aline demonstrou agressividade para com a barriga da mãe. O desejo de estar no lugar do bebê esteve presente apenas no período após o nascimento de Camila (fase II) e o sentimento de perda do amor da mãe foi mencionado aos 2 anos da irmã (fase IV). Além disso, a expressão de tristeza ou desconforto frente esteve presente em todas as etapas após o nascimento da irmã. Pode-se perceber que o período logo após o nascimento da irmã e entre o primeiro e o segundo aniversário desta foram caracterizados por mais demonstrações de ciúme, de modo que houve mais relatos de ciúme nas fases II e IV.

A Tabela 5, a seguir, apresenta os principais resultados do caso para a categoria de *ciúme entre os irmãos*.

Tabela 5

Manifestações de Ciúme entre os Irmãos – Caso 2

	F1	F2	F3	F4
Idade 2a. filha	33 semanas gestacionais	7 meses	1 ano e 1 mês	2 anos e 1 mês
Idade primogênita	4 anos e 8 meses	5 anos e 4 meses	5 anos e 10 meses	6 anos e 10 meses
Ciúme da primogênita em relação aos progenitores com a irmã	<p>Com mãe e pai: - busca da atenção (contar/mostrar algo; simular machucado).</p> <p>Com mãe: - pedidos de que não falasse na irmã; - bater na barriga da mãe.</p>	<p><u>Após nascimento (até 5 meses)</u> Com mãe e pai: - questionamentos sobre o seu passado como bebê (O que faziam? Quem cuidava dela?).</p> <p>Com mãe: - busca da atenção quando fora de casa (para brincar, ler historinhas); - desejo de voltar a ser bebê.</p> <p>Com pai: - ciúme especialmente do pai (em casa); - desconforto quando pegava Camila no colo.</p> <p><u>Aos 7 meses</u> Com mãe e pai: - busca da atenção (jogar-se no chão, simular machucado).</p> <p>Com mãe: - solicitações de que ficasse com ela e deixasse a irmã com o pai; - sentimento de injustiça na atenção (relatado na F3).</p>	<p>Com mãe e pai: - desconforto quando davam atenção à irmã.</p> <p>Com mãe (principalmente quando cuidava de Camila): - menos ciúme (Aline participando mais das interações com a irmã); - protesto quando atendia irmã; - solicitação de que ficasse só com ela; - busca de atenção (pedido de mamadeira/água; simular machucado).</p> <p>Com pai: (momentos de brincadeira pai-Camila) - aumento do ciúme; - busca da atenção.</p>	<p>Com mãe (desde que Camila começou a caminhar até 1 ano e 9 meses): - verbalização de sentir ciúme; - sentimento de que a mãe não gostasse dela ou gostasse mais da irmã; - sentimento/percepção de injustiça na distribuição da atenção; - descontentamento por perceber maior atenção para a irmã e receber atenção apenas do pai.</p> <p>Com pai: - aumento no ciúme; - desconforto quando dava atenção à irmã; - busca da atenção (receber a mesma brincadeira dirigida à irmã); - busca por participar da interação pai-irmã.</p>

<p>Ciúme da 2a. filha em relação aos progenitores com a irmã</p>			<p>Surgimento de ciúme da segunda filha em relação ao pai com a irmã - pai dava mais atenção à Aline.</p>	<p>Camila: puxar mãe, chorar quando estava com Aline. Ciúme de Camila: mais intenso que o ciúme de Aline em relação aos progenitores.</p>
<p>Oscilação</p>	<p>Aline: - pico ciúme: quando barriga da mãe começou a ficar maior (final 2º. trim. gestacional); - início e final da gestação: alegria e menor ansiedade.</p>	<p>Aline: - logo após o nascimento: mais ciúme do pai; - ciúme da mãe: mais acentuado do nascimento até os 5 meses da irmã; 7 meses: novo aumento.</p>	<p>Aline: - redução no ciúme da mãe; - aumento do ciúme do pai;</p>	<p>Aline: - novo pico de ciúme da mãe: desde 1 ano de Camila (após ter começado a caminhar) até 1 ano e 9 meses; - 2 anos e 1 mês de Camila: ciúme de Aline da mãe mais ameno.</p>

1.2. Disputa e competição fraterna

A competição e a disputa entre Aline e Camila foram relatados pelos progenitores desde a gestação materna, atingindo seu pico em torno do segundo ano de vida de Camila (fase IV). Durante a gestação materna (fase I), a competição foi perceptível através do desejo de Aline em preservar suas posses (brinquedos, revistinhas) do acesso da irmã. Aos 7 meses de Camila (fase II), a disputa foi perceptível na interação das irmãs através de carinhos de Aline que pareciam beirar a agressão e por seu incômodo e reclamações com relação ao choro de Camila. Aline reagia a estas situações através de reclamações aos progenitores ou fechando a porta do seu quarto a fim de não ouvir o choro da irmã.

No período em torno de 1 ano de Camila (fase III), quando ela já estava caminhando e interagindo mais, Aline passou a demonstrar comportamentos explícitos de competição por espaços e brinquedos com a irmã, os quais foram mais destacados pelos progenitores que as manifestações de ciúme. Aline passou a lidar com as disputas de modo mais intenso, trancando-se no quarto para a irmã não entrar, reclamando da irmã aos progenitores, mandando a irmã sair quando não a queria por perto ou empurrando Camila quando mexia em seus brinquedos.

Aos 2 anos de Camila (fase IV), conforme esta se tornou mais capaz de expressar-se fisicamente, foi apontado um aumento da disputa entre as irmãs envolvendo a disputa por espaços e brinquedos. Neste momento, Aline lidava com as disputas batendo a porta de seu quarto, xingando ou gritando com Camila. Camila, por sua vez, passou a se expressar através de tapas e puxões de cabelo em Aline.

A Tabela 6, a seguir, apresenta os principais resultados do caso para a categoria de *disputa e competição fraterna*.

Tabela 6

Manifestações de Disputa e Competição Fraternal – Caso 2

	F1	F2	F3	F4
Idade 2a. filha	33 semanas gestacionais	7 meses	1 ano e 1 mês	2 anos e 1 mês
Idade primogênita	4 anos e 8 meses	5 anos e 4 meses	5 anos e 10 meses	6 anos e 10 meses
Disputa e competição fraterna	Aline: - desejo de preservar suas posses (brinquedos, revistinhas) do acesso da irmã.	Aline: - carinho que beirava a agressão; - incômodo com choro de Camila; - reclamação para os progenitores; fechar a porta (quando irmã chorava).	- Disputa e competição mais destacada que ciúme; - competição por espaços (ficar sozinha no quarto para brincar/ver um filme) e brinquedos. Aline: - expressões físicas de descontentamento (empurrões); - fechar porta do quarto; - solicitar que a irmã saísse do quarto.	- intensificação da competição por espaços, brinquedos, programa na TV. - Aline: expressão verbal de descontentamento (xingões, gritos); bater a porta do quarto. - Camila: choro; puxões de cabelo, tapas.
Oscilação			- intensificação da competição (mais marcada que o ciúme).	- intensificação da competição (2 anos de Camila).

2. Relacionamento parental

No que tange ao relacionamento de Aline com os progenitores, percebeu-se uma oscilação de proximidade dela com o pai e a mãe ao longo do período investigado. Apesar de sempre ter apresentado um bom relacionamento com o pai, Aline possuía maior proximidade com sua mãe. Com isso, durante a gestação materna (fase I), Aline passou a demonstrar temor em perder a mãe e ansiedade ao se separar dela, aumentando a solicitação de atenção e da proximidade com a mãe. Como Cristine estava menos disponível neste período, ao final da gestação, percebeu-se uma maior aproximação de Aline com o pai, que, por sua vez, estava mais disponível à filha do que em outros momentos no passado.

Após o nascimento de Camila (fase II), percebeu-se uma divisão dos progenitores no cuidado das filhas, a mãe com Camila e o pai com Aline. Tal divisão manteve-se até o final deste estudo. A mãe passou, então, a dedicar maior parte de sua atenção à filha recém-nascida, reduzindo o envolvimento com Aline, que passou a se aproximar do pai. Aline passou a procurar preferencialmente o pai para os cuidados diários e como fonte de atenção, de modo que este se tornou sua principal figura de referência nos meses iniciais após o nascimento da irmã.

Sete meses após o nascimento de Camila, conforme Cristine conseguiu voltar a dedicar parte de sua atenção à Aline, foi relatado um equilíbrio na proximidade de Aline com ambos os progenitores. Em torno do primeiro aniversário de Camila (fase III), além do maior envolvimento com a segunda filha do que com Aline, Cristine também precisou dedicar-se mais a seu trabalho, trazendo uma redução na interação com a filha mais velha. Neste período, Aline foi descrita como mais próxima do que nunca ao pai, aumentando as solicitações em relação a ele. Além disso, passou a haver tensão na relação mãe-Aline, incluindo desafios e confrontações de Aline para com a mãe.

Em torno dos 2 anos de Camila (fase IV), embora ainda mais envolvida com Camila do que com Aline, a mãe passou a dedicar mais atenção à Aline do que anteriormente, procurando levá-la na escola, solicitar sua ajuda nas tarefas diárias e conversar com a filha. O pai, por sua vez, embora mais próximo e envolvido com Aline, pôde interagir mais com Camila, não mais se dedicando exclusivamente à primogênita. Neste momento, foi relatado haver um relacionamento próximo de Aline tanto com o pai quanto com a mãe.

A Tabela 7, a seguir, apresenta os principais resultados do caso para a categoria de *relacionamento parental*.

Tabela 7

Relacionamento Parental – Caso 2

	F1	F2	F3	F4
Idade 2a. filha	33 semanas gestacionais	7 meses	1 ano e 1 mês	2 anos e 1 mês
Idade primogênita	4 anos e 8 meses	5 anos e 4 meses	5 anos e 10 meses	6 anos e 10 meses
Mãe e pai		- divisão: mãe-Camila, pai-Aline; - pai levava Aline para passear e mãe ficava em casa com irmã; - 7m: equilíbrio proximidade de Aline com pai e mãe.	- divisão no cuidado das filhas: mãe-Camila e pai-Aline.	- Aline: relacionamento próximo tanto com a mãe quanto com o pai.
Mãe	Aline: - maior proximidade com a mãe do que com o pai; - busca por maior proximidade; - temor de perder a mãe: - desejo de estar sempre perto (dormir, almoçar); - dificuldade e choro ao despedir-se para ficar na escola; - ansiedade ao antecipar a separação para hospitalização. Final da gestação: - aumento na solicitação de atenção (simulação de machucado, contar ou mostrar algo).	Mãe: - redução na atenção dispensada à Aline; - 7 meses: voltar a ter atenção para Aline. Aline: - maior proximidade continuava com a mãe, tendo sido transferido temporariamente para o pai devido a pouca disponibilidade da mãe.	- tensão na relação mãe-Aline. Mãe: - mais envolvida com cuidado de Camila; - trabalho exigindo mais dedicação (também em casa); - sem tempo para brincadeira, apenas conversa. Aline: - maior aproximação do pai: escolha adaptativa. Caso possível, mãe seria sua escolha preferencial; - desafio e contradição à mãe (busca de atenção).	Mãe: - relacionamento de referência para Aline; - mais envolvida com Camila do que com Aline; - redução da dependência de Camila da mãe; - redução no envolvimento com Camila. - aumento na atenção à Aline.

Pai	<p>Pai-Aline: - sempre tiveram bom relacionamento.</p>	<p>Pai: - aumento no envolvimento com Aline;</p>	<p>Pai: - mais disponível que a mãe; - mais atenção e brincadeira com Aline do que a mãe; - maior dedicação à Aline do que à Camila novamente, abdicar da atenção à Camila.</p>	<p>Pai: - aumento na interação com Camila (maior capacidade de comunicação e brincadeira), não mais se dedicando exclusivamente à Aline.</p>
	<p><u>Final da gestação (após 7º. mês):</u> Pai: - mais disponível, mais em casa.</p>	<p>Aline: - aproximação do pai (principalmente 1ºs. meses após o nasc.);</p>	<p>Aline: - maior proximidade com o pai do que com a mãe; - procurava mais o pai do que a mãe para os cuidados diários e atenção (banho, contar historinhas); - compreensão de que a mãe precisava cuidar da irmã.</p>	
	<p>Aline: - aumento na aproximação e solicitação de atenção.</p>			

Análise conjunta do Caso 2

Ao analisar conjuntamente as categorias de *Rivalidade fraterna* e *Relacionamento parental*, buscou-se apresentar uma descrição das mudanças percebidas nestes fenômenos ao longo do período investigado e suas possíveis interações. Durante a gestação materna (fase I), conforme a barriga de Cristine começou a ficar maior, Aline passou a demonstrar ciúme dos progenitores, especialmente da mãe, e desejo de preservar suas posses do acesso da irmã. O ciúme foi evidenciado através da busca da atenção dos progenitores e de demonstrações de agressividade para com a barriga da mãe. No relacionamento com a mãe, passou a demonstrar sinais de ansiedade ao se separar dela e temor em perdê-la, o que levou a uma busca por maior proximidade com a mãe neste momento. Ao final da gestação, possivelmente em função das limitações na interação com a mãe, Aline passou a aproximar-se mais do pai, que estava mais disponível para a filha do que em outros momentos.

Após o nascimento de Camila (fase II), percebeu-se uma divisão entre o casal parental para o cuidado das filhas, a mãe envolvendo-se mais com Camila (segunda filha) e o pai com Aline (primogênita). Com isso, houve um aumento da proximidade de Aline em relação ao pai, que passou a ser buscado como fonte preferencial de atenção e cuidados. Neste contexto, logo após o nascimento da irmã, quando estavam em casa, o ciúme de Aline dirigiu-se especialmente ao pai quando pegava a irmã no colo. Com a mãe, o ciúme se manifestou nos momentos em que estavam fora de casa. Pode-se conjecturar que Aline havia compreendido que, quando estavam em casa, a mãe precisava cuidar da irmã, mas quando estavam na companhia de outras pessoas, fora de casa, a mãe estaria disponível. Já do pai, Aline esperava dedicação a ela quando estavam em casa. Neste momento, o ciúme foi percebido através da busca da atenção de ambos os progenitores (especialmente da mãe), do desejo de voltar a ser bebê e do descontentamento por se sentir injustiçada na distribuição da atenção da mãe. Aos 7 meses de Camila, conforme a irmã se tornava mais interativa e interessante, Aline passou a expressar mais ciúme da mãe, solicitando que ficasse com ela e deixasse a irmã com o pai. Percebeu-se, contudo, como Aline foi capaz de aproximar-se do pai de modo adaptativo, e tolerar o envolvimento materno com a irmã.

Em torno do primeiro aniversário de Camila (fase III), a mãe mantinha-se mais envolvida com a segunda filha e Aline estava mais próxima do que nunca ao pai, havendo tensão (desafios e confrontações) no relacionamento mãe-Aline. Neste momento, além dos cuidados das filhas, Cristine estava sendo mais exigida no trabalho, o que possivelmente reduzia seu tempo e

paciência em casa. Dada a aproximação de Aline com o pai, conforme Camila tornou-se mais comunicativa e houve um aumento da interação pai-segunda filha, percebeu-se um aumento do ciúme de Aline em relação ao pai, assim como houve menção também a ciúme de Camila (segunda filha) em relação ao pai com a primogênita. O ciúme de Aline em relação ao pai foi identificado especialmente nos momentos em que ele estava brincando com Camila através da busca de atenção. Conforme o pai passou a ocupar o lugar do principal cuidador e parceiro de brincadeira de Aline, este passou a ser mais exigido do que a mãe em termos de seu envolvimento exclusivo com ela, desencadeando mais manifestações de ciúme em relação a ele. Com a mãe, inversamente, houve uma redução do ciúme de Aline, conforme a primogênita estava interagindo mais com a irmã em brincadeiras e, possivelmente, participando mais dos momentos de interação mãe-segunda filha. Contudo, o relacionamento mãe-primogênita foi descrito com mais tenso neste momento, incluindo desafios e confrontações de Aline para com a mãe. Com o aumento na interação fraterna, houve também a intensificação das demonstrações de competição entre as irmãs em relação a espaços e brinquedos.

Após o primeiro aniversário de Camila até 1 ano e 9 meses da irmã (fase IV), com o aumento marcante das capacidades interativas, de locomoção e de comunicação da irmã, percebeu-se um aumento no ciúme de Aline em relação a ambos os progenitores, de modo marcante com a mãe. Dado que neste momento Camila já não dependia mais tão intensamente dos cuidados materno, Cristine, percebendo o aumento no ciúme de Aline, buscou dedicar mais atenção a ela. Deste modo, embora ainda mais envolvida com Camila do que com Aline, a mãe buscou dedicar mais atenção e cuidados à filha mais velha. Neste contexto, e favorecido por Camila já ter mais capacidades de comunicação, o pai pôde aproximar-se e passar a desfrutar mais tempo com a filha mais nova, não mais se dedicando exclusivamente à Aline, o que possivelmente estava relacionado ao aumento do ciúme da filha em relação a ele. Com o crescente envolvimento do pai com a segunda filha, aos 2 anos de Camila, percebeu-se uma redução no ciúme de Aline em relação à mãe e um aumento no ciúme do pai. Neste momento, conforme apresentava mais capacidades de comunicação e interação, Camila (segunda filha) apresentou um aumento no ciúme em relação aos progenitores com a irmã, o qual foi descrito como mais intenso do que o ciúme de Aline com os progenitores. No que se refere ao relacionamento fraterno, houve também uma intensificação da competição por posses e espaços a partir do primeiro aniversário de Aline.

CASO 3: GUILHERME E LAURA⁷

Fase I – Laura com 32 semanas gestacionais e Guilherme com 4 anos e 3 meses

No primeiro contato com a família de Guilherme e Laura, Denise (mãe) estava com 32 semanas gestacionais e Guilherme, o primogênito, estava com idade de 4 anos e 3 meses. Denise tinha 34 anos e Leonardo (pai) tinha 35 anos de idade. Leonardo trabalhava fora em turno integral e Denise trabalhava em casa de modo informal, contudo estava de repouso absoluto neste momento da gestação. Devido ao repouso de Denise, sua mãe auxiliava nos cuidados de Guilherme pela manhã, e à tarde ele frequentava a escola infantil. Leonardo também estava se envolvendo mais nos cuidados e nas atividades diárias da família neste momento.

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Durante a gestação, até o momento deste contato com a família (32 semanas gestacionais), Guilherme não havia demonstrado sinais considerados pelos progenitores como indicadores de ciúme da irmã que estava para nascer, não apresentando reação de desgosto ou agressividade em relação à Laura. Contudo, Guilherme demonstrou desejo de estar no lugar do bebê e, provavelmente, desfrutar do contato íntimo e da atenção da mãe, ao afirmar que era bom quando ele estava na barriga da mãe e questioná-la sobre como ele era naquele momento. Além disso, nas situações em que sugeria que comprassem brinquedos para a irmã, Guilherme solicitava que também o fizessem para ele próprio. Segundo Leonardo, Denise (mãe) estava passando certa “euforia” para o filho, o que não se sustentaria após Guilherme perceber as restrições que o nascimento da irmã traria a ele.

1.2. Disputa e competição fraterna

No período da gestação, os progenitores não fizeram referência a competição e disputas de Guilherme com relação à irmã que estava para nascer.

⁷ A análise completa do Caso 3 encontra-se no Anexo J.

2. Relacionamento parental

No que tange ao relacionamento de Guilherme com os progenitores, ambos indicaram haver uma relação de maior proximidade de Guilherme com a mãe, o que havia se intensificado após a gestação. Neste período, o primogênito passou a demonstrar temor em perder a mãe ou que ela o deixasse. Tais manifestações foram mais intensas na passagem do primeiro para o segundo trimestre gestacional, momento em que ficara sabendo da gestação, mas também foram percebidas ao longo da gestação até o momento desta entrevista através de protesto no momento de despedir-se da mãe para ficar na escola, resistência a frequentar lugares sem a companhia da mãe, negação a posar fora de casa (mesmo que junto com a mãe) e maior exigência do envolvimento da mãe nos cuidados diários (em tarefas que antes aceitava serem feitas pelo pai). Parte destes temores de Guilherme podem ter sido intensificados devido à necessidade de repouso absoluto por parte de Denise, o que levou a que ela reduzisse intensamente seu envolvimento com o filho em atividades que passaram a ser desempenhadas pelo pai ou pela avó materna. Frente a estas manifestações de Guilherme, Denise demonstrou compreensão e empatia, considerando-as como expressão de seu desejo de não deixar de ser filho único, ou seja, de não deixar de ter toda a atenção e o afeto da mãe para si.

Fase II – Laura com 4 meses e Guilherme com 4 anos e 8 meses

No segundo momento de contato com a família, havia se passado 4 meses do nascimento de Laura, e Guilherme estava com 4 anos e 8 meses de idade. Leonardo (pai) continuava trabalhando em turno integral, enquanto Denise (mãe) permanecia com os filhos em casa. Guilherme continuava frequentando a escola infantil no turno da tarde.

Segundo Denise, o período de sua hospitalização para o nascimento de Laura transcorreu bem. Guilherme ficou com a avó materna e Leonardo ficou com Denise no hospital nos 2 primeiros dias. No terceiro dia, a pedido de Guilherme, o pai posou com ele, e a avó ficou com Denise no hospital. Guilherme foi visitar sua mãe no hospital. Neste período, Leonardo procurou entreter e dar atenção a Guilherme.

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Diferentemente da expectativa materna, Guilherme apresentou uma mudança brusca de comportamento após o nascimento de Laura. As manifestações de ciúme estiveram mais presentes no período inicial após o nascimento da irmã através de: busca da atenção dispensada pelos progenitores à irmã recém-chegada (mostrar-se interessante aos progenitores e demais pessoas do convívio familiar - mostrar seus brinquedos, seus atributos, suas capacidades; mais desobediente e agressivo no relacionamento com os progenitores como forma de chamar sua atenção;), sentimento de perda do amor dos progenitores. No momento desta entrevista (4 meses após o nascimento), embora mais ameno, o ciúme foi referido através da solicitação de cuidados da mãe, protestos quando a mãe cuidava da irmã e não podia atendê-lo, interferências (gritos) quando os progenitores brincavam com Laura e demonstrações de desconforto frente quando a mãe estava envolvida com a irmã.

1.2. Disputa e competição fraterna

Neste período, a disputa entre os irmãos também esteve presente em situações em que Guilherme interpretava intenção de Laura de agredi-lo (quando não era o caso) e demonstrava descontentamento, reclamando para os progenitores.

2. Relacionamento parental

No que tange ao relacionamento de Guilherme com os progenitores, por não trabalhar fora de casa, Denise assumia a maior parte dos cuidados de ambos os filhos. Contudo, nos fins de semana, tendia a haver uma divisão entre o casal parental, Leonardo assumindo os cuidados de Guilherme, enquanto que Denise cuidava de Laura. No que tange à proximidade de Guilherme com os progenitores, diferentemente dos meses iniciais após o nascimento de Laura, em que o primogênito estava muito ligado à mãe, neste momento, pareceu haver uma equiparação da proximidade de Guilherme com a mãe e com o pai. Pode ter contribuído para isso, o fato de Denise estar mais cansada e com pior humor devido às exigências de equilibrar o cuidado dos dois filhos. Entretanto, havia indícios de que a mãe, caso possível, continuaria sendo a primeira escolha de Guilherme.

Fase III – Laura com 1 ano e 2 meses e Guilherme com 5 anos e 6 meses

No terceiro momento de contato com a família, Laura estava com 1 ano e 2 meses e Guilherme estava com 5 anos e 6 meses de idade. Leonardo continuava trabalhando em turno integral, Guilherme continuava frequentando a escola infantil no turno da tarde, e Laura ficava em casa com a mãe na maior parte do tempo, uma vez que Denise realizava trabalho informal em casa.

Embora Laura ainda não estivesse caminhando, já engatinhava e, segundo os progenitores, sua capacidade de interação e comunicação com o irmão havia aumentado de modo marcante desde o último contato com a família. A maior interação de Laura foi apontada pelos progenitores como a principal mudança ocorrida no relacionamento fraterno nos últimos meses. Leonardo (pai) destacou também mudanças na capacidade cognitiva de Guilherme. Segundo ele, o filho estava mais ponderado nas suas reações, com mais condições de refletir antes de agir, diferentemente de Laura que apresentava um comportamento mais impulsivo – próprio da idade. Além disso, Guilherme também estava se comunicando, se expressando melhor.

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Neste período, o ciúme de Guilherme para com Laura foi perceptível em face da necessidade de dividir com ela a atenção e o afeto dos progenitores. Nestas situações, Guilherme demonstrou buscar a atenção dos progenitores (solicitar cuidados da mãe quando ela estava atendendo Laura; mostrar-se interessante e habilidoso perante os familiares; interferir verbalmente na interação progenitores-irmã; mostrar-se desobediente e “teimoso” com a mãe – riscar roupas; buscar participar da interação progenitores-irmã). Guilherme também comparou-se com a irmã através de perguntas à mãe sobre como ele era quando bebê e realizações que faria antes ou depois da irmã, demonstrando desejo de estar no lugar do bebê. Além disso, o primogênito expressou agressividade em relação à irmã empurrando-a para tomar seu lugar junto aos progenitores.

Segundo os progenitores, o período de ciúme mais intenso ocorreu entre o 8º. e o 10º. mês após o nascimento da irmã. Conforme Guilherme percebeu que seu lugar de filho continuava preservado, o período de maior ciúme para com a irmã, e a consequente busca por chamar a

atenção, já havia passado. No momento desta entrevista, Guilherme estava menos exigente nas situações em que Denise estava cuidando de Laura.

1.2. Disputa e competição fraterna

Por outro lado, conforme Laura começou a engatinhar e passou a se interessar pelos brinquedos e posses de Guilherme, a competição fraterna por espaços e posses (brinquedos) intensificou-se. Certa agressividade e irritabilidade de Guilherme com Laura foi também perceptível em brincadeiras ou interações limítrofes entre o carinho e a agressividade, em que podia machucá-la. Guilherme, embora fosse descrito como dócil e muito permissivo com os amigos, reagia com irritação e desagrado frente às investidas de Laura a seus pertences. Frente às disputas com a irmã, Guilherme reagia chamando os progenitores para que retirassem a irmã da situação ou, em outros momentos, incluindo Laura em suas brincadeiras.

2. Relacionamento parental

No que se refere ao cuidado parental, percebeu-se uma divisão de tarefas entre os progenitores quando ambos estavam em casa, o pai geralmente realizando algum programa com o filho mais velho, enquanto que Denise ficava com Laura. Neste momento, não fora apontada diferença de proximidade de Guilherme com a mãe ou o pai. Guilherme era muito amigo do pai, não apresentando resistência quando precisava ser cuidado por ele, pois a mãe não podia atendê-lo. Uma vez que Laura já não era mais tão bebê, em algumas situações, o pai também passou a ficar sozinho com os dois filhos para Denise ter um tempo só para si. O momento de maior dificuldade no relacionamento com Guilherme, em que estava mais desafiador e desobediente, já havia passado. O período de maior dificuldade, envolvendo sentimentos de culpa e impotência frente às manifestações de ciúme de Guilherme, havia ocorrido quando Laura tinha entre 8 e 10 meses de idade.

Fase IV - Laura com 2 anos e 2 meses e Guilherme com 6 anos e 6 meses

No quarto e último momento de contato com a família, Laura estava com 2 anos e 2 meses e Guilherme estava com 6 anos e 6 meses de idade. Neste momento, além de Guilherme, Laura também estava frequentando a escola infantil no turno da tarde. Leonardo continuava trabalhando em turno integral e Denise continuava trabalhando em casa, de forma informal.

No que se refere ao relacionamento entre os irmãos, ambos os progenitores indicaram que as crianças estavam interagindo mais. Tanto Guilherme quanto Laura estavam aproveitando mais os momentos juntos e desfrutando da companhia um do outro. Laura gostava de participar das atividades do irmão e imitá-lo, o que era facilitado por ele ter um temperamento dócil e aceitar bem o envolvimento dela e por ela não ser uma criança “chata”.

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Neste período, o ciúme de Guilherme para com Laura foi perceptível através da busca da atenção dos progenitores (solicitar que a mãe fizesse para ele os mesmos cuidados e carinhos que dirigia à irmã; interferir quando estavam atendendo a irmã). Além disso, Guilherme demonstrou sentimento de perda do amor dos progenitores através de afirmações de que os progenitores não gostavam dele, sentimento de estar sozinho, sentimento de que Laura recebia mais atenção dos progenitores. Apesar de ainda manifestar ciúme, os períodos mais difíceis para Guilherme teriam sido logo após o nascimento da irmã e quando esta estava com aproximadamente 1 ano. Neste momento, Guilherme já estava aceitando que a mãe fizesse algumas atividades apenas com Laura (alimentação) sem incluí-lo. ele

1.2. Disputa e competição fraterna

Em termos de disputa entre os irmãos, o relacionamento entre Guilherme e Laura incluía provocação e tapas de Guilherme à irmã, considerados pelos progenitores como normais e leves. Nas competições fraternas, havia uma tendência a que Guilherme cedesse às demandas de Laura, padrão este relacionado às características de temperamento das duas crianças e às recomendações da mãe.

2. Relacionamento parental

Quanto ao envolvimento dos progenitores no cuidado dos filhos, nos fins de semana, Leonardo tendia a assumir mais o cuidado de Guilherme, enquanto que Denise ficava mais com Laura. Em alguns momentos, Leonardo também ficava com os dois filhos para Denise realizasse alguma atividade sozinha. No que tange à proximidade de Guilherme com os progenitores, Denise referiu que ele estava mais próximo do pai, enquanto que Leonardo indicou que

Guilherme solicitava mais a mãe. A este respeito, pode-se conjecturar que, ao desfrutar mais da companhia do pai em atividades conjuntas, Guilherme tenha se aproximado progressivamente dele, sem, contudo, deixar de ter na mãe sua principal figura de referência. Pode-se pensar, ainda, que a mãe fosse a referência de Guilherme para os cuidados diários, enquanto que o pai era sua referência para o divertimento. A este respeito, Guilherme e o pai participavam de diversos momentos de interação conjunta em brincadeiras e atividades de lazer.

No que tange à relação mãe-primogênito, Laura (irmão) não mais dependia tanto da mãe, de modo que Denise não precisava dedicar sua atenção exclusivamente a ela, voltando a interagir mais com Guilherme.

Análise longitudinal por categoria

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

No que se refere ao ciúme de Guilherme com relação aos progenitores com a irmã (Laura), este esteve presente durante todo o período investigado, ou seja, desde a gestação materna até o segundo ano de vida de Laura. Ao longo deste período, conforme o relato dos progenitores, pôde-se perceber três momentos considerados como picos de ciúme: entre o primeiro e o segundo trimestre gestacional, nos primeiros meses após o nascimento de Laura e próximo ao primeiro aniversário da irmã (entre o oitavo e o décimo mês de vida de Laura). Na passagem do primeiro para o segundo trimestre gestacional (fase I), quando Guilherme ficou sabendo da gestação materna, passou a demonstrar ciúme especialmente com a mãe. Este perdurou durante a gestação de modo mais ameno, voltando a expressar-se intensamente após o nascimento da irmã. Aos 4 meses de Laura (fase II), embora ainda presente, as manifestações de ciúme estavam mais restritas às situações em que os progenitores estavam interagindo diretamente com a irmã. Novamente, entre o oitavo e o décimo mês de vida de Laura, o ciúme de Guilherme e os comportamentos desafiadores com a mãe foram apontados como mais difíceis de manejar. Quando Laura completou 1 ano de idade (fase III), Guilherme fora descrito pelos progenitores como apresentando menos sinais de ciúme da irmã. Neste período fora descrito com menos agressivo, menos desafiador e menos exigente. No último momento de contato com a família (fase IV), aos 2 anos e 2 meses de Laura, o ciúme de Guilherme estava mais ameno, de modo que ele já estava aceitando sem protesto alguns envolvimentos da mãe com Laura.

Conforme o relato dos progenitores, ao longo deste período, o ciúme de Guilherme foi perceptível através dos seguintes indicadores, especialmente quando os progenitores estavam cuidando, dando atenção ou brincando com Laura: busca da atenção dos progenitores (solicitar os cuidados da mãe; mostrar-se interessante – habilidades, brinquedos, atributos; protestar quando a mãe precisava atender a irmã antes dele; buscar receber os mesmos carinhos/cuidados dirigidos pela mãe à irmã; interferir verbalmente nas interações progenitores-irmã; desafiar e desobedecer os progenitores; buscar participar das interações progenitores-irmã); sentimento de perda do amor dos progenitores (sentimento de não ser mais amado; descontentamento por perceber injustiça na distribuição da atenção dos progenitores); desejo de estar no lugar do bebê (desejo de voltar a ser bebê e comparações com a irmã com relação a quando ele era bebê); expressão de agressividade com a irmã (empurrar a irmã para tomar seu lugar); expressão de desconforto frente à interação mãe-irmã.

Dentre os indicadores de ciúme, perceberam-se algumas variações ao longo do período investigados. A busca da atenção dos progenitores esteve presente a partir do nascimento da irmã, em todas as três etapas consecutivas (fase II, III e IV). O sentimento de perda do amor dos progenitores esteve presente tanto nos meses seguintes ao nascimento de Laura (fase II) quanto no período próximo ao segundo aniversário da irmã (fase IV). As comparações com a irmã e o desejo de estar no lugar do bebê estiveram presentes tanto na gestação (fase I) quanto em torno do primeiro aniversário de Laura (fase III). A expressão de agressividade com a irmã esteve presente apenas em torno do primeiro aniversário (fase III) e a expressão de desconforto frente à interação mãe-irmã esteve presente apenas nos meses seguintes ao nascimento da irmã (fase II). Além disso, a rivalidade pela atenção dos amigos da família e da família extensa esteve presente desde o nascimento até o primeiro ano do irmão (fases II e III).

Segundo estes dados, no período entre o nascimento de Laura e seu primeiro aniversário (fases II e III) foram identificados mais indicadores de ciúme do que nos demais momentos ao longo do período investigado.

A Tabela 8, a seguir, apresenta os principais resultados do caso para a categoria de *ciúme entre os irmãos*.

Tabela 8

Manifestações de Ciúme entre os Irmãos – Caso 3

	F1	F2	F3	F4
Idade 2º. filho	32 semanas gestacionais	4 meses	1 ano e 2 meses	2 anos e 2 meses
Idade primogênito	4 anos e 3 meses	4 anos e 8 meses	5 anos a 6 meses	6 anos e 6 meses
Ciúme do primogênito em relação aos progenitores com a irmã	<p>Com mãe: - desejo de estar no lugar do bebê (“Era muito bom quando eu tava na tua barriga”).</p> <p>Com mãe e pai: - sem sinais diretos de ciúme: reação de desgosto ou agressividade com Laura.</p>	<p><u>Após nasc. da irmã:</u></p> <p>Com mãe e pai: - sentimento de perda do amor dos progenitores ou de ser preterido ao irmão; - mostrar-se interessante (seus brinquedos, suas habilidades/atributos); - “rebeldia” e desobediência.</p> <p><u>4 meses após o nasc.</u></p> <p>Com mãe: - desconforto quando dava atenção à irmã; - solicitação da mãe quando atendendo a irmã; - protestos quando não podia ser atendido quando queria.</p> <p>Com mãe e pai: - interferência (gritos) quando brincavam com irmã;</p>	<p>Com mãe e pai: - desejo de participar das interações progenitores-irmã; - busca da atenção dos progenitores (chamar atenção verbalmente); - mostrar suas habilidades. - empurrar a irmã para tomar seu lugar.</p> <p>Com mãe: - solicitar cuidados quando estava atendendo Laura; - comparar-se com a irmã (perguntas sobre como ele era quando bebê, realizações que faria antes ou depois da irmã).</p> <p><u>8 a 10 meses de Laura</u> - comportamentos de “rebeldia” e desobediência para chamar atenção da mãe (riscar roupa, teimosia).</p>	<p>Com mãe e pai: - sentimento de perda do amor dos progenitores; - sentimento de estar sozinho; - sentimento de que Laura recebia mais atenção e privilégios dos progenitores; - descontentamento por perceber injustiça na distribuição da atenção; - busca da atenção, interferindo quando estavam atendendo Laura.</p> <p>Com mãe: - busca por receber o mesmo carinho/brincadeira dirigido à irmã (ex. carinho, colocar para dormir).</p>

<p>Ciúme do primogênito em relação aos familiares e amigos com a irmã</p>	<p>- rivalidade pela atenção (mostrar-se interessante).</p>	<p>- rivalidade pela atenção, mostrar suas habilidades.</p>
---	---	---

<p>Oscilação</p>	<p>- Pico de ciúme: passagem do 1°. para o 2°. trim. gestacional (quando ficou sabendo da gestação); - Também ao longo de toda a gestação.</p>	<p>- Novo pico de ciúme e rivalidade: período inicial após o nasc.; - 4 meses após: ainda ciúme ao perceber a atenção dispensada pelos progenitores à irmã, mas mais ameno que no início. - 8-10m de Laura: Guilherme “impossível”.</p>	<p>- Guilherme: percebeu que seu lugar de filho continuava preservado; - Novo pico de ciúme e busca por chamar atenção: já teria passado (Laura com 8-10 meses); - menos agressivo, “nervoso” e desafiador; - menos exigente quando mãe cuidava de Laura.</p>	<p>- ainda manifestava ciúme - Novo pico de ciúme: logo após o nascimento da irmã; quando esta estava com + ou - 1 ano; - 2 anos e 2 meses: aceitação de que a mãe fizesse algumas atividades apenas com Laura (alimentação) sem incluí-lo.</p>
------------------	--	---	---	---

1.2. Disputa e competição fraterna

No que se refere à disputa e competição entre os irmãos, sinais desta começaram a aparecer logo após o nascimento de Laura (fase II), quando Guilherme interpretava alguns movimentos da irmã (com 4 meses de idade na época) como formas intencionais de agredi-lo e reclamava aos progenitores. Contudo, a disputa direta propriamente dita passou a existir a partir do primeiro aniversário de Laura (fase III), quando esta estava engatinhando e houve um marcante aumento de suas capacidades de interação e comunicação. A partir deste momento, Laura passou a demonstrar interesse pelos brinquedos e posses do irmão. Embora Guilherme fosse descrito como muito permissivo em sua interação com os colegas da escola, demonstrava irritação e desagrado frente às investidas de Laura a seus pertences. Nestas situações, ele tendia a reagir chamando os progenitores para retirar a irmã da situação ou, algumas vezes, incluindo-a como participante de suas brincadeiras.

Além das disputas, neste momento, Guilherme apresentava algumas interações e brincadeiras com a irmã que apontavam para sentimentos limítrofes entre o carinho e a agressividade. Após o segundo aniversário de Laura (fase IV), parecia ter ocorrido uma redução na disputa entre os irmãos, conforme estes estavam encontrando maior prazer nas interações e brincadeiras conjuntas. Contudo, ainda havia competição por posses e Guilherme apresentava alguns comportamentos de provocação, implicância e agressões (bordoadas) à irmã. Frente às disputas, Guilherme às vezes xingava a irmã, mas tendia a ceder às demandas dela, considerada como mais “braba” que ele.

A Tabela 9, a seguir, apresenta os principais resultados do caso para a categoria de *disputa e competição fraterna*.

Tabela 9

Manifestações de Disputa e Competição Fraternal – Caso 3

	F1	F2	F3	F4
Idade 2º. filho	32 semanas gestacionais	4 meses	1 ano e 2 meses	2 anos e 2 meses
Idade primogênito	4 anos e 3 meses	4 anos e 8 meses	5 anos a 6 meses	6 anos e 6 meses
Disputa e competição fraterna	- expectativa de bom relacionamento fraterno (Guilherme dócil e permissivo).	- Guilherme interpretava intenção de Laura de agredí-lo; - reclamação para progenitores.	- aumento da competição por espaços e posses (brinquedos, computador, TV); Guilherme: - brincadeiras ou interações limítrofes entre o carinho e a agressividade, em que poderia machucar Laura; - dócil e permissivo com amigos; - irritação e desagrado frente às investidas de Laura a seus pertences; - chamava progenitores para retirar Laura da situação; - incluía Laura nas brincadeiras. Laura: - interessada pelos brinquedos e posses do irmão.	Guilherme: - provocação e implicância - disputa por posses (pegar coisas da irmã); - xingamentos; - tendência a que Guilherme cedesse às demandas de Laura (Guilherme temperamento muito dócil e Laura muito “braba” + recomendações da mãe).
Oscilação			- aumento da competição fraterna.	

2. Relacionamento parental

No que tange ao relacionamento de Guilherme com os progenitores, embora descrito como muito ligado à mãe, percebeu-se que, após uma busca por maior proximidade em relação a ela no período gestacional e imediatamente após o nascimento da irmã, o primogênito apresentou uma progressiva aproximação do pai. Durante a gestação materna (fase I), em face da redução intensa do envolvimento da mãe com o primogênito devido à necessidade de realizar repouso absoluto, Guilherme apresentou uma intensificação nos comportamentos de busca de proximidade com a mãe indicando dificuldade de se separar dela e temor de perdê-la (ansiedade e resistência ao separar-se da mãe na escola; a frequentar lugares sem a mãe; a posar fora de casa mesmo que junto com a mãe). Além disso, Guilherme passou a exigir mais o envolvimento da mãe nos seus cuidados diários em tarefas que antes aceitava serem feitas pelo pai.

Nos meses seguintes ao nascimento de Laura (fase II), embora Guilherme continuasse a exigir mais da mãe do que do pai, sendo descrito como muito ligado a ela, aos 4 meses de Laura fora descrito como apresentando igual proximidade com ambos os progenitores. Isto ocorreu em um contexto em que a mãe estava mais cansada e com pior humor e que, quando ambos os progenitores estavam disponíveis (nos fins de semana), o pai tendia a se envolver principalmente no cuidado de Guilherme, enquanto a mãe ficava com Laura.

O período entre o oitavo e o décimo mês após o nascimento de Laura foi referido pela mãe como o de maior dificuldade com Guilherme, sentindo-se impotente e culpada ao lidar com o ciúme do filho. No período próximo ao primeiro aniversário de Laura (fase III), o pai continuava a envolver-se mais diretamente com Guilherme e a mãe com Laura, de modo que Guilherme fora descrito como muito amigo do pai, aceitando ser cuidado por ele quando a mãe não estava disponível.

Em torno do segundo aniversário de Laura (fase IV), embora Laura (segunda filha) ainda exigisse mais cuidados da mãe do que Guilherme, ela já não necessitava o envolvimento constante e intenso de Denise como anteriormente. Neste momento, na perspectiva materna, Guilherme estava mais próximo do pai do que dela, embora, na perspectiva paterna, continuasse a solicitar mais a mãe do que o pai. Pode-se cogitar que tenha ocorrido uma aproximação entre Guilherme e o pai conforme estes passaram a desfrutar mais da companhia um do outro em programas nos fins de semana. Contudo, pode ser que a mãe tenha continuado a ser a principal figura de referência para Guilherme, especialmente no que diz respeito aos cuidados diários,

enquanto que o pai podia ocupar um lugar de parceiro de brincadeira e lazer. Conforme Denise estava mais disponível a Guilherme, sendo menos exigida nos cuidados de Laura, este podia voltar a solicitar e usufruir mais de seus cuidados e de sua atenção.

A Tabela 10, a seguir, apresenta os principais resultados do caso para a categoria de *relacionamento parental*.

Tabela 10

Relacionamento Parental – Caso 3

	F1	F2	F3	F4
Idade 2º. filho	32 semanas gestacionais	4 meses	1 ano e 2 meses	2 anos e 2 meses
Idade primogênito	4 anos e 3 meses	4 anos e 8 meses	5 anos a 6 meses	6 anos e 6 meses
Mãe e pai		- Fins de semana: pai-Guilherme, mãe-Laura. Guilherme: - igual proximidade com mãe e pai;	- Fins de semana: pai-Guilherme, mãe-Laura. Guilherme: - igual proximidade com mãe e pai.	- Fins de semana: pai-Guilherme, mãe-Laura.
Mãe	Mãe (repouso absoluto): - redução no envolvimento com Guilherme nos cuidados diários; Guilherme: - busca por maior proximidade com a mãe; - temor em perder a mãe, que o deixasse; - protesto ao se despedir para ir à escola; - resistência a frequentar lugares sem a mãe; - negação a posar fora de casa; - maior exigência da mãe nos cuidados diários (em tarefas que antes aceitava serem feitas pelo pai).	Mãe: - mais cansada e pior humor (equilibrar cuidado dos 2 filhos); - maior envolvimento com Laura. Guilherme: - meses iniciais após o nasc.: muito agarrado à mãe;	Mãe: - maior envolvimento com Laura.	Mãe: - assumia os cuidados diários dos filhos; - menos atenção para Laura que anteriormente. Guilherme: solicitava mais a mãe do que o pai (perspectiva paterna). Laura: - exigia mais cuidados que Guilherme; - não dependia mais tanto da mãe.

Pai	Pai: - mais envolvido nos cuidados e atividades diárias da família (repouso da esposa).	Pai: - mais envolvido e participativo nos cuidados de Guilherme quando bebê do que neste momento com Laura.	Pai: - alguns momentos no fim de semana: ficava com dois filhos para Denise ter um tempo só para si. Guilherme: - muito amigo do pai; - aceitava ser cuidado pelo pai (quando a mãe não podia).	Pai: - relacionamento próximo com Guilherme, diversas brincadeiras e atividades conjuntas (“parceiros”); - alguns momentos no fim de semana: ficava com dois filhos para Denise ter um tempo só para si. Guilherme: - mais próximo do pai do que à mãe (perspectiva materna); - mais tempo na companhia do pai → aproximação do pai.
-----	--	--	---	---

Análise conjunta do Caso 3

Ao analisar conjuntamente as categorias de *Rivalidade fraterna* e *Relacionamento parental*, podem-se apontar algumas coerências. Guilherme sempre tivera um relacionamento de maior proximidade com a mãe. Após ter sido informado sobre a gestação materna (entre o primeiro e o segundo trimestre gestacional – fase I), Guilherme passou a apresentar temor de perder a mãe ou de que ela o deixasse, demonstrando dificuldade em se separar dela. Além disso, Guilherme passou a exigir mais o envolvimento da mãe nos seus cuidados diários em tarefas que antes aceitava serem realizadas pelo pai e demonstrou ciúme através do desejo de estar no lugar da irmã que estava para nascer. Embora mais intenso no período intermediário da gestação, o ciúme estendeu-se ao longo de toda a gestação e pode ter sido agravado devido à necessidade de repouso absoluto da mãe, o que levou a uma redução de seu envolvimento com o filho. Frente a isto, o pai passou a se envolver mais nos cuidados e nas atividades diárias da família, contudo, Guilherme não parecia estar receptivo a um maior envolvimento com o pai neste momento.

Após o nascimento de Laura (fase II), houve novo pico de ciúme expresso através da busca da atenção dos progenitores, especialmente da mãe, e do sentimento de perda do amor destes. Guilherme passou a solicitar muito a mãe, sendo descrito como mais ligado a ela no período imediatamente posterior ao nascimento de Laura. Contudo, frente ao aumento do cansaço de Denise, piora do seu humor e necessidade de envolver-se no cuidado da filha recém-nascida, o casal passou a apresentar uma divisão no cuidado dos filhos no momento em que ambos estavam em casa: o pai envolvendo-se prioritariamente com Guilherme, deixando a mãe livre para cuidar de Laura. Com isso, aos 4 meses da irmã, Guilherme passou a ser descrito como possuindo um relacionamento de igual proximidade com o pai e com a mãe. Devido ao maior envolvimento com Guilherme, o pai não estava tão envolvido com Laura neste momento como pôde fazê-lo com Guilherme quando ele era bebê.

Entre o oitavo e o décimo mês após o nascimento de Laura, Guilherme passou a mostrar-se desafiador e desobediente com a mãe, comportamentos apontados como forma de buscar sua atenção em detrimento da irmã. Além disso, Guilherme estava mais exigente com a mãe nos momentos em que ela precisava atender a irmã. Este aumento no ciúme poderia estar relacionado ao aumento das capacidades motoras e interativas da irmã e à dificuldade da mãe em manejar tais comportamentos. Neste momento, Denise referiu sentir impotente e possivelmente culpada, sem saber repreendê-lo por seus comportamentos inadequados.

Em torno do primeiro aniversário de Laura (fase III), o ciúme de Guilherme com relação à irmã estava mais ameno. Embora ainda apresentasse claros sinais de ciúme (busca da atenção dispensada à irmã, desejo de estar no lugar do bebê, expressão de agressividade), Guilherme estava menos desafiador e agressivo com os progenitores e menos exigente com a mãe. Com relação ao pai, Guilherme passou a aceitar mais facilmente ser cuidado por ele quando a mãe não estava disponível, sendo descrito como muito amigo do pai. Nos fins de semana, de modo geral, o pai continuava a ser o principal responsável por Guilherme, enquanto Denise cuidava de Laura.

Apesar da melhora no relacionamento com os progenitores neste período, conforme Laura passou a engatinhar e apresentou um marcante aumento de sua capacidade interativa, percebeu-se o surgimento da competição entre os irmãos por posses e espaços. Guilherme, que era descrito como muito permissivo na interação com os colegas de escola, demonstrava irritação e agressividade na interação com Laura, solicitando a ajuda dos progenitores para retirá-la das situações em que o incomodava. Guilherme também passou a demonstrar sua agressividade com a irmã através de brincadeiras limítrofes entre o carinho e a agressão.

Entre o primeiro e o segundo ano de vida de Laura (fase IV), novo pico de ciúme foi identificado pelos progenitores. Neste momento, o ciúme foi perceptível através da busca da atenção dispensada pelos progenitores à irmã e sentimento de perda do amor dos progenitores. Ao aproximar-se o segundo aniversário de Laura, a segunda filha já dependia menos da mãe, de modo que Denise não mais precisava dedicar-se intensamente a ela. Com isso, embora ainda desse mais atenção a Laura do que a Guilherme, percebeu-se uma redução dos sinais de ciúme de Guilherme para com a mãe. Pode ter contribuído para isso, também a progressiva aproximação de Guilherme com relação ao pai. Neste momento, embora ainda solicitasse mais a mãe do que o pai, Guilherme fora descrito como possuindo um relacionamento de maior proximidade com o pai. O pai continuava a assumir prioritariamente os cuidados de Guilherme nos fins de semana, enquanto a mãe cuidava da segunda filha, o que teria favorecido a aproximação entre os dois. Além disso, com a crescente interação dos irmãos, Guilherme e Laura estavam demonstrando mais prazer nas brincadeiras e demais interações conjuntas. Com isso, no momento do último contato com a família (2 anos e 2 meses de Laura), Guilherme já estava aceitando que a mãe fizesse algumas atividades apenas com Laura, sem incluí-lo (ex. alimentação), o que não era possível anteriormente.

CASO 4: HELENA E LUCAS⁸

Fase I – Lucas com 32 semanas gestacionais e Helena com 6 anos e 1 mês

No momento do primeiro contato com a família, Marta (mãe) estava na 32ª. semana de gestação de Lucas e Helena, a primogênita da família, estava com 6 anos e 1 mês de idade. Rodrigo (pai) tinha 25 anos e Marta estava com 28 anos de idade. Ambos os progenitores trabalhavam 40h semanais, sendo que Rodrigo trabalhava no período da tarde e noite. Helena frequentava a creche da instituição de trabalho da mãe, na qual permanecia em tempo integral, enquanto sua mãe estava no trabalho.

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Durante a gestação materna, o ciúme de Helena em relação ao irmão que estava para nascer expressou-se através do desejo de ela própria ser um bebê (ouvir músicas de ninar de Lucas) e do ciúme em relação à mãe com o pai e com outras crianças. No relacionamento com os progenitores, Helena, que sempre fora mais próxima à sua mãe e possuía um relacionamento mais distante com o pai, passou a buscar ainda mais proximidade da mãe e demonstrar mais conflito com o pai. A primogênita demonstrava e solicitava mais carinho da mãe e as despedidas passaram a ser momentos mais marcantes.

1.2. Disputa e competição fraterna

Embora os progenitores não tenham mencionado manifestações de disputa e competição de Helena para com o irmão durante a gestação, o pai previu um relacionamento fraterno difícil devido ao temperamento da filha.

2. Relacionamento parental

Além de mais exigente com a mãe, Helena estava mais ansiosa e sensível e a mãe, por sua vez, estava mais intolerante e irritada com a filha. Neste contexto, o relacionamento mãe-filha foi descrito como mais tenso neste momento. No que tange ao relacionamento pai-filha, no momento desta entrevista, o período de maior ciúme da mãe e conflito com ele já havia passado, de modo

⁸ A análise completa do Caso 4 encontra-se no Anexo K.

que Rodrigo sentia-se mais ligado a Helena, referindo que a Helena estava mais próxima a ele, permitindo que ele participasse mais dos cuidados dela.

Fase II – Lucas com 6 meses e Helena com 6 anos e 8 meses

No segundo momento de contato com a família, Lucas estava com 6 meses e Helena estava com 6 anos e 9 meses de idade. Três meses após o nascimento do irmão, Helena saiu da creche que frequentava para iniciar o ensino fundamental. No momento desta entrevista, Helena frequentava a escola no período da manhã. À tarde, Helena ficava com a avó ou os tios até sua mãe retornar do trabalho. Lucas estava frequentando a creche da instituição de trabalho da mãe à tarde, de modo que as crianças se encontravam apenas à noite e nos fins de semana. Os progenitores continuavam com seus trabalhos anteriores. Marta havia permanecido em casa de licença maternidade nos 3 meses posteriores ao nascimento de Lucas.

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

No nascimento de Lucas, Marta permaneceu 3 dias no hospital. Segundo os progenitores, apesar de ansiosa, Helena ficou “tranquila” naqueles dias. Ela permaneceu na casa da avó, com quem estava acostumada, e o pai passou grande parte do tempo com ela. Segundo o relato dos progenitores, a ansiedade de Helena neste período se devia ao desejo de encontrar a mãe e de cuidar de Lucas. Helena havia ficado muito feliz com a chegada do irmão. A mãe destacou a preparação da filha e o pai destacou o fato de ter ido visitar o irmão e a mãe no hospital como tendo auxiliado Helena a lidar com a ansiedade do momento.

Seis meses após o nascimento de Lucas, conforme o irmão se tornou mais interessante e com mais capacidades de interação, passou a despertar mais a atenção dos progenitores, e, conseqüentemente, os progenitores passaram a perceber sinais de ciúme de Helena para com ele. O ciúme de Helena foi perceptível através de: busca da atenção dos progenitores (mostrar para a mãe tudo o que realizava; convidar o pai para brincar nos momentos em que ele estava cuidando de Lucas; dificuldade de tolerar que a mãe não pudesse atendê-la no momento exato em que ela solicitava; busca por participar nas interações entre o pai e o irmão); sentimento de perda do amor do pai (verbalizações de que Lucas seria favorecido em relação a ela, reclamações de que o pai dava mais atenção ao irmão e realizava com ele coisas que com ela não realizava, verbalizações de que o pai gostava apenas do irmão e não dela - nas situações de desentendimento com o pai).

Além disso, houve também manifestações de ciúme de Helena em relação ao próprio irmão quando amigos da família o pegavam no colo.

1.2. Disputa e competição fraterna

No que tange à competição entre os irmãos, até o momento, Helena dividia sem dificuldade seus brinquedos, ajudava no cuidado do irmão e brincava com ele.

2. Relacionamento parental

No que se refere ao relacionamento de Helena com os progenitores, neste momento, a mãe continuava assumindo prioritariamente os cuidados da filha. Contudo, uma vez que Marta estava dedicando-se mais à Lucas do que à Helena, precisou reduzir seu envolvimento com a filha. Destaca-se ainda o pouco tempo conjunto mãe-filha, já que Helena e a mãe apenas ficavam juntas no final do dia, momento em que Marta possivelmente tinha que se envolver nos cuidados de Lucas. Neste contexto, Helena passou a solicitar mais a atenção e o carinho materno. A mãe, por sua vez, mostrou-se menos tolerante e mais “brigona” com Helena. Além de sempre ter sido mais próxima da mãe, o pai não era considerado a segunda escolha de Helena, que era a avó materna.

No relacionamento com o pai, embora houvesse um relacionamento de maior proximidade e envolvimento de Rodrigo com Lucas do que com Helena, a chegada do irmão favoreceu a aproximação pai-filha. Rodrigo estava participando mais do cuidado dos filhos de modo geral e envolvendo-se com Lucas em atividades que não fizera quando Helena era bebê. Houve um aumento na brincadeira conjunta pai-Helena, pois Helena era incluída e buscava participar das atividades que o pai realizava com Lucas. Contudo, o pai assumia uma postura “infantil” com Helena, provocando e debochando da filha em situações como quando ela era repreendida pela mãe, por exemplo.

Fase III - Lucas com 1 ano e Helena com 7 anos e 2 meses

Neste momento de contato com a família, o segundo filho (Lucas) estava com 1 ano de idade e Helena (a primogênita) estava com 7 anos e 3 meses. Lucas continuava frequentando a creche à tarde e Helena passaria a frequentar a escola também no período da tarde assim que retomassem as aulas após o período de férias. No semestre precedente, desde a última entrevista, Helena estava frequentando a escola no período da manhã, de modo que tinha poucos momentos

de contato com os progenitores durante a semana, de modo especial com a mãe. O pai continuava trabalhando no período da tarde e noite e a mãe à tarde, contudo agora o trabalho do pai iniciava no meio da tarde (17h), podendo passar mais tempo com Helena. Durante a manhã, ambos os progenitores ficavam em casa com Lucas.

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Helena não estava mais demonstrando explicitamente ciúme de Lucas em relação aos progenitores. O momento de maior dificuldade e ciúme de Helena havia passado e ela estava mais calma, menos manhosa. O ciúme foi mencionado apenas em relação ao irmão com outras pessoas, quando desejavam pegá-lo no colo. Embora pouco marcantes, percebeu-se comparações de Helena com o irmão em relação ao tratamento parental, referindo que o irmão seria favorecido pelos progenitores.

1.2. Disputa e competição fraterna

Neste momento, em que Lucas estava com um ano de idade, a competição fraterna referiu-se à divisão dos espaços e dos brinquedos. Com a maior capacidade motora de Lucas, este estava invadindo alguns espaços e buscando pegar os brinquedos de Helena, quando esta gostaria de brincar sozinha. Embora incomodada, Helena buscava tirar o irmão da situação, gritava com ele para que não mexesse em suas coisas, mas, muitas vezes, acabava incluindo Lucas em suas atividades.

2. Relacionamento parental

No que tange ao relacionamento de Helena com os progenitores, a mãe continuava sendo a figura de referência para Helena e sua principal fonte de segurança e apoio, enquanto o pai assumia o papel de parceiro de brincadeira. Contudo, a relação mãe-filha parecia manter os padrões anteriores de pouco tempo para a interação, intolerância e exigência por parte da mãe. Além disso, embora parecesse ser a principal responsável pelos cuidados de Helena, a mãe ainda estava mais voltada para Lucas. Neste contexto, conforme o pai estava passando mais tempo em casa com a filha e estava mais disponível e envolvido com ela, houve uma aproximação entre Helena e o pai (brincadeiras, hora de dormir, mais carinhosa). De qualquer modo, Rodrigo ainda estava dedicando mais atenção ao segundo filho do que à Helena. Além disso, em algumas

situações, Rodrigo demonstrava um comportamento infantil com a filha. Em situações em que Helena solicitava explicitamente que o pai a tranquilizasse quanto a seus sentimentos de ciúme, ele, ao contrário, os instigava referindo preferir Lucas a ela. Frente a isso, a primogênita foi descrita como mais “carente”, solicitando explicitamente afeto e atenção dos progenitores (ex. ir para a cama dos progenitores, pedir carinho, um abraço, pedir para brincar, ir para o colo do pai).

Fase IV - Lucas com 2 anos e 1 mês e Helena com 8 anos e 4 meses

Na quarta e última etapa de contato com a família, Lucas estava com 2 anos e 1 mês de idade e Helena tinha idade de 8 anos e 4 meses. Ambas as crianças frequentavam a escola no turno da tarde e Marta (mãe) continuava trabalhando à tarde e Rodrigo (pai) havia saído de seu emprego, estando agora mais disponível para os filhos durante o dia.

Neste momento, Marta destacou que Lucas estava participando mais das brincadeiras com a irmã e com a família como um todo. Aos 2 anos, Lucas já tinha condições de participar mais ativamente das interações familiares.

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Neste momento, a mãe referiu um pequeno aumento das demonstrações de ciúme em relação a ela. O ciúme de Helena em relação à mãe com o irmão manifestou-se através da exigência de receber o mesmo carinho que o irmão (e antes dele) e do desejo de estar no lugar do bebê, expresso através das solicitações de que a mãe contasse se ela, quando bebê, realizava as mesmas coisas que neste momento despertavam a atenção para o irmão. Além disso, na presença dos familiares, Helena demonstrou rivalizar por sua atenção buscando redirecioná-la para si quando o foco estava no irmão.

1.2. Disputa e competição fraterna

Neste momento, as situações de competição aumentaram com relação ao momento anterior, referindo-se prioritariamente à divisão de posses e brinquedos: Lucas invadia o espaço de Helena, desejando participar de suas brincadeiras, tomar para si os objetos com os quais ela está brincando, e para isso batia na irmã. Helena, em alguns momentos conseguia incluir o irmão nas brincadeiras, enquanto que, em outros momentos, se irritava com ele ou dispensava-o quando

não conseguia liderar a brincadeira. Além destas competições, Helena se incomodava com em ter de cuidar de Lucas, respondendo à suas solicitações (ex. algo para comer).

2. Relacionamento parental

No que tange ao relacionamento de Helena com os progenitores, Helena continuava tendo uma relação de maior proximidade com a mãe do que com o pai. Contudo, Marta referiu impaciência e bastante estresse ao lidar com Helena. Na relação pai-filha, houve diminuição nas brincadeiras devido ao amadurecimento da filha e à mudança do tipo de brincadeiras de Helena. Possivelmente tenha ocorrido, com isso, uma redução no tempo de interação conjunta pai-filha, pois esta se dava predominantemente através de brincadeiras. Além disso, o pai continuava a assumir um papel infantil junto a Helena, implicando, provocando e competindo com ela.

Análise longitudinal por categoria

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

No que se refere ao ciúme de Helena com relação aos progenitores com Lucas (irmão), o período em torno do sexto mês de vida do irmão (fase II) fora considerado como o pico de ciúme, havendo um aumento menos significativo do ciúme novamente aos 2 anos do irmão, neste momento, especificamente em relação à mãe. Embora tenham sido identificados sinais indiretos de ciúme ao longo de todo o período investigado, os progenitores referiram que este havia se tornado mais intenso e explícito em torno do sexto mês de vida do irmão, ou seja, no momento em que ele passou a demonstrar maior capacidade de interação e a exigir mais atenção dos progenitores. Quando Lucas completou 1 ano de vida (fase III), Helena já estava mais calma, sendo capaz de compreender a necessidade de os progenitores dedicarem mais atenção à Lucas. Aos 2 anos do irmão (fase IV), contudo, houve um pequeno aumento do ciúme de Helena em relação à mãe, enquanto que o ciúme em relação ao pai manteve-se estável e com baixa intensidade.

Ao longo do período investigado, o ciúme de Helena foi perceptível através dos seguintes indicadores: busca da atenção dos progenitores quando estavam atendendo ou brincando com o irmão (mostrar à mãe tudo o que realizava; convidar o pai para brincar; protestos quando a mãe precisava atender o irmão antes dela; busca por receber os mesmos carinhos que a mãe dirigia ao irmão; busca por participar das interações pai-irmão); sentimento de perda do amor dos

progenitores (sentimento de não ser mais amada ou ser preterida ao irmão pelo pai; sentimento de injustiça na distribuição da atenção do pai; percepção de que o irmão seria favorecido em relação a ela no tratamento parental); desejo de estar no lugar do bebê (ouvir músicas de ninar do irmão; perguntas à mãe sobre o seu passado como bebê). O ciúme em relação à mãe manifestou-se também com outras crianças e com o pai, através do desejo de afastá-los da mãe e tê-la somente para si. Além disso, houve manifestações de ciúme pela atenção dos familiares quando estavam com Lucas e ciúme em relação ao irmão quando os amigos da família o pegavam no colo.

Algumas manifestações de ciúme ocorreram em momentos específicos. O ciúme pela atenção parental esteve presente no período após o nascimento do irmão e aos 2 anos deste (fases II e IV). O sentimento de perda do amor dos progenitores esteve presente desde o nascimento de Lucas (fase II) até seu primeiro aniversário (fase III). O desejo de ser bebê esteve presente no período gestacional (fase I) e em torno dos 2 anos de Lucas (fase IV). O ciúme do irmão quando outras pessoas tentavam pegá-lo no colo esteve presente desde o nascimento de Lucas até o seu primeiro aniversário (fase II e fase III) e a rivalidade pela atenção dos familiares quando direcionavam atenção ao irmão esteve presente apenas em torno do segundo aniversário de Lucas (fase IV).

Destaca-se que nos meses após o nascimento de Lucas (fase II) houve a maior concentração de indicadores de ciúme de Helena. Além disso, com a mãe houve mais busca da atenção, enquanto que com o pai houve mais sentimento de perda em relação ao seu amor e sentimento de injustiça na distribuição da atenção e do afeto do pai com ela. De fato, parecia haver mais investimento do pai no relacionamento com o segundo filho do que com Helena. Pode também ter contribuído para o sentimento de Helena de perder o amor do pai, o fato de este não ter tido um relacionamento de envolvimento com a filha até o momento e ter passado a envolver-se com Lucas após seu nascimento.

A Tabela 11, a seguir, apresenta os principais resultados do caso para a categoria de *ciúme entre os irmãos*.

Tabela 11

Manifestações de Ciúme entre os Irmãos – Caso 4

	F1	F2	F3	F4
Idade 2º. filho	32 semanas gestacionais	6 meses	1 ano	2 anos e 1 mês
Idade primogênita	6 anos e 1 mês	6 anos e 9 meses	7 anos e 3 meses	8 anos e 4 meses
Ciúme da primogênita em relação aos progenitores com o irmão	<p>Com mãe e pai: - desejo de ser um bebê (ouvir músicas de ninar de Lucas).</p> <p>Com mãe: - ciúme de outras crianças ou do pai quando se proximavam; desejo de afastá-los.</p>	<p>Com mãe (quando cuidava de Lucas): - dificuldade de tolerar que não pudesse atendê-la no momento exato; - chamar atenção, mostrar tudo que fazia.</p> <p>Com pai: - solicitação da atenção (convidar para brincar) nos momentos em que estava cuidando de Lucas (ex. fazer dormir); - busca por participar nas interações entre o pai e Lucas; - verbalizações de que Lucas seria favorecido em relação à ela; - reclamações de que irmão teria mais atenção e fazia com ele coisas que com ela não fazia; - verbalizações de que pai gostava apenas do irmão e não dela (nas situações de desentendimento com o pai).</p>	<p>Com mãe e pai: - comparações: sentimento de que o irmão seria favorecido e privilegiado no tratamento parental.</p>	<p>Com mãe: - Com a mãe: exigir receber os mesmos carinhos que o irmão (beijo da mãe antes dele); - comparações com o irmão: perguntas se ela fazia as mesmas coisas que hoje despertavam a atenção para o irmão.</p>
Ciúme da primogênita em relação ao irmão com os amigos da família		Quando amigos se aproximavam e pegavam irmão no colo (ela queria pegar o irmão).	Quando outras pessoas tentavam pegar o irmão no colo.	

Ciúme da primogênita em relação aos familiares com o irmão	Rivalidade por sua atenção quando o foco estava no irmão.		
Oscilação	Aumento no ciúme aos 6 meses (antes não teve): - irmão mais interessante + maior capacidades de interação → aumento na atenção dos progenitores para Lucas → sinais de ciúme.	Helena: - sem ciúme explícito de Lucas; - pico de ciúme já teria passado; - mais calma, menos manhosa; - compreensão de que o irmão precisava de mais atenção.	- pequeno aumento de ciúme de Helena com Lucas.

1.2. Disputa e competição fraterna

No que tange à competição e à disputa direta entre os irmãos, esta foi relatada a partir do primeiro aniversário de Lucas (fase III), havendo um aumento das disputas a partir deste momento até o segundo aniversário do irmão (fase IV). Nos meses iniciais após o nascimento de Lucas (fase II) Helena dividia seus brinquedos com o irmão sem dificuldade. Conforme Lucas passou a apresentar maior capacidade motora e interativa (fase III), passou a invadir os espaços de Helena e a desejar pegar seus brinquedos, ocasionando disputas fraternas. Frente a estas situações, Helena, em alguns momentos desejava brincar sozinha e buscava retirar o irmão do contato com seus brinquedos, gritava com ele, e, em outros, incluía Lucas em suas atividades. No período entre o primeiro e o segundo aniversário de Lucas (fase IV), além de buscar participar e tomar para si os brinquedos de Helena, ele passou a bater na irmã. Helena, por sua vez, era capaz de incluí-lo em suas brincadeiras desde que o irmão se deixasse liderar por ela. Por outro lado, Helena demonstrava irritação com Lucas e incomodava-se por ter de cuidar dele e responder às suas solicitações quando a mãe não estava em casa.

A Tabela 12, a seguir, apresenta os principais resultados do caso para a categoria de *disputa e competição fraterna*.

Tabela 12

Manifestações de Disputa e Competição Fraternal – Caso 4

	F1	F2	F3	F4
Idade 2º. filho	32 semanas gestacionais	6 meses	1 ano	2 anos e 1 mês
Idade primogênita	6 anos e 1 mês	6 anos e 9 meses	7 anos e 3 meses	8 anos e 4 meses
Disputa e competição fraterna	Helena: - Dividia sem dificuldade seus brinquedos, ajudava no cuidado do irmão (banho, dar comida, trocar roupa) e brincava com ele.	- disputa pelo espaço e divisão dos brinquedos; Helena: - desejo de brincar sozinha; - incomodada, buscava tirar o irmão da situação, gritava com ele para que não mexesse em suas coisas; - incluía Lucas em suas atividades. Lucas: - invadia espaços e buscava pegar brinquedos de Helena.	- disputa por posses e brinquedos: Helena: - incluía irmão nas brincadeiras; - irritação com ele, dispensá-lo quando não conseguia liderar a brincadeira; - incomodação por ter de cuidar de Lucas, responder à suas solicitações (ex. algo para comer). Lucas: - invasão do espaço de Helena, desejo de participar de suas brincadeira, tomar para si os objetos que ela estava brincando, bater na irmã.	
Oscilação			- surgimento de disputa e competição.	- aumento na disputa com relação ao momento anterior.

2. Relacionamento parental

No que se refere ao relacionamento de Helena com os progenitores, a mãe (Marta) foi apontada desde a gestação até os 2 anos de Lucas como a principal fonte de segurança e apoio para Helena e com quem a filha possuía um relacionamento de maior proximidade. O relacionamento de Helena com o pai (Rodrigo) foi apontado, de modo geral, como mais distante e conflitivo. Em algumas situações Rodrigo colocava-se como provocador de Helena, instigando o ciúme dela em relação à mãe ou ao irmão, ou disputando com ela nos jogos. Nestas situações Rodrigo era apontado como “infantil” pela esposa, não sendo capaz de se fazer respeitar e assumir o papel parental junto à filha. Dentre as relações de proximidade de Helena, a avó materna foi considerada como possuindo um relacionamento de maior proximidade com Helena e sendo preferida pela filha ao pai.

Durante a gestação materna (fase I), houve uma maior aproximação e aumento nas demonstrações de carinho de Helena para com a mãe. Helena tornou-se também mais exigente, ansiosa e sensível na relação com a mãe, o que, associado a uma redução na tolerância e aumento na irritabilidade de Marta, levou ao surgimento de tensão na relação mãe-filha. Na relação com o pai, após um aumento no conflito devido ao ciúme de Helena em relação à mãe com o pai, ao final da gestação, houve uma aproximação pai-filho. Neste momento, Helena passou a permitir o envolvimento do pai em algumas das atividades de cuidado que antes não permitia.

Após o nascimento de Lucas (fase II), ambos os progenitores passaram a dedicar mais atenção ao filho recém-nascido. Embora Marta fosse a principal responsável pelos cuidados de Helena, neste momento, precisava dedicar mais atenção à Lucas do que à filha, de modo que passavam pouco tempo em interações conjuntas. Frente à redução na atenção materna, percebeu-se um aumento na solicitação de atenção de Helena para com a mãe e uma redução na tolerância de Marta com Helena. O pai não parecia conseguir suprir a atenção de Marta na interação com Helena, envolvendo-se prioritariamente com Lucas, enquanto Marta dividia-se entre o cuidado do segundo filho e de Helena. Com o aumento no envolvimento paterno após o nascimento de Lucas, indiretamente, houve uma aproximação pai-filha através das interações em brincadeiras uma vez que Helena passou a ser incluída nas brincadeiras de Rodrigo com Lucas. Destaca-se que o aumento no envolvimento do pai com os filhos referiu-se especialmente às brincadeiras e distração dos filhos, de modo que os cuidados diários permaneciam mais a cargo da mãe.

Em torno do primeiro aniversário de Lucas (fase III), Marta continuava sendo percebida como a principal fonte de segurança e apoio para Helena. Contudo, a mãe dispunha de pouco tempo para a filha e dispunha a maior parte de sua atenção à Lucas. Neste contexto, Marta foi descrita pelo marido como intolerante e exigente com Helena, mas ela própria descreveu-se como mais paciente e capaz de manejar os conflitos com a filha. Rodrigo, assim como Marta, continuava a dispensar mais atenção à Lucas do que à Helena, contudo, estava mais disponível e envolvido também com a filha neste momento, passando mais tempo em casa na companhia dela. Apesar de algum conflito no relacionamento devido a comportamentos de provocação do pai com Helena, havia ocorrido uma aproximação entre os dois nas interações de brincadeiras e nas demonstrações de carinho de Helena com o pai. Neste contexto, Helena passou a solicitar explicitamente seu desejo por carinho, atenção e interações de brincadeiras com os progenitores, não necessariamente ligadas à presença do irmão e à disputa com ele pelos progenitores.

No último momento de contato com a família, em torno do segundo aniversário de Lucas (fase IV), Helena continuava a desfrutar de maior proximidade com a mãe do que com o pai. Contudo, havia pouco envolvimento da mãe em brincadeiras conjuntas e esta parecia demonstrar estresse e impaciência no trato com a filha. No relacionamento do pai com Helena houve uma redução nas brincadeiras (principal meio de interação pai-filha), o que foi atribuído pelo pai ao amadurecimento da filha (no momento com 8 anos e 4 meses) e à mudança no tipo de brincadeiras de seu interesse. Rodrigo continuava assumindo prioritariamente o papel de parceiro de brincadeira com os filhos, o que, em alguns momentos, desviava-se para interações de provocação e competição com a filha.

A Tabela 13, a seguir, apresenta os principais resultados do caso para a categoria de *relacionamento parental*.

Tabela 13

Relacionamento Parental – Caso 4

	F1	F2	F3	F4
Idade 2º. filho	32 semanas gestacionais	6 meses	1 ano	2 anos e 1 mês
Idade primogênita	6 anos e 1 mês	6 anos e 9 meses	7 anos e 3 meses	8 anos e 4 meses
Mãe e pai		- ambos mais atenção a Lucas; - pai com Lucas, quando mãe com Helena.	Helena: - momentos de “carência” (ex. ir para a cama dos progenitores, pedir carinho, abraço, colo, pedir para brincar com ela); - pedidos de atenção e carinho.	
Mãe	- tensão na relação mãe-Helena. Mãe: - mais intolerante e irritada com a filha. Helena: - mais próxima à mãe do que ao pai; preferência. - após gestação: aumento na proximidade com a mãe; - mais exigente, ansiosa e sensível; - aumento na demonstração e na solicitação de carinho; - despedidas mais marcantes.	Mãe: - assumia mais os cuidados de Helena; - primeira escolha de Helena; - mais atenção a Lucas do que a Helena; - redução na atenção à Helena; - pouco tempo mãe-filha (final do dia); - menos tolerante, mais brigona e estressada com Helena. Helena: - maior solicitação de atenção e carinho da mãe.	Mãe: - principal fonte de segurança e apoio à Helena; - pouco tempo mãe-filha; - mais atenção para Lucas; - intolerância e exigência; mais irritada, brigando mais do que anteriormente (perspectiva paterna); - mais paciente e manejando melhor conflitos com Helena (perspectiva materna).	Mãe: - impaciência e estresse e exigente com Helena. Helena: - maior proximidade com a mãe do que com o pai.

Pai	<ul style="list-style-type: none"> - relacionamento distante; - aumento do conflito (na presença da mãe). <p>Helena (final da gestação):</p> <ul style="list-style-type: none"> - aumento da proximidade do pai; - permitindo que pai participasse mais de seus cuidados. 	<ul style="list-style-type: none"> - maior aproximação pai-filha, maior interação em brincadeiras (Helena incluída nas brincadeiras pai-Lucas). <p>Pai:</p> <ul style="list-style-type: none"> - maior participação no cuidado dos filhos; - mais envolvido e participação nos cuidados com Lucas do que fora quando Helena era bebê; - maior sentimento de capacidade como pai; - maior envolvimento com Lucas (brincadeiras) do que com Helena, principalmente quando Marta cuidava de Helena; - conflito com Helena: pai debochado e provocador. <p>Helena:</p> <ul style="list-style-type: none"> - maior aproximação do pai nas brincadeiras com o irmão. 	<ul style="list-style-type: none"> - maior aproximação pai-filha. <p>Pai:</p> <ul style="list-style-type: none"> - parceiro para brincadeiras; - melhor pai neste momento do que no passado; - mais atenção a Lucas do que a Helena; - mais disponível e envolvido com Helena que anteriormente; - mais tempo juntos em casa; pai mais calmo que mãe. <p>Helena:</p> <ul style="list-style-type: none"> - maior aproximação do pai (brincadeiras, hora de dormir, mais carinhos). 	<p>Pai:</p> <ul style="list-style-type: none"> - mais participativo do que quando tinham apenas Helena; - diminuição nas brincadeiras com Helena devido ao amadurecimento da filha e mudança do tipo de brincadeira; - papel infantil junto a Helena, não de autoridade ou cuidador, irritava e competia com a filha.
-----	---	---	--	--

Análise conjunta do Caso 4

Ao analisar conjuntamente as categorias de *Rivalidade fraterna* e *Relacionamento parental*, procurou-se apontar algumas possíveis associações e coerências. Helena sempre tivera um relacionamento de maior proximidade com a mãe e certo distanciamento e conflito com o pai. Durante a gestação de Lucas (fase I), Helena passou a demonstrar sinais de ciúme em relação à mãe com outras crianças e com o pai e desejo de voltar a ser bebê e colocar-se no lugar do irmão. Frente ao aumento no ciúme de Helena com a mãe, a primogênita passou a se mostrar também mais exigente, ansiosa e sensível na interação com Marta. Embora desejando maior proximidade e demonstrando mais carinho pela mãe, a relação mãe-filha passou a vivenciar maior tensão. Por um lado, Helena estava mais exigente e sensível, por outro, a mãe estava menos tolerante e mais irritada com Helena. Frente a isso, embora disputassem pela atenção de Marta quando na sua presença, quando a sós, Helena e o pai passaram a desfrutar de maior proximidade. Durante a gestação materna, Helena passou a permitir que o pai se envolvesse mais em seus cuidados.

Seis meses após o nascimento do irmão (fase II), conforme este passou a interagir mais e os progenitores passaram a direcionar a maior parte de sua atenção a ele, percebeu-se o pico de ciúme de Helena em relação aos progenitores com o irmão. Neste momento, Helena demonstrou busca da atenção dos progenitores e sentimento de perda do amor destes. Embora fosse a principal cuidadora de Helena, neste momento, Marta estava mais envolvida com Lucas, dispensando pouco tempo e mostrando-se menos tolerante com a filha. Neste contexto, Helena foi apontada como mais próxima à mãe, passando a demonstrar ciúme em relação a ela com o irmão através da busca de sua atenção (mostrar o que realizava, protestos quando precisava atender o irmão antes dela).

No relacionamento com o pai, embora tivesse ocorrido uma aproximação pai-filha, Rodrigo envolvia-se mais com Lucas, especialmente em brincadeiras. O aumento do envolvimento de Rodrigo com a filha deu-se também através das interações de brincadeira, pois passou a incluí-la em suas brincadeiras com Lucas. Sendo assim, com o pai, o ciúme foi expresso através da busca por participar das interações pai-irmão e da busca por chamar sua atenção quando ele estava envolvido nos cuidados do irmão. Além disso, foi relatado sentimento de injustiça de Helena frente à distribuição da atenção e do afeto a ela e ao irmão, sendo o irmão favorecido. Esta sensação de Helena se confirmava, uma vez que Rodrigo estava sendo mais envolvido e participativo com Lucas do que fora com ela quando ela era bebê. Além disso, o

relacionamento de Helena com o pai era caracterizado como conflitivo, envolvendo o ciúme pela mãe e atitudes infantis do pai de provocação e competição com Helena. Neste momento, além do ciúme dos progenitores, Helena também demonstrou ciúme do irmão quando amigos da família desejavam pegá-lo no colo.

Em torno do primeiro aniversário de Lucas (fase III), os progenitores relataram uma acentuada redução nas manifestações de ciúme de Helena com o irmão. Helena havia assumido uma postura de “irmã mais velha”, assumindo os cuidados e o ensino do irmão. Helena fora descrita como mais calma, menos manhosa e mais compreensiva em relação à necessidade de os progenitores direcionarem mais atenção ao irmão. Neste momento, as necessidades de atenção e carinho de Helena em relação aos progenitores foram expressas de modo direto, não necessariamente associadas à disputa com o irmão pelo afeto dos progenitores. Embora ambos os progenitores estivessem dedicando mais atenção à Lucas do que à Helena, ocorreu uma maior aproximação entre Helena e o pai, e este estava mais disponível e envolvido com a filha. A única manifestação de ciúme de Helena apontada pelos progenitores neste momento referiu-se ao ciúme em relação ao irmão quando os amigos da família desejavam pegá-lo no colo.

Conforme Lucas passou a apresentar maior capacidade motora e interativa, houve um aumento na competição e na disputa entre os irmãos por espaços e brinquedos. Embora se incomodasse com as investidas do irmão a seus brinquedos e posses, Helena conseguia, em algumas situações, incluí-lo em suas atividades. No período em torno do segundo aniversário de Lucas (fase IV), a disputa por espaços e brinquedos entre os irmãos intensificou-se conforme Lucas desejava participar das brincadeiras de Helena e passou a bater na irmã quando não conseguia o desejado. Embora incluísse o irmão em algumas situações, em outras, Helena buscava afastá-lo irritada. Além disso, Helena incomodava-se com o fato de ter de cuidar do irmão quando a mãe não estava em casa, respondendo às suas solicitações.

Na relação com os progenitores, aos 2 anos de Lucas (fase IV), Helena continuava mais próxima da mãe, contudo, Marta fora descrita como mais impaciente e estressada com a filha. Rodrigo, por sua vez, havia reduzido sua participação em brincadeiras com Helena devido à mudança de interesses de Helena e a seu amadurecimento. Com isso, possivelmente tenha ocorrido uma redução na interação pai-filha, uma vez que esta se dava prioritariamente através de interações de brincadeira. Rodrigo continuava a assumir, em alguns momentos, um papel de competidor e provocador com Helena. Neste contexto, houve um pequeno aumento no ciúme de

Helena em relação à mãe, que foi percebido através de questionamentos sobre as coisas que ela era capaz de realizar na idade do irmão, comparando-se a ele e da exigência de Helena em receber os mesmos carinhos que a mãe dispensava ao irmão. Percebeu-se também certa rivalidade de Helena pela atenção dos familiares quando o foco estava no irmão.

Análise conjunta de todos os casos

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Antes de analisar os resultados encontrados sobre o ciúme entre irmãos, a partir dos quatro casos investigados, cabe destacar alguns cuidados gramaticais necessários ao se escrever sobre esta temática. Na linguagem popular, muitas vezes ouve-se falar no ciúme como um construto diádico, por exemplo, “ciúme do irmão”, “ciúme da mãe”, sendo algumas vezes referido o destinatário do ciúme (ex. a mãe) e, outras vezes, o rival (ex. o irmão) para descrever a mesma situação. Tal dificuldade coloca-se, uma vez que o ciúme acontece sempre no contexto de um triângulo social de relações, ou seja, em uma relação em que estão implicados ao menos três sujeitos: a pessoa enciumada, o destinatário (a pessoa amada) e o rival (que pode também ser um objeto, uma tarefa, etc.). Frente a isto, ao escrever sobre o ciúme, destaca-se a importância de se especificar a fonte, o destinatário e o rival envolvidos. Deste modo, propõe-se que o ciúme seja descrito conforme o seguinte exemplo: “ciúme do primogênito (fonte) em relação aos progenitores (destinatário) com o irmão (rival)”. Com isso, apresenta-se o triângulo completo, mas se destaca o destinatário do ciúme e não o rival, o sujeito que desencadeou o ciúme.

Conforme a Tabela 14, ao longo do período investigado, ou seja, desde o último trimestre da gestação materna até 2 anos após o nascimento do segundo filho, percebeu-se que os relatos acerca de ciúme referiram-se com alta frequência e massivamente ao ciúme do primogênito em relação aos progenitores, tendo o irmão como rival. O ciúme do primogênito em relação aos progenitores com o irmão foi mencionado em todos os quatro casos em todas as quatro fases da investigação. Embora menos frequente e de menor destaque nos relatos dos progenitores, houve também referência a ciúme dos primogênitos em relação à família extensa (familiares) e amigos da família com o irmão e ciúme do primogênito em relação ao próprio irmão tendo os amigos da família como rivais. Além disso, houve também menção a ciúme do segundo filho em relação aos progenitores, tendo o irmão mais velho (primogênito) como rival.

O ciúme do primogênito em relação à família extensa e aos amigos da família foi referido apenas em dois casos (Caso 3, fases II e III; Caso 4, fase IV), nas situações em que estes direcionavam sua atenção ao irmão. Nestes momentos, os primogênitos buscaram mostrar-se interessantes, exibindo seus brinquedos, suas habilidades e atributos, a fim de redirecionar para si a atenção dos familiares. No único caso em que houve referência a ciúme do primogênito em relação ao próprio irmão com os amigos da família (Caso 4, fases II e III), este ocorreu no período entre o nascimento do irmão e seu primeiro aniversário. Neste caso, a primogênita demonstrou desconforto nas situações em que os amigos da família buscavam pegar o irmão no colo, desejando ela própria pegá-lo. Além do ciúme do primogênito tendo o irmão mais novo como rival, a direção inversa foi verificada em um dos casos investigados (Caso 2). Neste caso, a segunda filha, passou a demonstrar ciúme em relação ao pai com a irmã, assim que pôde comunicar-se minimamente, no período em torno do seu primeiro aniversário.

Dada a relevância do ciúme do primogênito em relação aos progenitores com o irmão, passa-se a analisá-lo detalhadamente, a seguir. Ao analisar conjuntamente o ciúme do primogênito em relação aos progenitores com o irmão nos quatro casos investigados, percebeu-se que este se manifestou de diversas formas. Ao buscar agrupá-las, a fim de facilitar a compreensão deste fenômeno, cinco formas básicas de manifestações de ciúme emergiram, as quais foram consideradas como indicadores de ciúme, a saber: 1) *busca da atenção/afeto dos progenitores*; 2) *sentimento de perda do amor dos progenitores*; 3) *desejo de estar no lugar do bebê*; 4) *expressões de agressividade*; 5) *expressões de tristeza/desconforto* (conforme Tabela 15). A proposta destes cinco indicadores de ciúme foi elaborada *a posteriori*, com base nos relatos dos progenitores referentes a emoções, cognições e comportamentos do primogênito relacionados à ameaça da perda do relacionamento desfrutado com os progenitores para o irmão.

Tabela 15

Indicadores de Ciúme do Primogênito em Relação aos Progenitores com o Irmão

Indicador de ciúme	Formas de manifestação
1) Busca da atenção/afeto dos progenitores	<ul style="list-style-type: none"> - desejo de que deixassem de dar atenção ao irmão; pedir que não falassem no irmão; - solicitar cuidados; simular machucado; pedir ajuda na higiene; pedir mamadeira; - chamar para contar/mostrar algo; - mostrar-se interessante (brinquedos/atributos/capacidades); - convidar para brincar, para ler historinhas; - solicitar que ficassem só com ele e deixassem o irmão; exigir envolvimento exclusivo com ele em brincadeiras/passeios; - protestar quando precisavam atender o irmão antes dele; - buscar receber o mesmo carinho/brincadeira/cuidado que o irmão; - interferir na interação progenitores-irmão (gritar, puxar o progenitor, colocar-se no meio); - desobedecer e provocar; - buscar participar das interações progenitores-irmão;
2) Sentimento de perda do amor dos progenitores	<ul style="list-style-type: none"> - sentimento de não ser mais amado ou ser preterido ao irmão; - sentimento de injustiça na distribuição da atenção/afeto (irmão favorecido);
3) Desejo de estar no lugar do bebê	<ul style="list-style-type: none"> - desejo de voltar a ser bebê; entrar no carrinho do bebê; ouvir músicas de ninar do bebê; - comparações com o irmão; perguntas sobre o que fazia, que cuidados recebia quando era bebê;
4) Expressões de agressividade	<ul style="list-style-type: none"> - com o irmão: ameaça de comportamentos agressivos; empurrar o irmão para tomar seu lugar; - com a mãe: bater na barriga da mãe (durante a gestação);
5) Expressões de tristeza/desconforto	<ul style="list-style-type: none"> - ficar triste ou incomodado quando os progenitores interagem com o irmão.

Apresentam-se, a seguir, pormenorizadamente, os resultados acerca de cada um dos cinco indicadores de ciúme dos primogênitos em relação aos progenitores com o irmão, por ordem decrescente de relevância no relato dos progenitores investigados. A *busca da atenção/afeto dos progenitores* referiu-se ao principal indicador de ciúme entre os primogênitos, estando presente em todos os casos, em ao menos duas fases da investigação, através de uma variedade de comportamentos (vide Tabelas 16 e 17)⁹. Este indicador de ciúme foi manifesto através dos seguintes comportamentos quando os progenitores estavam interagindo, cuidando ou brincando com o irmão: pedir que não falassem no irmão (desejo de que deixassem de dar atenção ao irmão); solicitar cuidados, simular machucado, pedir ajuda na higiene, pedir mamadeira; chamar o progenitor para contar ou mostrar algo; mostrar-se interessante (mostrar seus brinquedos, atributos e capacidades); convidar o progenitor para brincar ou ler historinhas; solicitar que o progenitor ficasse só com ele e deixasse o irmão, exigir envolvimento exclusivo com ele em brincadeiras/passeios; protestar quando o progenitor precisava atender o irmão antes dele; buscar receber o mesmo carinho/brincadeira/cuidado que o irmão; interferir na interação progenitor-irmão (gritar, puxar o progenitor, colocar-se no meio); desobedecer e provocar; buscar participar das interações progenitor-irmão.

O segundo indicador de ciúme referiu-se ao *sentimento de perda do amor dos progenitores*, o qual foi mencionado em todos os quatro casos investigados, em ao menos uma etapa da pesquisa. Este indicador foi evidenciado através do sentimento de não ser mais amado pelos progenitores ou de ser preterido ao irmão e do sentimento de injustiça na distribuição da atenção e do afeto dos progenitores.

O terceiro indicador de ciúme referiu-se ao *desejo de estar no lugar do bebê*, manifesto através do desejo de voltar a ser bebê (entrar no carrinho do bebê, ouvir músicas de ninar do bebê) e de comparações com o irmão (perguntas aos progenitores sobre o que ele fazia quando era bebê, que cuidados recebia). Este indicador de ciúme foi evidenciado em todos os casos investigados, em ao menos uma das fases da pesquisa.

O quarto indicador de ciúme referiu-se a *expressões de agressividade* do primogênito. Este manifestou-se de duas possíveis formas: com o irmão (através de ameaça de

⁹ Destaca-se que, embora esclarecedores, a presença e a frequência dos indicadores de ciúme não foram consideradas isoladamente para a compreensão do desenvolvimento deste construto, ao longo do período investigado. Estes dados foram analisados em conjunto com os resultados completos de cada caso, incluindo, portanto, os relatos dos progenitores sobre a intensidade e as oscilações do ciúme das crianças.

Tabela 16

Presença dos Indicadores de Ciúme do Primogênito em Relação aos Progenitores com o Irmão – por Caso.

	Caso 1				Caso 2				Caso 3				Caso 4			
	F1	F2	F3	F4	F1	F2	F3	F4	F1	F2	F3	F4	F1	F2	F3	F4
1) Busca da atenção/afeto dos progenitores	MP ¹⁰	MP	P	MP	M	MP	MP	P		MP	MP	MP		MP		M
2) Sentimento de perda do amor dos progenitores	MP	MP	MP	MP				M		MP		MP		P	MP	
3) Desejo de estar no lugar do bebê		MP		MP		MP			M		M		MP			M
4) Expressões de agressividade	MP				M						MP					
5) Expressões de tristeza/desconforto	MP					P	MP	P		M						

Tabela 17

Presença dos Indicadores de Ciúme do Primogênito em Relação aos Progenitores com o Irmão – por Fase.

	Fase 1				Fase 2				Fase 3				Fase 4			
	C1	C2	C3	C4												
1) Busca da atenção/afeto dos progenitores	MP	M			MP	MP	MP	MP		MP	MP			P	MP	M
2) Sentimento de perda do amor dos progenitores	MP				MP		MP	P	MP			MP	MP	M	MP	
3) Desejo de estar no lugar do bebê			M	MP	MP	MP					M		MP			M
4) Expressões de agressividade	MP	M									MP					
5) Expressões de tristeza/desconforto	MP					P	M			MP				P		

¹⁰ “MP” o indicador refere-se à mãe e ao pai; “M” o indicador refere-se somente à mãe; “P” o indicador refere-se somente ao pai.

comportamentos agressivos ou empurrando o irmão para tomar seu lugar) ou com a mãe (através de batidas na barriga da mãe – durante a gestação). Este indicador foi referido em três casos em apenas uma etapa em cada caso. Salienta-se que isto não significa que as manifestações de agressividade do primogênito em relação ao irmão ou aos progenitores ao longo do período investigado tenham se restringido àquelas consideradas neste indicador, uma vez que se incluiu aqui apenas as expressões de agressividade em que foi possível, através do relato dos progenitores, inferir ciúmes, e não apenas disputa diádica. Para tanto, elas precisavam ocorrer como resposta à perda ou à ameaça de perda da relação parental para o irmão.

O quinto indicador de ciúme referiu-se a *expressões de tristeza/desconforto*, ou seja, quando o primogênito era descrito como triste ou incomodado frente à interação dos progenitores com o irmão. Este indicador foi identificado em todos os casos investigados em ao menos uma etapa da pesquisa.

Ao analisar o desenvolvimento do ciúme dos primogênitos ao longo do período investigado, percebe-se que alguns momentos foram considerados pelos progenitores como especialmente difíceis para as crianças. Em todos os casos investigados os progenitores relataram indicadores de ciúme, desde a gestação até o segundo ano de vida do segundo filho, havendo oscilações particulares a cada caso. Nos quatro casos investigados, já durante a gestação, os primogênitos apresentaram algum sinal de ciúme em relação aos progenitores com o irmão que estava para nascer. Este foi perceptível de modo especial a partir do segundo trimestre gestacional, ou seja, a partir do momento em que os primogênitos começaram a concretizar a realidade da chegada do irmão, com o crescimento da barriga da mãe. Neste momento, o ciúme manifestou-se através da *busca da atenção/afeto dos progenitores* (Casos 1 e 2), do *sentimento de perda do amor dos progenitores* (Caso 1), do *desejo de estar no lugar do bebê* (Casos 3 e 4), de *expressões de agressividade* (Casos 1 e 2) e de *expressões de tristeza/desconforto* (Caso 1).

Paralelamente aos indicadores de ciúme, possivelmente frente ao risco da perda da relação com a mãe, todos os primogênitos passaram a apresentar uma busca por mais proximidade com esta durante a gestação. Isto foi perceptível tanto nos casos em que a mãe era referida como a figura principal de apego do primogênito (Casos 2, 3 e 4), quando no caso em que a mãe era considerada a figura de apego alternativa ao pai (Caso 1). A busca por maior proximidade com a mãe foi relatada através das seguintes manifestações: maior exigência de envolvimento da mãe nos cuidados diários (em tarefas que antes aceitava serem feitas pelo pai – Caso 3); temor de

perder a mãe, que ela o deixasse (Casos 2 e 3); maior dificuldade em separar-se da mãe (protesto/choro ao se despedir para ir à escola; negação a dormir fora de casa; resistência a frequentar lugares sem a mãe; ansiedade ao antecipar a separação para hospitalização – Casos 2, 3 e 4); aumento na demonstração e solicitação de carinho (Caso 4).

Embora no período gestacional a maior solicitação e busca por proximidade tenha sido relatada no relacionamento do primogênito com a mãe, já neste momento, começou-se a perceber uma incipiente aproximação dos primogênitos em relação à figura paterna. Nos três casos em que o pai não era a principal figura de apego do primogênito (Casos 2, 3 e 4), pôde-se perceber, desde a gestação, uma aproximação primogênito-pai através dos seguintes comportamentos: aumento na solicitação de atenção do pai (Caso 2), aumento do envolvimento do pai nos cuidados do filho e nas atividades domésticas (Caso 3), aumento na busca do pai para brincadeiras e maior permissão para que o pai participasse de seus cuidados (Caso 4).

Durante a gestação materna, destaca-se ainda que o ciúme do primogênito em relação aos progenitores foi menos marcante em dois dos casos investigados (Casos 3 e 4). Em ambos os casos o ciúme foi percebido apenas através do *desejo de voltar a ser bebê*. No Caso 3, inclusive, os progenitores não haviam identificado nenhuma manifestação de ciúme do primogênito neste período.

Ao analisar os indicadores do ciúme fase a fase (vide Tabela 17) e considerando-se o relato dos progenitores (apresentados nas análises completas dos casos – Anexos H-K), percebe-se que, embora o ciúme do primogênito em relação aos progenitores já pudesse ser identificado desde a gestação, foi com o nascimento do irmão que este passou a apresentar-se com mais intensidade. De modo geral, o primeiro ano após o nascimento do segundo filho foi caracterizado pelos progenitores como o momento em que houve mais ciúme do primogênito em relação a eles com o irmão. Destaca-se que este foi o único período em que todos os quatro primogênitos apresentaram *busca da atenção/afeto dos progenitores* e em três casos os primogênitos demonstraram *sentimento de perda do amor dos progenitores* (Casos 1, 3 e 4). Além disso, em dois casos, o ciúme foi percebido através do *desejo de estar no lugar do bebê* (Casos 1 e 2) e de *expressões de tristeza/desconforto* (Casos 2 e 3).

A partir do relatado pelos progenitores referente à oscilação do ciúme no período após o nascimento do segundo filho, destaca-se que, enquanto a maioria dos primogênitos reagiu imediatamente ao nascimento do irmão, passando a apresentar indicadores de ciúme desde o

primeiro mês após seu nascimento, no Caso 4, a primogênita passou a demonstrar ciúme apenas em torno do sexto mês de vida do irmão. Pode ser que, por ser mais velha que os demais primogênitos, Helena (a primogênita do Caso 4) tivesse conseguido manejar melhor os sentimentos de ciúme até este momento. Aos 6 meses do irmão, contudo, conforme este tornou-se mais interativo e interessante aos adultos, possivelmente teria passado a se mostrar mais ameaçador à sua posição na família, desencadeando sentimentos mais fortes de ciúme.

A presença de ciúme após o 6º. mês de vida do segundo filho também esteve presente nos demais casos investigados. Nos casos em que o ciúme do primogênito em relação aos progenitores com o irmão já havia se manifestado desde seu nascimento, entre o sétimo mês e o primeiro ano de vida do segundo filho fora identificado um novo pico de ciúme. No Caso 2, este novo pico de ciúme ocorreu aos 7 meses do irmão; no Caso 3, este ocorreu entre o oitavo e o décimo mês e; no Caso 1, em torno do primeiro aniversário do irmão.

Deste modo, percebe-se que o segundo semestre de vida do segundo filho trouxe um novo impulso ao ciúme do primogênito, possivelmente relacionado aos novos desafios interacionais da família. Seria o momento em que, conforme o próprio relato dos progenitores, o segundo filho começou a se tornar mais comunicativo, interativo e interessante à interação com os progenitores, passando a disputar mais sua atenção. No Caso 1, os progenitores referiram que estas manifestações de ciúme coincidiram com o período em que o irmão começou a caminhar. No Caso 3, o aumento no ciúme foi percebido já desde o período em que a irmã começou a engatinhar, em torno de seu oitavo mês de vida. Além disso, como referido pelo pai no Caso 1, neste momento, ambos os progenitores tiveram que se dedicar mais ao segundo filho devido à necessidade de maior vigilância quando este começou a caminhar.

Relacionado ao incremento do ciúme, ressalta-se que, após uma aproximação da mãe no período gestacional e nos primeiros meses após o nascimento do irmão, ao longo do primeiro ano de vida do segundo filho, todos os primogênitos vivenciaram um afastamento em relação a ela. Neste período, todas as mães relataram dedicar mais atenção e estar mais envolvidas com o segundo filho do que com o primogênito. Além da redução do envolvimento materno com o primogênito, em três casos (Casos 1, 3 e 4) a mãe foi descrita como apresentando piora em seu humor e mais cansaço, o que a tornava mais intolerante, impaciente e exigente com o primogênito.

Neste contexto, conforme a mãe não correspondia à necessidade da criança, percebeu-se uma aproximação progressiva dos primogênitos em relação ao pai. A aproximação primogênito-pai foi percebida em todos os casos, com exceção do Caso 1, em que o pai já era a principal figura de apego do primogênito mesmo antes da gestação materna, no qual se manteve tal padrão. Em todos os outros casos (Casos 2, 3 e 4), percebeu-se um processo de aproximação pai-primogênito, de modo que nos Casos 2 e 3 o pai passou, inclusive, a ser apontado como a figura de maior proximidade com o primogênito, no período em torno do primeiro aniversário do segundo filho. Mesmo no Caso 4, em que o pai apresentava um relacionamento conflituoso com a primogênita e a mãe continuou sendo a principal cuidadora desta após o nascimento do irmão, observou-se uma aproximação de Helena (primogênita) em relação ao pai, conforme este passou a interagir mais com o segundo filho e incluí-la nestas interações.

Destaca-se que, além do movimento de aproximação feito pelos primogênitos, os próprios pais contribuíram de modo marcante para esta alteração na dinâmica familiar. Conforme as mães tornaram-se pouco disponíveis aos primogênitos, a maioria dos casais, com exceção do Caso 4, passou a apresentar uma divisão clara no cuidado dos filhos, a mãe responsabilizando-se prioritariamente pelo segundo-filho, enquanto que o pai passou a dedicar-se quase que exclusivamente ao primogênito. Mesmo no Caso 4, em que a mãe continuou como a principal cuidadora da primogênita, houve um aumento do envolvimento paterno no cuidado dos filhos, de modo geral, após o nascimento do segundo filho, o que levou a um incremento na sua disponibilidade e dedicação com a primogênita e a um aumento na interação em brincadeiras com ela.

Após o primeiro aniversário do segundo filho, pôde-se perceber uma nova alteração na dinâmica familiar relacionada a mudanças no relacionamento desfrutado pelo primogênito com os progenitores. Destaca-se que, nos três casos em que o pai assumiu o papel de principal cuidador do primogênito após o nascimento do irmão (Casos 1, 2 e 3), este período fora caracterizado por uma aproximação do pai em relação ao segundo filho. O pai que, até então, havia dedicado sua atenção quase que exclusivamente ao primogênito, passou a interagir mais com o segundo filho, uma vez que ele se tornava mais claro em sua comunicação e mais atraente ao tipo de brincadeira tipicamente preferida pelos pais. No Caso 1, desde o período em torno do primeiro aniversário do segundo filho até o último contato com a família (2 anos do segundo filho), houve uma redução na disponibilidade do pai para Artur, o que esteve relacionado tanto ao

maior envolvimento com o segundo filho, quanto a dificuldades de saúde e doença na família do pai. Neste caso, a partir do primeiro aniversário do irmão (fase III), Artur passou a demonstrar ciúmes especificamente dirigido ao pai, através da busca de sua atenção exclusiva (vide Tabela 16). No Caso 2, após o primeiro aniversário da segunda filha, também se percebeu uma redução do envolvimento paterno, conforme o pai passou a aproximar-se mais da segunda filha. Destaca-se que neste caso o ciúme em relação ao pai, que havia sido moderado até o momento, apresentou um crescimento progressivo entre o primeiro e o segundo aniversário da segunda filha, direcionando-se especificamente ao pai aos 2 anos da irmã (fase IV – vide Tabela 16). No Caso 3, o pai, que anteriormente ficava apenas com o primogênito enquanto a mãe cuidava da segunda filha, passou a cuidar dos dois filhos em alguns momentos para que a esposa tivesse algum tempo só para si nos fins de semana.

Contribuiu também para a redução do envolvimento do pai com o primogênito neste período o fato de o segundo filho não mais depender tão intensamente da mãe, o que a deixava mais livre para retomar parte de seu envolvimento com o primogênito. Por sua vez, conforme a mãe pôde voltar a se envolver com o primogênito, o pai tornou-se mais liberado para aproximar-se do segundo filho. Deste modo, percebe-se que a necessidade de cuidar do primogênito após o nascimento do segundo filho retardou o envolvimento do pai com o segundo filho. Isto foi percebido de modo mais marcante nos casos em que os pais relataram ter dedicado mais atenção ao primogênito quando ele era bebê do que ao segundo filho neste momento (Casos 1, 2 e 3).

Ao aproximar-se do segundo aniversário do segundo filho, enquanto que em dois casos os progenitores relataram redução no ciúme do primogênito (Casos 2 e 3), em outros dois casos houve um novo aumento nestas manifestações (Casos 1 e 4). Destaca-se que os casos em que os progenitores mencionaram aumento do ciúme do primogênito referiram-se àqueles em que o período entre o primeiro e o segundo aniversário do segundo filho foi caracterizado por redução na disponibilidade de ambos os progenitores ao primogênito. Por outro lado, no Caso 3, em que houve menção à redução do ciúme em torno do segundo aniversário do segundo filho, ambos os progenitores estavam mais disponíveis e envolvidos com o primogênito neste período do que anteriormente. No Caso 2, a interconexão entre a proximidade no relacionamento parental e as manifestações de ciúme foi bastante evidente, mostrando-se específica para o relacionamento do primogênito com cada um dos progenitores. Conforme a mãe aumentou sua disponibilidade e envolvimento com a primogênita, esta foi descrita como demonstrando menos ciúme em relação

a ela. Por outro lado, conforme o pai reduziu seu envolvimento com a filha mais velha e aproximou-se da segunda filha, a primogênita passou a apresentar mais indicadores de ciúme em relação ao pai.

1.2. Disputa e competição fraterna

Como apontado na Tabela 18, ao longo do período investigado, as disputas fraternas tiveram como motivos principais a competição por espaços e posses. A disputa por espaços entre os irmãos foi referida por todos os progenitores em ao menos uma fase da investigação, expressando-se especialmente através do desejo de preservar seu quarto ou ficar sozinho sem o irmão. A disputa por posses, relacionada aos pertences das crianças, esteve presente também em todos os casos investigados, sendo considerada a principal causa de disputa fraterna, referida em ao menos duas fases em cada um dos casos investigados. A disputa por posses referiu-se prioritariamente à dificuldade em dividir os brinquedos com o irmão. Além destes motivos, algumas manifestações pontuais e individuais da disputa fraterna também foram relatadas no presente estudo, estando relacionadas à competição pelos amigos do irmão (Caso 1), desagrado pelo choro do irmão mais novo (Caso 2), desagrado por ter de cuidar do irmão mais novo (Caso 4) e agressões devido à interpretação de intenção do irmão mais novo de agredí-lo (Caso 3).

No que se refere à expressão das disputas, percebeu-se que os primogênitos e seus irmãos utilizaram formas bastante diversas para manifestá-las. Para o primogênito, a disputa expressiu-se através de demonstrações físicas de agressão (ex. bater, empurrar, apertar o nariz do irmão), expressões verbais (ex. xingar, gritar com o irmão; provocações e implicâncias), expressões indiretas de agressão (brincadeiras ou interações limítrofes entre carinho e agressão) e mostrando-se irritados e desagradados. Para o irmão mais novo, diferentemente, os relatos dos progenitores acerca das disputas incluíram apenas expressões físicas de agressão (ex. mordidas, beliscões e puxões de cabelo).

Destaca-se ainda que, devido à diferença de idade, enquanto os irmãos menores utilizavam da agressão física como forma de resolução dos conflitos, os primogênitos demonstraram lançar mão de uma gama de atitudes a fim de solucionar os conflitos com seus irmãos menores. Além disso, frente às disputas fraternas, os primogênitos tipicamente foram os responsáveis por manejar a disputa e controlar a relação. Nestas situações os primogênitos empregaram estratégias de manejo de conflito passivas (ex. chorar, não conseguir defender-se ou

afastar-se do irmão, reclamar do irmão aos progenitores), de afastamento do irmão (mandar o irmão sair, tirar o irmão da situação, fechar/trancar a porta do quarto para o irmão não entrar, chamar os progenitores para tirar o irmão da situação) ou ainda conciliadoras (ceder às demandas do irmão; incluir o irmão nas brincadeiras ou atividades).

Ao avaliar a presença da disputa e da competição fraterna nos quatro casos investigados, pôde-se perceber que este esteve presente em todos os relacionamentos fraternos desde o nascimento do segundo filho. Em dois casos investigados (Casos 1 e 2), houve menção a comportamentos de disputa mesmo antes do nascimento do irmão, ou seja, no período gestacional. Embora seja questionável a possibilidade de haver disputa fraterno antes mesmo de o irmão nascer, argumentasse que os comportamentos do primogênito de não desejar dividir como irmão seu espaço (ex. seu quarto) e suas posses (ex. brinquedos, roupas) poderiam ser interpretados como competição. Nestes, casos o primogênito estava opondo-se e disputando espaço com o irmão, embora este ainda não tivesse condições de manifestar-se ou defender-se. Os dois casos em que não houve relatos de disputa fraterna no período gestacional (Casos 3 e 4) referiram-se aos mesmos casos em que houve poucos indicadores de ciúme neste período, sendo, respectivamente, a criança mais jovem e a mais velha dentre os primogênitos. Nas fases subsequentes da investigação, estas crianças continuaram a ser descritas como apresentando menos disputa e competição do que as demais.

No que tange ao desenvolvimento da disputa e da competição fraterna no curso do período investigado no presente estudo, destaca-se que em todos os casos investigados, conforme o relato dos progenitores, houve um progressivo aumento destas desde o nascimento do segundo filho até o seu primeiro aniversário. Quando o segundo filho completou um ano de vida, com o aumento de suas capacidades motoras e de comunicação, foi referido um aumento geral na interação fraterna, contribuindo, por conseguinte, para o aumento da disputa e da competição entre os irmãos. Neste momento, as disputas passaram a envolver as duas crianças de modo ativo, uma vez que o segundo filho já era capaz de iniciar disputas com o irmão e de reagir a estas. Na etapa final da investigação, aos 24 meses de vida do segundo filho, um novo aumento na disputa e na competição fraterna foi percebido.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

O presente estudo buscou investigar a rivalidade fraterna desde a gestação até os 24 meses de vida do segundo filho em famílias com um primogênito em idade pré-escolar, a partir da perspectiva dos progenitores. A discussão que segue terá como foco a rivalidade fraterna expressa através do ciúme entre os irmãos e da disputa/competição fraterna, sendo dividida em duas sessões constituídas pelas subcategorias de análise: *1.1. Ciúmes entre os irmãos* e *1.2. Disputa e competição fraterna*. Assim como na apresentação da análise conjunta de todos os casos, nesta discussão, os resultados obtidos a partir da categoria *2. Relacionamento parental* serão considerados a fim de se compreender sua possível inter-relação com a rivalidade fraterna ao longo do período investigado, não sendo apresentados separadamente. Os resultados serão analisados à luz da literatura, buscando-se destacar os aspectos comuns referentes ao modo como os progenitores de cada família perceberam o ciúme e o conflito fraterno desde a gestação até os 2 anos após o nascimento do segundo filho. Além disso, as particularidades dos casos serão também discutidas, buscando-se lançar hipóteses sobre os fatores relacionados às variações no tema investigado.

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

A massiva presença do ciúme dos primogênitos em relação aos progenitores tendo os irmãos como rivais, relatada no presente estudo, corrobora a ideia de que o ciúme entre irmãos em relação aos progenitores constitui-se como o mais poderoso da infância (Parrot, 1991). Assim, destaca-se a relevância do ciúme entre irmãos, uma vez que este reflete o temor ou a ameaça de perda de afeto ou atenção na relação que se constitui na mais importante e formativa relação da vida inicial do ser humano, a relação com os cuidadores primários, no caso deste estudo, os progenitores (Volling et al., 2002).

Ao considerar-se a relevância do ciúme entre os irmãos no período investigado, destaca-se que o termo “ciúme” não foi mencionado pelos pesquisadores deste estudo nas entrevistas com os progenitores, de modo que os relatos sobre ciúme foram referidos espontaneamente a partir dos questionamentos sobre as seguintes temáticas: reação do primogênito ao nascimento do irmão;

momentos de interação dos irmãos; mudanças no relacionamento fraterno, parental e com os familiares; reação do primogênito quando os progenitores estavam cuidando do irmão; o que desagradava o primogênito com relação ao irmão. Com isso, se apoia a literatura que apontou que a rivalidade fraterna se destaca como uma preocupação central para os progenitores no que diz respeito à criação de filhos (Calladine, 1983; McHale et al., 2006).

Na perspectiva da criança enciumada, a relevância do ciúme justifica-se, uma vez que há um relacionamento recíproco entre o valor de uma experiência ou recurso satisfatório e o grau de preocupação sobre sua possível perda ou redução, expresso através do ciúme (White & Mullen, 1989). Isto auxilia e compreender a intensidade e a maior frequência do ciúme dos primogênitos em relação aos progenitores do que em relação aos demais familiares e amigos da família ou em relação ao irmão. Mais do que os demais familiares e mais do que o irmão recém-chegado, os progenitores ocupavam o lugar de principal relacionamento e fonte de segurança e amor para os primogênitos do estudo.

Nos casos em que houve referência a ciúme do primogênito em relação à família extensa e aos amigos da família, destaca-se que a família extensa, de modo especial a avó materna, ocupava uma posição importante de apoio e auxílio nos cuidados destas crianças, o que possivelmente tivesse se intensificado com a gestação materna e com o nascimento do irmão. Desta forma, dada a importância deste relacionamento para o primogênito, a divisão da atenção e do afeto destas pessoas com o irmão recém-nascido traria maior tensão e sofrimento à criança. Além disso, no Caso 3, as manifestações de ciúme do primogênito em relação aos familiares coincidiram com os períodos de maior dificuldade da criança em lidar com o ciúme, ou seja, desde o nascimento do irmão até o primeiro aniversário deste.

No caso em que foi referido ciúme do primogênito em relação ao próprio irmão com os amigos da família, tal comportamento parecia indicar que a primogênita estava assumindo uma posição de “irmã mais velha”, de cuidadora e protetora do irmão menor. Destaca-se que se referia à díade fraterna com a maior diferença de idade e em que a primogênita fora descrita como possuindo um relacionamento “maternal” com o irmão. A primogênita possuía idade de 6 anos e 2 meses quando do nascimento do irmão, o que, estimulado pelos progenitores, a colocava em uma posição de maiores condições de assumir um papel de cuidadora deste. A este respeito, associado a expectativas sociais de gênero e a fatores genéticos, destaca-se que as meninas tendem a apresentar mais excitação e interesse com relação ao novo bebê, além de interagir mais

e de forma mais pró-social do que os meninos, face ao nascimento de um irmão (Kramer, 1996; Corter et al., 1982; Lamb, 1978a). Com isso, a primogênita parecia ter desenvolvido sentimentos de posse em relação ao irmão.

Pode-se, contudo, cogitar que o ciúme de Helena (primogênita do Caso 4) não se referisse apenas à perda do irmão como sua posse, mas também à perda de parte de sua valorização social e de seu autoconceito como “irmã mais velha” quando, por exemplo, os amigos da família, e não ela, pegavam o irmão no colo. Assim, o ciúme que parecia, à primeira vista, dirigir-se à posse do irmão, poderia estar também relacionado à busca por preservar o papel de “irmã mais velha”, papel este valorizado socialmente e associado ao reconhecimento das pessoas de suas relações. A este respeito, Parrot (1991) havia destacado que o ciúme pode se direcionar a uma variedade de relacionamentos e rivais, mostrando-se um desafio caracterizar a ameaça comum implicada nestas relações. Segundo o autor, o ciúme ocorre frente à ameaça da perda do que Tov-Ruach (1980) chamou “atenção formativa”. Assim, não seria qualquer perda de atenção que desencadearia ciúme, mas a perda da atenção em uma relação que sustenta parte do autoconceito do sujeito. Deste modo, a necessidade em relação aos outros se deve ao fato de o relacionamento com estas pessoas criar e confirmar certos aspectos do *self*, constituindo-se em uma fonte constante de autodefinição. A ameaça da perda de tal relacionamento não gera tensão pela perda de uma “propriedade”, mas sim pela perda em relação ao autoconceito que ela produz. Tal entendimento auxilia a compreender o declínio do ciúme entre irmãos e o aumento do ciúme romântico na adolescência, uma vez que neste período da vida haveria um declínio no papel dos progenitores e um aumento do papel do parceiro romântico em sustentar os aspectos mais importantes do *self* do sujeito.

Deste modo, o ciúme está associado à insegurança em relação à perda de um relacionamento valioso, assim como à perda de partes do autoconceito do sujeito sustentadas nesta relação. Os progenitores certamente ocupavam um lugar fundamental para a percepção dos primogênitos de si mesmos como pessoas de valor, amadas e interessantes. Além destes relacionamentos, o relacionamento com a família extensa e com os amigos da família também servia como fonte de gratificação e de reconhecimento para estas crianças. Pode-se imaginar que estes primogênitos desfrutassem de um lugar de maior destaque entre os adultos da família, tendo sido filhos únicos até a chegada do irmão. Com o nascimento do irmão, o lugar de criança da família, do bebê, teria passado a ser ameaçado, de modo que os primogênitos precisavam

encontrar novas formas de reconhecimento e de identidade. Como destacado por um pai deste estudo: “Ele (primogênito) deixou de ser o Guilhermino e ela (irmã) virou a Laurinha. Então, ele não é mais o centro das atenções” (Caso 3, fase II).

Embora os relatos dos participantes sobre ciúme do primogênito em relação aos progenitores tenham sido extensivamente mais marcantes do que os relatos de ciúme do segundo filho, estes últimos também estiveram presentes. No que tange ao ciúme do segundo filho em relação aos progenitores com o primogênito, referido no período em torno do seu primeiro aniversário, tal dado sugere que crianças bem pequenas, mesmo antes de completarem os 2 anos de idade e dominarem a linguagem falada, são capazes de expressar ciúme em relação aos progenitores. A este respeito, Miller et al. (2000), ao investigarem 62 famílias norte-americanas com dois filhos haviam indicado que crianças de apenas 16 meses de idade demonstraram ciúme frente à perda da atenção de seus progenitores para o irmão. Destaca-se ainda que no caso em que houve menção a ciúme da segunda filha, esta foi descrita pelos progenitores como possuindo um temperamento mais difícil do que o da primogênita. Isto está de acordo com a literatura que apontou o temperamento do irmão mais novo como associado às manifestações de ciúme em relação aos progenitores com o irmão mais velho. Neste sentido, ao investigar o ciúme em relação aos progenitores em primogênitos em idade pré-escolar e seus irmãos de 16 meses, em uma pesquisa com 60 famílias norte-americanas, Volling et al. (2002) encontraram que características diferentes entre as crianças menores e os pré-escolares estiveram ligadas à reação de ciúme. Enquanto que para as crianças pré-escolares o entendimento cognitivo das emoções constituiu-se no único preditor do ciúme em relação à mãe, para as crianças menores o temperamento previu claramente o ciúme nesta relação. Com isso, dadas as capacidades cognitivas ainda pouco desenvolvidas da criança menor em compreender a situação em que o irmão recebia a atenção parental, uma criança com temperamento mais difícil tenderia a expressar mais intensamente o ciúme.

Ainda no que tange ao ciúme do segundo filho em relação aos progenitores com o primogênito, destaca-se que as entrevistas com os progenitores tinham seu foco sobre o primogênito e sua relação com o irmão (segundo filho) e não o contrário, o que pode ter levado a uma subestimação de tais manifestações. Pode ser que manifestações de ciúme do segundo filho em relação aos progenitores, embora presentes, não tenham sido mencionadas nos outros casos investigados devido ao fato de os progenitores não terem sido questionados especificamente a

este respeito. De qualquer modo, pode-se esperar que o ciúme do primogênito em relação ao irmão mais novo fosse mais intenso do que o ciúme do segundo filho em relação a este.

Diferentemente do segundo filho, que já nasceu no contexto familiar que incluía um irmão e a necessidade de compartilhar com este a atenção e o afeto dos progenitores, o primogênito usufruiu por alguns anos da atenção e afeto exclusivos dos progenitores, precisando aprender a dividí-los a partir do nascimento do irmão. Além disso, embora mais capaz que o irmão mais novo de regular sua resposta emocional ao ciúme devido à sua idade mais avançada, o primogênito teria mais consciência da perda da atenção e do afeto parental para o irmão. A este respeito, Miller et al. (2000), ao investigarem crianças com idade similar à dos participantes do presente estudo (o mais velho com idade pré-escolar), encontraram que os primogênitos mostraram maior oscilação de resposta emocional na situação eliciadora de ciúme fraterno, tornando-se mais tristes do que seus irmãos mais novos. Neste mesmo sentido, Masciuch & Kienapple (1993), através de um estudo com 112 crianças canadenses com idade entre 4 meses e 4 anos, referiram que as crianças pré-escolares mostraram-se mais perturbadas e demonstraram mais comportamentos de ciúme (busca de atenção, distração, comportamentos agressivos) do que as mais novas quando competindo pela atenção parental.

Com isso, corrobora-se a relevância do ciúme dos primogênitos em relação aos progenitores com o irmão neste período de suas vidas. A este respeito, ao considerar os indicadores de ciúme do primogênito em relação aos progenitores encontrados no presente estudo, destaca-se que, embora parte destes indicadores estivesse contemplada na definição de ciúme referida nos estudos empíricos revisados, a proposta do presente estudo extrapola tal definição. Segundo a literatura, considera-se como indicadores de ciúme os comportamentos do primogênito que visam a distrair o progenitor ou o irmão, interrompendo a interação deles e retomando para si a atenção parental (Masciuch e Kienapple, 1993; Miller et al., 2000; Volling et al., 2002). Mais especificamente, o ciúme tem sido considerado basicamente através de dois comportamentos - agressões ou comportamentos de distração aos progenitores ou aos irmãos - e três expressões emocionais básicas - raiva, tristeza e ansiedade (Miller et al., 2000; Volling et al., 2002). Pode-se considerar que esta definição corresponderia a três dos cinco indicadores de ciúme encontrados no presente estudo: *busca da atenção/afeto dos progenitores, expressões de agressividade, expressões de tristeza/desconforto*. Tal diferença possivelmente se deve a que os

escassos estudos referidos na literatura acerca do ciúme fraterno basearam-se na codificação de observações das interações familiares realizadas no laboratório.

Frente a este panorama, com base no presente estudo, além de considerar os comportamentos de distração e as expressões de agressividade e de tristeza do primogênito, propõe-se a ampliação do conceito de ciúme, a fim de incluir também a expressão de temores, desejos e inseguranças das crianças, considerados como emoções e cognições complexas. Além da *busca da atenção/afeto dos progenitores* (indicador 1), *expressões de agressividade* (indicador 4) e *expressões de tristeza/desconforto* (indicador 5), os primogênitos do presente estudo foram descritos como apresentando *sentimento de perda do amor dos progenitores* (indicador 2) e *desejo de estar no lugar do bebê* (indicador 3). Com isso, corrobora-se a ideia de que o ciúme refere-se a um complexo de emoções, comportamentos e pensamentos (White & Mullen, 1989), devendo ser considerado mais como uma experiência emocional complexa do que como uma emoção em si ou uma expressão comportamental (Volling et al., 2002). Deste modo, apenas podemos acessar os indicadores do ciúme, e não o ciúme em si. Com isso, destaca-se a relevância de o presente estudo ter investigado a temática do ciúme através das percepções parentais, o que possibilitou que fossem acessados, através do relato dos progenitores, não apenas os comportamentos das crianças, mas também seus temores e desejos expressos no relacionamento com estes.

Ao considerar os cinco indicadores de ciúmes propostos neste estudo, ressalta-se que se relacionam diretamente ao conceito de ciúme, ou seja, emoções, cognições e comportamentos associados à percepção de perda ou ameaça de perda de um relacionamento valioso para um rival (White & Mullen, 1989). A partir dos relatos de ciúmes, percebeu-se, através do *sentimento de perda do amor dos progenitores*, que a redução do envolvimento parental fora sentida pelos primogênitos como relacionada ao risco de perda da relação parental como um todo e da perda de seu lugar de filho e de depositário do amor parental na família. Acredita-se que este sentimento e o temor da perda deste amor fundamental esteja na base de todo o complexo do ciúme fraterno aqui apresentado.

Neste contexto, a fim de evitar tal perda, e já percebendo perder parte do envolvimento dos progenitores consigo com a chegada do irmão, os primogênitos apresentariam uma busca por resgatar a relação desfrutada até então. Neste sentido, os indicadores de ciúme 1, 3, 4 e 5 (*busca da atenção/afeto dos progenitores*, *desejo de estar no lugar do bebê*, *expressões de*

agressividade, expressões de tristeza/desconforto) poderiam estar relacionados, em parte, a busca das crianças de garantir a manutenção da relação parental. No terceiro indicador de ciúme, *o desejo de estar no lugar do bebê*, esta busca estaria relacionada a um movimento de identificação com o bebê, ou seja, o novo depositário do amor parental. Conforme afirmado por Kreppner et al. (1982), na primeira fase de adaptação à chegada do segundo filho, o primogênito pode, em alguns momentos, ocupar a posição de superioridade, de diferente do irmão, e, em outros, colocar-se no papel de bebê.

Destaca-se ainda, com relação ao *desejo de estar no lugar do bebê*, que os questionamentos feitos pelo primogênito aos progenitores sobre seu passado como bebê, além de servirem como um indicador de ciúme, ou seja, do desejo de reaver para si a relação usufruída com os progenitores no passado, poderiam ser compreendidos também como estratégia dos primogênitos para tolerar o ciúme em relação aos progenitores, lembrando-se de que ele próprio, no passado, havia recebido os mesmos cuidados e carinhos que atualmente estavam sendo dirigidos ao irmão. Com isso, poderia se tornar mais viável para o primogênito tolerar o tratamento parental diferencial destinado a ele e ao irmão. A este respeito, Kowal e Kramer (1997) já haviam argumentado que o tratamento parental diferencial estaria relacionado a dificuldades no relacionamento fraterno apenas nos casos em que as crianças interpretavam as diferenças no tratamento como injustas. Deste modo, as recordações sobre o tratamento recebido pelos primogênitos quando bebês auxiliariam estas crianças a atribuírem o tratamento diferencial a diferenças de idade e não a favorecimento do irmão, sustentando sua autoestima e auxiliando-os a lidar com o ciúme.

No que tange ao quarto indicador de ciúme dos primogênitos – *expressões de agressividade*, destaca-se que este foi identificado em dois casos durante a gestação e em apenas um caso no período após o nascimento do irmão. A baixa presença deste indicador nos relatos parentais referentes ao período posterior ao nascimento do segundo filho poderia estar associada à idade dos primogênitos do estudo, uma vez que na idade pré-escolar seriam mais capazes de controlar suas respostas ao ciúme do irmão, de modo a apresentarem reações mais sofisticadas do que a simples expressão da agressividade. Ressalta-se que o único primogênito que apresentou este indicador de ciúme após o nascimento do irmão (empurrando o irmão para tomar o seu lugar) referiu-se ao primogênito do Caso 3, ou seja, o mais novo dentre os participantes (4 anos e 4 meses quando do nascimento do segundo filho). Conforme Volling et al. (2002), com o

amadurecimento, a compreensão cognitiva das regras de manifestações sociais da raiva, além da capacidade de processar cognitivamente a situação em que o progenitor dirige atenção ao irmão pode moderar a propensão da criança de reagir com raiva e favorecer a sentimentos empáticos pelo irmão. Além disso, as crianças podem compreender melhor os motivos pelos quais seus pais direcionam mais atenção a seu irmão menor do que a eles (Volling et al., 2002). Além disso, propõe-se que o ciúme não se expresse primeiramente no relacionamento fraterno diádico, mas seja mais percebido no relacionamento parental.

Frente aos quatro indicadores de ciúme, percebe-se a relevância deste fenômeno entre as crianças pré-escolares que vivenciam a chegada de um irmão. A importância do ciúme expressos através destes indicadores neste momento de vida das crianças justifica-se uma vez que a ameaça ao relacionamento parental equivale ao risco de perda de uma relação de apego (Bowlby, 1973/2004b). A este respeito, relembra-se que o apego configura-se em uma forma especial de vínculo afetivo, baseado na reciprocidade e no compartilhamento entre as pessoas envolvidas. Segundo Weiss (1991), três características fundamentais diferenciam o apego de outras formas de vínculos afetivos: a busca de proximidade (a criança busca se manter próxima da proteção dos progenitores, especialmente em situações ameaçadoras); a presença da figura de apego proporciona segurança para a criança, possibilitando que explore o ambiente (base segura); o medo da falta de acessibilidade da figura de apego causa protesto e ativa tentativas para se evitar a separação. Frente a estas características, pode-se supor que, embora em diferentes graus de intensidade, os progenitores do presente estudo ocupavam um lugar de figuras de apego na vida dos primogênitos investigados. Com a chegada do irmão e a redução no acesso a estas figuras de apego, entraria em jogo a terceira característica de uma relação de apego, ou seja, a de que a falta da figura de apego desencadeia protestos e busca por evitar a separação. Os indicadores de ciúme encontrados no presente estudo estão de acordo com esta definição, uma vez que podem ser considerados como formas de reaver a relação desfrutada com os progenitores até o momento. Pode-se considerar que tais manifestações (*busca da atenção/afeto dos progenitores, desejo de estar no lugar do bebê, expressões de agressividade, expressões de tristeza/desconforto*) corresponderiam a comportamentos de apego, enquanto que o terceiro indicador de ciúme, a saber, o *sentimento de perda do amor dos progenitores*, seria um fator desencadeante destas manifestações.

A este respeito, cabe lembrar que enquanto o apego corresponde a um vínculo afetivo diferenciado estabelecido entre duas pessoas, os comportamentos de apego referem-se a qualquer comportamento exibido pelo indivíduo com o objetivo de alcançar ou manter a proximidade com uma ou mais figuras de apego (Bowlby, 1973/2004b). Desta forma, o comportamento de apego pode variar desde a simples verificação visual ou auditiva com vistas a localizar a figura de apego, até o acompanhamento, o agarramento, o chamamento e o choro, conforme a acessibilidade e a receptividade dessa figura (Oliveira, 2005). A este respeito, Bowlby (1973/2004a) destacou que os comportamentos de apego só seriam ativados quando necessário, como por exemplo, situações de estranheza, fadiga, temor e, como no caso do ciúme, a falta de receptividade ou de disponibilidade da figura de apego. Assim, os indicadores de ciúme poderiam ser pensados como formas de manter a relação especial usufruída até determinado momento com os progenitores, sem serem considerados como inadequados ou indesejados. Segundo Bowlby (1973/2004a), o comportamento de apego teria uma função vital, sendo um grave equívoco supor que indique patologia ou regressão a comportamentos imaturos. Ao abordar especificamente a temática do ciúme fraterno, baseada nas contribuições da Teoria do Apego, Neubauer (1982) havia enfatizado, já na década de 80, a importância de que os comportamentos de ciúme fossem compreendidos como parte da intensificação do apego, e não necessariamente uma regressão a etapas anteriores do desenvolvimento psicosssexual.

No que se refere ao desenvolvimento do ciúme dos primogênitos ao longo do período investigado, pôde-se perceber que, já durante a gestação, especialmente a partir do segundo trimestre gestacional, os primogênitos apresentaram indicadores de ciúme em relação aos progenitores com o irmão. Isto está de acordo com a literatura que apontou que a fase intermediária da gestação constitui-se, de modo geral, no período em que é dada a notícia da gestação à criança e quando esta começa a concretizar a realidade do bebê (Gottlieb & Baillies, 1995). Neste sentido, a literatura indicou que alterações no comportamento do primogênito puderam ser percebidas pela mãe desde a época em que este foi informado sobre o nascimento do irmão (Dessen & Mettel, 1984), desencadeando manifestações de dependência, resistência à separação da mãe e demonstrações de agressividade (Gottlieb & Baillies, 1995).

Durante a gestação, além dos indicadores de ciúme, os dados do presente estudo sobre o relacionamento parental apontaram que todos os primogênitos passaram a apresentar uma busca por maior proximidade com as mães, demonstrando dificuldade em separar-se destas. Tais

comportamentos estariam associados ao ciúme, ou seja, ao risco de perder esta relação valiosa. Frente a esta realidade, já neste momento, pôde-se perceber também uma aproximação das crianças com os pais, que passaram a ser mais procurados do que anteriormente para atenção, brincadeiras e cuidados.

A este respeito, cabe salientar que mudanças no comportamento de qualquer um dos parceiros envolvidos no relacionamento de apego (mãe, pai, primogênito), como as ocorridas com o nascimento de um irmão (Oliveira, 2005), podem modificar padrões de apego relativamente estáveis (Bowlby, 1969/2002). Conforme Bowlby (1969/2002), enquanto que os comportamentos parentais de cuidados funcionam como mantenedores do relacionamento de apego, em contrapartida, comportamentos de afastamento em relação à criança (afazeres domésticos, atividades profissionais e, no caso deste estudo, a atenção ao novo bebê) levariam à redução do laço de apego. Seria esta redução no laço de apego a fonte do ciúme fraterno e a desencadeadora de comportamentos de apego com vistas a reaver a relação desfrutada até então. Uma alternativa à busca por resgatar a relação com a mãe, seria, então, o direcionamento do investimento na figura paterna, como fonte alternativa de apego.

Ainda no que diz respeito aos relatos de ciúmes no período gestacional, salienta-se que em dois dos casos investigados, o ciúme do primogênito em relação aos progenitores foi pouco expressivo durante a gestação materna. Estas duas crianças referiram-se, respectivamente, à mais nova e à mais velha dentre os primogênitos investigados. A este respeito, conjectura-se que Guilherme (Caso 3), que estava com apenas 4 anos e 3 meses no final da gestação materna, não tivesse ainda condições de antever o impacto da chegada da irmã para sua relação com os progenitores devido a sua imaturidade sociocognitiva (Teti et al., 1996). Por outro lado, Helena (Caso 4), que já possuía 6 anos e 1 mês neste momento, teria mais habilidades sociais e cognitivas para compreender a situação e tolerar algumas mudanças (Kramer & Ramsburg, 2002), assim como usufruiria de um relacionamento já mais estruturado com os progenitores, o que poderia levar a que se sentisse menos ameaçada pela chegada do irmão (Baydar, Hyle et al., 1997).

No momento seguinte, com o nascimento do irmão, independentemente da idade dos primogênitos, o ciúme em relação aos progenitores passou a se apresentar com maior intensidade, sendo o primeiro ano após o nascimento do irmão considerado pelos progenitores como o momento em que houve mais presença de ciúme do primogênito. Neste momento, destaca-se a

menção no relato de todos os progenitores da *busca da atenção/afeto dos progenitores* e, em três casos, do *sentimento de perda do amor dos progenitores*. Embora não tenham sido encontrados na literatura estudos longitudinais focados na temática do ciúme, os estudos que investigaram a transição para o nascimento de um irmão, apontaram manifestações de ansiedade e confrontação (Kreppner et al., 1982), perda de apetite e exigências em relação aos progenitores nos meses iniciais após o nascimento do segundo filho, sendo este período caracterizado pelas alterações mais intensas (Dessen, 1997). Tais manifestações poderiam expressar o mesmo complexo processo de adaptação ao nascimento do irmão e de manejo do ciúme surgido neste contexto.

Entre o sexto mês e o primeiro ano de vida do segundo filho, com o aumento da capacidade comunicativa e interativa do irmão, os resultados apontaram para um novo pico de ciúme dos primogênitos em relação aos progenitores com os irmãos. Refere-se ao momento em que tipicamente as crianças começam a engatinhar ou a caminhar, exigindo mais envolvimento parental, além de tornarem-se mais interessantes à interação com os adultos. Isto corresponde ao esperado pela literatura, que apontou que entre o 9º. e o 12º. mês após o nascimento do segundo filho, com a ampliação da atividade motora e da capacidade comunicativa do irmão, este passa a ser cada vez mais percebido pelo primogênito como um rival (Kreppner et al., 1982).

Isto deve ser compreendido em um contexto em que, ao longo do primeiro ano de vida do irmão, todos os primogênitos experienciaram um período de afastamento em relação à mãe. Neste período, além de se dedicarem prioritariamente ao segundo filho, reduzindo seu envolvimento com o primogênito, as mães tenderam a ser descritas como intolerantes, impacientes e exigentes com estes. Estes resultados apoiam a literatura da década de 80 que já apontava que com o nascimento do segundo filho haveria uma diminuição acentuada nas interações mãe-primogênito (Dunn & Kendrick, 1980, 1982; Field & Reite, 1984; Stewart & cols., 1987), além de um aumento das proibições e repreensões maternas ao primogênito (Dunn & Kendrick, 1980, 1982). Frente a isso, embora não utilizassem o conceito de ciúme, os autores mencionaram que os primogênitos reagiram ao nascimento do irmão tentando interromper a interação mãe-bebê, direcionando a atenção materna para si ou dirigindo agressão à mãe ou ao irmão (Field & Reite, 1984; Legg et al., 1974; Nadelman & Begun, 1982; Stewart et al., 1987). Tais comportamentos correspondem a dois dos indicadores de ciúme identificados neste estudo, a saber, *busca da atenção/afeto dos progenitores* e *expressões de agressividade*.

Neste contexto, em face à redução da disponibilidade da mãe ao primogênito, os dados apontaram para uma progressiva aproximação do primogênito em relação ao pai, de modo que este foi considerado como a figura de maior proximidade para três dos quatro primogênitos um ano após o nascimento do irmão. Tal aproximação deve ser compreendida como uma resposta tanto à busca do primogênito por uma figura de apego alternativa à mãe, assim como resultado de um propósito do próprio pai de compensar a pouca disponibilidade da mãe ao primogênito, uma vez que esta estava dedicando-se prioritariamente ao segundo filho. Isto corrobora a literatura que apontou que, após o nascimento do segundo filho na família, o pai tendeu a passar mais tempo com o filho mais velho, apoiando-o emocionalmente e compensando a mãe que estava ocupada cuidando do bebê recém-nascido (Gottlieb & Mendelson, 1990; Rustia & Abbott, 1993; Vollings & Elins, 1998).

A aproximação pai-primogênito seria um indicativo de adaptação e solução dentro do sistema familiar em mudança. Pode-se perceber que a disponibilidade do pai como figura alternativa de apego tornaria mais fácil para o primogênito manejar e adaptar-se à nova dinâmica familiar imposta pela chegada do irmão, amenizando o ciúme em relação à figura materna. Esta mudança na dinâmica familiar corresponderia ao que Kreppner et al. (1982) consideraram como a principal tarefa familiar de integração do segundo filho à família no primeiro ano de vida após seu nascimento. Segundo o autor, no período desde o nascimento do segundo filho até em torno de seu oitavo mês de vida, os progenitores necessitam criar novas economias de interações na família, a fim de atender às demandas de ambos os filhos. Neste sentido, como apontado por Carter e McGoldrick (2001), a necessidade de negociação de tarefas e trabalhos seria um dos principais desafios e um potencial gerador de conflito entre os casais com crianças pequenas. As tarefas de cuidados do bebê, de atenção ao primogênito, bem como as tarefas domésticas, precisam ser redefinidas, especialmente quando ambos os progenitores trabalham (Carter & McGoldrick, 2001; Dessen, 1997; Dessen & Braz, 2000), como no caso das famílias investigadas no estudo. Frente a este desafio ao sistema, em três dos quatro casos investigados o pai passou a assumir o cuidado do primogênito enquanto a mãe dedicava-se ao segundo filho. Tal divisão corresponde a uma das possibilidades de arranjos do casal parental para o cuidado dos filhos, após o nascimento do segundo filho, referidas por Kreppner et al. (1982).

Ao avaliar os indicadores de ciúmes dos primogênitos e as mudanças no seu relacionamento com os progenitores frente ao nascimento do irmão, percebe-se suas semelhanças

com as estratégias de *coping* utilizadas por parceiros amorosos frente ao ciúme. Ao investigar o ciúme em relações amorosas, White e Mullen (1989) indicaram as seguintes estratégias de *coping* empregadas por adultos: busca por melhorar o relacionamento primário, interferência no relacionamento com o rival, busca por apoio de outros, depreciação do amado ou do rival, desenvolvimento de fontes alternativas de prazer e evitação da situação social de ciúme. Ao comparar tais estratégias aos comportamentos empregados pelos primogênitos, percebe-se que a maioria destas estratégias pôde ser identificada nos casos analisados, podendo ser transpostas ao manejo do ciúme entre irmãos. No presente estudo, a busca por melhorar o relacionamento primário seria equivalente à busca por maior proximidade com a mãe, a partir da gestação do irmão. A interferência no relacionamento com o rival seria característica do *busca da atenção/afeto dos progenitores* e das *expressões de agressividade*. Por fim, a busca por apoio de outros, o desenvolvimento de fontes alternativas de prazer e a evitação da situação social, poderiam ser transpostas ao maior investimento do primogênito no relacionamento com o pai como fonte alternativa de afeto, atenção e cuidados.

Cabe ressaltar que a divisão feita pelos progenitores do presente estudo, em que o pai assumiu mais os cuidados do filho mais velho, não parece ser arbitrária. Segundo Lamb (2010) e MacDonald e Parke (1986), os pais se mostram mais confortáveis interagindo com uma criança mais velha (por ex. pré-escolar) do que com bebês. Isto se justifica, uma vez que crianças maiores requerem menos cuidados momento-a-momento e os pais podem interagir de um modo divertido e impetuoso, que lhes parece mais atrativo. Enquanto as mães seriam especialistas em cuidados e na educação/criação dos filhos, os pais seriam especialistas em brincadeiras, as quais passam a se tornar mais viáveis conforme a criança avança em idade. Contudo, como destacado por Lamb (2010), isso não significa que os pais não se envolvam de diversas outras formas com os filhos. De qualquer modo, ao serem comparados com as mães, os pais passam uma maior proporção do seu tempo com os filhos envolvidos como companheiros de brincadeiras, diferindo das mães quanto à importância relativa conferida a esta interação. Neste sentido, destaca-se que, no presente estudo, além de funcionarem como companheiros de brincadeira, os pais foram capazes de se aproximar do primogênito e assumir grande parte de seus cuidados.

A este respeito, cabe ressaltar a relevância da qualidade do relacionamento pai-primogênito, estabelecido previamente ao nascimento do segundo filho. Para que o pai assumisse o papel de cuidador principal do primogênito no período após o nascimento do segundo filho, era

necessário que estes já possuísem um relacionamento de relativa proximidade anteriormente. Ao analisar os casos investigados, pôde-se perceber que, no Caso 4, em que não havia um bom relacionamento pai-primogênita anterior ao nascimento do segundo filho, embora o pai tenha realizado uma aproximação da primogênita desde a gestação materna, este nunca tomou o lugar de principal cuidador da filha, como ocorreu nos demais casos.

A aproximação pai-primogênito foi especialmente marcante no primeiro ano após o nascimento do segundo filho, de modo que no período em torno do primeiro aniversário do segundo filho, uma nova alteração na dinâmica familiar foi identificada, trazendo uma nova redução nesta proximidade. Conforme o segundo filho tornou-se menos dependente da mãe, apresentando crescente capacidade interativa e de comunicação e passando a se tornar mais apto a interagir com o pai em brincadeiras, percebeu-se uma aproximação pai-segundo filho. Tal alteração foi acompanhada, inevitavelmente, por uma redução no envolvimento, quase que exclusivo até o momento, do pai com o primogênito. Concomitantemente e associada a esta mudança, a mãe, que já não precisava mais envolver-se massivamente com o bebê (segundo filho), voltou a retomar parte de seu envolvimento com o primogênito.

Frente a esta alteração da economia do envolvimento parental na família, o aumento no envolvimento paterno com o segundo filho esteve associado ao aumento do ciúme do primogênito em relação ao pai, entre o primeiro e o segundo ano de vida do segundo filho, em dois dos casos investigados (Casos 1 e 2). Uma vez que o relacionamento com o pai havia tornado-se progressivamente mais relevante para o primogênito após o nascimento do irmão, ganhando em proximidade, tornava-se mais difícil para estes tolerar o investimento paterno no irmão neste momento. Com isso, pode-se perceber que no presente estudo o ciúme do primogênito referiu-se tanto à mãe quanto ao pai e o enfoque no ciúme em relação ao pai ocorreu mais tardiamente, conforme o pai passou a ocupar um lugar de maior destaque entre as figuras de referência do primogênito e a deixar de se envolver exclusivamente com o primogênito.

Ao aproximar-se do segundo aniversário do segundo filho, os resultados encontrados apontaram para uma possível associação entre a disponibilidade e o envolvimento parental e a presença de indicadores de ciúme dos primogênitos. A este respeito, o aumento de indicadores de ciúme esteve relacionado à redução na disponibilidade de ambos os progenitores ao primogênito. Por outro lado, a redução dos indicadores de ciúme esteve ligada ao aumento na disponibilidade de ambos os progenitores com o primogênito em relação ao período anterior. Destaca-se,

contudo, que não apenas os primogênitos reagem com aumento ou redução de indicadores de ciúme conforme a proximidade e a disponibilidade dos progenitores, mas também os próprios progenitores demonstraram adequar sua relação com as crianças a partir do ciúme demonstrado pelos primogênitos. Tal interconexão pode ser visualizada através do exemplo, no Caso 2, em que a mãe, que havia se afastado de Aline (primogênita) após o nascimento da segunda filha, passou a se envolver mais com ela em torno do segundo aniversário da irmã, conforme a primogênita passou a demonstrar muito ciúme. Ou ainda, no caso dos pais que precisaram retardar seu envolvimento com o segundo filho, devido ao ciúme e à necessidade de envolvimento com o primogênito no período inicial após o nascimento do segundo filho. Com isso, se percebe a inter-relação destes dois construtos, de modo a funcionarem em constante retroalimentação.

Ao final do período investigado, em torno do segundo ano de vida do segundo filho, ainda havia indicadores de ciúme entre os irmãos, contudo, em nenhum dos casos este se encontrava em níveis elevados. Segundo Bowlby (1969/2002), conforme volta a usufruir da presença parental, em um ambiente familiar de fácil disponibilidade e receptividade de uma figura de apego, há uma tendência a se reduzirem os comportamentos de apego aos padrões anteriores. Como destacado na literatura (Kramer & Ramsburg, 2002; Kreppner et al., 1982), 2 anos seria o tempo necessário para que o grupo familiar pudesse reestruturar-se, estabelecendo novas identificações, papéis e funções familiares adequados à nova estrutura familiar. Cabe ressaltar, contudo, que não se espera que isto signifique ausência de ciúme ou de disputa entre os irmãos após este período, uma vez que estes se referem à parte constitutivas do relacionamento fraterno.

1.2. Disputa e competição fraterna

No que se refere à disputa e à competição fraterna, a presença destas desde o nascimento do irmão nos quatro casos investigados corrobora a literatura que apontou que o conflito seria um aspecto bastante corriqueiro no relacionamento entre irmãos pequenos (Dunn & Munn, 1986; Perlman & Ross, 1997), relacionamento este que envolveria tanto expressões de cordialidade quanto de agressividade (Dunn & Kendrick, 1982).

Com base nos resultados do presente estudo, percebeu-se que as disputas fraternas tiveram como principais motivos a competição por espaços (ex. quarto das crianças) e posses (ex. brinquedos), com especial destaque para a última. Isto apoia a literatura que apontou que o conflito entre irmãos estaria relacionado prioritariamente à divisão de posses pessoais (Felson,

1983), propriedade (McGuire et al., 2000) ou a proteção de seu espaço pessoal (Dunn, 1995; Prochaska & Prochaska, 1985). Segundo os autores, disputas sobre direitos e propriedades constituem-se em uma característica única e consistente da relação fraterna enquanto ambos os irmãos vivem na mesma casa.

Frente aos motivos associados pelos progenitores às disputas fraternas, corrobora-se a ideia de que estas não seriam unicamente uma resposta ao ciúme, podendo responder à questões reais e tangíveis restritas ao universo dos irmãos. A este respeito, a literatura já havia referido desde a década de 80 que a luta por ter a atenção e o amor dos progenitores estaria entre as causas menos frequentes de conflito relatadas pelos irmãos (Felson, 1983; McGuire et al., 2000; Prochaska & Prochaska, 1985). Embora um dos indicadores de ciúme apontados pelo presente estudo tenha se referido à *expressão de agressividade* com o irmão, este foi identificado em apenas dois casos em dois momentos pontuais, sendo que em apenas um caso e em uma única etapa da investigação houve expressão de agressividade com o irmão como manifestação de ciúme no período posterior ao nascimento do segundo filho (através do comportamento de empurrar o irmão para tomar seu lugar junto ao progenitor). Corrobora-se, então, que o conflito diádico, característico da disputa e da competição fraterna, não seria uma forma preferencial de manifestação de ciúme nos anos iniciais. Com isso, não se desconsidera que parte das disputas fraternas referidas neste estudo estivesse relacionada ao desejo de sobrepujar o irmão aos olhos dos progenitores, destacando-se perante estes ou como forma de expressão da tensão originada em situações de ciúme.

No que se refere à forma de expressão das disputas entre os irmãos, dada a diferença de idade, os irmãos menores tenderam a utilizar basicamente da demonstração física de agressão enquanto que os primogênitos lançaram mão de uma gama de atitudes, incluindo, além da agressão física, expressões verbais e expressões indiretas de agressão. Tais resultados correspondem à literatura que indicou que, dadas suas habilidades verbais menos avançadas, crianças mais novas tenderiam a utilizar mais demonstração física do que verbal em suas interações com o irmão mais velho (Coutu et al., 1996). As crianças mais velhas, por sua vez, devido a suas maiores habilidades sociocognitivas e verbais e à maior experiência, seriam mais propensas a se envolver em instruções verbais e de controle para com o irmão (Howe & Recchia, 2005). Destaca-se ainda que, como apontado pela literatura (Stewart et al., 1987), no presente

estudo, os primogênitos (irmãos mais velhos) foram também mais propensos a ver o irmão como intrusivo ou incômodo do que o inverso.

Frente à competição fraterna, destaca-se o papel dos primogênitos como os principais responsáveis por manejar as disputas através de diversas estratégias de manejo de conflito, incluindo estratégias passivas ou de afastamento do irmão ou, ainda, estratégias conciliadoras. Com isso, ressalta-se a capacidade das crianças em idade pré-escolar de manejar seus conflitos com os irmãos menores, sendo, inclusive, capazes de adaptar suas atividades para incluir o irmão em suas brincadeiras. A este respeito, destaca-se que, conforme apontado por Coutu et al. (1996), mais dominantes e mais pró-sociais, os irmãos mais velhos mais frequentemente controlam os recursos envolvidos em suas interações e agem como modelo para os mais novos.

Considerando-se as diferenças entre os quatro casos investigados no que diz respeito à disputa fraterna, destaca-se que os casos em que houve menos menção à disputa fraterna referiram-se aos irmãos com a menor e a maior diferença de idade, ou seja, o primogênito mais novo (Caso 3) e a primogênita mais velha (Caso 4) dentre os participantes. O caso da primogênita mais velha parece de fácil compreensão, uma vez que diversos estudos indicaram que quanto maior a diferença de idade entre os irmãos, menor a incidência de disputa e de competição entre eles (Buhrmester, 1992; Corter et al., 1982; Felson, 1983; Jenkins et al., 2005; Kramer & Kowal, 2005; Minnett et al., 1983; Stocker et al., 1989). Segundo Minnett et al. (1983), irmãos com maior diferença de idade apresentariam menos contato e disputas por possuírem interesses, habilidades e amigos distintos e por não compartilharem tão intensamente a propriedade familiar (Minnett et al., 1983). Além disso, estes estariam menos sensíveis ao favoritismo parental (Hoffman & Edwards, 2004). Destaca-se, ainda, que a agressão física declina rapidamente após os anos pré-escolares (a primogênita do Caso 4 possuía idade de 6 anos e 2 meses quando do nascimento do irmão), de modo que, após os 6 anos, a empatia, somada à habilidade para atribuir intenção às ações dos outros, começaria a atenuar as respostas agressivas dos irmãos mais velhos (McGuire et al., 2000).

Tal explicação, contudo, está em contradição com o achado do presente estudo que indicou menos disputa entre os irmãos com a menor diferença de idade (Caso 3). A este respeito, cabe lembrar que enquanto a primogênita mais velha dentre os participantes (Caso 4) apresentou uma diferença de 15 meses em relação à idade média dos primogênitos com mais disputa (Casos

1 e 2), o primogênito mais novo (Caso 3) apresentou uma diferença de idade de apenas 6 meses em relação à estes casos.

Além disso, a diferença de sexo dos irmãos, mais do que a idade, pode ter funcionado com um fator protetor para o surgimento de disputa nestas díades. A este respeito, destaca-se que os dois casos em que houve menor referência a disputa fraterna constituíram nas díades de sexo misto. Embora parte da literatura aponte para o sentido contrário, ou seja, de que irmãos do mesmo sexo experienciarão interações mais cooperativas, afetivas e menos agressivas do que díades mistas (Abramovitch et al., 1986; Buhrmester, 1992; Dunn & Kendrick, 1981b; Dunn et al., 1981; Silveira, 2002), este não é um consenso entre os estudos empíricos. Conforme o estudo de Stewart et al. (1987), as díades mistas apresentaram mais trocas de cuidados que díades do mesmo sexo. Neste mesmo sentido, em um estudo mais recente de Jenkins et al. (2005), díades mistas apresentaram menos conflito do que díades apenas femininas. Tal diferença estaria relacionada ao fato de que crianças do mesmo sexo apresentariam maior disputa por apresentarem interesses, formas de interações e brincadeiras semelhantes. A identificação levaria, então, ao incremento da rivalidade fraterna, já que ambos os irmãos buscam gratificações semelhantes aproximadamente ao mesmo tempo (Schachter et al., 1976).

No que tange ao desenvolvimento da disputa e da competição fraterna no curso do período investigado no presente estudo, destaca-se seu progressivo aumento, desde o nascimento do segundo filho até o seu primeiro aniversário. Conforme os dados analisados, esta mudança esteve relacionada ao incremento das capacidades motoras e de comunicação do segundo filho e ao conseqüente aumento geral na interação fraterna. Tal desenvolvimento está de acordo com a literatura que apontou haver um aumento no conflito fraterno a partir da segunda metade do primeiro ano de vida do segundo filho até em torno do primeiro ano deste, conforme o bebê cresce, adquire maior mobilidade e as interações fraternas se tornam mais frequentes (Dunn, 1983; Dunn & Kendrick, 1982; Stewart et al., 1987; Kreppner, 1982). Segundo Kreppner et al. (1982), entre o 9º. e o 12º. mês de vida do segundo filho, com a ampliação de sua atividade motora e comunicativa, este passa a interferir ativamente nas brincadeiras do primogênito, sendo cada vez mais percebido como um rival. Neste mesmo sentido, Dunn e Kendrick (1982) referiram que, após um período inicial de interações predominantemente pró-sociais, com o gradual aumento nas interações de conflito, aos 14 meses as interações pró-sociais e conflitivas seriam praticamente iguais em frequência na interação fraterna.

No presente estudo, que estendeu a investigação até os 24 meses de vida do segundo filho, um novo aumento na disputa e na competição fraterna foi percebido na etapa final da investigação. Com isso, pode-se apontar que o incremento na capacidade de interação e comunicação do segundo filho e sua contribuição crescente para a interação fraterna estariam relacionados ao aumento da disputa fraterno neste período. A este respeito, Abramovitch et al. (1986) relataram aumento no papel do irmão mais novo em iniciar interações durante seu segundo e terceiro ano de vida. Pode-se conjecturar ainda que, conforme o segundo filho completou 2 anos de idade e começou a abandonar o papel de bebê, passando a apresentar habilidades motoras e comunicativas mais similares às daquelas do primogênito, este último passou a encontrar mais dificuldades em se diferenciar do irmão.

Já na década de 1980, Schachter (1982) propôs o conceito de “desidentificação” (*deidentification*), segundo o qual os irmãos tenderiam a amplificar suas diferenças mútuas para se defenderem contra a rivalidade fraterna. Assim, a diferenciação do primogênito com relação ao irmão o auxiliaria a lidar com a rivalidade. A este respeito, McHale et al. (2006) destacaram que os irmãos podem ativamente se diferenciar (desidentificar) um do outro, através de meios conscientes e inconscientes, em um esforço para reduzir a competição e a rivalidade e estabelecer um lugar único para si na família. Transpondo tal compreensão para a realidade do presente estudo, pode-se supor que, conforme o segundo filho se torna mais parecido com o primogênito, pode, então, ameaçar mais o seu lugar de “irmão mais velho”, “criança maior”, “criança mais capaz” na família, desencadeando incremento na rivalidade fraterna. Tal entendimento está de acordo com o achado de Kreppner (1982) de que, conforme o segundo filho atinge os 2 anos, a idade dos irmãos já não os diferencia como antes, de modo que passam a ser percebidos pelos progenitores como “os filhos”, “as crianças”. Deste momento em diante, os irmãos passarão a ser distinguidos mais por suas diferentes personalidades do que pela diferença de idade.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a rivalidade fraterna ao longo do período investigado, considerando-se tanto o *Ciúme entre os irmãos* quanto a *Disputa e a competição fraterna*, pode-se concluir que, embora ambos correspondam ao mesmo construto, parecem possuir desenvolvimentos específicos e relativamente independentes. Com isso, deve-se considerar suas particularidades no curso do relacionamento fraterno inicial.

A rivalidade não parece se desenvolver como um todo unificado ao longo dos anos iniciais após o nascimento do segundo filho. No período inicial após o nascimento do irmão, a rivalidade fraterna se manifesta prioritariamente através do ciúme do primogênito em relação aos progenitores. Conforme o segundo filho se desenvolve, esta passa a se expressar também através das competições e das disputas diretas entre os irmãos. Inicialmente, o principal impacto do irmão na vida do primogênito refere-se, então, ao risco trazido por sua chegada ao relacionamento desfrutado até o momento com os progenitores, uma vez que ainda não há uma relação estabelecida de forma autônoma entre os irmãos. Com o crescimento e desenvolvimento do segundo filho, a relação fraterna passa a se constituir de fato, amadurecendo e tornando-se progressivamente independente da relação parental. Os irmãos passam a usufruir da relação fraterna tanto no contexto triádico (incluindo os progenitores), quanto em um contexto diádico restrito ao universo fraterno. Neste sentido, Kreppner et al. (1982) propuseram que, a partir do primeiro aniversário do segundo filho e, mais especificamente, entre o 1,5 e os 2 anos do segundo filho, o irmão tem sua posição afirmada como um parceiro interacional competente e surgem dois subsistemas principais: o dos progenitores e o das crianças (Kreppner et al., 1982).

Além de suas diferenças em termos de surgimento e desenvolvimento nos anos iniciais, o ciúme entre os irmãos e a disputa e competição fraterna possuem formas de manifestações diferentes. Ao examinar os indicadores de ciúme e os motivos das disputas fraternas, percebe-se que, ao menos nos anos iniciais, o ciúme em relação aos progenitores não teve na disputa diádica entre os irmãos sua principal fonte de expressão, tendo seu impacto sentido mais na relação parental do que na relação fraterna. Uma vez que é a relação parental que está ameaçada e que será disputada pelos irmãos, pode-se afirmar que o irmão apresenta-se apenas como o “gatilho” para o ciúme, não sendo, em si, o foco principal da disputa. O mote do ciúme estaria no risco da perda da relação com os progenitores.

A isto, pode-se acrescentar que, mais que a rivalidade fraterna como um todo (ciúme e disputa/competição entre os irmãos), parece ser o ciúme do primogênito o foco principal da preocupação dos progenitores nos anos iniciais após o nascimento do segundo filho na família. A este respeito, pode-se supor que a presença do ciúme seria percebida pelos progenitores como a lembrança de sua incapacidade de suprir a todo o momento as necessidades de ambos os filhos, trazendo sofrimento a estes.

No que tange à inter-relação da rivalidade fraterno com o subsistema parental, o presente estudo apontou para uma possível associação entre o ciúme entre os irmãos e variações no relacionamento parental, sem, contudo, indicar associação entre este e as disputas/competições fraternas. Com isso, conjectura-se que o ciúme entre os irmãos responderia indiretamente ao desenvolvimento do segundo filho, sendo suas alterações mediadas pelas mudanças no relacionamento usufruído pelas crianças com os progenitores. As disputas/competições fraternas, por sua vez, pareceram estar relacionadas diretamente ao desenvolvimento da capacidade interativa e de competição do segundo filho, respondendo às mudanças no curso do desenvolvimento do segundo filho. Com isso, não se descarta que a qualidade da interação parental, o grau de conflito nesta relação, assim como o clima familiar como um todo, sirvam como modelos para a interação fraterna. Entretanto, esta relação pareceria menos explícita, não sendo acessada no presente estudo.

Ao apontar as diferenças encontradas no desenvolvimento do ciúme entre os irmãos e da disputa e competição fraterna nos anos iniciais, cabe salientar os aspectos comuns a estes conceitos, os quais justificam incluí-los em uma mesma definição de rivalidade fraterna. Apesar de o ciúme ocorrer em um sistema interacional triádico, enquanto que a disputa ocorre em um sistema interacional diádico, ambos correspondem às lutas por recursos estabelecidas no universo das relações fraternas. No caso do ciúme, a rivalidade diz respeito aos progenitores. No caso das disputas e competições, a rivalidade refere-se às posses e aos espaços desfrutados.

Embora a literatura específica sobre a rivalidade fraterna considere ora o ciúme na relação com os progenitores, ora as disputas na interação fraterna diádica, propõe-se uma compreensão abrangente do relacionamento fraterno nos anos iniciais que inclua ambas as dimensões no construto maior de rivalidade. Acredita-se que a literatura da década de 1990, que propôs considerar a rivalidade como apenas a competição fraterna ocorrida em face de um terceiro

(Mendelson, 1990), excluindo a disputa fraterna diádica, estaria respondendo a uma supervalorização do relacionamento parental em detrimento do relacionamento fraterno na família. Em uma abordagem mais recente, em consonância com a proposta integradora desta tese, Volling et al. (2010) consideram rivalidade fraterna como os sentimentos de inveja, ciúme e competição existentes entre irmãos dentro da família. Embora não se descarte que algumas formas de disputa diádica correspondam a expressões de ciúme, ou seja, a disputas em face de um terceiro, propõe-se que os irmãos rivalizam e sentem-se ameaçados não apenas pela perda da atenção e do amor parental, mas também pela perda de seu espaço vital.

A partir dos resultados apresentados nesta tese, corrobora-se ainda a contribuição sistêmica do estudo, ao elucidar uma possível inter-relação do sistema fraterno com o sistema parental para o desenvolvimento da rivalidade fraterna, de modo especial para o ciúme entre os irmãos. Os resultados deste estudo lançam a hipótese de uma associação entre a relação parental e o surgimento dos indicadores de ciúme do primogênito em relação aos progenitores com o irmão. A este respeito, não apenas as crianças reagiram apresentando mais indicadores de ciúmes conforme os progenitores reduziram seu envolvimento com estas, como os próprios progenitores modularam seu envolvimento e o relacionamento parental com o primogênito a partir da intensidade dos indicadores de ciúme destes. Com isso, propõe-se a possibilidade de haver uma relação circular entre estes dois sistemas familiares, com vistas a encontrar um equilíbrio funcional na distribuição da atenção e do afeto na família após o nascimento do segundo filho. A partir desta compreensão, percebe-se o papel dos indicadores de ciúme para o ajuste do sistema familiar após o nascimento do irmão.

Com base no exposto, o ciúme seria parte constitutiva da relação fraterna inicial, de modo que sua presença seria esperada, devendo ser tratada com naturalidade neste período. Contudo, a especificidade do ciúme, ou seja, seu destinatário, sua intensidade, o modo como este irá oscilar, estaria possivelmente relacionada às características do relacionamento parental usufruído em cada arranjo familiar ao longo deste período. Com isso, destaca-se a necessidade de se considerar o relacionamento usufruído pela criança com os progenitores, a fim de se compreender o ciúme entre os irmãos.

Ao analisar o desenvolvimento do ciúme ao longo do período investigado e sua interconexão com o relacionamento parental, destaca-se a relevância do papel de ambos os progenitores, tanto a mãe quanto o pai, para o equilíbrio do sistema familiar como um todo.

Embora pouco lembrado e pouco considerado nas pesquisas em Psicologia, o pai possuiria um papel fundamental para o equilíbrio da distribuição da atenção e do cuidado entre os filhos no contexto investigado. Especialmente no primeiro ano após o nascimento do segundo filho, o papel do pai seria crucial como fonte alternativa de apego para o primogênito, uma vez que a mãe precisa dedicar-se intensamente ao bebê recém-chegado. Com isso, sugere-se a importância de que, além da mãe, o sistema familiar possa contar com outras figuras de apoio disponíveis no período de transição para a chegada do segundo filho. As famílias investigadas referiam-se a famílias intactas, contudo, acredita-se que este papel possa ser desempenhado por outras pessoas quando o pai não estiver disponível.

Propõe-se ainda que o ciúme e a disputa/competição fraternas sejam compreendidos como formas interacionais constitutivas do relacionamento fraterno, não sendo consideradas como negativas, mas como parte do processo de crescimento e de transformação familiar. Neste sentido, saúde e funcionalidade familiar são compreendidas aqui não como ausência de tensão ou conflito, mas como a capacidade das famílias de lançarem mão de novas formas de interação em face aos desafios impostos com o nascimento e o desenvolvimento do segundo filho. Nesta perspectiva, a presença de disputa e ciúme entre os irmãos, aos 2 anos do segundo filho, nas famílias investigadas, não seria compreendida como ausência de saúde ou adaptação familiar, uma vez que os membros foram capazes de reajustar sua proximidade, suas tarefas e seus papéis familiares a cada etapa deste processo de transição.

A partir destas considerações, esta tese pode servir como apoio para possíveis programas de intervenção para famílias nos anos iniciais do relacionamento fraterno. Uma vez que pontos de transição como o nascimento do segundo filho impõem desafios a cada nível do sistema familiar, podem criar novas vulnerabilidades e se constituírem em períodos de maior risco para a disfunção familiar. Neste contexto, esforços de prevenção e intervenções seriam favoráveis, a fim de orientar e preparar os progenitores, assim como as crianças, para as mudanças esperadas nos comportamentos e na estrutura que envolve as relações familiares ao longo deste período.

Ao concluir este estudo, destaca-se a relevância de se investigar o relacionamento fraterno no contexto da realidade brasileira através de uma abordagem qualitativa. Com isso, chama-se atenção para um subsistema familiar bastante esquecido no campo da Psicologia, de modo especial em nosso país, e para o impacto deste no funcionamento da família como um todo. O presente estudo propôs-se, a lançar um olhar inicial sobre uma temática pouco explorada e sobre

a qual ainda se possui pouco conhecimento científico. Como contribuição, os resultados encontrados através deste estudo de caso qualitativo poderão servir como fonte de hipóteses a serem investigadas em futuras pesquisas. Ao propor um aprimoramento do conceito de rivalidade fraterna, através da proposta dos indicadores de ciúme e do mapeamento das principais formas de manifestação da disputa fraterna, estes resultados poderão apoiar estudos quantitativos em grandes amostras, a fim de ampliar o entendimento deste fenômeno.

Além disso, novas investigações são necessárias a fim de responder a aspectos não abordados integralmente no presente estudo. No que tange ao método de estudo, considera-se a importância de novos estudos expandirem a compreensão da rivalidade fraterna para diferentes configurações familiares, incluindo famílias recasadas, famílias monoparentais, casais homoafetivos, assim como famílias em situação de vulnerabilidade social, entre outras. Ressalta-se, também, a necessidade de que os instrumentos de coleta de dados sejam estruturados a fim de explorar as manifestações de rivalidade fraterna específicas a cada um dos irmãos envolvidos no relacionamento. Além disso, outras ferramentas de investigação, como observação das interações poderiam ser instrumentos importantes de acesso direto à interação fraterna e familiar durante os anos iniciais. Por fim, como parte de um contexto familiar em constante desenvolvimento e mudanças, destaca-se a importância de novas investigações estenderem a compreensão deste fenômeno para os anos subsequentes do relacionamento fraterno, ultrapassando o período de adaptação inicial.

REFERÊNCIAS

- Abramovitch, R., Corter, C., Pepler, D., & Stanhope, L. (1986). Sibling and peer interactions: A final follow-up and a comparison. *Child Development, 57*, 217-229.
- Adler, A. (1954). *El carácter neurótico*. Buenos Aires: Paidós.
- Banks, S., & Kahn, M. (1982). *The sibling bond*. New York: Basic Books.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. (L. Reto & A. Pinheiro, Trans.) São Paulo: Edições 70/Livraria Martins Fontes.
- Baydar, N., Greek, A., & Brooks-Gunn, J. (1997). A longitudinal study of the effects of the birth of a sibling during the first six years of life. *Journal of Marriage and the Family, 59*, 939-956.
- Baydar, N., Hyle, P., & Brooks-Gunn, J. (1997). A longitudinal study of the effects of the birth of a sibling during preschool and early grade school years. *Journal of Marriage and the Family, 59*, 957-965.
- Belsky, J. (1981). Early human experience: A family perspective. *Developmental Psychology, 17*, 3-23.
- Berndt, T., & Bulleit, T. (1985). Effects of sibling relationships on preschoolers' behavior at home and at school. *Developmental Psychology, 21*(5), 761-767.
- Boer, F. (1990). Sibling relationships in context family. In F. Boer, *Sibling relationships in middle childhood*. Leiden: SDWO Press.
- Boer, F., Goedhart, A. W., & Treffer, P. D. A. (1992). Siblings and their parents. In F. Boer, & J. Dunn (Eds.), *Children's sibling relationships: Developmental and clinical issue* (pp.41-54). Hillsdale, USA: L. Erlbaum Associates.
- Bourguignon, O., Alary, A., Butat, M., Cessans, A., Coloignier, R., Duvillie-Moustacchi, R., Hirsch-Pelissier, A., Jaurand-Bulvestre, A., Ouassini, M., Nzeyimana, N., Salmon, N., & Samama, C. (1980). Changes in the family with the arrival of a second child. *Bulletin de Psychologie, 34*, 289-304.
- Bowlby, J. (2002). *Apego: A natureza do vínculo. Apego e Perda* (Vol. I) (3rd ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1969)
- Bowlby, J. (2004a). *Perda: Tristeza e depressão. Apego e Perda* (Vol III) (3rd ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1973)

- Bowlby, J. (2004b). *Separação: Angústia e raiva. Apego e Perda (Vol II)* (4th ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1973)
- Brazelton, B., & Sparrow, J. (2003) *3 a 6 Anos: Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brody, G. (1998). Sibling relationship quality: Its causes and consequences. *Annual Review of Psychology*, 49, 1-24.
- Brody, G., Stoneman, Z., & McCoy, J. (1994). Contributions of family relationships and child temperaments to longitudinal variations in sibling relationship quality and sibling relationship styles. *Journal of Family Psychology*, 8(3), 274-286.
- Buhrmester, D. (1992). The development courses of sibling and peer relationship. In F. Boer, & J. Dunn (Eds.), *Children's sibling relationships: Developmental and clinical issue* (pp.19-39). Hillsdale, USA: L. Erlbaum Associates.
- Calladine, C. (1983). Sibling rivalry: A parent education perspective. *Child Welfare Journal*, 62(5), 421-427.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (Eds.). (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2ª. ed.). (M.V. Veronese, Trans.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cicirelli, V. (1985). Feelings of attachment to siblings and well being in later life. *Psychology and Aging*, 4, 211-216.
- Cicirelli, V. (1989). Feelings of attachment to siblings and well-being in later life. *Psychology and Aging*, 4(2), 211-216
- Cicirelli, V. (1995). *Sibling relationships across the life span*. New York, US: Plenum Press.
- Corter, C., Abramovitz R., & Pepler, D. (1983). The role of the mother in sibling interaction. *Child Development*, 54, 1599-1605.
- Corter, C., Pepler, D., & Abramovitch, R. (1982) The effects of situation and sibling status on sibling interaction. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 14(4), 380-392.
- Coutu, S., Provost, M., & Pelletier, D. (1996). Relation mère-enfant et qualité des interactions fraternelles chez des enfants d'âge préscolaire. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 28(1), 1-11.
- Deater-Deckard, K., & Dunn, J. (2002). Sibling relationships and social-emotional adjustment in different family contexts. *Social Development*, 11(4), 571-590.

- Dessen, M. (1997). Desenvolvimento familiar: Transição de um sistema triádico para poliádrico. *Temas em Psicologia, 3*, 51-61.
- Dessen, M., & Braz, M. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16*, 221-231.
- Dessen, M., & Mettel, T. (1984). Interação pais-primogênito quando da chegada de uma segunda criança na família: Um estudo de caso. *Psicologia, 10*, 27-39.
- Dubrow, L., & Howe, N. (1999). Parental play styles and sibling interaction during a problem-solving task. *Infant and Child Development, 8*(2), 101-115.
- Dunn, J. (1983). Sibling relationships in early childhood. *Child Development, 54*(4), 787-811.
- Dunn, J. (1992). Sisters and brothers: Current issues in developmental research. In F. Boer, & J. Dunn (Eds.), *Children's sibling relationships: Developmental and clinical issue* (pp.1-17). Hillsdale, USA: L. Erlbaum Associates.
- Dunn, J. (1995). *From one child to two*. New York: Ballantine Books.
- Dunn, J. (2005). Commentary: Siblings in their families. *Journal of Family Psychology, 19*(4), 654-657.
- Dunn, J., & Kendrick, C. (1980). The arrival of a sibling: Changes in patterns of interaction between mother and first-born child. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 21*, 119-132.
- Dunn, J., & Kendrick, C. (1981a). Interaction between young siblings: Association with the interaction between mother and firstborn child. *Developmental Psychology, 17*, 336-343.
- Dunn, J., & Kendrick, C. (1981b). Social behavior of young siblings in the family context: Differences between same-sex and different-sex dyads. *Child Development, 52*, 1265-273.
- Dunn, J., & Kendrick, C. (1982). *Siblings: Love, envy and understanding*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Dunn, J., & Munn, P. (1986). Sibling quarrels and maternal intervention: Individual differences in understanding and aggression. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 27*, 583-595.
- Dunn, J., Creps, C., & Brown, J. (1996). Children's family relationships between two and five: Developmental changes and individual differences. *Social Development, 5*(3), 230-250.
- Dunn, J., Deater-Deckard, K., Pickering, K., & Golding, J. (1999). Sibling, parents and partners: Family relationships within a longitudinal community study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 40*(7), 1025-1037.

- Dunn, J., Kendrick, C., & MacNamee, R. (1981). The reaction of first-born children to the birth of a sibling: Mother's reports. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 22, 1-18.
- Dunn, J., Slomkowski, C., & Beardsall, L. (1994). Sibling relationships from the preschool period through middle childhood and early adolescence. *Developmental Psychology*, 30(3), 315-324.
- Dunn, J. (1998). Siblings, emotion and the development of understanding. In S. Braten (Ed.), *Intersubjective communication and emotion in early ontogeny* (pp 158-168). Cambridge: Cambridge University Press.
- Elyseu Jr., S. (2003). Complexo fraternal: a fonte do ciúme e da inveja. *Psicologia: Teoria e Prática* 5(2): 56-66.
- Feinberg, M., Reiss, D., Neiderhiser, J., & Hetherington, E. (2005). Differential association of family subsystem negativity on siblings' maladjustment: using behavior genetic methods to test process theory. *Journal of Family Psychology*, 19(4), 601-610.
- Felson, R. (1983). Aggression and violence between siblings. *Social Psychology Quarterly*, 46(4), 271-285.
- Fernandes, O., Alarcão, M., & Raposo, J. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia*, 24(3), 297-304.
- Field, T., & Reite, M. (1984). Children's responses to separation from mother during the birth of another child. *Child Development*, 55, 1308-1316.
- Freud, S. (1974). Totem e tabu: Alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1913)
- Freud, S. (1976). Conferências introdutórias sobre psicanálise. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 16). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1916-1917)
- Freud, S. (1976). Sándor Ferenczi (em seu 50º aniversário). In *Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol.19). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1923)
- Gottlieb, L., & Baillies, J. (1995). Firstborns' behaviors during a mother's second pregnancy. *Nursing Research*, 44, 356-362.

- Gottlieb, L., & Mendelson, M. (1990). Parental support and firstborn girls' adaptation to the birth of a sibling. *Journal of Applied Developmental Psychology, 11*, 29-48.
- Gullicks, J., & Grase, S. (1993). Sibling behavior with a newborn: Parents expectations and observations. *Journal of Obstetric, Gynecologic, and Neo-natal Nursing, 22*, 438-444.
- Hadfield, J. (1962). *Childhood and adolescence*. Harmondsworth: Pelican.
- Hart, S., Field, T., Del Valle, C., & Letourneau, M. (1998). Infants protest their mother attending to an infant-size doll. *Social Development, 7*, 54-61.
- Herrera, C., & Dunn, J. (1997). Early experiences with family conflict: Implications for arguments with a close friend. *Developmental Psychology, 33*(5), 869-881.
- Hetherington, E. (1994). Siblings, family relationships, and child development: Introduction. *Journal of Family Psychology, 8*, 251-253.
- Hill, R., & Davis, P. (2000). "Platonic jealousy": A conceptualization and review of the literature on non-romantic pathological jealousy. *British Journal of Medical Psychology, 73*(4), 505-517.
- Hoffman, K., & Edwards, J. (2004). An integrated theoretical model of sibling violence and abuse. *Journal of Family Violence, 19*(3), 185-200.
- Howe, N., & Recchia, H. (2005). Playmates and teachers: Reciprocal and complementary interactions between siblings. *Journal of Family Psychology, 19*(4), 497-502.
- Howe, N., & Ross, H. (1990). Socialization, perspective-taking, and the sibling relationship. *Developmental Psychology, 26*(1), 160-165.
- Howe, N., Bukowski, W., & Aquan-Assee, J. (1997). The dynamics of reciprocal sibling interaction: Are context and maternal behaviour important? *Canadian Journal of Behavioural Science, 29*(2), 92-100.
- Howe, N., Fiorentino, L., & Gariépy, N. (2003). Sibling conflict in middle childhood: Influence of maternal context and mother-sibling interaction over four years. *Merrill Palmer Quarterly, 49*(2), 183-208.
- Howe, N., Petrakos, H., & Rinaldi, C. (1998). "All the sheeps are dead. He murdered them": Sibling pretense, negotiation, internal state language, and relationship quality. *Child Development, 69*(1), 182-191
- Irish, D. (1964). Sibling interaction: A neglected aspect in family life research. *Social Forces, 42*(3), 279-288.

- Jacobs, B., & Moss, H. (1976). Birth order and sex of sibling as determinants of mother-infant interaction. *Child Development, 47*, 315-322.
- Jenkins, J., O'Connor, T., Dunn, J., Rasbash, J., & Behnke, P. (2005). Change in maternal perception of sibling negativity: Within- and between-family influences. *Journal of Family Psychology, 19*(4), 533-541.
- Kendrick, C., & Dunn, J. (1980). Caring for a second baby: Effects on interaction between mother and firstborn. *Developmental Psychology, 16*(4), 303-311.
- Kowal, A., & Kramer, L. (1997). Children's perceptions of parental differential treatment. *Child Development, 68*, 113-126.
- Kowaleski-Jones, L., & Dunifon, R. (2004). Children's home environment: Understanding the role of family structure changes. *Journal of Family Issues, 25*, 3-28.
- Kramer, L. (1996). What's real in children's fantasy play: Fantasy play across the transition to becoming a sibling. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 37*, 329-337.
- Kramer, L., & Bank, L. (2005). Sibling relationship contributions to individual and family well-being: Introduction to the special issue. *Journal of Family Psychology, 19*(4), 483-485.
- Kramer, L., & Kowal, A. (2005). Sibling relationship quality from birth to adolescence: The enduring contributions of friends. *Journal of Family Psychology, 19*(4), 503-511.
- Kramer, L., & Ramsburg, D. (2002). Advice given to parents on welcoming a second child: A critical review. *Family Relations, 51*, 2-14.
- Kramer, L., Noorman, S., & Brockman, R. (1999). Representations of sibling relationships in young children's literature. *Early Childhood Research Quarterly, 14*, 555-574
- Kramer, L., Perozynski, L., & Chung, T. (1999). Parental responses to sibling conflict: The effects of development and parent gender. *Child Development, 70*(6), 1401-1414.
- Kreppner, K., Paulsen, S., & Schuetze, Y. (1982). Infant and family development: From triads to tetrads. *Human Development, 25*, 373-391.
- Lamb, M. (1978a). Interactions between eighteen-month-olds and their preschool-aged siblings. *Child Development, 49*(1), 51-59.
- Lamb, M. (1978b). The development of sibling relationships in the infancy: A short-term longitudinal study. *Child Development, 49*, 1189-1196.
- Lamb, M. (Ed.). (2010). *The role of the father in child development* (5th ed.). Hoboken, NJ: Wiley.

- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Legg, C.; Sherick, I., & Wadland, W. (1974). Reaction of preschool children to the birth of a sibling. *Child Psychiatry and Human Development*, 5(1), 3-39.
- Levitt, M., Weber, R., & Clark, M. (1986). Social network relationships as sources of maternal support and well-being. *Developmental Psychology*, 22, 310-316.
- MacDonald, K., & Parke, R. (1986). Parent-child physical play: The effects of sex and age of children and parents. *Sex Roles*, 15(7/8).
- MacKinnon, C. (1989). An observational investigation of sibling interactions in married and divorced families. *Developmental Psychology*, 25(1), 36-44.
- Masciuch, S., & Kienaple, K. (1993). The emergence of jealousy in children 4 months to 7 years of age. *Journal of Social and Personal Relationships*, 10, 421-435.
- McGuire, S., Manke, B., Eftekhari, A. & Dunn, J. (2000). Children's perceptions of sibling conflict during middle childhood: Issues and sibling (dis)similarity. *Social Development*, 9(2), 173-190.
- McHale, S. M., & Crouter, A. C. (1996). The family contexts of children's sibling relationships. In G. Brody (Ed.). *Sibling relationships: Their causes and consequences* (pp.173-195). Norwood, USA: Ablex Publishing.
- McHale, S., Kim, J., & Whiteman, S. (2006). Sibling Relationships in Childhood and Adolescence. In P. Noller, & J. Feeney, *Close relationships: Functions, forms and processes* (pp. 127-149). Hove England: Psychology Pres.
- Mendelson, M. J. (1990). *Becoming a brother: A child learns about life, family and self*. Cambridge: MIT Press.
- Miller, A., Volling, B., & McElwain, N. (2000). Sibling jealousy in a triadic context with mothers and fathers. *Social Development*, 9(4), 433-457.
- Minnett, A., Vandell, D., & Santrock, J. (1983). The effects of sibling status on sibling interaction: Influences of birth order, age, spacing, sex of child, and sex of sibling. *Child Development*, 54(4), 1064-1072.
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. *Child Development*, 56, 289-302.

- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. (J.A. Cunha, Trans.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Modry-Mandell, K., Gamble, W., & Taylor, A. (2007). Family emotional climate and sibling relationship quality: Influences on behavioral problems and adaptation in preschool-aged children. *Journal of Child and Family Studies*, 16(1), 59-71.
- Moguillansky, R. (2003). Narcisismo, Complejo de Edipo y Complejo Fraternal. *Psicoanálisis APdeBA*, 25(1), 155-173.
- Murphy, S. (1993). Siblings and the new baby: Changing perspectives. *Journal of Pediatrics Nursing*, 8, 277-288.
- Nadelman, L., & Begun, A. (1982). The effect of the newborn on the older sibling: Mothers' questionnaires. In M. E. Lamb, & B. Sutton-Smith (Eds.), *Sibling relationships: Their nature and significance across the lifespan* (pp. 13-37). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Neubauer, P. (1982). Rivalry, envy, and jealousy. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 37, 121-142.
- Nichols, M., & Schwartz, R. (2007). *Terapia familiar: Conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artmed.
- Norris-Shortle, C., Colletta, N., Cohen, M., & McCombs, R. (1995). Sibling therapy with children under three. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 12(4), 251-261.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF/UFRGS/CNPq (2005a). *Ficha de Contato Inicial*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF/UFRGS/CNPq (2005b). *Entrevista de Dados Demográficos do Casal*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF/UFRGS/CNPq (2005c). *Entrevista sobre o Impacto da Geração do Segundo Filho na Dinâmica Familiar*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF/UFRGS/CNPq (2005d). *Entrevista sobre o Desenvolvimento do Primogênito*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Núcleo de Infância e Família – NUDIF/UFRGS/CNPq (2005e). *Entrevista sobre a Maternidade/Paternidade e o Desenvolvimento do Primogênito*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF/UFRGS/CNPq (2006). *Entrevista sobre o relacionamento familiar aos 6 meses do segundo filho*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Oliveira, A. (2005). “Irmãos, meio-irmãos e co-irmãos”: A dinâmica das relações fraternas no recasamento. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica – São Paulo. Orientadora Profa. Dra. Ceneide M. O. Cerveny.
- Oliveira, D., & Lopes, R. (2008). “Mãe, quero ficar contigo...”: Comportamentos de dependência do primogênito no contexto de gestação de um irmão. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 212-220.
- Parrot, W. (1991). The emotional experiences of envy and jealousy. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp.3-30). London: The Guilford Press.
- Pepler, D., Abramovitch, R., & Corter, C. (1981). Sibling interaction in the home: A longitudinal study. *Child Development*, 52(4), 1344-1347.
- Pereira, C. (2006). *Impressões e sentimentos maternos sobre o relacionamento mãe-primogênito durante a gestação do segundo filho*. Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador Prof. Dr. Cesar A. Piccinini.
- Pereira, C., & Piccinini, C. (2007). O impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar. *Estudos de Psicologia*, 24, 385-395.
- Pereira, C., & Piccinini, C. (in press a). Gestação do segundo filho: Percepções maternas sobre a reação do primogênito. *Estudos de Psicologia (Campinas)*.
- Pereira, C., & Piccinini, C. (in press b). Relacionamento mãe-primogênito durante a gestação do segundo filho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*.
- Perez, A. (2002). O filho primogênito: Suas características e seus relacionamentos no contexto familiar. In A. Wagner (Ed.), *Família em cena: Tramas, dramas e transformações* (pp. 113-131). Petrópolis: Vozes.

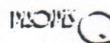
- Perlman, M., & Ross, H. (1997). The benefits of parent intervention in children's disputes: An examination of concurrent changes in children's fighting styles. *Child Development, 64*(4), 690-700.
- Piccinini, C., Lopes, R., Rossato, C., & Oliveira, D. (2005). *Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito*. Projeto não-publicado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Piccinini, C., Pereira, C., Marin, A., Lopes, R., & Tudge, J. (2007). O nascimento do segundo filho e as relações familiares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 23*, 253-262.
- Pike, A., Coldwell, J., & Dunn, J. (2005). Sibling relationships in early/middle childhood: Links with individual adjustment. *Journal of Family Psychology, 19*(4), 523-532.
- Prochaska, J., & Prochaska, J. (1985). Children's views of the causes and "cures" of sibling rivalry. *Child Welfare Journal, 54*(4), 427-433.
- Richardson, P. (1983). Women's perceptions of changes in relationships shared with children during pregnancy. *Maternal-Child Nursing Journal, 12*, 75-88.
- Rustia, J., & Abbott, D. (1993). Father involvement in infant care: Two longitudinal studies. *International Journal of Nursing Studies, 30*, 467-476.
- Rustin, M. (2007). Taking account of siblings: A view from child psychotherapy. *Journal of Child Psychotherapy, 33*(1), 21-35.
- Schachter, F. (1982). Sibling deidentification and split-parent identification: A family tetrad. In M. Lamb, & B. Sutton-Smith (Eds.), *Sibling relationships: Their nature and significance across the lifespan* (pp. 123-151). Hillsdale NJ: Lawrence Erlbaum & Assoc.
- Schachter, F., Shore, E., Feldman-Rotman, S., Marquis, R., & Campbell, S. (1976). Sibling deidentification. *Developmental Psychology, 12*(5), 418-427.
- Silveira, L. (2002) O relacionamento fraterno e suas características ao longo do ciclo vital da família. In A. Wagner (Ed.), *Família em cena: Tramas, dramas e transformações* (pp. 93-112). Petrópolis: Vozes.
- Stake, R. E. (1994). Case Studies. In N. Denzin, & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 236-247). Londres: Sage.

- Stearns, P. (1988). The rise of sibling jealousy in the twentieth century. In C. Stearns, & P. Stearns (Eds.), *Emotion and social change: Toward a new psychohistory* (pp. 193-222). Teaneck, US: Holmes & Meier.
- Stewart, R. (1983). Sibling attachment relationships: Child-infant interactions in the Strange Situation. *Developmental Psychology, 19*(2), 192-199.
- Stewart, R.B., Mobley, L.A., Van-Tuyl, S., & Salvador, M.A. (1987). The firstborn's adjustment to the birth of a sibling: A longitudinal assessment. *Child Development, 58*, 341-355.
- Stocker, C., & McHale, S. M. (1992). Linkages between sibling and parent-child relationships in preadolescence. *Journal of Personal and Social Relationships, 9*, 179-196.
- Stocker, C., Dunn, J., & Plomin, R. (1989). Sibling relationships: Links with child temperament, maternal behavior, and family structure. *Child Development, 60*, 715-727.
- Teixeira, L. (2002). Função paterna, fratria e violência: Sobre a constituição do socius na psicanálise freudiana. *Psico-USF, 7*(2), 195-200.
- Teti, D. (1992). Sibling interaction. In V. Hasselt, & M. Hersen (Eds.), *Handbook of social development: A lifespan perspective* (pp. 201-226). New York: Plenum Press.
- Teti, D., Sakin, J., Kucera, E., Corns, K., & Eiden (1996). And baby makes four: Predictors of attachment security among preschool-age firstborns during the transition to siblinghood. *Child Development, 67*, 579-596.
- Trause, M., & Irvin, N. (1992). Atendimento aos irmãos. In M. Klaus, & J. Kennell, *Pais/Bebê: A formação do apego* (pp.129-148). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Vandell, D., & Bailey, M. (1992). Conflicts between siblings. In C. U. Shantz, & W. W. Hartup (Eds.), *Conflict in child and adolescent development* (pp. 242-269). Cambridge: Cambridge University Press.
- Volling, B. (2003). Sibling relationships. In M. H. Bornstein (Ed.), *Well-being: Positive development across the life course* (pp. 205-220). Mahwah, US: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Volling, B. (2005). The transition to siblinghood: A developmental ecological systems perspective and directions for future research. *Journal of Family Psychology, 19*(4), 542-549.
- Volling, B., & Belsky, J. (1992). The contribution of mother-child and father-child relationships to the quality of sibling interaction: A longitudinal study. *Child Development, 63*, 1209-1222.

- Volling, B., & Elins, J. (1998). Family relationships and children's emotional adjustment as correlates of maternal and paternal differential treatment: A replication with toddler and preschool siblings. *Child Development, 69*(6), 1640-1656.
- Volling, B., Kennedy, D., & Jackey, L. (2010). The Development of Sibling Jealousy. In S. Hart, & M. Legerstee (Eds.), *Handbook of jealousy: Theory, research, and multidisciplinary approaches* (pp. 387-417). U.K.: Wiley-Blackwell.
- Volling, B., McElwain, N., & Miller, A. (2002). Emotion regulation in context: The jealousy complex between young siblings and its relations with child and family characteristics. *Child Development, 73*, 581-600.
- Waddell, J., Pepler, D., & Moore, T. (2001). Observations of sibling interactions in violent families. *Journal of Community Psychology, 29*(3), 241-258.
- Walz, B., & Rich, O. (1983). Maternal tasks of taking-on a second child in the postpartum period. *Maternal-Child Nursing Journal 12*, 185-216.
- Weiss, R. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris, *Attachment across the life cycle* (pp. 66-76). London: Routledge.
- White, G. L., & Mullen, P. E. (1989). A model of romantic jealousy. In G. White & P. Mullen, *Jealousy: Theory, research, and clinical strategies* (pp.9-57). New York: Guilford Press.
- Yewchuk, C., & Schlosser, G. (1996). Childhood sibling relationships of eminent Canadian women. *Roeper Review, 18*(4), 287-292.

ANEXOS

ANEXO A



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
CARTA DE APROVAÇÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul analisou o projeto:

Número : 2004373

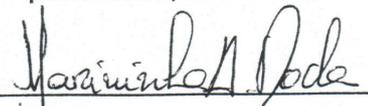
Título : Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito

Pesquisador (es) :

<u>NOME</u>	<u>PARTICIPAÇÃO</u>	<u>EMAIL</u>	<u>FONE</u>
CESAR AUGUSTO PICCININI	PESQ RESPONSÁVEL	piccinini@portoweb.com.br	33165246
RITA DE CASSIA SOBREIRA LOPES	PESQUISADOR	sobreiralopes@portoweb.com. ---	33165246

O mesmo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, reunião nº 35 ,
ata nº 56 , por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a
Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde.

Porto Alegre, quinta-feira, 28 de abril de 2005


p/ José Roberto Goldim
Coordenador do CEP-UFRGS

ANEXO B

FICHA DE CONTATO INICIAL¹

(NUDIF, 2005)

Nome da mãe:

Quantos anos tu tens?.....

Escolaridade:.....

Trabalha? () não () sim O que faz?

Esta é a tua segunda gravidez?

Com quantos meses tu estás?

Tu já sabes o sexo do bebê?

Como está a tua saúde?

Como está a saúde do bebê?

O teu primeiro filho é menino ou menina?

Qual a idade do teu filho(a)?

Como é o nome dele?

O pai do bebê vive contigo? Há quanto tempo?

Como é o nome dele?

Qual é a idade dele?

O que ele faz?

Qual é a escolaridade dele?

Ele é o pai do teu primeiro filho?

Ele tem outros filhos?

Endereço:

Telefone:

Data da Entrevista:

Data prevista para o nascimento do bebê:

Alternativa de contato (nome):

Telefone:

Mestranda responsável:

¹Instrumento adaptado por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini, (2005) para ser aplicado a gestantes grávidas do segundo filho.

ANEXO C

ENTREVISTA DE DADOS DEMOGRÁFICOS DO CASAL¹ (NUDIF, 2005)

Eu gostaria de algumas informações sobre ti e o teu marido:

Esposa:

- Nome:.....
- Data de nascimento:..... Escolaridade (ano concluído):
- Religião:..... Praticante: () sim () às vezes () não
- Estado Civil: () casada () solteira () separada () viúva () com companheiro
- Desde quando moras com o pai do teu filho?
- Quem mais mora na casa?
- Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregada
- O que tu fazes/fazias?..... Horas/semana:..... Não trabalha há meses
- Grupo étnico:

Marido:

- Nome:.....
- Data de nascimento:..... Escolaridade (ano concluído):
- Religião:..... Praticante: () sim () às vezes () não
- Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregado
- O que tu fazes/fazias?..... Horas/semana:..... Não trabalha há meses
- Grupo étnico:

Primogênilo:

- Nome:.....
- Data de nascimento:.....

Endereço para contato:

.....
Cidade:..... CEP Telefone:.....

Telefone do emprego/contato: Esposa Marido

Telefone de um parente/amigo para contato:.....

¹ Instrumento adaptado por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini (2005) para ser aplicado a gestantes grávidas do segundo filho e seus maridos.

ANEXO D

ENTREVISTA SOBRE O IMPACTO DA GESTAÇÃO DO SEGUNDO FILHO NA DINÂMICA FAMILIAR - Versão Mãe (Terceiro trimestre de gestação) (NUDIF, 2005)

1. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o dia-a-dia da tua família...

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como é um dia típico da tua família?
- Como são os momentos em que estão todos juntos?
- Como é um dia típico de fim de semana da tua família?
- Houve alguma mudança no dia-a-dia da tua família depois que tu engravidaste?

2. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o teu relacionamento com o teu marido nesta segunda gravidez...

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como está o teu relacionamento com o teu marido?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês desde que tu engravidaste?
- Como tu te sentes?

3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o teu primeiro filho, o (nome), ao longo desta segunda gravidez...

(Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Quando lhe foi dada a notícia da gravidez? Como ele/a reagiu? E agora, como ele está?
- O/a (nome) já sabe o sexo do bebê? Como ele/a reagiu?
- *(Se não sabe)* Ele/a prefere um menino ou uma menina?
- Alguma coisa parece desagradar o/a (nome) em relação à tua gravidez?
- E alguma coisa parece agradar o/a (nome) em relação à tua gravidez?
- Ele/a interage com o bebê de alguma maneira (*tocar a barriga, cantar/conversar com o bebê, etc.*)?
- Ele/a já foi alguma vez contigo às ecografias? Como ele/a reagiu?
- Ele/a tem demonstrado alguma curiosidade, preocupação ou interesse sobre a gravidez ou os bebês?
- O que ele tem dito?
- E quanto ao teu afastamento durante a hospitalização? Como tu achas que ele/a vai reagir? Como tu te sentes?
- Tu tens feito alguma coisa para prepará-lo/a?
- Como tu imaginas que o/a (nome) vai reagir à chegada do bebê? Como tu te sentes?
- Tu tens feito alguma coisa para prepará-lo/a?
- Como tu achas que será o relacionamento dele/a com o bebê?

4. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o relacionamento do/a (nome) com vocês, com a família e com outras crianças desde que tu ficaste grávida...

(Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (nome) em relação a ti?
- O que aconteceu? Como tu te sentes com isto?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês três (tu, teu marido e teu filho) desde que tu engravidaste? O que aconteceu? [Como tu te sentes?]
- Como é a relação do/a (nome) com os familiares?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento dele/a com relação aos familiares desde que tu engravidaste?
- [Como tu te sentes?]
- Como é a relação do/a (nome) com as outras crianças?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (nome) em relação às outras crianças desde que tu engravidaste?

5. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?

¹Entrevista elaborada por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini (2005).

ANEXO E

ENTREVISTA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PRIMOGÊNITO¹ (Terceiro ao sexto ano de vida do primogênito) (NUDIF, 2005)

1. Eu gostaria que tu falasses sobre o/a (nome)...

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como está o desenvolvimento/crescimento do/a (nome)?
- O/A (nome) tem apresentado algum problema de saúde em particular? Que cuidados exigiu?
- O que o/a (nome) é capaz de fazer que mais te chame atenção? Em que momentos tu percebes isso?
- Como tu descreverias o jeito do/a (nome)?
- Com quem tu achas que ele/a é parecido (*física e emocionalmente*)?
- Que coisas o/a (nome) mais gosta de fazer? Que coisas ele/a menos gosta?
- Que tipo de coisas ele/a faz que te desagradam? Como tu reages?
- E ele/a como fica ao perceber que te desagradou?
- Ele/a costuma apresentar algum tipo de medo? Qual? Quando começou?
- Tu percebeste alguma mudança em relação aos medos dele/a desde que tu engravidaste?

2. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre:

a) Alimentação do/a (nome)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido a hora das refeições para o (nome)?
- Ele/a é capaz de alimentar-se sozinho?
- Quem de vocês participa mais da hora das refeições do/a (nome)?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (nome) em relação à alimentação do (nome) desde que tu engravidaste?
- Ele/a ainda mama na mamadeira? Em que momentos?
- *(Se não mama)* Quando ele/a largou a mamadeira?
- *(Se ainda mama)* Tu tens intenção de que ele/a largue a mamadeira? Quando?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (nome) em relação à mamadeira desde que tu engravidaste?
- [Como tu te sentes?]

b) Uso do bico/chupeta

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Ele/a ainda usa bico/chupeta? Em que momentos?
- *(Se ainda usa)* Tu tens intenção que ele/a largue o bico/chupeta?
- Tu tens percebido alguma mudança do (nome) quanto ao uso do bico/chupeta desde que tu engravidaste?

c) Linguagem/fala do/a (nome)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido a comunicação com (nome)?
- Tu tens percebido alguma mudança na fala do/a (nome) desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

d) O sono do/a (nome)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido a hora de dormir do/a (nome)? Ele/a consegue pegar no sono sozinho?
- Quem de vocês participa mais deste momento?
- Ele/a tem um quarto só para ele/a ou dorme com alguém?
- Como é o sono dele/a (comportamento quando está dormindo)?
- Tu tens percebido alguma mudança no sono do/a (nome) desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

e) O controle do xixi e do cocô do/a (nome)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como é o controle do xixi e do cocô do/a (nome)?
- Ele/a usa fraldas?
- *(Se não usa)* Quando tirastes as fraldas? Como foi?
- *(Se usa)* Quando tu estás pensando em tirar as fraldas dele/a? Como pensas fazer isso?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (nome) em relação ao controle do xixi e do cocô desde que tu engravidaste?

f) Cuidados e higiene pessoal: hora do banho, troca de roupa, escovação de dentes

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido estes momentos para o/a (nome)? Como ele se comporta?
- Ele/a realiza estas atividades sozinho/a?
- Quem de vocês participa mais destes momentos?
- Tu tens percebido alguma mudança no comportamento do/a (nome) em relação a estes comportamentos desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

h) O choro do/a (nome)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Em que momentos ele/a chora? [Como tu te sentes?]
- Quem o acalma? Como esta pessoa o acalma?
- Tu tens percebido alguma mudança no choro do/a (nome) desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre as brincadeiras do/a (nome).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Qual a brincadeira preferida dele/a?
- Como ele/a se comporta enquanto brinca (*corre, fala, irrita-se facilmente, etc.*)?
- Ele/a costuma brincar sozinho/a? Em que momentos?
- Ele/a costuma brincar com outras crianças?
- Tu costumavas brincar com ele/a (nome)?-De quê?
- Tu tens percebido alguma mudança nas brincadeiras do/a (nome) desde que tu engravidaste?

4. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre algum objeto preferido do/a (nome).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Qual é este objeto? (*Caso não seja um objeto*) Seria uma parte do corpo (*da criança/mãe/pai*)?
- Em que momentos o/a (nome) procura este objeto? E o que ele faz?
- Tu lembras quando isto apareceu?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (nome) em relação a este objeto desde que tu engravidaste?
- [Como tu te sentes?]

5. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre os momentos em que o/a (nome) tem ficado longe de ti.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Quais têm sido estes momentos? Como ele/a reage?
- E tu, como te sentes?
- Como são os momentos em que vocês se reencontram?
- Como ele/a reage? E tu, como te sentes?
- Com quem ele/a é mais agarrado? E tem mais alguém? Em que momentos tu percebes isso? [Como tu te sentes?]
- Tu percebeste alguma mudança neste comportamento (agarrado) desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

6. O/a (nome) foi para a escolinha/creche?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

(Se a criança foi para a escolinha/creche):

- Com que idade ele/a iniciou?
- Como foi a adaptação dele/a?
- Como tu te sentes em relação à escolinha/creche?
- Como ele/a reage ao afastamento de ti para ir à escolinha/creche?
- Tu percebeste alguma mudança nos comportamentos do/a (nome) em relação a ir para a escolinha/creche desde que tu engravidaste? [Como tu te sentes?]

(Se a criança não vai à escolinha/creche)

- Vocês pretendem colocá-lo/a na escolinha/creche? Quando? Por quê?

7. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?

¹Entrevista adaptada por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini (2005) para ser aplicada a mães de crianças de 3 a 6 anos que estão grávidas do segundo filho.

ANEXO F

ENTREVISTA SOBRE O RELACIONAMENTO FAMILIAR AOS 6 MESES DO SEGUNDO FILHO - Versão Mãe (NUDDIF, 2006)¹

1. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o dia-a-dia da tua família agora que o/a (2º filho) tem um ano...

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como é um dia típico da tua família?
- Como são os momentos em que estão todos juntos? O que mudou nesses últimos meses?
- Como é um dia típico de fim de semana da tua família? O que mudou nesses últimos meses?
- Teve alguma mudança na família de vocês agora que o/a (2º filho) está com um ano?

2. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o relacionamento do (primogênito) com o/a (2º filho) agora que ele/a tem um ano... (Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como está o relacionamento dele/a com o/a (2º filho)? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento do/a (primogênito) com o/a (2º filho) agora que ele/a tem um ano? O que aconteceu? Como tu te sentes?
- O que parece agradar o/a (primogênito) em relação ao o/a (2º filho)?
- E o que parece desagradar o/a (primogênito) em relação ao o/a (2º filho)?
- Como o/a (primogênito) costuma reagir quando algo lhe desagrada?
E tu, como costumavas agir nesses momentos?
- Como o/a (primogênito) costuma se comportar quando tu estás atendendo/cuidando o/a (2º filho)?
- Ele/a participa de alguma forma desses momentos? O que ele/a costuma fazer?
Tu solicitas esta participação?
- Ele/a interage com o/a (2º filho)? O que eles costumam fazer?
- Ele/a tem demonstrado alguma curiosidade, preocupação ou interesse sobre o/a (2º filho)?
- O que ele tem dito?
- Tu percebeste alguma mudança de comportamento do/a (primogênito) agora que o/a (2º filho) está com um ano? Como tu te sentes?

3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o relacionamento do/a (primogênito) com vocês, com a família e com outras crianças agora que o/a (2º filho) está com um ano...

(Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação a ti? O que aconteceu? Como tu te sentes com isto?
- E com o teu marido, tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação a ele agora que o/a (2º filho) está com um ano? O que aconteceu? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês quatro (tu, teu marido, o primogênito e o segundo filho) agora que o/a (2º filho) tem um ano? O que aconteceu? Como tu te sentes?
- Como é a relação do/a (primogênito) com os demais familiares?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento dele/a com relação aos familiares agora nos últimos meses? Como tu te sentes?
- Como é a relação do/a (primogênito) com as outras crianças?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação às outras crianças nos últimos meses?

4. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre a tua experiência de ser mãe de dois filhos, agora que o/a (2º filho) está com um ano...

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como tu estás te sentindo como mãe de dois filhos?
- Como tu te descreverias como mãe de dois filhos?
- Que coisas tu costumavas fazer com o/a (primogênito)? E com o/a (2º filho)? E com os dois juntos?
- Tu tens encontrado alguma dificuldade como mãe de dois filhos? Quais são? Como tu te sentes?
- Tu vivenciaste alguma situação ou período estressante nesses últimos meses? Como foi? Como tu te sentes?
E como mãe de dois filhos?
- Tu vivenciaste alguma situação agradável nesses últimos meses? Qual? Como tu te sentes?
E como mães de dois filhos?

5. Eu gostaria que tu falasses como tu vês o teu marido/companheiro como pai de dois filhos.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como tu o descreverias como pai de dois filhos?
- Como é o jeito dele lidar com o/a (*primogênito*)? E com o/a (*2º. filho*)?
- Que coisas ele costuma fazer com o/a (*primogênito*)? E com o/a (*2º. filho*)?
- Vocês têm alguma discordância com relação aos cuidados das crianças? Em quê? Como ele reage?

6. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o teu relacionamento com o teu marido agora que vocês têm dois filhos.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como está o teu relacionamento com o teu marido desde que o (*2º. filho*) nasceu?
- Vocês têm algum momento só para vocês dois? Com que frequência isto acontece? O que vocês fazem?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês desde que o/a (*2º. filho*) nasceu? [Idem]
- Que tipo de apoio o teu marido tem te oferecido neste momento?
- Que tipo de apoio tu tens esperado dele?
- Tu solicitas ajuda dele? E com relação ao cuidado das crianças? Como ele reage?
- Algum familiar (ou amigo, ou profissional) tem te ajudado?

7. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?

¹Entrevista elaborada por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini (ordem alfabética).

ANEXO G

ENTREVISTA SOBRE A MATERNIDADE E O DESENVOLVIMENTO DO PRIMOGÊNITO APÓS O NASCIMENTO DO SEGUNDO FILHO¹ (Terceiro ao sexto ano de vida do primogênito) (NUDIF, 2005)

1. Eu gostaria que tu falasses sobre o/a (primogênito)...

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como está o desenvolvimento/crescimento do/a (primogênito)?
- O/a (primogênito) tem apresentado algum problema de saúde em particular? Que cuidados exigiu?
- O que o/a (primogênito) é capaz de fazer que mais te chame atenção? Em que momentos tu percebes isso?
- Como tu descreverias o jeito do/a (primogênito)?
- Que coisas o/a (primogênito) mais gosta de fazer? Que coisas ele/a menos gosta?
- Que tipo de coisas ele/a faz que te desagradam? Como tu reages?
- E como ele/a fica ao perceber que te desagradou?

2. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre:

a) Alimentação do/a (primogênito)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido a hora das refeições para o (primogênito)? Ele/a alimenta-se sozinho?
- Tu percebeste alguma mudança na alimentação do/a (primogênito) depois que o (2º filho) nasceu? [Como tu te sentes?]
- Ele/a tem usado a mamadeira?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (primogênito) quanto à mamadeira depois que o (2º filho) nasceu? [Idem]

b) Uso do bico/chupeta pelo/a (primogênito)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Ele/a tem usado bico/chupeta?
- Tu tens percebido alguma mudança no uso do bico/chupeta do/a (primogênito) depois que o (2º filho) nasceu? [Idem]

c) Linguagem/fala do/a (primogênito)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como está a fala/linguagem do/a (primogênito)?
- Tu tens percebido alguma mudança na fala/linguagem do/a (primogênito) depois que o (2º filho) nasceu? [Idem]

d) O sono do/a (primogênito)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como está o sono dele/a? Como tem sido a hora de dormir do/a (primogênito)? Ele/a consegue pegar no sono sozinho?
- Tu tens percebido alguma mudança no sono do/a (primogênito) depois que o (2º filho) nasceu? [Idem]

e) O controle do xixi e do cocô do/a (primogênito)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como está o controle do xixi e do cocô do/a (primogênito)?
- Tu tens percebido alguma mudança no controle do xixi e do cocô do/a (primogênito) depois que o (2º filho) nasceu? [Idem]

f) Cuidados e higiene pessoal: hora do banho, troca de roupa, escovação de dentes

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como é o comportamento do/a (primogênito) nesses momentos? Ele/a realiza estas atividades sozinho/a?
- Tu tens percebido alguma mudança nos comportamentos do/a (primogênito) depois que o (2º filho) nasceu? [Idem]

h) O choro/manha do/a (primogênito)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Em que momentos ele/a chora? [Idem] Quem o acalma?
- Tu tens percebido alguma mudança no choro/manha do/a (primogênito) depois que o (2º filho) nasceu? [Idem]

3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre as brincadeiras do/a (primogênito).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Qual a brincadeira preferida dele/a?
- Ele/a costuma brincar sozinho/a? Em que momentos?
- Ele/a costuma brincar com o (2º filho)? O que ele/a faz? E com outras crianças?
- Tu costumavas brincar com ele/a (primogênito)? De quê?
- Tu tens percebido alguma mudança nas brincadeiras do/a (primogênito) depois que o (2º filho) nasceu? [*Idem*]

4. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre algum objeto preferido do/a (primogênito).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Qual é este objeto? (*Caso não seja um objeto*) Seria uma parte do corpo (*do primogênito/mãe/pai*)?
- Em que momentos o/a (primogênito) procura este objeto? E o que ele faz?
- Tu lembras quando isto apareceu?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (primogênito) em relação a este objeto depois que o (2º filho) nasceu? [*idem*]

5. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre os medos do/a (primogênito).

- Ele/a costuma apresentar algum tipo de medo? Qual? Quando começou?
- Tu percebeste alguma mudança nos medos dele/a depois que o (2º filho) nasceu?

6. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre os momentos em que o/a (primogênito) tem ficado longe de ti.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Quais são estes momentos? Como ele/a reage quando vocês se separam? [*Idem*]
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) quanto tu te separa dele depois que o/a (2º filho) nasceu?
- Como são os momentos em que vocês se reencontram? Como ele/a reage? [*idem*]
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) nesses momentos de reencontro?
- Com quem ele/a está mais agarrado? E tem mais alguém? Em que momentos tu percebes isso? [*Idem*]
- Tu percebeste alguma mudança neste comportamento (agarrado) depois que o (2º filho) nasceu? [*Idem*]

7. Eu gostaria que tu falasses sobre a escolinha/creche do/a (primogênito)?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

(Se a criança foi para a escolinha/creche):

- Como está o/a (primogênito) na escolinha/creche?
- Tu percebeste alguma mudança nos comportamentos do/a (primogênito) em relação à escolinha/creche depois que o (2º filho) nasceu? [*Idem*]

8. Eu gostaria que tu falasses sobre outras pessoas que ajudam a cuidar do (primogênito)?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Quanto tempo esta pessoa fica com o/a (primogênito)?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do/a (primogênito)?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como o/a (primogênito) reage quando outra/s pessoa/s ficam com ele?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação a essas pessoas que ficam com ele depois que o (2º filho) nasceu? [*Idem*]

Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?

¹Entrevista adaptada por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini (ordem alfabética) com base em outras entrevistas similares do *Núcleo de Infância e Família – NUDIF*, do Instituto de Psicologia da UFRGS.

ANEXO H

RESULTADOS CASO 1: ARTUR E FELIPE

Fase I – Felipe com 36 semanas gestacionais e Artur com 5 anos

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Na perspectiva materna, durante a gestação, o ciúme de Artur dos progenitores com o irmão foi perceptível através de uma previsão de comportamentos agressivos para com o irmão após seu nascimento. No relato a seguir, ao ter uma vontade sua negada, Artur ameaçou agredir o irmão, indicando uma possível associação entre a restrição imposta pelos progenitores e a gestação do irmão.

Uma vez ele falou que ele queria pegar e a gente não deu uma coisa que ele queria, daí ele falou: “Quando o Felipe chegar eu vou pegar o carrinho e vou jogar lá na escada”. Dá uns ataques assim nele, que ele fala umas coisas bem agressivas (Larissa - mãe).

Marcelo (pai) também foi sensível às manifestações de ciúme de Artur em relação aos progenitores. Na perspectiva paterna, o ciúme foi mais perceptível nas situações em que os progenitores interagiam diretamente com o bebê, através de carícias à barriga da gestante. Nestes momentos, o pai indicou comportamentos de Artur considerados como indicadores de ciúme do irmão em relação aos progenitores, ou seja, a tristeza ao perceber o direcionamento do afeto dos progenitores ao irmão, o sentimento de injustiça na distribuição do afeto dos progenitores, a busca pelo afeto e atenção dispensados ao irmão e o sentimento de perdê-los.

Só a questão do ciúme que mudou no comportamento do Artur, só ciúme. Mas não que a gente tenha feito alguma situação de provocar ciúme, “Ah, quando ele nascer, nós não vamos te querer mais”. Não sei, acho que vai perder aquela majestade de filho único. Que agora as coisas vão ter que ser divididas, os brinquedos e tudo (Marcelo - pai).

Eu acho que o lado mais de ciúme é com o Felipe, quando a gente faz carinho nele e tal (Marcelo - pai).

Aquela coisa de criança mesmo. Porque às vezes ele dizia que não queria o mano, daí a gente perguntava porque, ele dizia que achava que a gente ia dar carinho pro mano e pra ele não. Aí isso se demonstrou quando a gente fazia carinho na barriga da Larissa, beijava e ele ficava triste ou vinha e se enfiava no meio ou dizia: “Ah, só pro Felipe, pra mim não”. Então, ali que se demonstrou. Mas a única coisa foi ciúme, nunca ficou violento (Marcelo - pai).

Segundo o pai, o período mais difícil para o primogênito lidar com o ciúme fora no momento em que começou a concretizar a realidade da gestação materna, quando pôde visualizar a barriga da mãe. No final da gestação (momento da entrevista), o primogênito apresentou menos sinais de ciúme.

Agora ele já tá mais tranquilo. Foi quando começou a aparecer a barriga, que daí eu acho que ele viu. Eu acho que é o primeiro contato que a gente que tá fora tem, sendo eu e ele que estamos de fora fisicamente. A Larissa tem o nenê dentro dela, mas nós, quando a gente vê a barriga, a gente cai na real que, pô, tem um nenezinho dentro (Marcelo - pai).

1.2. Disputa e competição fraterna

Além do ciúme, já durante a gestação, o primogênito viu-se em face de situações de compartilhamento de suas posses e de seu espaço com o irmão que ia nascer e demonstrou desejo de preservá-los como seus. Conforme o relato de Larissa (mãe), estes sinais de competição com o irmão teriam ocorrido no momento em que ela começou a organizar os espaços da casa para o irmão, estando amenizados no final da gestação (momento da entrevista).

Ele ficou meio chateado quando eu comecei a arrumar o quartinho do nenê, a parte do nenê, porque é um quarto só. Aí eu comecei a tirar as coisas dele e ele já perguntou: “Ah, mas isso aqui é meu”. Aí eu tava colando um negócio do ursinho Pooh no berço e ele queria colocar do Mickey. Aí ele: “Não, mas isso aqui é meu”, as coisinhas dele. Porque eu vou usar praticamente as mesmas roupas. Mas depois foi tranquilo, deu um tempo já pra ele se acostumar (Larissa - mãe).

2. Relacionamento parental

No que se refere ao relacionamento de Artur com os progenitores, tanto Larissa (mãe) quanto Marcelo (pai) afirmaram haver um laço de maior proximidade de Artur com o pai.

(Mais agarrado) com o Marcelo, mesmo ele tendo se aproximado mais de mim, eu acho ele muito mais agarrado com o Marcelo, bah. Tipo de ter que escolher um vídeo pra ver, um show, ele vai escolher sempre o que o pai dele gosta, pra puxar o saco, não o que eu gostaria de ver. Sempre mais o pai dele (Larissa – mãe).

Ele sempre foi bem agarrado comigo. (...) Eu acho que ele é mais agarrado comigo. Depois de mim é a mãe dele. Eu noto que ele é bem agarrado comigo. Mas ele oscila bastante. Às vezes, eu vou sair e pergunto se ele quer ir junto comigo e ele: “Não, quero ficar com a mãe”. Eu noto que tem dias que ele tá só com a mãe, mas a maioria do tempo ele tá só comigo. Se eu chego do serviço, ele já se agarra comigo. Ou se eu vou sair, ele quer ir junto. Se eu vou no supermercado, ele quer ir comigo (Marcelo – pai).

Apesar de ser mais próximo ao pai, Larissa indicou perceber que Artur estava buscando uma maior proximidade com ela neste momento da gestação.

Agora ele sempre fica mais comigo do que sair pra rua com o Marcelo. Isso ele tá mudando agora. Tá ficando mais comigo, mas antes ele sempre preferia sair com o pai dele (Larissa – mãe).

No período final da gestação, a mãe apontou limitação na sua interação com o primogênito. Devido às mudanças físicas da gestação, algumas brincadeiras comumente compartilhadas com o filho não podiam mais ser realizadas, assim como a mãe não podia pegar o filho no colo. O primogênito percebeu esta limitação no acesso à mãe e a solicitava. O uso de práticas coercitivas por parte da mãe, como as ameaças de que se pegasse o filho no colo o bebê iria nascer, podem indicar uma dificuldade da mãe em empatizar com o filho e acolhê-lo em suas ansiedades neste período.

Ele tá ansioso pra chegada do nenê. Aí às vezes eu sinto vontade de pegar ele no colo, mas eu já falei pra ele brincando que se eu pegasse ele, o nenê ia sair. “Não, não me pega que o neném vai sair”. Ele tá bem ansioso (Larissa - mãe).

Eu acho que, de repente eu brincava mais de lutinha com ele do que hoje. Daí ele já não gosta. Eu sempre brinquei com ele de lutinha e agora eu não posso. Aí ele meio que cobra isso de mim: “Quando é que tu vai poder?”. “Ah, quando o Felipe chegar, a mãe vai brincar de lutinha contigo” (Larissa - mãe).

Em consonância com esta perspectiva, o pai descreveu a mãe, no momento final da gestação, como menos tolerante com o primogênito, enquanto ele, pai, pareceu manter-se mais isento e capaz de julgar melhor os acontecimentos envolvendo o filho. Além disso, o pai poderia identificar-se com o primogênito como alguém à parte da relação mãe-bebê, sendo mais capaz de empatizar com ele.

Eu acho que ela ficou pavo mais curto (com o Artur). Não sei se é hormonal ou não. Não sei se a mulher fica mais sensível. E às vezes eles têm umas perguntas que tu responde e não adianta, vem de novo, ou tem umas atitudes que é dessa fase dele. Eu já notei que ela, por estar de repente mais estressada com tudo isso, no final de gravidez, qualquer coisinha ela já estoura. Mas só isso, que ela tá mais nervosa um pouco, mais agressiva. É comum (Marcelo - pai).

Fase II – Felipe com 7 meses e Artur com 5 anos e 7 meses

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Embora durante a gestação a mãe já tivesse mencionado sinais de ciúme por parte de Artur, esta referiu não estar preparada para o que se apresentou após o nascimento do segundo filho. A expectativa por um relacionamento sem ciúme baseava-se tanto no desejo de Artur de ter

um irmão, quanto nos comportamentos de aceitação e carinho do filho durante a gestação e durante a hospitalização materna. Além disso, a lembrança das experiências da própria mãe com seus irmãos em sua família de origem não incluíam demonstrações de ciúme.

Olha, eu realmente não esperava, porque era eu e mais três irmãos, e eu não me lembro de ter passado por isso, na nossa época. E todo mundo nos falava que não, que o Artur nunca teve ciúme, porque ele pediu o mano. E eu estava grávida e até agora nunca tinha acontecido nada, de demonstrar ciúme (Larissa – mãe).

No dia que eu ganhei o nenê, foi lá, viu o nenê, adorou, quis pegar no colo. Tudo de novidade no hospital. Ah, eu achava que ia ser tudo às mil maravilhas. Só que quando eu cheguei em casa e o meu marido voltou a trabalhar, aí foi bem difícil (Larissa – mãe).

Na perspectiva materna, no período seguinte ao nascimento de Felipe, o ciúme de Artur foi perceptível através da disputa pela atenção da mãe e do pai. Artur passou a solicitar a atenção da mãe em cuidados que ele já sabia realizar sozinho (higiene de toalete) nos momentos em que ela estava amamentando o irmão.

Com o Artur foi bem difícil mesmo. Ele queria bastante atenção. Eu meio que me arrependi (de deixar ele em casa pela manhã), porque, bah, foi muito complicado. Era começar a alimentar o Felipe e ele ia pro banheiro fazer cocô, e me chamava, porque eu tinha que ir lá limpar ele. Sempre na hora do mamá. Ele já sabia se limpar, mas sempre naquele momento da amamentação. Então, eu tinha que tirar o Felipe do seio, lavava a mão e ia lá (Larissa – mãe).

A percepção paterna foi similar à da mãe, destacando-se a busca por chamar a atenção dos progenitores.

Os primeiros dias, teve bastante ciúme. Só que ele sempre pediu ‘maninho, maninho’, botava a mão na barriga, fazia carinho, beijava. Aí quando nasceu ele já viu que ele ficou meio, não quando tava no hospital, mas quando veio pra casa. Então, ele sempre chamava nós, que queria mostrar alguma coisa. Então, ele sempre teve muito ciúme (Marcelo – pai).

Artur também demonstrou insegurança com relação ao amor dos progenitores e à sua importância para estes e sentimento de injustiça na distribuição da atenção dos progenitores, interpretados pela mãe como sinais de rebeldia do primogênito.

E ele falava que a gente não gostava mais dele. Bem assim, ficou bem rebelde (Larissa – mãe).

Eu falo pra ele que tenho que ver o mano e ele fala: “Ai sempre o mano primeiro” (Larissa – mãe).

Além disso, o comportamento de Artur de entrar no carrinho do irmão pode ser considerado como sinal de ciúme, desejando ocupar o lugar do bebê e, conseqüentemente, receber a atenção e o afeto a ele dispensados.

Aconteceram várias coisas. Tipo, o Artur entrava pra dentro do carrinho do nenê (Larissa – mãe).

O pai, por sua vez, tendeu a apresentar um quadro mais favorável do filho em termos de ciúme dos progenitores com o irmão. Mesmo as demonstrações explícitas de ciúme de Artur foram relativizadas, sendo atribuídas aos momentos em que a criança estava mais “birrenta”, e desconsideradas como ciúme através de racionalizações do pai.

Acho que só quando ele tá meio birrento, que a gente fala no Felipe e aí ele fala: “Ah, só o Felipe, só o Felipe. Só fala no Felipe. Só ele, só ele”. Mas não é o normal dele, só quando ele tá invocado com alguma coisa. Não é sempre (Marcelo – pai).

Quando a gente se reúne na casa da avó, que aí é dois netos, ele e o Felipe - a tia deles pega bastante o Felipe, a avó - eu noto que ele não fica muito próximo. Ele também não fica muito estressado, muito brabo, não demonstra muito ciúme, fica normal. Até, às vezes, ele diz que não é pra tá tanto tempo com o mano no colo, que é pra deixar o mano no carrinho, mas a gente vê que não é por ciúme. Que a gente sempre fala que não é pra dar muita manha. E vó, tio só dão manha (Marcelo – pai).

Por ter convivido mais diretamente com as crianças nos cuidados diários durante o período de licença maternidade, pode ser que Larissa estivesse mais suscetível e atenta às demonstrações de ciúme por parte de Artur. Além disso, pode ser que o estresse de ter de cuidar dos dois filhos e a pouca proximidade com Artur tenham contribuído para a menor tolerância dela para com as demonstrações de ciúme do filho.

Conforme os relatos maternos, pode-se perceber que a tensão e a ansiedade de Artur não diziam respeito prioritariamente à relação diádica com o irmão, mas sim ao triângulo de ciúme que emergia quando os progenitores estavam presentes. Nos momentos em que os progenitores não estavam presentes, Artur demonstrava mais livremente o cuidado pelo irmão.

Esses dias que o Artur ficou na minha mãe, ele é super tranquilo. Agora, quando nós vamos pra lá, eu, o Marcelo (pai) e o Felipe (irmão), almoçar no final de semana, ele muda. Ele fica chorando, implica com os tios dele. Ele fica bem diferente, muda completamente. Isso depois que o Felipe nasceu (Larissa – mãe).

Foi bem legal, uma coisa que eu nunca vou esquecer. De madrugada, tavam os dois dormindo no quarto, o Felipe chorou e ele (Artur) que levantou pra dar o bico pro mano. Eu achei bem legal dele se levantar. Ele levantou pra acalmar o mano. Foi bem legal, por tudo que tava acontecendo. Foi bem nessa época de estresse (Larissa – mãe).

Neste momento do contato com a família (7 meses após o nascimento de Felipe), embora ainda houvesse manifestações de ciúme, os progenitores perceberam estas como menos intensas do que nos meses iniciais após o nascimento do irmão.

Não passou ainda, ainda tá com ciúme, mas é bem menos, bem menos (Larissa – mãe).

Ah, no começo, aquele fogo durante o dia, um temporal. Mas depois foi voltando ao normal. (...) Agora é mais tranquilo. Está com ele na rotina. Então, não é nenhuma novidade pra ele (Larissa – mãe).

A gente chegou até a marcar psicólogo pra ele, numa época que a situação assim... da ciúmeira. Só que como demorou pra conseguir a consulta, então, nesse meio tempo ele melhorou bastante. E aí a médica falou que ele tá bem, que é normal. E que ainda bem que a gente conseguiu reverter, nós com ele em casa. Então, ficou bem melhor agora, tá bem melhor (Larissa – mãe).

A gente até levou ele na psiquiatra, mas na época que a gente foi ele já tava bem melhor. Quando a gente foi lá falou pra ela: “Olha, com conversa, e a gente demonstrando que também é nosso filho, que a gente gosta dele como gosta do Felipe”. E ele foi assimilando isso e hoje ele tá bem (Marcelo – pai).

1.2. Disputa e competição fraterna

Neste momento, devido ao desenvolvimento das capacidades de interação de Felipe (segundo filho), os irmãos estavam interagindo mais. Com isso, a brincadeira entre os irmãos tornou-se presente, favorecendo o relacionamento fraterno.

Agora, ele gosta que o Felipe começou a brincar com ele. O Felipe começou a dar uns gritos, e ele pega o Artur pelos cabelos, quer morder, com gana. E o Artur tá curtindo (Larissa – mãe).

A mãe relatou também alguns episódios da interação dos irmãos que foram interpretados por ela como sinais de agressividade do primogênito para com o irmão e situações consideradas de perigo para o bebê. Tais comportamentos serão aqui considerados como sinais de disputa, sem podermos inferir ciúme devido à carência de informações sobre o contexto em questão.

Uma vez eu peguei o Artur com um chapéu de gaúcho no rosto do Felipe. Outra vez apertando o nariz dele, trancando a respiração. Então, era um susto. E uma vez eu fui pra cozinha e ele tava com o nenê no colo. Me bambeou as pernas na hora (Larissa – mãe).

Às vezes ele falava: “Eu vou pegar esse carrinho e vou jogar lá na escada” (Larissa – mãe).

A ambivalência também esteve presente em situações descritas pelos progenitores como descuidos do primogênito para com o irmão ou brincadeiras que podem machucá-lo. Estas situações possivelmente viriam acompanhadas de culpa da criança por nutrir sentimentos agressivos para o irmão.

Ontem eu fui fazer as comprar e meu marido pediu pro Artur dar uma reparada no Felipe. Ele começou a preparar o banho do Felipe, e nisso o Artur se descuidou um pouco e o Felipe caiu no chão. Aí foi um estresse. Bah, ele chorou muito, os dois choraram. E o Artur ficou bem preocupado, ficou super preocupado com o irmão (Larissa – mãe).

Não por maldade, mas às vezes ele brinca com o Felipe como se fosse um guri grande e às vezes pode machucar. Ontem até eu conversei com ele, dei uma tarefa pra ele que era só pra cuidar o irmão dele, que eu deixei na cama. E ele se distraiu com o brinquedo e deixou o mano cair. Claro que culpado mais fui eu, né. Eu não posso esperar uma tarefa que tem que ter muita responsabilidade pra idade dele, porque uma criança a gente espera qualquer coisa (Marcelo – pai).

2. Relacionamento parental

Neste momento, no que se refere à proximidade no relacionamento de Artur com os progenitores, tanto o pai quanto a mãe reafirmaram haver um laço mais estreito de Artur com o pai. Segundo Larissa, Marcelo havia se envolvido muito com Artur desde seu nascimento em função de ser “carente” por ser filho adotivo.

(É mais agarrado) com o pai, com certeza. É descarado o negócio. É bem mais o pai dele. Quer estar mais com o pai. Quando o pai não tá em casa, tá trabalhando final de semana: “Eu quero o meu pai, quero meu pai. Porque que o pai não tá aqui?”. Eu acho que foi porque quando o Artur chegou ele (pai) cuidou bastante do Artur. E ele é bem carente porque ele é filho adotivo, descobriu a pouco tempo. Então, aquela coisa de a gente ter uma pessoa que é do mesmo sangue dele, ele sempre fala isso. Então, sempre deu muita atenção pra ele. De repente até mais do que eu (Larissa – mãe).

Eu acho que é comigo. Acho que sempre foi o amigo dele. Desde antes do Felipe. Qualquer saída que eu tenho que dar ele quer ir junto. Se eu vou botar o lixo lá na rua, ele quer descer comigo. Às vezes, eu vou jogar bola e ele quer ir comigo, aí ele vai, se tem churrasco, ele fica lá. Então, qualquer coisa que eu vou fazer, ele anda junto. E, já, a mãe dele não. Se a mãe dele diz: “Eu vou ali, no supermercado, quer ir comigo?”, ele diz: “E tu, pai, tu vai ir?”, e eu: “Não, eu vou ficar”, “Então, eu vou ficar”. Então, ele fica sempre agarrado comigo. Ele sempre foi assim. (...) Sempre foi agarrado comigo, desde piázinho, desde nenê (Marcelo – pai).

Ela (mãe) se relaciona bem com ele (Artur), é carinhosa, dá banho, alimentação e tudo. Tudo que a mãe tem que fazer. Mas eu noto que, apesar da mãe ser tudo isso aí, o Artur é mais do meu lado do que dela (Marcelo – pai).

Quanto ao cuidado parental, pareceu existir uma divisão de tarefas entre o casal, o pai sendo o principal responsável pelo filho mais velho e a mãe pelo segundo filho.

Hoje em dia, até pela situação do Felipe, ela dá mais atenção pro Felipe do que pro Artur. Ele também merece mais atenção, é bem dependente ainda (Marcelo – pai).

Contudo, Larissa destacou que Artur se aproximou dela neste momento por terem passado mais tempo juntos em casa durante o período em que ela estava de licença maternidade. Larissa indicou que o período passado com o filho mais velho em casa trouxe a ela a oportunidade de estreitar o laço afetivo com ele.

O Artur se aproximou bastante de mim também agora, depois desse período que ele ficou em casa. Eu fui bem paciente com ele (Larissa – mãe).

Eu acho que nesses 4 meses que o Artur ficou mais tempo em casa, eu me aproximei muito mais dele. Apesar de ter tido esses estresses, a gente se aproximou bastante (Larissa – mãe).

Somado a isso, o cuidado do segundo filho parecia ter trazido à Larissa a possibilidade de se resignificar como mãe. A sobrecarga de trabalho dos progenitores com os dois filhos, colocou Larissa frente à necessidade de assumir a maior parte do cuidado do bebê (Felipe), já que o marido estava mais envolvido com os cuidados de Artur. Larissa teria, então, aprendido a ser mãe com o segundo filho, sentindo-se mais segura e envolvendo-se mais nos cuidados de Felipe do que pôde fazer com Artur.

Eu tô me sentindo mais mãe, bem mais. Noto nitidamente. Eu acho que o Felipe que tava faltando mesmo pra viver essa experiência melhor, de me sentir mãe. (...) Noto nas coisas do dia a dia, tipo dar um banho, preparar uma comida, participar com eles das brincadeiras. Eu acho que agora eu estou mais tranquila em relação a antes, quando o Artur era bebê. Porque antes o meu marido e eu, a gente se dividia. Então, às vezes ele dava mais banho no Artur do que eu. E agora não. Todos os banhos, praticamente quem tem dado no Felipe sou eu. Então, eu tô mais com o Felipe, porque ele não tá me ajudando tanto como ele me ajudou com o Artur. É porque tem o Artur, com certeza porque senão, quando o Artur não tá em casa é claro que ele prepara uma mamadeira, vai preparar o banho do Felipe (Larissa – mãe).

Até porque quando nasceu o Artur ele (Marcelo) foi bem paizão, fazia tudo, banho, só não dava teta, o resto fazia tudo. E muito bem por sinal. Eu até meio que me frustrava, porque, bha, como é que pode, não teve irmãos, é homem, e ele me falando: “Não é assim. Tem que fazer assado”. Ele cuida super bem das crianças. Ele é até mãezona de vez em quando (Larissa – mãe).

Uma vez que passou a perceber-se como mais capaz no papel de mãe, esta experiência pode ter tornar Larissa mais apta a interagir também com o filho mais velho. Com isso, parece

que Larissa estava conseguindo aproximar-se mais de Artur e assimilar estratégias mais adequadas para manejar com o filho mais velho.

No começo, quando só tinha o Artur, eu notava que, às vezes, a Larissa chegava num limite, quando não conseguia mais convencer o Artur nos troços ela dava uma chinelada, umas palmadas. Mas tudo na boa, nada de violência. E eu discordava dela, mas procurava não falar na frente dele. (...) Daí acho que ela começou a observar isso que eu tava falando e agora é difícil fazer assim (Marcelo – pai).

Fase III – Felipe com 1 ano e 3 meses e Artur com 6 anos e 3 meses

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Neste momento, a mãe e o pai identificaram uma redução nas demonstrações de ciúme por parte do primogênito desde o nascimento do irmão. Conforme a mãe, o período de maior estresse havia ocorrido logo após o nascimento do segundo filho (conforme relatado na fase II). Após este período, embora com menor intensidade, o momento em torno do primeiro aniversário de Felipe, quando este começou a caminhar, também havia desencadeado mais reações de ciúme.

O ciúme diminuiu bastante. Quando ele era bebê tinha um monte de problemas do Artur ter ciúme, mas agora não é tanto. Lógico, ainda tem um pouquinho, mas não é como antes. Depois que o Felipe cresceu um pouquinho ele já parou um pouco com o ciúme. Diminuiu bastante. É que antes o Artur, ele entrava dentro do carrinho do irmão, apertava o nariz do irmão pra judiar. Então já não faz mais essas coisas (Larissa – mãe).

O Artur, logo que ele (Felipe) nasceu teve um ciúminho. Mas o Artur sempre foi muito cuidadoso com o irmão dele, sempre amoroso. (...) Não tem mais aquele lance de ciúme e tal (Marcelo – pai).

Só no início, bem no início. Até que não foi muito não, mas teve um pouquinho. Mas o Artur é bem irmãozão, cuida... (Marcelo – pai).

Quando ele começou a caminhar, bem no início, foi bem estressante. Uns 20 dias depois que ele fez um ano que ele começou a caminhar. Depois que ele começou a caminhar. Agora não, agora nesse momento a gente tá mais acostumado. Mas tipo, uns 3 meses atrás tava mais complicado (Larissa – mãe).

Apesar da diminuição, pode-se perceber através do relato dos progenitores, ainda a presença do ciúme nos comportamentos de Artur com o irmão e com os progenitores. O ciúme foi identificado nas falas da mãe e do pai através de verbalizações claras do primogênito sobre a atenção dispensada por eles ao irmão e o medo de perder o amor destes.

(Quando a mãe está atendendo o segundo filho) Se ele (primogênito) tá de bom humor é tranquilo. Ele até ajuda a pegar uma roupa, alguma coisa, uma fralda, sabe. Mas se ele tá

de mau humor ele fala: “Ai, tu não gosta de mim. Tu só dá atenção por mano”. Mas no geral é tranquilo, ele ajuda (Larissa – mãe).

As únicas coisas que às vezes, ele fala é quando a gente dá atenção para o Felipe. Vamos supor, o Artur sempre antes de dormir de noite pede Nescau, e o Felipe, às vezes, também tá com fome, ele pede mamá. Então, a gente sempre dá primeiro pro Felipe. Aí, ele fala: “Só dão bola para o mano”. Coisa que ele não falava. Porque hoje em dia o irmão tá maior também, ele fala: “Tá dando bola mais para ele do que para mim” (Marcelo – pai).

Larissa também apontou uma busca por parte de Artur de mais envolvimento do pai para brincadeiras e passeios, os quais exigia serem realizados exclusivamente com ele, ou seja, sem a presença do irmão.

Ele tá mais exigente com o pai dele, querendo que o pai dele faça mais coisas com ele. Tipo brincar mais, sair mais, com ele, só com ele. (...) Eu fico chateada, porque a gente tenta dar a máxima atenção possível pra eles, inclusive pro Artur. E o Artur não entende que as coisas acabam, que tem um limite. (...) E aí ele cobra bastante isso. Mas cobra chorando, perturbando, incomodando (Larissa – mãe).

1.2. Disputa e competição fraterna

No momento deste contato, a mãe e o pai enfatizaram o aumento na brincadeira entre os irmãos.

Eles começaram a brincar mais, as brincadeiras mudaram. O Felipe já entende mais, vai brincar de esconder, o Felipe já vem procurar ele (Larissa – mãe).

Eu acho que mudou. Como no início o Felipe não brincava, e agora ele está brincando, tem coisas que o Artur brinca mais com o Felipe. Então, eles brincam bastante (Marcelo – pai).

Com o aumento das capacidades motoras e sociocognitivas do segundo filho, ampliou-se o leque de interações entre os irmãos e, mais do que ciúme, também a disputa direta e a competição passaram a compor a realidade das crianças. A disputa apareceu através das mordidas de Felipe em Artur e a competição referiu-se à divisão dos espaços físicos e dos amigos de Artur. Felipe, que agora já caminha, desejava participar das brincadeiras de Artur com seus amigos, o que o desagradava.

Eles são super amigos, brincam bastante. Lógico que às vezes dá uns stress. O Felipe com essas manias de morder o irmão. Às vezes, o Artur quer ficar com os amigos dele, o Felipe vai lá atrapalhar. Mas eles se dão bem, em geral, brincam bastante (Larissa – mãe).

O Artur não gosta das mordidas. O Artur chora. Ele é bem chorão. Ele chora, fica insistindo, parece que não quer entender (Larissa – mãe).

O que desagrada que ele chora, que ele não gosta, é quando o irmão dele belisca ele, segura ou puxa o cabelo dele. Ele fica magoado, chora, e ele não tem atitude de se afastar, ele fica parado e fica chorando, ele não tem nenhuma atitude. Mas ele fica bem magoado, bem triste. Acho que isso daí deixa ele mais triste (Marcelo – pai).

Além disso, o pai relatou a falta de habilidades de Artur ao brincar com Felipe. Na perspectiva paterna, não havia a intenção de agredir o irmão. De qualquer modo, este relato denota disputa na interação dos irmãos, já que Felipe estava maior e mais participativo.

Às vezes, ele brinca com o Felipe uma brincadeira que pode machucar, mas sem intenção, né. Então, a gente tem que conversar com ele. E, às vezes, ele continua fazendo, mesmo depois de explicar. Porque parece que às vezes os maiores fazem com ele ali, ele quer fazer com o irmão dele também. Então, parece um bonecão o irmão dele, mas ele é bem cuidadoso (Marcelo – pai).

2. Relacionamento parental

No que se refere à proximidade do relacionamento de Artur com os progenitores, ambos apontaram que Marcelo era a principal referência do filho.

Ele é mais agarrado com o pai dele, porque ele cobra mais do pai dele, nas brincadeiras, de tá junto. Tipo, o pai dele às terças e quintas faz hidro, então ele chega umas 10h em casa. E, às vezes, ele fica: “Ai mãe, meu pai não tá aí”, fica choramingando. E daí eu penso que se fosse eu que tivesse fora ele não ia fazer isso, não ia choramingar. Aí esses dias eu tive que ficar até 11h no meu serviço na noite, aí o Marcelo disse que ele reclamou, perguntou por mim. Aí eu fico contente (Larissa – mãe).

O Artur eu acho que (mais agarrado) é comigo. Comigo, porque eu sempre gostei de futebol também. E, se eu vou descer, ele vai. Onde eu gosto de ir, ele gosta. Ele é agarrado comigo, mas quando ele tem que ficar com a mãe dele, ele fica. Mas se ele tiver que optar, ir comigo ou ficar com a mãe, ele sempre quer sair comigo (Marcelo – pai).

Contudo, neste momento, tanto a mãe quanto o pai indicaram dedicar mais tempo de sua interação com os filhos para Felipe. Segundo os progenitores, isto se devia à maior necessidade de Felipe por cuidados diários e por uma supervisão constante. Pode-se conjecturar que tenha ocorrido uma aproximação de Marcelo com o segundo filho neste momento, tendo contribuído para isto o desenvolvimento socioafetivo de Artur, que passou a interagir mais com os amigos e a depender menos do pai e da supervisão parental, assim como a redução da dependência de Felipe em relação aos cuidados maternos e sua maior capacidade interativa.

Com o Felipe, acho que faço mais coisas porque fico mais tempo com ele. Dou banho nele, faço a janta, levo ele pra passear, dou uma volta (Larissa – mãe).

A (rotina da família) mudou, antes a gente dava atenção para o Artur, e agora com o Felipe, a gente tem que dar atenção para os dois. Mas a gente nota que tem que dar atenção mais, não digo em questão de carinho, de conforto, mas mais cuidado pro Felipe. Porque o Artur já está consciente de algumas (coisas) que ele não pode fazer, que é perigoso para ele e o Felipe ainda não. Então, a gente fica mais com o Felipe, de vigiar ele, do que o Artur, que, às vezes, fica lá em baixo. O Artur já fica lá em baixo (com amigos) e o Felipe fica sempre aqui com a gente, ainda não saiu, está muito novo (Marcelo – pai).

Marcelo (pai), também indicou este momento como mais delicado para ele como pai, devido à maior capacidade motora e de exploração de Felipe, o que trouxe um aumento na exigência de atenção com os filhos. Somado a isso, Marcelo apontou a doença de sua mãe como fonte de preocupação e nervosismo para ele, o que o possivelmente o deixara menos disponível para seu envolvimento como pai.

Agora que o Felipe está caminhando e está mexendo nas coisas, está sendo um pouco mais delicado. Estressante não da situação dele, mas estressante do que eu estou vivendo, de pessoal meu, negócio da doença da mãe, correria e tal. Estressante com os guris não, mas mais delicado, mais preocupante. Então, isso deixa a gente um pouco nervoso. É porque ele está caminhando, está mexendo nas coisas, quer aprender. Então, nessa fase, é um pouco mais delicado (Marcelo – pai).

Neste contexto, Marcelo percebeu esta busca por atenção da parte de Artur através da solicitação de sua presença na hora do banho, o que anteriormente aceitava ser realizado pela mãe.

Ele sempre prefere que eu dê banho nele ou ele toma banho comigo. Quando eu já venho do serviço, que eu já tomei banho, ela (mãe) diz: “Ah, toma banho comigo que o pai já tomou banho”. Ele diz: “Não, não vou tomar banho contigo, deixa que o pai me dá banho”. Antes ele tomava mais banho com a mãe, agora não, poucas vezes ele toma. Agora é comigo ou sozinho, mas que eu esteja com ele (Marcelo – pai).

Com relação ao relacionamento de Larissa com Artur, percebeu-se que se constituía em um desafio para a mãe não “perder a paciência” com o filho. As exigências de Artur e o pouco tempo da mãe para estar com os filhos poderiam contribuir para as dificuldades encontradas no manejo com ele.

Eu tento não perder a paciência, tento conversar com ele, explicar pra ele. Mas às vezes é difícil, sabe (Larissa – mãe).

Ela é uma boa mãe, mãezona, mas apesar de tudo, tem as irritações dela. Ela consegue dar atenção para os dois, mas, às vezes, ela fica um pouco nervosa que o Felipe está chorando, ou o Artur está incomodando. Então, ela fica nervosa (Marcelo – pai).

Fase IV – Felipe com 2 anos e Artur com 7 anos

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Desde o último contato com a família (entre o primeiro e o segundo aniversário de Felipe), Larissa percebeu que Artur voltou a apresentar mais ciúme do irmão, demonstrando insegurança quanto ao amor dos progenitores e sentindo-se injustiçado na distribuição da atenção entre ele e o irmão.

Quem apresentou mudanças mais nesses últimos tempos foi o Artur, que passou a ser mais ciumento com o Felipe (Larissa – mãe).

E fica toda hora falando que a gente não gosta dele. E isso aí chateia (Larissa – mãe).

Aí chega em casa e dá um stress, às vezes, briga com o irmão por causa de brinquedo, ou fica dizendo que a gente dá mais atenção pro Felipe do que pra ele (Larissa – mãe).

Além disso, Artur mostrou-se mais exigente e cobrava mais a atenção do pai para com ele. Segundo Larissa, isto ocorria tanto em função do envolvimento do pai com os cuidados de sua mãe (que estava internada), com os afazeres domésticos, quanto, nos momentos em que o pai estava envolvido com o irmão – caracterizando ciúmes em relação ao pai com o irmão.

Ele é bem mais apegado com o meu marido. Então, ele exige muito mais dele do que de mim. Tipo, o Marcelo, ele me ajuda nos afazeres de casa, ou fazer alguma coisa com o Felipe, ou com a mãe dele – porque ele é filho único. Então, ele tem todo esse negócio da mãe dele que tá na clínica, de ter que levar em hospital, em médico, e não pode ficar tanto tempo com o Artur como ele gostaria. Aí o Artur exige, cobra mais dele (Larissa – mãe).

Contudo, diferentemente do momento anterior, em que Artur estava mais exigente somente com o pai, neste momento, a mãe percebeu o aumento na exigência e na solicitação de atenção também em relação a ela. Com a mãe, entretanto, Artur buscava a atenção através de comportamentos desafiadores de provocação e irritação. Marcelo mencionou perceber tais comportamentos nos momentos em que Larissa dedicava mais atenção ao segundo filho.

Comigo, percebi que ele tá mais chato, exigente em tudo. Se eu me esqueço de alguma coisa, ele briga. Eu me sinto bem chateada. Esses dias até desabafei com ele, chorei. Daí, ele ficou bem impressionado: “Ai mãe, desculpa. Eu não vou fazer mais”. E no outro dia começa tudo de novo (Larissa – mãe).

A única mudança seria do Artur ficar mais exigente nas coisas, de chamar mais a atenção. (...) Ele tá se mostrando muito chato, exigindo mais da gente, querendo atenção. Isso aí tem incomodado bastante (Larissa – mãe).

Eu noto que o Artur meio que desafia ela e irrita ela. Às vezes, tenta irritar. E, às vezes, como os dois tão junto e ela tem que cuidar, dar mais atenção (pro Felipe). Então, tem que se dividir, e o Artur, às vezes implica, implica, implica, ele irrita (Marcelo – pai).

Percebeu-se também a busca de Artur por direcionar para si a atenção e o afeto dispensado ao irmão quando se comparava com ele e questionava se os progenitores haviam realizado para ele as mesmas coisas que realizavam neste momento para Felipe.

Ele sempre pergunta se ele fazia aquelas mesmas coisas quando pequeno também, se com ele era assim também (Larissa – mãe).

A questão do Felipe está dormindo aqui do nosso lado, ele pergunta porque e a gente tem que explicar. Então, tem essa preocupação dele de porque que o Felipe faz algumas coisas que ele não pode fazer (Marcelo – pai).

1.2. Disputa e competição fraterna

Ambos os progenitores destacaram que as disputas entre os irmãos aumentaram, estando relacionadas à divisão dos brinquedos e do espaço de cada um. Com o aumento da interação dos irmãos em brincadeiras, havia ocorrido também um aumento nas disputas, uma vez que as crianças apresentavam interesses e habilidades distintos conforme sua diferença de idade.

Só uma mudança, que agora eles tão brincando mais juntos. Apesar das dificuldades, tão brincando mais (Marcelo – pai).

O Artur não gosta quando o Felipe interfere nas brincadeiras dele, tipo, desmancha alguma coisa que ele fez com o carrinho, atrapalha. Ou quando vem os amiguinhos do Artur aqui brincar (Larissa – mãe).

Afeta o Felipe por causa das brincadeiras que agora eles brigam. Brincam, mas também brigam mais. Principalmente esse negócio de brinquedos (Larissa – mãe).

Além da diferença de idade, o pai atribuiu a disputa nas interações entre os irmãos à diferença de personalidade das duas crianças, sendo Artur mais “organizado” e Felipe mais “bagunceiro”.

Eles brincam bastante junto, mas o Artur, às vezes, não tem muita paciência com ele, porque o Artur já faz outras atividades que o Felipe ainda não faz. Então, o Felipe é mais bagunceiro, o Artur já é mais organizado (Marcelo – pai).

(O que desagrada o Artur) é a desorganização, com certeza, isso é óbvio. Aí ele chora, ele reclama para nós, e uma vez ele até deu um tapa na bunda do Felipe (Marcelo – pai).

Embora Larissa demonstrasse desaprovejar as brigas entre os filhos, ela pareceu tratar com maior naturalidade este aspecto do relacionamento do que o havia considerado nos primeiros meses após o nascimento de Felipe (fase II).

Só não gosto quando eles brigam. Eu sei que esse negócio de brigar entre irmão também é normal, né. Seria anormal se não tivesse, eu acho (Larissa – mãe).

2. Relacionamento parental

No que tange ao relacionamento de Artur com os progenitores, tanto Larissa quanto Marcelo reafirmaram haver uma maior proximidade entre Artur e o pai do que deste com a mãe.

Sempre, na hora de brincar, na hora de fazer alguma coisa, ele sempre quer estar mais perto do pai dele. Sempre ele pede pelo pai primeiro. (...) Agora eu me acostumei, mas antes eu não gostava muito (Larissa – mãe).

Eu acho que (é mais agarrado) comigo. Por exemplo, quando eu vou sair em algum lugar, ele quer ir junto, sempre comigo. Até esse negócio de futebol, eu sempre gostei muito de futebol, então ele tá sempre falando comigo de futebol e sempre querendo olhar jogo. E a mãe dele já não é muito desse lado. Então, essas coisas de homem nos unem (Marcelo – pai).

Sempre foi assim, a gente sempre foi muito... No início, era mais eu que tava sempre grudado nele e agora, de tanto eu grudar, eu noto que é mais ele. Apesar que eu também gosto. Tem alguns momentos que eu não tô a fim ou tô cansado, mas em geral eu gosto que seja assim (Marcelo – pai).

Contudo, Marcelo estava enfrentando dificuldades por ter que cuidar de sua mãe que continuava internada em uma clínica devido ao AVC, não estando tão disponível para Artur neste momento. Além disso, Marcelo relatou estar com menos paciência com os filhos neste momento devido a um problema de saúde que gerava dores em sua coluna. Além disso, Marcelo indicou cansaço pela necessidade de conciliar o trabalho diário com o cuidado dos filhos.

Eu não esperava passar por esse negócio que eu tô passando, de dor na coluna. Isso aí te afeta. Às vezes, eu fico muito tempo com eles ali no sofá, com o Felipe no colo. Então, depois eu já sinto. Então, é só dificuldade física. Mas eu acho que na vida tudo tem um pouco de stress de algumas coisas, de serviço. E eu tinha um problema com a minha mãe quando tava o Felipe para nascer. Então, foi problemas que tomaram muito o meu tempo e muita preocupação. Mas na relação, às vezes uma falta de paciência, às vezes eu tenho. É uma dificuldade. Às vezes, eu chego em casa cansado e tal. Então, essa é a dificuldade maior que eu tenho (Marcelo – pai).

Marcelo também indicou um aumento na dificuldade de relacionamento entre Larissa e Artur neste momento. Percebe-se, a partir do relato do pai, que Larissa apresentou dificuldade em manejar o primogênito ao ter que dividir sua atenção com o filho pequeno.

Eu noto que ele é mais, o Artur é muito agarrado comigo. E com a Larissa, eu tô notando que ele desafia mais ela. É mais desafiador e mais respondão para a mãe dele. Então, eu noto que a Larissa é muito pavio curto. Então, às vezes, ela se irrita e dá uns tapas nele. E, às vezes, ele mesmo desafia ela (Marcelo – pai).

O pouco tempo para os filhos, somado à sobrecarga de trabalho e ao cuidado da casa, contribuía para as dificuldades enfrentadas com Artur. Larissa sentia-se culpada e chateada por não conseguir responder a todas as solicitações de Artur.

Me despreveria uma mãe carinhosa, atenciosa, mas ausente durante a semana. Queria ser mais presente na vida deles, poder acompanhar na escola, tá mais junto quando eles acordassem. Queria tá junto com eles (Larissa – mãe).

Eu fico chateada, bem chateada. Até essa semana que tive que me estressar com o Artur. Chorei até, por ele dizer que a gente não gosta dele. A questão que pergunta, na cabeça da gente: “Será que eu tô dando atenção mesmo pra ele?”. Na verdade, pensando bem eu sei que não é isso, que é fase dele, que é ciúmeira, porque a gente faz tudo pra dar atenção pra ele. Se a gente não faz mais é porque realmente não tem tempo. A gente tem que trabalhar, mas ele não entende. E também, às vezes parece que vem tudo junto, as coisas pra fazer em casa, a janta pra tua família (Larissa – mãe).

(Os cuidados das crianças) a gente sempre procura fazer junto. Mas eu noto que ela (mãe) faz mais. Então, eu acho que, de repente, ela cansa mais e se estressa mais por causa disso. Porque esse negócio da casa e dos filhos eu acho que ela é que faz mais (Marcelo – pai).

Através da fala da própria mãe, percebeu-se ainda a pouca capacidade de empatia e compreensão por parte de Larissa para com Artur. Larissa reclamava que o filho estava “insuportável”, “chato”, como se não quisesse cooperar e compreender os progenitores. A mãe não demonstrava perceber o pedido por atenção nos comportamentos desafiadores de Artur.

Às vezes, ele fica assim chato. Fica meio insuportável de conviver com ele, porque ele fica muito, muito chato, fora do normal. Aí isso incomoda (Larissa – mãe).

Eu fico chateada, porque o Artur parece não entender. A gente tenta explicar pra ele, mas ele não entende (Larissa – mãe).

ANEXO I

RESULTADOS CASO 2: ALINE E CAMILA

Fase I – Camila com 33 semanas gestacionais e Aline com 4 anos e 8 meses

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Durante a gestação materna, ambos os progenitores indicaram que Aline havia oscilado entre momentos de grande alegria pela chegada da irmã e de descontentamento. Conforme Rafael (pai), Aline ficou muito feliz no início da gestação, passou por um período de maior ciúme quando a barriga da mãe começou a ficar maior e novamente demonstrou alegria com a proximidade do nascimento da irmã no final da gestação.

Ela já vinha pedindo a irmã e aí ficou feliz da vida quando a gente contou pra ela (que a mãe estava grávida), ela já saiu brincando de boneca. Então, ficou feliz da vida. Aí teve alguns periodozinhos, no meio, acho que quando começou a crescer mais a barriga, ela começou a ver mais com os olhos, que eu vi que ela tava meio com o pé atrás. Não revolta, essas coisas não, mas, de repente, batendo um pouquinho de ciúme. Pode ser ciúme. Mas agora, de um tempo pra cá, passou esse período aí, ela tá super empolgada já (Rafael – pai).

Segundo o relato de Cristine (mãe), o ciúme de Aline para com Camila foi perceptível através de pedidos de que a mãe não falasse na irmã, ou seja, não desse atenção à irmã e demonstrações de agressividade para com a barriga da mãe.

Ela já teve várias fases. No início ela amou e depois ela dizia: “Pára de falar um pouco”. Depois veio a época que ela amava de paixão, só brincava de “mana”. Aí, veio de novo uma época, isso foi tudo altos e baixos, que aconteceu duas vezes de ela vir e dar um soco na minha barriga. Soco fraquinho. E ela sentou, uns 20 dias atrás, pela terceira vez, ela tava tomando banho e ela sem querer, sabe... (Cristine – mãe).

Na perspectiva paterna, havia uma expectativa de um bom relacionamento entre as irmãs, o que não excluía a presença de momentos de ciúme, considerados normais pelo pai. Neste sentido, Rafael esperava que ocorresse um momento inicial de ciúme por parte de Aline, concomitante à alegria e ao cuidado com a irmã menor. Aline afirmava que ela iria dar mamã para a irmã quando ela acordasse de madrugada.

Eu acho que ela vai reagir como qualquer criança quando recebe um irmão. Talvez, inicialmente aquele negócio de ciúme, porque ela é o centro das atenções. Mas eu acho que

ela não vai ficar uma criança revoltada. Acho que ela vai ficar feliz. Ela tem bem o jeitinho de criança que gosta de criança. Então, acho eu que vai cuidar bem da Camila. Ela disse que quer ajudar a cuida também. Quando ela acordar de madrugada, ela fala que ela que vai fazer a mamadeira pra mana. Então, eu tô esperando que ela vá ser uma criança boa com a Camila. Vai ter uma boa reação. Se tiver ciúme, deve ser natural, até no início (Rafael – pai).

1.2. Disputa e competição fraterna

Através da seguinte fala, percebeu-se a antecipação da competição por seu espaço e seus brinquedos, de modo que Aline desejava preservá-los da divisão com a irmã.

Ela conversa: “Maninha, quando tu crescer eu vou ter que mexer nos meus brinquedos. Ah, tu não vai poder brincar nas minhas revistinhas, porque tu vai ser muito pequena, tu não vai saber, mas eu vou te ensinar” (Cristine – mãe).

2. Relacionamento parental

No que se refere ao relacionamento de Aline com os progenitores, tanto Cristine quanto Rafael referiram haver uma maior proximidade de Aline com a mãe, estando ainda mais “agarrada” com ela após a gestação. Embora percebesse haver uma maior proximidade de Aline com Cristine, Rafael também referiu ter ocorrido uma maior aproximação da filha com ele neste momento. Tal aproximação possivelmente estaria associada, em parte, à maior disponibilidade e atenção dispensada pelo pai à Aline.

(Mais agarrada) comigo. Depende das circunstâncias, mas entre eu e ele (pai) mais comigo. Por exemplo, se eu não estiver junto, ela vai ser mais agarrada com o pai, do que qualquer outra pessoa. (Depois que eu engravidei) ficou mais (agarrada comigo), muito mais depois que eu tô grávida. Isso aí mudou muito (Cristine – mãe).

Mais agarrada com a mãe. Depois da mãe, daí comigo. (Depois da gravidez) pode ter sido que ela tenha ficado mais pro meu lado um pouco. Mas acho que também porque eu ultimamente aumentei um pouco a atenção pra ela. Então, talvez ela reagiu a isso. Por isso talvez ela tenha ido mais pro meu lado. Desses últimos tempos talvez eu não fique tão ausente, não viajei mais tanto. Fiquei em casa, mais por isso (Rafael – pai).

Durante a gestação, segundo o relato da mãe e do pai, Aline se aproximou da mãe, estando mais “apegada” a ela. Rafael referiu que Aline estava preocupada em ter a mãe sempre por perto, ficando assustada quando acordava e não a encontrava.

Tá mais apegada. Ela sempre foi muito a mim, mas eu acho que agora ela tá mais (Cristine – mãe).

A única coisa que acho que aumentou dum tempo pra cá bastante, que é ruim, que ela tem vindo muito na nossa cama cedo. Ela acorda de madrugada e vem pra nossa cama. Acho

que (tá ligado à gravidez), porque ela quer ficar bem mais perto da Cristine. Não quer tirar muito o olho dela. Aí se ela acorda e vê que a Cristine não tá do lado, ela tem um treco (Rafael – pai).

Segundo Rafael, Aline desejava controlar as situações em que os progenitores estariam com a irmã, buscando estar junto nestes momentos para que não ficassem sozinhos com Camila e sem ela. Isto indicava o desejo de não ser excluída da interação com os progenitores.

Ela disse que quer ficar comigo no hospital, quer ficar dormindo lá. Não quer sair de lá. Até pelo mesmo motivo que ela pediu pra ficar no mesmo quarto (que a irmã, na distribuição da casa). (...) Eu acho que é porque ela quer ficar mais controlando. Acho que esse negócio do hospital também deve ser o mesmo. De repente, o inconsciente dela: “Quero tá lá pra ver” (Rafael – pai).

A busca por maior proximidade física com a mãe foi evidenciada através do comportamento de dormir na cama dos progenitores e de não querer almoçar na escola.

Desde que eu tô grávida ela só quer ir pra minha cama. Ela sempre quis ir muito pra minha cama, mas agora mais ainda (Cristine – mãe).

Terças e quintas ela fica no inglês na escola e almoça lá (...), mas ultimamente ela não tá querendo mais almoçar na escolinha. Então, ela sai do inglês e, às vezes, a secretária me liga: “Ela quer almoçar em casa”. Aí, a minha empregada busca ela, aí eu venho pra casa e como com ela (Cristine – mãe).

Aline demonstrou também ansiedade ao se separar da mãe no momento de ficar na escola, assim como ao antecipar a separação da mãe para a hospitalização no nascimento de Camila. Estes comportamentos pareciam indicar temor de Aline de perder a mãe, como se neste momento houvesse um risco iminente de ela “desaparecer” ou “fugir”.

Aquela coisa de não querer desgrudar. Ela não quer desgrudar nunca. Pra ir trabalhar de manhã, ela não quer deixar eu sair. De noite, ela acorda no meio da noite: “Mamãe”, parece que eu fugi de casa. Essa noite, ela foi pra nossa cama. Só que chegou uma hora que eu não consegui dormir com ela, aí eu vim dormir na cama dela. Aí, ela acordou às 5 da manhã aos berros: “Cadê a minha mãe?”, que não tava na cama. Então, coisa que ela não fazia antes. Algumas coisas em relação a mim, parece que eu vou fugir, parece que eu vou desaparecer de uma hora pra outra (Cristine – mãe).

Um dia foi uma choradeira, foi um estresse na escolinha, veio a psicóloga, veio pedagoga, ela não queria ficar. Ai e eu nervosa porque eu tinha trabalho. Foi um horror aquele dia. Não queria ficar, não queria ficar, uma coisa (Cristine – mãe).

Ela dorme direto nos meus pais, adora dormir lá. Então, aí ela diz que não (ia dormir lá quando a mãe fosse para o hospital para o nascimento de Camila), que vai dormir junto. Porque ela tava muito ansiosa com isso. Ela ficou acho que uns 10 dias falando nisso. (...)

Ela tava preocupada. E antes, eu sempre falei que ela ia dormir na casa do vô e da vô. Então, ela tava muito angustiada com isso. Aí, teve uma semana que ela não parou de falar: “Aí, mas quando tu for pro hospital tu vai ficar longe de mim” (Cristine – mãe).

Conforme Cristine, Aline também estava buscando chamar mais sua atenção neste período final da gestação, simulando se machucar, querendo contar ou mostrar algo.

Ela não dá uma folga, não deixa nem falar no telefone. Então, ela tá muito. Ela quer chamar a atenção. Ela começa a falar: “Mãe, vem cá. Mãe, ah”. Faz de conta que bateu, sabe. Alguma coisa ela faz pra chamar a atenção (Cristine – mãe).

Neste contexto, de maior necessidade de atenção por parte de Aline, o pai referiu sentir-se também mais solicitado. No período final da gestação, Aline aproximou-se mais do pai, que possivelmente estava mais disponível que a mãe, e sempre possuiu um bom relacionamento com a filha. A maior proximidade de Aline com Rafael havia ocorrido nos últimos 20 a 30 dias, ou seja, a partir do sétimo mês de gestação.

Ela quer mais atenção minha. Não no início, mas nos últimos 20, 30 dias. Talvez eu tenha notado que ela tenha vindo mais pra mim, mais pro meu lado um pouco. Não muito, não fora do normal. Até porque sempre dei atenção pra ela. Não sou um pai ausente. Então, a gente sempre teve um relacionamento bom. Mas eu tenho notado que de um tempo pra cá, aumentou um pouco mais (Rafael – pai).

Gosto, até me sinto bem. Teve períodos que ela só tava muito grudada na mãe. Aí: “Ah, não quero o pai”. Aí é ruim. E agora não. Agora tenho notado que ela tem me dado bem mais retorno. E é bom (Rafael – pai).

Fase II – Camila com 7 meses e Aline com 5 anos e 4 meses

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Na perspectiva dos progenitores, Aline reagiu muito favoravelmente ao nascimento da irmã. Nos dias da hospitalização de Cristine para o parto, Aline não demonstrou sinais de ciúme, o que, segundo os progenitores estava ligado à sua maturidade e a uma “personalidade boa”.

É impressionante, a Aline é muito madura. Realmente, muito impressionante, a personalidade dela é muito boa. Ela entendeu numa boa. Ia lá todo dia, ficava feliz da vida, tava na maior expectativa de ver a irmã nascer. Foi realmente tudo super bem, ela não demonstrou grande ciúme e ela tava feliz (Rafael – pai).

Não tivemos nenhum problema com ela, dela ficar rebelde, nada disso. Ela tava na expectativa. Então, ela tava feliz, tava bem (Rafael – pai).

(No hospital) Bem no momento que a Camila veio no meu colo, ela (Aline) chegou. E eu disse: “Minha filha, olha a maninha” e ela veio, abraçou a mana, já quis pegar a mana no colo. A gente botou a mana no colo dela, batemos foto. E ela ficou tão feliz, e ela não demonstrou ciúme. E isso me deixou muito tranquila. Ela só queria ficar com a irmã, queria ficar comigo, queria sentar na cama comigo também, me abraçar, me beijar. Foi bem tranquilo (Cristine – mãe).

No período inicial após o nascimento da irmã, o ciúme de Aline manifestou-se em diferentes contextos com o pai e a mãe. Quando em casa, o ciúme esteve mais direcionado ao pai do à mãe, sendo acompanhado por rivalidade pela atenção dos tios e avós. O ciúme era perceptível nos momentos em que estas pessoas pegavam Camila no colo. Na percepção paterna, o pouco direcionamento de ciúme à mãe se devia à compreensão por parte de Aline de que a irmã, pela condição de bebê, precisava mais do cuidado da mãe neste momento.

Isso que mais me enche. Quando ela era menorzinha, a gente notava que a Cristine com a Camila, ela não tinha ciúme, ela sabia que ela precisava da mãe e tal. Mas quando eu pegava ela (Camila) no colo, a gente sentia que daí ela tinha uma reação um pouco de ciúme. Mas da Cristine não. Mas isso já passou, agora não. Não sei se ela chegava a falar alguma coisa, mas mais pelo olhar que ela fazia a gente notava (Rafael – pai).

Na relação com a mãe, o ciúme apareceu nos momentos em que elas não estavam em casa, ou seja, nos momentos em que a mãe não tinha que se dedicar necessariamente aos cuidados da irmã. Nestas situações em que Cristine estava interagindo com outras pessoas que não a irmã, Aline tornava-se mais exigente de sua atenção. Isto havia sido mais acentuado desde o nascimento de Camila até os 5 meses da irmã, tendo sido amenizado nos 2 meses anteriores a esta entrevista.

Na frente dos outros ela quer chamar mais a minha atenção, é diferente de tá em casa. Quando tá em casa, que eu tô com a Camila, ela vai fazer um desenho, ela vai pintar. Ou eu tô com a Camila aqui sentada e ela tá brincando, normal. Se eu tô na casa de alguém, dos meus pais, se eu tô em outro lugar, ela tenta chamar mais a minha atenção: “Mamãe, lê essa historinha aqui pra mim”, “Ah, mamãe, mas eu quero que tu brinque comigo agora”. Tipo coisa que ela não faz em casa. Ela me exige. Agora tá melhorando, mas quando a Camila era nenê, não sei se ela queria mostrar que a mãe dela é dela. Desde que ela nasceu. Agora não, de uns 2 meses pra cá, não tanto. Mas quando a Camila era pequena ela fazia mais isso (Cristine – mãe).

Segundo Cristine (mãe), o ciúme de Aline pôde também ser percebido nos momentos em que a mãe estava atendendo Camila, através do desejo de voltar a ser bebê, e, conseqüentemente, voltar a receber os mesmo cuidados destinados à irmã neste momento.

(Quando ela me vê atendendo a Camila) ela se comporta normal. Às vezes, ela fica olhando com uma carinha e já me disse: “Ai, mãe, eu queria voltar a ser nenê”. Eu acho que é quando bate um pouquinho do ciuemezinho (Cristine – mãe).

A este respeito, parecia que Aline buscava se consolar ao saber dos cuidados recebidos por ela quando bebê. O ciúme foi perceptível nos questionamentos de Aline sobre o seu passado como bebê. Desta forma, Aline buscava aliviar o ciúme e reviver os momentos em que ela desfrutou dos cuidados que hoje a irmã recebe.

Ela: “Mamãe, o que que eu fazia? Que tu fazia comigo?”. Aí eu dizia: “Ah, eu cuidava de ti, eu te dava mamá”. Ela quer saber, ela quer saber muito de quando ela era pequena. Então, na hora de dormir, eu conto. Aí ela dorme. Ela pergunta: “Quando eu era pequena, com quem eu ficava? Quando eu era pequena, o que que eu fazia?” (Cristine – mãe).

Segundo a mãe, mais recentemente, conforme Camila começou a interagir mais e tornar-se mais interessante para os adultos, Aline havia passado a demonstrar mais ciúme da mãe e solicitar mais a atenção materna em detrimento da irmã. Aline solicitava que a mãe ficasse com ela e deixasse a irmã com o pai, o que talvez fosse mais possível neste momento já que Camila não era mais tão bebê.

Agora que a Camila tá ficando na fase da gracinha, se comunicando mais, ela tá começando a apresentar ciúme, um pouquinho, que é normal. Ela fala: “Ai, mamãe, fica mais comigo”, “Ah, deixa a Camila lá com o pai e fica aqui comigo” (Cristine – mãe).

Aline estava também apresentando comportamentos que visavam a chamar a atenção dos progenitores, como se jogar no chão ou simular um machucado.

A gente via que ela ia fazer coisas de se atirar, ou simular que machucou. Isso a gente vê sempre. Só nisso aí, queria chamar a atenção (Rafael – pai).

Além disso, neste momento, Aline estava demonstrando o desejo de passar algum tempo com os progenitores sem a companhia da irmã, indicando um sentimento de nostalgia com relação ao período em que desfrutava da atenção de ambos os progenitores só para si.

Se a gente tá na casa da minha mãe e a gente vai sair pra comer um sorvete e não vou levar a Camila, aí ela diz “Ai, só nós três de novo”. Claro, porque a atenção aí é toda pra ela. Aí a gente faz coisas que a gente fazia com ela que não faz quando tá com a Camila (Cristine – mãe).

1.2. Disputa e competição fraterna

Além dos sinais de ciúme e rivalidade, a disputa entre Aline e Camila esteve presente em alguns momentos de contato físico em que o carinho com a irmã parecia beirar a agressão. Além disso, o incômodo de Aline com o choro da irmã poderia ser pensado como um sinal de oposição à irmã. Frente ao incômodo com o choro da irmã, Aline reagiu fechando a porta de seu quarto e reclamando para os progenitores.

Às vezes, ela quer abraçar forte ou beijá-la, aí chega a quase sufocar ela. Daí, a gente chama atenção: “Não Aline, assim não. Tu vai machucar ela”. Daí ela não gosta. Quando é uma coisa demais, que ela vai abraçar, a gente diz: “Vai com calma”. Antes, quando ela era novinha, a gente tinha que ter mais cuidado (Rafael – pai).

Se ela (Aline) tá vendo uma tevê, um filmezinho e a Camila começa a chorar, gritar, ela se incomoda: “Ai, mamãe, fecha a porta. Ai, eu não quero”. Desde que ela nasceu, quando ela chorava um pouquinho, ela fechava a porta: “Ai, eu não quero escutar o choro da Camila” (Cristine – mãe).

2. Relacionamento parental

Frente à necessidade de dividir os cuidados parentais entre as duas filhas, percebeu-se que Cristine passou a assumir mais o cuidado da segunda filha recém-nascida, enquanto que Rafael voltou-se mais à Aline. Neste sentido, Rafael indicou que a mudança na interação com a filha mais velha (Aline) fora maior por parte de Cristine, que precisou passar a dedicar-se mais ao bebê.

O que mudou mais é aquele negócio, um fica com uma e o outro com a outra. Às vezes troca (Rafael – pai).

Tem que dividir a atenção. Eu acho que mudou mais da Cristine com ela (Aline) do que eu com ela. Porque eu sempre dei muita atenção pra ela, e, de repete, dei igual ou mais. E a Cristine, claro que teve que dividir mais. Então, muda porque não adianta, mas nada pra pior (Rafael – pai).

Uma vez que Cristine estava menos disponível, ambos os progenitores perceberam uma maior aproximação de Aline do pai como figura alternativa de apoio. Aline demonstrou compreender a necessidade de a mãe dedicar-se mais à irmã e passou a buscar mais o pai. Esta maior aproximação já havia se iniciado desde a gestação, quando Cristine já não podia pegar a filha no colo. Cristine destacou que não apenas Aline estava procurando mais os cuidados e a atenção do pai, como este também havia aumentado a atenção destinada à filha mais velha. Percebeu-se que o pai passou a ser, inclusive, a primeira escolha de Aline para alguns cuidados como tomar banho, contar histórias.

Desde que eu engravidei ela procura mais o pai. Não sei se é porque o pai que fica mais com ela, o pai que tá dando mais atenção pra ela. Eu não podia nem pegar ela no colo, então acaba mais com o pai (Cristine – mãe).

Se grudou mais a ele (pai). Se é pra escolher entre tomar banho comigo e com ele, ela quer tomar com ele. No início, quando a Camila nasceu, queria que o pai contasse história, queria que o pai ficasse mais com ela. Porque eu com essa aqui (Camila), a barriga com corte, acabava que ele ia sair pra levar ela na pracinha. Eu não podia sair com a Camila que a ela era muito novinha, mamando toda hora. Então, nesse sentido ela ficou mais agarrada com ele. Ela queria mais o pai. Que ela dizia que a maninha é muito pequenininha, então, a mamãe tem que dar mais atenção pra ela. Claro que ela sentia um pouco de ciúme, isso é normal. Mas aí ela procurava mais o Rafael. Era verão, a Camila e eu ficava em casa e ele saía pra andar de barco com ela, ia na piscina, na pracinha, ia almoçar no shopping com a vó, levava ela. Então, ela acabou ficando mais agarrada com ele. E ele dá muita atenção pra ela também. Então, a atenção dele aumentou com ela (Cristine – mãe).

Comigo pode ser um pouco, no início, ela ter vindo mais pra mim, porque a Cristine teve que ficar mais com a Camila, menorzinha e tal. Aí, então, a Aline ficou mais ligada um pouco a mim. Aí ela se grudou, veio mais pro meu lado (Rafael – pai).

Contudo, destaca-se que esta eleição do pai como principal fonte de cuidado e atenção foi mais intensa nos primeiros meses após o nascimento de Camila, quando a mãe precisou dedicar-se mais integralmente ao bebê. Neste momento de contato com a família, ou seja, 7 meses após o nascimento de Camila, Aline estava buscando tanto o pai quanto a mãe. Segundo Rafael, a proximidade maior continuava sendo com Cristine, tendo sido transferido temporariamente para ele devido ao nascimento de Gabriela. Isto fica perceptível no relato de Cristine de que Aline buscava estar com o pai quando ela (mãe) estava ocupada com a irmã, mas passava a buscar mais a mãe quando esta estava livre.

Tem uma manha, já vai... é difícil dizer que não esteja muito agarrada com a mãe. No fundo, acho que é mais com a mãe. Ela é bem agarrada comigo. Acho que ela é bem agarrada com os dois, mas mãe é... Acho que ela ficou mais agarrada comigo (depois que a Gabriela nasceu) (Rafael – pai).

Quando eu tive a Gabriela ela (Aline) tava totalmente (agarrada) com o Rafael. Agora eu acho que tá mesclado, tá com os dois. Nos momentos que ela vê que eu tô ficando mais com a Gabriela, ela quer ficar mais com o pai, quando ela vê que a mana tá dormindo, se a Gabriela não tá comigo, ela quer só ficar comigo. Então, eu acho que tá bem equilibrado, mas de noite ela procura ficar mais do lado do pai (Cristine – mãe).

Apesar de se dedicar mais à segunda filha, Cristine afirmou conseguir também ter momentos para dedicar atenção à Aline, especialmente quando Camila estava dormindo.

Eu acho que eu tô conseguindo dar atenção pra uma, dar atenção pra outra. Claro que um pouco menos pra Aline. Mas em certas situações eu consigo dar mais atenção pra ela do que pra Camila, quando a Camila dorme. Eu tô conseguindo dar atenção pra ela quando ela chega da escola, olho a agenda. E o dia que eu não faço isso, ela me cobra. E eu vejo que isso é tão importante pra ela. Aí eu paro de fazer o que eu tô fazendo e digo: "Vamos olhar a tua agenda" (Cristine – mãe).

Rafael também demonstrou preocupação em equilibrar a distribuição da atenção dispensada às filhas. Contudo, diferentemente de Cristine, que estava dedicando-se mais à Camila neste momento, a preocupação de Rafael era em dar à Camila atenção similar àquela dispensada à Aline.

Acho que a única coisa que é uma dificuldade, de repente, é a Camila não estar tendo tanta atenção quanto a Aline teve, por ser a única filha (Rafael – pai).

Eu tento pelo menos ser igual pras duas. É claro que, pela diferença de idade, eu faço umas brincadeiras com uma, outras com a outra. Mas eu me preocupo em ser igual ou ser bom com as duas, né, não chatear nem uma nem a outra (Rafael – pai).

Fase III – Camila com 1 ano e 1 mês e Aline com 5 anos e 10 meses

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Segundo o relato de Cristine, o momento mais marcante de ciúme de Aline com relação à irmã já havia passado. Neste momento, havia ocorrido uma mudança na interação das irmãs, já que Camila, agora com 1 ano e 1 mês, estava interagindo mais com Aline e participando mais das brincadeiras. Deste modo, as reclamações de Aline com relação à atenção da mãe à irmã haviam diminuído.

Mudou bastante. Elas tão interagindo mais. A Camila interage mais, já brinca com a Aline, já diz as coisas que quer, que não quer. Demonstra, pega um brinquedo, mostra os brinquedos da Aline. Mudou bastante. A Aline já tá brincando mais com ela. A Camila tá interagindo mais. Então, tá bem melhor. Antes ela era um bebezinho (Cristine – mãe).

No início ela (Aline) bronqueava que queria atenção, que a minha mãe não dá bola pra mim. Que a minha mãe só dá bola para minha irmã. Agora ela já passou dessa fase, ela não reclama mais. Ela já participa, já brinca mais com a Camila (Cristine – mãe).

Contudo, tanto a mãe como o pai relataram ainda haver momentos de ciúme pela atenção da mãe. Embora menos frequentes, estes foram evidenciado pelos progenitores de modo especial nos momentos em que a mãe estava atendendo a irmã, através de solicitações explícitas ou

indiretas de que desejava a atenção e a companhia da mãe, como pedido de mamadeira ou água, mostrar que se machucou.

Às vezes, ela quer ajudar (nos cuidados da irmã) e às vezes ela fica com ciúme, reclama. Depende da hora, depende do dia. E ela reclama que ela quer atenção. Às vezes, eu vejo que ela olha pelo canto do olho e se manda: “Não vou nem ficar olhando pra me dar...” (Cristine – mãe).

Tem horas que compete. Compete bastante. Principalmente de noite, na hora do sono, que eu tô dando muita atenção pra Camila. Alguma coisa ela faz pra chamar a atenção: “Ai, eu me machuquei. Olha aqui, tá dodói. Ai, mamãe, eu tô com fome, quero um titi” - leite. Sempre na hora que eu vou pegar, pede alguma coisa, uma água, ou solicita: “Ai, fica comigo, quero que tu fique sempre comigo. Fica comigo”. Tem dias que não. Tem dias que nem parece que tá dentro de casa. Se eu tô conversando com alguém. Se eu tô no telefone com alguém, ela quer atenção pra ela (Cristine – mãe).

Tem vezes que ela quer só a mãe. Então, aí ela faz de tudo, ela quer excluir a Camila. Então: “Eu quero ficar com a minha mãe”. É raro acontecer isso, mas têm vezes que acontece. Porque eu acho que ela deve sentir um pouco de falta também (Rafael – pai).

Diferentemente da perspectiva materna, segundo o pai, neste momento, Aline estava apresentando mais ciúme de Camila, devido ao aumento na interação da irmã, agora que Camila já estava caminhando. Pode ser que apenas o pai tenha aumentado a sua interação com Camila neste momento, já que a mãe havia investido muito de sua atenção em Camila desde o início. Pode ser, então, que o ciúme de Aline neste momento tenha aumentado especialmente em relação ao pai. Com o pai, o ciúme esteve presente mais nos momentos de brincadeira dele com Camila do que nos cuidados diários.

Claro que eu sinto que depois que a Camila começou a ter reações maiores, tipo caminhar, responder, aquela coisa toda, parece que aumentou um pouco o ciúme da Aline. Porque inevitavelmente tu acaba dando atenção pra menor. Mas é uma coisa que a gente se policia bem. Então, a gente se divide bem (Rafael – pai).

Não deixa de ser ciúme. Ela quer também chamar atenção da gente (assim como a Camila). Mas não é uma coisa absurda. Acho que é uma coisa normal, não é sempre também (Rafael – pai).

Ela tem mais a reação de ficar olhando ou ver que, de repente, bateu um pouco de ciúme. Mais quando eu tô brincando com a Camila do que fazendo as coisas do dia-dia (Rafael – pai).

Neste momento, também passaram a ser relatadas manifestações de ciúme da segunda filha (Camila) em relação ao pai com a primogênita (Aline), uma vez que este dedicaria maior

parte de sua atenção à filha mais velha. Esta foi a primeira vez que foi mencionado o ciúme da filha menor em relação aos progenitores.

De tardezinha tem o pai pra dividir a atenção. Aí a Camila resmunga que o pai não dá atenção. É um sarro. Ela olha pro Rafael e faz: “Ahm, ahm”. A Camila faz de tudo pra chamar a atenção do Rafael. Porque claro, o Rafael acaba dando comida pra Aline, dando banho na Aline e ficando mais com a Aline (Cristine – mãe).

Tá deixando de dar muita atenção pra Camila, porque a Aline tá exigindo ele. (...) Então a Camila agora tá reclamando que quer a atenção dele (Cristine – mãe).

1.2. Disputa e competição fraterna

Neste momento, destacou-se a competição entre as irmãs frente à divisão do espaço e dos pertences. Com o aumento das capacidades motoras e interativas de Camila, Aline precisava um maior esforço para preservar seu espaço individual e seus brinquedos. Frente a situações de disputa, Aline estava reagindo de modo mais intenso quando os comportamentos da irmã a desagradavam, trancando-se no quarto para a irmã não entrar, reclamando da irmã aos progenitores, mandando a irmã sair quando não a queria por perto ou empurrando Camila quando mexia em seus brinquedos.

Às vezes, claro, bate um pouco de ciúme. Ela tá brincando com alguma coisa e tranca o quarto: “Não quero que a mana entre porque a mana vai pegar meus brinquedos” (Cristine – mãe).

Quando a Camila chora ou quando a Camila quer pegar as coisas dela, aí desagrada ela: “Essa guria é chorona” e sai. Às vezes, incomoda ela: “Sai daqui que eu quero ver um filme” (Cristine – mãe).

Às vezes, xingando: “Ah, a maninha fez isso, pegou meu brinquedo”. Coisas de irmãos (Cristine – mãe).

Ela não bate, mas tem uma reação tipo: “Sai daqui”. Uma coisa de não querer ela perto (Rafael – pai).

Agora ela (Aline) tá numa fasezinha aquela. Ela fica braba. Ela tá reagindo bem mais do que ela reagia antes. Ela fica braba, já empurrou a Camila várias vezes. Quando a Camila tá mexendo nos brinquedos dela que ela não quer que ela mexa, não tem ninguém por perto, ela vem e dá uma empurradinha (Cristine – mãe).

2. Relacionamento parental

Ambos os progenitores destacaram como dificuldade no papel parental neste momento o fato de ter de dividir a atenção entre as duas filhas. Cristine destacou as diferentes necessidades de cada filha em função da diferença de idade.

Tu tem que dividir a atenção pras duas. Porque as atenções são diferentes. A Aline exige um tipo de atenção, a Camila outra. A Camila quer atenção de estar perto. A Aline quer atenção de conversar, de explicar, de não desviar o olhar. É tranquilo. Eu divido. Falo com a Aline, com a Camila no colo. Brincando com a Camila, converso com a Aline. Às vezes, complica. Aí tem que dividir. Porque as duas choram, as duas manham, hora do sono (Cristine – mãe).

Com duas, é o negócio de dificuldade, às vezes, de tu conseguir se dividir. Ficar sozinho, por exemplo, com as duas, eu já tive que ficar e tive dificuldades. Não é fácil não, porque as duas querem atenção (Rafael – pai).

Frente a esta dificuldade, neste momento, manteve-se bastante clara a divisão dos progenitores no cuidado das filhas. Cristine continuava dedicando maior parte da sua atenção à filha menor, enquanto que Rafael, na tentativa de suprir a falta da mãe, dedicava-se ao cuidado de Aline. Conforme Cristine, Aline estava mais “grudada” do que nunca com o pai, uma vez que ela (mãe) estava envolvida com os cuidados de Camila e menos disponível devido à maior exigência no trabalho, que levava a que tivesse que trabalhar em casa à noite. Segundo Rafael, conforme ele aumentou a atenção dispensada à Aline, esta, por sua vez, passou a solicitar mais dele.

Eu converso com ela (Aline), mas brincar mesmo eu não tenho brincado muito. Não tenho mesmo. Porque eu tenho trazido muito trabalho pra casa, ou eu fico com a Camila (Cristine – mãe).

Ficou mais grudada com ele ainda. Mais do que nunca. Porque ele dá mais atenção pra ela. Ele brinca mais com ela. Ele acaba ficando mais com ela. Então, no meio da noite ela vai pra cama, ela se agarra nele. Não vem pro meu lado (Cristine – mãe).

Ela tem ficado bem mais comigo e, conseqüentemente, no momento que tu dá mais atenção pra criança, aumentou a atenção com ela, ela quer mais de ti também. Ela, de vez em quando, vem pra nossa cama. Aí sempre acaba vindo pro meu lado mais do que pro lado da Cristine. Eu acho que é normal, porque eu tento suprir um pouco a mãe dela, que tá dando atenção pra outra (Rafael – pai).

Apesar do maior envolvimento de Rafael com Aline e da conseqüente aproximação entre eles, esta parecia ser uma adaptação de Aline em face da indisponibilidade da mãe, não significando distanciamento em relação à Cristine. O relato dos progenitores indicou que Aline aceitava ser cuidada pelo pai, contudo, caso pudesse, possivelmente escolheria a mãe.

Eu acho que em alguns momentos, na rotina da casa, é (mais agarrada) com o pai, porque, às vezes, a função do banho é mais com o pai, dormir é com o pai. Mas acho que ela acaba ficando mais com o pai, porque eu acabo dando atenção mais pra Gabriela jantar. O Rafael, às vezes, cuida mais do que eu (Cristine – mãe).

Não que seja agarrada, mas o pai faz ela dormir. Então, tá mais com o Rafael na hora de dormir. Não que ela peça, mas na hora de dormir, ela aceita (Cristine – mãe).

Eu acho que até é um pouco mais (agarrada) comigo. Não que ela não quisesse estar com a Cristine, mas é porque a Cristine vai fazer a Gabriela dormir e eu vou fazer a Caroline dormir. Desde que (a Gabriela) nasceu, pela questão de nós nos dividimos mesmo, não por ela (Rafael – pai).

Neste momento, Rafael precisou dedicar-se mais à Aline, tendo de abdicar da atenção dispensada à Camila, pois Aline estava exigindo mais do pai.

Nesse momento ele dá mais atenção para a Aline. E tá deixando de dar muita atenção pra Camila, porque a Aline tá exigindo ele. E ela sabe que ela chamou, ele vai (Cristine – mãe).

Percebe-se que ambos os progenitores compreendiam esta divisão de tarefas como adequada e natural deste período. Segundo Rafael, Camila precisava mais da mãe por ser pequena. Cristine, também se sentia satisfeita com o relacionamento do pai com a filha mais velha, não se sentindo ameaçada por este. Apesar de Rafael ter mais tempo e envolvimento com Aline, Cristine estava segura do seu relacionamento com a filha.

Acho que é normal isso de, de repente, ela ter passado a ter mais atenção com a Camila, ela precisa disso (Rafael – pai).

Eu gosto, acho que é bom. Eu dou graças a Deus que ela sai pra passear com o Rafael. O Rafael leva no teatro, leva no cinema. Vão pro cavalo juntos os dois. Eles têm muita afinidade. E ela tem afinidade comigo também. Ela adora ficar comigo. É um sarro, ela abraça: “Ai mamãe, eu te amo também”. Eu digo: “Mas a mamãe sabe que tu me ama. Eu também te amo”. Então, pra mim é tranquilo, é bom. Eu acho saudável (Cristine – mãe).

Eu acho bom porque ela não fica agarrada só com a mãe. Por exemplo, tem coleguinhas dela que não querem nem que o pai faça dormir, é só a mãe, então é complicado. E eu fico feliz porque é o pai dela. Quero mais é que fique agarrada com os dois (Cristine – mãe).

Apesar de Rafael procurar suprir a atenção de Cristine, percebeu-se haver certa tensão na relação mãe-filha neste momento. Aline demonstrou desejar a atenção da mãe através de comportamentos de desafio, de contradição à mãe.

Ela quer chamar atenção. Ela quer que eu vista ela, mas ela sai correndo, ela foge. Uma forma de chamar atenção, prender a atenção. É muito ruim, eu fico muito braba. Às vezes, eu não tenho tempo nem de almoçar. Aí, eu chego aqui ela não tá pronta: “Não vou arrumar o cabelo” (Cristine – mãe).

Fase IV – Camila com 2 anos e 1 mês e Aline com 6 anos e 10 meses

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Neste momento, conforme o relato da mãe, o ciúme de Aline para com ela estava mais ameno. Um momento de maior ciúme de Aline havia ocorrido no período em que Camila começou a caminhar e “se salientar”. Neste período, Aline ficou mais introvertida, sem vontade de comer, mais quieta. Além disso, passou a expressar claramente seu ciúme da irmã em relação à mãe e um sentimento de “rejeição” através do receio de que a mãe não gostasse dela ou gostasse mais da irmã, da percepção de que a mãe dava mais atenção à irmã do que a ela e de que apenas o pai dava atenção a ela. Isto se estendeu desde que Camila começou a caminhar, após seu primeiro aniversário, até aproximadamente 1 ano e 9 meses de Camila, ou seja, 4 meses antes desta entrevista.

Um tempinho atrás, quando a Camila começou a caminhar, começou a se salientar, digamos assim, a Aline ficou muito introvertida, ela não falava muito. Foi uma época que ela não falava, ela ficou muito observadora. Então, ficou muito introvertida, não queria comer. Aí eu comecei a perceber que ela tava com ciúme. Até que um dia ela me falou que tava com muito ciúme da irmã, porque eu dava mais atenção pra irmã, que eu ficava mais com a irmã, porque quem faz ela dormir é o pai (Cristine – mãe).

Um tempo atrás ela tava com ciúme. Então, ela tava naquela fase muito observadora, falar pouco, comer pouco. Que a gente ficava preocupado que ela não tava comendo, não queria experimentar nada diferente. Então, foi uns meses bem ruins. Mas de um tempo pra cá, de uns 4 meses pra cá, ela mudou. Só nessa fase, como a Camila começou a querer falar, caminhar, aparecer mais. Eu fiquei bem preocupada, porque ela dizia pra minha mãe que eu gostava mais da Camila. Começou a dar algumas coisas: “Tu não gosta de mim”. Ela começou a se sentir rejeitada: “Só o meu pai dá atenção” (Cristine – mãe).

Frente às maiores capacidades de comunicação e interação de Camila, Rafael passou a direcionar mais sua atenção para a filha mais nova, conseqüentemente, desencadeando mais manifestações de ciúme de Aline também com relação a ele.

Claro que tem os seus momentos de ciúme. Até agora que ela nota que a Camila tá começando a interagir mais, eu tô mais com ela também. Que antes eu não ficava tanto, antes ficava mais a Cristine. Hoje eu fico mais com a Camila, até pelos tipos de brincadeira ter mudado. Tem os momentos de um pouco de ciúme, mas é normal, nada de mais (Rafael – pai).

Eu tô tendo mais atenção com ela (Camila) e às vezes pode ser que ela (Aline) tenha aumentado um pouquinho o ciúme. Eu vi que ela fica olhando, fica observando (Rafael – pai).

Uma coisa que eu tô fazendo, mostrando pra Camila, ou um brinquedo, ela (Aline) quer, ela chega e quer pegar o brinquedo também e quer mostrar pra Camila, quer fazer a mesma

coisa que eu tô fazendo ou que chame a atenção a mim pra eu ir fazer com ela (Rafael – pai).

A filha mais nova (Camila), também passou a demonstrar mais ciúme nos momentos em que estes estavam interagindo com Aline, através de choro, puxar a mãe, colocar-se no meio. Neste momento, Camila estaria apresentando manifestações mais intensas de ciúme do que a primogênita, que já teria condições de compreender os momentos em que os progenitores precisavam dedicar-se à irmã, por ele ser “pequeninha”.

Tem muita competição entre as duas. Se eu tô sozinha com as duas não tem tanto, agora, se chega uma outra pessoa, aí a competição fica, principalmente da pequena, da maior não, mas da pequena. Por exemplo, eu tô com elas e o pai chega, ninguém pode chegar perto do pai (Cristine – mãe).

Agora o tempo tem que dividir pra duas e ele chega perto de mim elas já ficam com ciúme. A Aline nem tanto, mas a Camila já entra no meio, já começa. Ela tem ciúme não sei se é de mim ou dele, mas ela tem ciúme. Ela quer ficar com o pai e com a mãe só pra ela (Cristine – mãe).

Eu queria dar mais atenção para uma ou para outra, eu não consigo. Por exemplo, a Aline me chamou: “Mãe vem ver isso aqui comigo. Mãe, vem procurar isso aqui comigo. Que significa essa palavra?”. Aí eu vou sentar com ela, a Camila já me puxa, já começa chorar porque eu tô dando atenção pra Aline. Se é ao contrário, não. A Aline deixa: “Ah, a maninha é pequeninha”. A Aline entende. A Camila não entende (Cristine – mãe).

1.2. Disputa e competição fraterna

No que tange ao relacionamento fraterno, ambos os progenitores referiram que nos últimos meses a relação das irmãs estava melhor, envolvendo mais interações e brincadeiras conjuntas. Isto se devia ao incremento das capacidades interativas de Camila.

Tão mais amigas, acho que ela tá conseguindo trocar mais, que ela queria uma irmã da idade dela (Cristine – mãe).

Mudou pra melhor os últimos meses, porque a Camila já tá se interagindo mais, já tá maiorzinha, tá conseguindo falar até um pouco mais, se expressar melhor. Então, hoje ela tá interagindo mais com as brincadeiras, fala mais com a irmã. Até as duas estão se entendendo um pouco melhor. As brincadeiras ela já entende melhor (Rafael – pai).

Contudo, o aumento na interação foi acompanhado também de aumento na competição entre as irmãs, perceptível através de disputas por espaços (seu quarto) e posses individuais (brinquedos). Camila possuía agora capacidade física de entrar em disputas físicas com Aline. Enquanto Aline expressava de modo verbal seu descontentamento (xingamentos, gritos, bater a

porta do quarto), Camila apresentava reações físicas como puxar o cabelo ou dar tapas na irmã. Segundo a mãe, isto aconteceu com maior intensidade no final do segundo ano de vida de Camila, 2 meses antes desta entrevista.

Tem dias que a Aline quer ver um desenho, aí a Camila vem e quer botar um DVD dela, e aí dá uma briga. Aquelas brigas de irmãs (Cristine – mãe).

Desagrada quando a Aline quer brincar sozinha, ou algum brinquedo que ela não quer emprestar pra Camila. Aí a Camila fica em cima dela e chora, e quer entrar no quarto dela. Ela fecha, e diz que quer ficar sozinha. Daí a Camila chora. Isso desagrada a Aline. Ela (Aline), às vezes, fica braba, bate a porta, chega a dar uns gritos, diz que não quer a irmã nesse quarto. Às vezes, ela bota aquela reação pra fora (Rafael – pai).

A Camila machuca a Aline, a menor machuca a maior. Puxa os cabelos, porque ela é muito ciumenta, ela tem muito ciúme da irmã mais velha. Então, qualquer coisa ela puxa cabelo. A Aline tá vendo TV, ela vai lá e puxa os cabelos, dá tapa. Agora não tá mais, tá bem menos, mas de uns 2 meses pra trás tava mais seguido. (...) É que ela não consegue falar tudo. Então, aí ela se expressa dessa forma (Cristine – mãe).

2. Relacionamento parental

Frente ao aumento das manifestações de ciúme de Aline em relação à mãe e sua dificuldade de lidar com o momento em que a irmã estava interagindo mais, Cristine demonstrou preocupar-se e estar atenta à filha, buscando dedicar mais de sua atenção à Aline e reduzindo um pouco seu envolvimento com Camila. Para tanto, Cristine passou a levar Aline na escola, solicitar sua ajuda, conversar mais com ela e valorizá-la por ser a “maiorzinha”.

Então, eu comecei a largar um pouco de ficar tanto com a Camila e ficar um pouco mais com ela (Aline) (Cristine – mãe).

Então, a gente começou a valorizar mais a Aline: “Ah, Aline, olha isso aqui. Me ajuda aqui, me ajuda ali. Tu é a maiorzinha” e tal (Cristine – mãe).

Aí comecei eu a levar ela pra escola, em vez de ir de micro (transporte escolar), eu buscava. E aí a gente começou a conversar. (...) E eu conversei um pouco com ela e foi melhorando (Cristine – mãe).

Neste momento, Aline pareceu apresentar um relacionamento bastante próximo com ambos os progenitores. Segundo Cristine, Aline fora sempre mais próxima a ela, passando a aproximar-se mais ao pai após o nascimento de Camila e, neste momento, apresentando relacionamentos próximos tanto com a mãe quanto com o pai. Contudo, ambos os progenitores deram a entender que a mãe ainda se constituía na principal referência para Aline.

Ela sempre foi mais agarrada comigo, depois ela tava mais com o Rafael, agora acho que tá meio termo. Não tá naquela: “Quero só meu pai”, “Quero só minha mãe”. Ela fica com os dois. Se precisar ficar com o pai, ela fica. Se precisar ficar com a mãe, ela fica. (...) Mas, às vezes, eu continuo achando que é um pouquinho mais comigo (Cristine – mãe).

Eu acho que, talvez pelo fato de eu fazer ela dormir, talvez um pouco mais comigo. Mas com a mãe ela é agarrada também. Mãe é mãe, né. Mas comigo ela é bem agarrada (Rafael – pai).

Este equilíbrio na proximidade de Aline com os progenitores parecia estar relacionada a uma distribuição mais igualitária da atenção de ambos os progenitores entre as filhas. Neste momento, dadas as maiores capacidades interativas de Camila, Rafael estava dispensando mais atenção a ela (Camila), enquanto que Cristine estava conseguindo dedicar-se mais à Aline do que anteriormente. Frente a este maior envolvimento com Camila, Rafael considerava estar dando a mesma atenção às duas filhas, o que o deixava satisfeito, pois possivelmente teria amenizada a culpa por ter dado muito mais atenção à Aline quando ela era bebê (e única filha) do que pôde realizar com Camila até então.

Ela (Camila) interage mais. Antes ela era muito xoxa. Eu não entendia ela, ela não entendia e chorava (Rafael – pai).

Eu acho que tá melhor agora do que antes. Porque antes a gente ficava muito dividido. Era eu muito com a Aline e a Cristine muito com a Camila. Agora não, agora tão os quatro mais juntos. Eu me sinto melhor. Até porque quando a Aline era pequenininha, nós só tínhamos ela, eu dava bem mais atenção pra Aline quando ela era pequena do que com a Camila pequena. Porque com dois é difícil, é bem mais complicado do que com um filho só. Então, eu tinha isso em mente, que com a Camila pequenininha eu realmente não tinha muita atenção em cima dela. E eu hoje não, hoje eu já dou bem mais. Hoje eu acho que praticamente igual pras duas (Rafael – pai).

Apesar deste maior equilíbrio na distribuição da atenção entre as filhas, o envolvimento e a proximidade da relação de Rafael com Aline continuava maior do que com a segunda filha, enquanto que Cristine continuava mais envolvida com Camila. Conforme Cristine, o maior envolvimento e proximidade de Rafael com Aline estavam associados à afinidade entre os dois por possuírem temperamentos parecidos, além de Rafael ter cuidado sozinho de Aline quando ela era pequena devido às viagens frequentes de Cristine naquela época. Além disso, Rafael teve dificuldade de cuidar de Camila quando bebê por não saber como manejar os choros da filha. A isso, deve-se acrescentar, sem dúvida, a necessidade de dedicar-se à Aline após o nascimento de Camila, não podendo participar mais diretamente dos cuidados de Camila.

Ela (Aline) é muito agarrada com ele. Ela ficou mais um pouco nessa fase, porque eu que faço a Camila dormir. Então, ela ficou muito agarrada com ele (Cristine – mãe).

A impressão que eu tenho, como eu tô mais com a Camila, que ele dá mais atenção pra Aline até (Cristine – mãe).

Às vezes, eu sobrecarrego muito ele. Ela pede alguma coisa: “Ai, pede pro pai”, “Ai, sempre pro meu pai. Sempre pro meu pai”. Então, às vezes, eu sinto que ela sente mais falta um pouco de mim. Às vezes, eu fico: “Ai, preciso dar mais atenção para ela” (Cristine – mãe).

Esses dias, ele veio me perguntar: “Tu acha que eu trato as gurias diferente?”. Aí eu disse: “Com a Aline tu é diferente. De repente, é porque ela é mais parecida contigo - ela é totalmente ele. Quando a Camila nasceu ela chorava muito, tu não tava acostumado a isso, e tu não tinha jeito pra ficar com ela. Eu que acabava ficando mais. E, de repente, tu acabou ficando mais com a Aline”. E quando a Aline era pequena eu viajava muito mais. Então, ele ficava só com ela. Então, eu acho que ele e a Aline têm muito mais afinidade do que a Camila com ele (Cristine – mãe).

Às vezes, quando a Camila tá muito arteira: “Tu é bem parecida com a tua mãe mesmo”. Então, quer dizer, a Aline é minha filha, a Camila é tua, indiretamente (Cristine – mãe).

A mãe relatou a dificuldade em conciliar a atenção para as duas filhas. Embora Cristine tenha se dedicado mais para a segunda filha do que para Aline desde o nascimento de Camila, a mãe mencionou não ter condições de dar a mesma atenção à Camila que deu à primogênita quando ela era pequena. Segundo Cristine, por ter que dividir sua atenção com Aline, Camila não havia recebido um terço da atenção que Aline recebeu quando na sua idade.

Muitas vezes, acho que até por causa da diferença de idade, se eu tô sentada com as duas, eu não consigo dar atenção como eu gostaria. Tipo, quando eu era a mãe da Aline, eu dava toda a atenção pra ela, conversava, explicava, e hoje eu não faço nem um terço disso com a Camila. Com a Aline eu sentava: “Olha lá a chuva!”, conversava, explicava e ficava com ela. Com a Camila eu mal consigo sentar e conversar (Cristine – mãe).

ANEXO J

RESULTADOS CASO 3: GUILHERME E LAURA

Fase I – Laura com 32 semanas gestacionais e Guilherme com 4 anos e 3 meses

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Até este momento, Guilherme não havia demonstrado sinais considerados pelos progenitores como indicadores de ciúme da irmã que estava para nascer, o que levou os progenitores a desenvolverem uma expectativa de que ele lidaria bem com a chegada da irmã e que teriam um bom relacionamento.

Talvez eu esteja enganada, mas eu sei que ele vai ser uma criança que vai curtir isso tudo, pela própria personalidade dele. Ele tem uma personalidade muito dócil, ele é muito dado, ele gosta muito de se doar, não tem dificuldade de fazer amigos. Então, não vejo porque não com a mana (Denise – mãe).

Contudo, o pai destacou esperar reações menos favoráveis da parte de Guilherme, conforme este percebesse que a atenção, que era somente sua até então, passaria a ser dividida com a irmã. Segundo Leonardo, Denise estava passando certa “euforia” para o filho, o que não se sustentaria por muito tempo após o nascimento da irmã.

Acho que ele vai ter uma euforia no início, o que é natural. A Denise tá passando uma certa euforia pra ele. Mas enquanto é só uma euforia e não existe nada... Depois que ele vir que a atenção vai ser dividida, eu acho que vão começar a ter algumas reações, com certeza (Leonardo – pai).

Pode-se pressupor que Denise estivesse buscando maximizar as demonstrações de carinho por parte de Guilherme e minimizar seu sofrimento e dificuldades frente à chegada da irmã, a fim, inclusive, de reduzir eventuais temores de agressão ou reações intensas do filho. Neste sentido, Denise (mãe) destacou que, diferentemente de outras crianças, Guilherme não havia apresentado nenhuma reação de desgosto ou agressividade em relação à Laura.

Não teve assim: “Não quero um mano, eu não quero uma mana. Eu não gosto dessa mana”, que nem eu vi outras mães comentarem. Tem uma mãe que o guri nunca tocou na barriga, dizia que ia matar, que ia pular em cima da barriga. O Guilherme nunca teve essa reação, nunca falou: “A mana é boba, a mana é chata. Eu não gosto da mana”. Sempre foi: “A mana é lindinha, é fofinha. Eu vou ajudar, eu vou cuidar, eu vou trocar” (Denise – mãe).

A essa altura a gente não sabe o que passa na cabecinha dele, mas nada: “Ah, eu não quero uma mana, eu quero um mano”, nunca ele mencionou isso (Denise – mãe).

Eu já me assustei com outras crianças assim: “Eu vou matar, vou pular em cima da tua barriga até matar”, sabe aquelas coisa que tem. Até hoje ele nunca fez isso, sempre foi uma coisa muito positiva: “Mãe, como a tua barriga tá grande” (Denise – mãe).

Além disso, Guilherme apresentou atitudes de cuidado com a irmã, como desejo de comprar brinquedos e roupas para ela. Contudo, destaca-se que ele não deixava de se incluir nestas solicitações, apontando desejo de comprar um brinquedo para a irmã e também um para ele.

Ele reagiu super bem, tanto que ele fala “Nós temos que comprar essa Barbie pra mana. Nós temos que comprar essa roupinha. Mãe, olha só essa roupinha que lindinha. Ah, essa boneca pra mana, esse boneco pra mim” (Denise – mãe).

Percebeu-se também o desejo de Guilherme de estar no lugar do bebê neste momento e, provavelmente, desfrutar do contato íntimo que Laura estava desfrutando com a mãe e também da atenção dispensada a ela. Este era um sinal de ciúme e, ao mesmo tempo, uma forma de manejar o ciúme por parte de Guilherme, solicitando à mãe que o ajudasse a relembrar que ele também já viveu este momento privilegiado que hoje a irmã desfruta.

“Mãe, como é que eu era quando tava na tua barriga?”. Esses dias ele disse pra mim: “Mãe, era muito bom quando eu tava na tua barriga. É, era bem legal” (Denise – mãe).

1.2. Disputa e competição fraterna

No período da gestação, os progenitores não fizeram referência a disputas e competições de Guilherme com relação à irmã que estava para nascer. De qualquer modo, havia a expectativa de um bom relacionamento fraterno, sustentada, em grande parte, nas características de temperamento de Guilherme, descrito pelos progenitores como uma criança dócil, tranquila, que não impunha suas vontades, sendo, inclusive, considerado como muito permissivo, em algumas interações sociais.

Tende a ser bom (o relacionamento entre os irmãos) pelo temperamento dele. Ele é uma criança dócil, não é de impor a vontade dele a qualquer custo. Ele gosta de aparecer, gosta de atenção, gosta de ser o centro das atenções, mas ele sabe os limites dele também. E ele é uma criança dócil, emocionalmente bem tranquila (Leonardo – pai).

Eu acho que ele vai ser uma criança extremamente cuidadosa, até pela personalidade dele. Ele é assim com os outros colegas, com primos. Às vezes, eu até acho ele permissivo demais, gostaria que ele fosse mais do interesse dele. Tipo, tiram o brinquedo da mão dele: “Ah tá,

tu quer ficar com o brinquedo, então fica” ou “Me dá, senão eu não sou mais teu amigo”, “Se tu quer, então pega”. Ele é muito permissivo, às vezes demais até. E eu acho que com a mana ele vai ser assim. Claro, tudo dentro do contexto de normalidade, vai ter vezes que ele vai dizer: “É meu, não quero que ela pegue” (Denise – mãe).

2. Relacionamento parental

No que tange ao relacionamento de Guilherme com os progenitores, ambos indicaram haver uma relação de maior proximidade do primogênito com a mãe. Segundo Rafael, o pai era a fonte de segurança para Guilherme, enquanto que a mãe era a fonte de afeto, o vínculo emocional. Denise indicou gostar e, inclusive, estimular este vínculo do filho a ela. Durante a gestação, Guilherme estava ainda mais ligado à mãe, solicitando-a mais do que anteriormente, o que coincidiu com o momento de redução da disponibilidade materna devido às limitações impostas pela necessidade de repouso absoluto no final da gestação.

(É mais agarrado) comigo. Em todo momento, se ele pode tá mais agarrado comigo ou com outra pessoa, ele vai optar por mim. Dificilmente ele vai abrir mão de mim pra outra. Acho normal, eu até incentivo às vezes. Às vezes eu brinco: “Ah, tu trocou a mãe pelo João (amigo)”, e ele “Não, mãe, amanhã eu fico contigo”, aí eu: “A mãe tá brincando, filho. Vai brincar que a mãe vai ficar aqui te esperando”. Ele tá muito mais (agarrado comigo depois da gravidez), solicita muito mais. Mas como eu não posso responder muito às solicitações dele, ele meio que teve que se acostumar (Denise – mãe).

(Ele é mais agarrado) com a Denise. Eu passo mais segurança pra ele. Mas eu sei que emocionalmente ele é mais vinculado a ela. Aí eu não sei te dizer se ele prefere a segurança ou o afeto. De manhã cedo, quando ele acorda, ele vai, abraça, dá uns beijos nela, e fica: “Mamãe, mamãe”. Comigo não é isso, ele chega, me dá um abraço e diz “Ah, oi, pai”. Eu fico louco. Não tem tanta afetividade, embora ele goste de mim. Ele me dá beijo, fica no meu colo, mas eu percebo que é muito mais quando ele tá meio que se sentindo inseguro, quando ele tá precisando de segurança mesmo. Aquela coisa do braço forte (Leonardo – pai).

Deste modo, neste primeiro momento de contato com a família, as dificuldades de Guilherme em manejar a situação do nascimento da irmã estiveram centradas no relacionamento com sua mãe. Desde o terceiro mês gestacional, Guilherme passou a demonstrar ansiedade frente à separação da mãe, indicando temor de perdê-la. Inicialmente, isto foi evidenciado pelo protesto no momento de se despedir da mãe para ficar na escola, indicando temor de que a mãe não voltasse para buscá-lo. Destaca-se que, até então, Guilherme não havia demonstrado dificuldades de adaptação na escola.

O Guilherme é uma criança que nunca, tipo, eu fiz adaptação uma vez na escola, quando ele entrou, depois nunca mais precisei. Sabe aquelas regressões que eles têm, sempre foi tranquilo. E tipo, uns 3 meses de gravidez, eu fui levar ele (na escola) e ele não queria entrar nem morto, se agarrou no meu pescoço, fez uma cena que eu jamais esperei que ele

fizesse. Só que eu sempre fui muito firme com ele. Eu disse: “Filho, tu não vai se segurar no pescoço da mamãe. Tu vai ficar. A mamãe não vai te deixar. No final da aula, a mamãe vai te buscar normal. Tá tudo igual, meu filho”, “Ah, tá, mas tu não vem. Tu não vai me buscar”. Eu disse: “Vou”. E ele berrava e gritava, mas eu não voltei atrás (Denise – mãe).

Esta ansiedade e temor apareceram de modo mais intenso na passagem do primeiro para o segundo trimestre gestacional, momento em que Guilherme ficou sabendo da gestação. Contudo, o temor de se afastar da mãe e de perdê-la também foi manifestado, ao longo da gestação até o momento desta entrevista (32 semanas gestacionais), através do desejo de ficar junto da mãe, não frequentar lugares sem a sua companhia e, inclusive, não posar fora de casa (mesmo que junto com a mãe).

Em relação aos avôs, por exemplo, se a minha mãe convidasse ele pra ir lá dormir ele ia, hoje ele não vai porque ele diz que não pode deixar a mãe sozinha. (...) Esse fim-de-semana passado a minha sogra tava convidando pra gente ir dormir lá, nem isso ele quer, quer dormir na nossa casa. Então, às vezes ele vai, mas ele não quer ficar. E no início, logo que ele ficou sabendo, ele não queria nem ir se eu não fosse. Depois que ele foi vendo que ele ia e depois eu ia buscar, aí ele: “Pô, ela não me deixou mesmo. Então, ela vai voltar”, mas no início ele dizia: “Não, vó, eu não vou. Eu tenho que ficar com a minha mãe” (Denise – mãe).

Denise demonstrou compreensão e empatia com Guilherme neste momento, considerando normal a ansiedade e o temor do filho frente à nova situação que se apresentava. Segundo Denise, Guilherme estava com medo de perder seu espaço junto à mãe para a irmã.

Eu acho que é normal, eu acho que também me sentiria assim, não ia querer ficar longe da minha mãe sabendo que... Eu acho que é uma atitude normal dele, ele tá: “Bah, e agora, será que ela volta? Será que ela vem me buscar? Será que ela vai me deixar?” (Denise – mãe).

Ele não quer perder o espaço. Eu acho que isso é inconsciente. Ele não sabe o que vai acontecer, porque pra ele é uma coisa muito nova (Denise – mãe).

Parte destes temores de Guilherme podem ter sido intensificados devido à necessidade de repouso absoluto por parte de Denise, o que levou a que ela reduzisse intensamente seu envolvimento com o filho em atividades como levar para a escola, escovar os dentes, auxiliar na higiene. Neste contexto, Leonardo (pai) passou a se envolver mais nos cuidados de Guilherme.

Eu vejo que ele sente falta porque sempre era eu que buscava (na escola), que levava também. E eu acho que ele tá extremamente solicitante meu. Então, ele quer a minha atenção. Faz cocô, eu tenho que limpar. Ele quer que seja eu que faça as coisas. O Leonardo explica: “Mamãe não pode” (Denise – mãe).

Não é que ele (pai) não participasse antes, mas é que, por exemplo, se eu fosse escovar os dentes do Guilherme de noite, ele ficava junto, mas quem escovava era eu, e agora ele escova e eu fico junto. Então, ele tá fazendo mais porque eu não posso fazer (Denise – mãe).

Ele tem que se dedicar um pouco mais ao Guilherme, já que eu não tô podendo me dedicar tanto e me ajudar mais com as coisas, porque eu não posso fazer, tenho que fazer repouso (Denise – mãe).

Neste contexto de menor disponibilidade de Denise e maior necessidade de atenção por parte de Guilherme, ele passou a exigir mais a presença da mãe e seu envolvimento nas tarefas consigo. Isto havia se intensificado após a gestação. Anteriormente, embora preferisse a mãe, Guilherme aceitava ser cuidado pelo pai.

Assim “Quer uma mamadeira?”, “Quero”, “Pai, faz uma mamadeira?”, “Não, a mãe que faz”. “Filho, vamos escovar os dentes. O pai vai escovar”, “Não, a mãe que escova. Mãããããã”. “Eu fiz cocô”, “O pai vai”, “Não é a mãe que vai”. “Vamos atravessar a rua. Dá a mão pro pai, dá a mão pra mãe”, “Não, vou dar a mão pra mãe.” (Denise – mãe).

A gravidez, com certeza depois da gravidez. Não que ele não fosse assim, um filho sempre prefere a mãe, mas ele ficou mais. Porque antes pra ele tanto fazia, ou o pai, ou a mãe, ou os dois (Denise – mãe).

Denise atribuiu parte das manifestações de exigências de Guilherme a mudanças da idade, que também seriam perceptíveis em outras crianças, contudo, estariam mais intensas nele devido à gestação materna. Guilherme estava solicitando mais a mãe, segundo ela, pelo desejo de não deixar de ser filho único, ou seja, de não deixar de ter toda a atenção materna para si.

Eu converso com as outras mães e vejo que as crianças estão tão impertinentes quanto, não querem ouvir não. (...) Talvez com o Guilherme não tivesse acontecendo com tanta intensidade se eu não tivesse grávida, porque ele sempre foi muito fácil de se lidar e continua sendo, tá um pouquinho mais complicado. Só eu acho que ele tá me solicitando um pouco mais por causa disso, que ele não quer deixar de ser o que ele é, que é filho único (Denise – mãe).

Contrariamente aos relatos de Denise, Leonardo não referiu mudanças nos comportamentos de Guilherme em relação aos progenitores, o que, segundo ele, dever-se-ia à relação de confiança estabelecida entre eles e o filho. A este respeito, pode ser que Denise estivesse mais sensível e exposta às demandas de Guilherme, uma vez que as exigências e ansiedades do primogênito relacionavam-se diretamente a ela. Soma-se a isso o fato de Denise estar mais em casa devido à necessidade de repouso, além de sua maior capacidade de empatia devido ao forte vínculo afetivo estabelecido com o filho.

Pelo que eu percebi, ele não se mostra muito porque ele tem uma relação de confiança muito boa comigo e com a Denise. A gente não deixa de atender ele pra nada. Nós não mudamos (Leonardo – pai).

Fase II – Laura com 4 meses e Guilherme com 4 anos e 8 meses

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Segundo o relato dos progenitores, Guilherme apresentou uma mudança brusca de comportamento após o nascimento de Laura, como se não estivesse preparado para o que estava por vir. Talvez pela própria idade (4 anos e 4 meses), Guilherme não tivesse conseguido antecipar as mudanças desfavoráveis para ele da chegada da irmã. Cabe destacar que a mãe havia desenvolvido uma expectativa bastante positiva acerca da reação de Guilherme, enquanto o pai esperava que após certa euforia, o filho iria sentir as perdas advindas com o nascimento da irmã. Guilherme ficou ansioso e “perdido”, com medo de perder seu lugar de filho e sua mãe.

(Depois que a irmã nasceu, foi) horrível. Antes não tava muito assim. Antes ele tava: “Ai, minha irmã vai nascer e bababá, que maravilha”. Foi um baque. Porque eu vi no dia que ele foi no hospital me buscar, ele foi conhecê-la, eu vi uma criança que não era o meu filho, completamente perdida. Uma criança assim: “Oh, o que que tá acontecendo? Eu só olhei minha mãe. Cadê minha mãe? Cadê meu lugar?”. Bah, foi horrível, no início foi bem complicado. Agora ele já tá mais calmo (Denise – mãe).

(Mudou que) chegou a competição (Leonardo – pai).

Foi (no hospital), conheceu a mana, beijou a mana, tirou foto com a mana, fez tudo, todos os passos que precisava, mas a gente percebe que ele ficou bastante ansioso, quer dizer: “Como é que eu fico nessa?” (Leonardo – pai).

Frente a esta situação nova, Guilherme buscou lidar com os sentimentos de ciúme para com a irmã através da busca pela atenção dispensada pelos progenitores e demais pessoas do convívio familiar à irmã recém-chegada. Guilherme esforçava-se para se mostrar interessante (mostrar seus brinquedos, seus atributos, suas capacidades) aos olhos dos adultos em detrimento da irmã.

As pessoas chegavam aqui, ele trazia do quarto dele pra mostrar aqui na sala: “Ai, o meu brinquedo. Olha, eu tenho isso. Olha como eu sou bonito. Olha como eu tenho aquilo. Olha o que eu sei fazer. Olha que eu viro cambota. Olha o que eu faço” (Denise – mãe).

Conhece a expressão amor e ódio? Ele adora a Laura, adora brincar com ela, é a irmã preferida dele, tu não pode falar em fazer nada, mas ao mesmo tempo tu percebe que ele tem ciúme dela, porque ele deixou de ser o “Guilherminho” e ela virou “Laurinha”, então ele não é mais o centro das atenções. Qualquer pessoa que chega lá, diz: “A Laura”, e ele

“Ah, e eu aqui ô, olha eu aqui”. Então, a gente percebe isso claramente, que ele ficou baqueado por isso, mas ele tenta não demonstrar isso (Leonardo – pai).

Ele quer chamar atenção (Leonardo – pai).

Tanto Denise (mãe) quanto Leonardo (pai) indicaram que estas manifestações de ciúme estiveram mais presentes no período inicial após o nascimento da irmã, de modo que estariam amenizadas no momento desta entrevista (4 meses após o nascimento). No período inicial, o ciúme fora perceptível através do medo de perder o amor dos progenitores e sentimento de não ser mais amado. Logo após o nascimento do irmão, Guilherme também havia ficado mais “rebelde”, desobediente e agressivo com os progenitores

Só no início, quando ela nasceu, que ele começou com umas histórias de “Ninguém gosta mais de mim. Ninguém me ama. As pessoas não me dão mais bola”, essas coisas do gênero. Ele dizia pra professora dele, “Porque que ninguém me ama mais? Patrícia, tu me ama?”. Daí depois passou (Leonardo – pai).

Ele tá bem melhor agora, mas no início foi bem complicado. Muito ciúme. Não chorava, mas rebelde, desobediente, agressivo, coisa que ele não é. Bem em função daquilo ali mesmo, totalmente (Denise – mãe).

Embora o período de maior insegurança e ciúme por parte de Guilherme já tivesse passado no momento desta entrevista, ambos os progenitores destacaram que o filho ainda demonstrava desconforto e desgosto ao ver a atenção dispensada por estes à irmã. Nestas situações de ciúme, Guilherme reagia protestando pela atenção dos progenitores ou interferindo na interação progenitores-irmã.

Quando eu não posso dar atenção pra ele e tenho que dar pra ela, eu acho que ele não gosta. Acho que ninguém gosta (Denise – mãe).

(Quando estou atendendo a Laura) ele quer que eu faça alguma coisa pra ele também no momento. Daí, eu tento. Quando dá pra eu atender ele, eu procuro atender, quando não dá, vira um inferno. Sinto muito (Denise – mãe).

A gente percebe que ele fica desconfortável quando ele não tem a atenção que ele gostaria de ter. Muitas vezes eu e a Denise ficamos brincando com a Laura e ele fica sozinho, daí ele vem e grita, dá o showzinho dele, exige a atenção dele (Leonardo – pai).

1.2. Disputa e competição fraterna

Referente à disputa entre os irmãos, Denise destacou que, devido à pouca idade de Guilherme, ele tinha dificuldade em interpretar corretamente alguns comportamentos de Laura,

identificando intenção da irmã de agredi-lo quando não era o caso. Nestas situações, o primogênito reagia reclamando aos progenitores.

É engraçado, porque ele é criança, então, tem muitas coisas que ele ainda não sabe. Tipo: “A Laura me chutou. A Laura me bateu na cara. Ela pegou o meu brinquedo”. Então, ele é bebê ainda também, entre aspas (Denise – mãe).

Quanto ao estilo de interação social do primogênito, Leonardo indicou preocupar-se por Guilherme frequentar uma turma onde havia apenas meninas em sua escola. Esta preocupação estava relacionada à tendência de Guilherme em ceder ou pacificar em face de disputas, o que, segundo o pai, era um padrão feminino de resolução de conflito.

Uma coisa que eu tenho prestado atenção na escola do Guilherme, é que só tem mulher naquela escola. Quando tu tens uma situação de estresse, o homem tende a reagir mais bruscamente, a mulher tem uma reação um pouco diferente. Então, pela educação dele ser toda por mulheres, ele já tem reações mais de pacificação do que de briga. Eu acho ruim, porque na rua a coisa não é assim. Na escola, quando ele for mais velho, não é assim (Leonardo – pai).

2. Relacionamento parental

No que tange ao envolvimento parental nos cuidados de Guilherme, quando ambos os progenitores estavam em casa, como nos fins de semana, Leonardo geralmente assumia os cuidados de Guilherme, enquanto que Denise cuidava de Laura.

Ele atende o Guilherme. Às vezes, ele se encarrega direto do Guilherme pra eu me encarregar dela (Laura). Chega sábado de manhã: “Vamos pro Parcão”, “Tu quer ir aonde? O pai te leva. Vamos fazer tal coisa. Vamos jogar. Vamos brincar disso. Vamos brincar daquilo”. E daí dá mais tempo pra eu ficar com ela direto (Denise – mãe).

Conforme Denise, Leonardo havia se envolvido e participado mais nos cuidados de Guilherme quando bebê do que neste momento com Laura. Isto poderia se dever, em parte, ao envolvimento de Leonardo com o filho mais velho neste momento, deixando os cuidados da casula mais a cargo da mãe. Além disso, o fato de a segunda filha ser do sexo feminino poderia fazer com o pai se sentisse menos competente para lidar com ela.

No começo ele (pai) tava meio assim de trocar sabe, porque é diferente. No começo, ele: “Ai não, é muito novinha. Eu não quero trocar ainda”, mas agora é tranquilo. Só que, por exemplo, no Guilherme, ele dava banho, nela ele não dá. Tá mais preguiçoso agora (Denise – mãe).

Quanto ao relacionamento de Guilherme com os progenitores, neste momento, parecia haver uma equiparação da proximidade do primogênito com a mãe e o pai, embora a mãe continuasse sendo a principal referência para o filho. Logo após o nascimento de Laura, Guilherme havia ficado mais ansioso em relação à proximidade da mãe, o que já estava normalizado neste momento.

Eu acho que é meio a meio. (Depois que a Laura nasceu, ele ficou mais agarrado) comigo. Eu acho que sempre foi. No início, quando ela nasceu, foi bem complicado, mas agora já não é mais assim (Denise – mãe).

Eu não sei te dizer exatamente. Eu fico mais tempo fora de casa. Ele gosta de mim, ele gosta da Denise, gosta da avó. Com quem ele é mais agarrado, eu não sei te dizer (Leonardo – pai).

Apesar de não estar sendo mais tão exigida por Guilherme e sentir-se satisfeita no papel materno, neste momento, Denise relatou ter pouco tempo para si. Na perspectiva de Leonardo (marido), o humor de Denise havia piorado devido às exigências de equilibrar o cuidado dos dois filhos, respeitando suas necessidades e particularidades.

(Me sinto) sem tempo pra mim. Em relação a eles, tranquilo. Às vezes, eu gostaria que o dia tivesse umas 48 horas. Mas em relação a eles não tô achando dificuldades, grandes dificuldades (Denise – mãe).

O humor da Denise piorou. Ah, tem que ter atenção dobrada, tem que prestar atenção nos dois, não pode deixar um interferir no outro, tem que ver as características de cada um, tem que procurar aconselhar cada um no seu jeito, tem que entender o jeito de cada um. É atenção dobrada, preocupação em dobro (Leonardo – pai).

Fase III – Laura com 1 ano e 2 meses e Guilherme com 5 anos e 6 meses

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Neste momento, o relacionamento entre os irmãos foi descrito pelos progenitores como bom. Os irmãos gostavam um do outro. Contudo, como apontado por Denise, para Guilherme coexistia ao amor também sentimentos de ciúme, o que trazia para ele uma maior dificuldade no relacionamento com a irmã. Segundo a mãe, Guilherme tinha dificuldade em ceder o lugar de centro das atenções, pois até o momento não tivera que dividir com outra criança esta posição.

Ela adora ele e ele adora ela também, só que eu acho que pra ele é um pouquinho mais complicado, porque tem um misto de amor e de ciúme e de divisão, dele ter que tá dividindo. Ele tem que aprender a dividir, o que antes ele talvez não precisasse. Não precisava mesmo, não tinha com quem, era tudo ele (Denise – mãe).

Acho que é natural, muito tempo sendo um filho só, de repente chega uma outra (Denise – mãe).

O ciúme de Guilherme para com Laura ficou bastante evidente neste período, relacionada à necessidade de dividir a atenção e o afeto dos progenitores. Percebeu-se claramente o desejo de sobrepujar a irmã como foco de interesse dos progenitores, solicitando assumir o lugar da irmã na interação com os progenitores, buscando participar das interações dos progenitores com a irmã ou sendo intrusivo e buscando empurrar a irmã para tomar seu lugar junto aos progenitores. Denise destacou a percepção de um aumento da solicitação de Guilherme em relação a ela, especialmente nos momentos em que estava atendendo Laura.

Por exemplo, a Laura tá sentada e ele vai lá e diz “Tá pai, agora é eu”. Aí, faz ele tirar a Laura, “Eu que quero sentar, eu quero fazer. Não, agora sou eu”. Eu acho que de ambos, tanto eu quanto o Leonardo ele quer mais atenção, ele quer que se voltem mais pra ele. O negócio é ele. Acho que é coisa justamente de ciúme, de ter sido muito tempo um só (Denise – mãe).

Ele fica ali, só fica em volta. Às vezes, ele tem ciúme e vem pro colo também e aí quer empurrar ela, tirar ela do colo. E, às vezes, ele não dá nem bola. Eu não sei qual é o grau de carência dele, mas varia. Tem dias que ele realmente tira ela e tem outros dias que ele passa reto (Leonardo – pai).

Ele tem um pouco de ciúme, mas ele nunca passa do ponto. Ou seja, ele vê que a irmã dele é objeto de atração e que ela é um pouco diferente, e ele quer tá junto, quer interagir (Leonardo – pai).

Eu acho que ele solicita mais a minha atenção. Talvez eu não percebesse isso. Ele sempre me solicitou, mas como era só ele, eu não sentia. Pra mim era uma coisa comum. Hoje em dia, eu acho que ele me solicita mais. Ele quer mais a minha atenção. Tipo, eu tô fazendo comida pra ela e ele quer ser atendido na hora. Eu tô trocando e ele quer água. Eu acho que é mais nos momentos que eu tô atendendo ela (Denise – mãe).

A busca por chamar atenção para si também esteve presente na situação com a família extensa, nas quais rivalizava com a irmã pela atenção dos familiares buscando mostrar suas habilidades.

Querer a atenção pra ele. Se a gente vai lá na minha sogra, aí ele: “Olha aqui, eu sei dançar, eu sei fazer não sei o que, eu sei fazer pirueta”. Essas coisas. Também eu acho que tudo em função de querer atenção (Denise – mãe).

Apesar dos relatos de ciúme referidos neste momento, os progenitores indicaram que o período de maior ciúme de Guilherme para com a irmã já havia passado, tendo ocorrido 4 ou 5 meses antes desta entrevista (quando Laura estava com idade entre 8 e 10 meses). Naquela

período, o primogênito estava agressivo, “teimoso”, “tinhoso” e desobediente com os progenitores. Estes comportamentos de confrontação ocorriam especialmente na interação com a mãe, que passava mais tempo com o filho em casa, e foram considerados por Denise como manifestações de ciúme de Guilherme, a fim de chamar sua atenção.

Uns 4 ou 5 meses atrás, que inclusive eu fui procurar a psicóloga da escola, porque o Guilherme tava impossível, uma coisa que eu não tava conseguindo controlar (Denise – mãe).

Eu acho que já tá bem melhor, tá menos agressivo. Antes ele ficava muito ciumento, muito. Então, ele fazia coisas pra chamar a atenção, passava o dia inteiro assim. Aí, às vezes, eu tinha vontade de matar ele, porque ele só fazia coisa errada pra te chamar a atenção mesmo. (...) Riscava roupa com caneta, eu mandava ele botar o sapato, ele não botava. Teimoso, teimosia. Tipo: “Guilherme, eu não quero que tu tire todas as almofadas”, aí ele tirou todas as almofadas. Esse tipo de coisa. Teimosia mesmo, pra chamar a atenção, pra eu tá em cima: “Pára, Guilherme. Não faz, Guilherme” (Denise – mãe).

O Leonardo (pai) tava muito furioso: “Ele tá impossível” (Denise – mãe).

Ele tá mais tranquilo, tá menos atucanado, embora ainda esteja com ciúme. Ele tá mais tranquilo em relação ao ambiente, menos tinhoso, menos nervoso. Eu acho que quando ela chegou, ele: “Perdi o posto”. Agora, eu acho que ele começou a entender a regra e, na realidade, não tem essa questão de posto, os dois são filhos (Leonardo – pai).

No momento desta entrevista, nas situações em que Denise estava cuidando de Laura, Guilherme estava menos exigente, embora continuasse a demandar a atenção da mãe e exigir ser atendido no momento solicitado. Segundo o pai, Guilherme estava percebendo que seu lugar de filho continuava preservado apesar da chegada da irmã.

Fica em volta (quanto estou atendendo a Laura). Antes era mais, agora eu acho que já tá mais light. Mas por exemplo, eu tô fazendo a comida dela, ele começa: “Cadê a minha comida? A minha comida, a minha comida, a minha comida”. Então, eu tô dando pra Laura: “E a minha comida?”. Ele quer ser prontamente atendido (Denise – mãe).

Possivelmente, como modo de manejar seus sentimentos de ciúme, Guilherme buscava comparar-se com a irmã, desejando que a mãe o informasse a respeito de como ele era quando bebê ou mesmo sobre realizações que faria antes ou depois da irmã. Tais lembranças poderiam ajudá-lo a tolerar o espaço ocupado pela irmã como bebê, sabendo ter ele também desfrutado deste no passado.

Às vezes, ele pergunta: “Mãe eu era...? A mana vai fazer 1 ano. Ela vai ficar mais velha antes de mim, depois de mim? Eu vou ficar desdentado antes da mana?”, essas coisas. “Quando eu nasci eu era assim, eu era assado?” (Denise – mãe).

1.2. Disputa e competição fraterna

Além das situações de ciúme de Guilherme para com Laura, os progenitores também indicaram a presença de competição fraterna neste momento. Conforme Laura desenvolveu maior mobilidade e capacidade de interação, passou a se interessar por brinquedos e posses do irmão. Para Guilherme, a situação de ter de dividir seu espaço e suas posses com a irmã era bastante desagradável, gerando irritação. Frente a isto, Guilherme chamava os progenitores para que retirassem a irmã da situação ou, por vezes, incluía Laura em suas brincadeiras.

(Desagrada o Guilherme) de (ela) ir mexer nos brinquedos dele, ele fica transtornado, fica bem chateado, indignado (Leonardo – pai).

(Ele não gosta) quando ela mexe nas coisas dele. Por exemplo, ele tá jogando no computador ela vai lá e bate no teclado e tira do jogo e ele fica furioso. Eu acho que é mais com as coisas dele (Denise – mãe).

Ele se mostra bem possessivo em relação às coisas dele: “Ai, tira a Laura daqui porque a Laura tá mexendo no computador. Tira a Laura daqui porque ela vai desligar a televisão. Tira a Laura daqui porque ela vai fazer não sei o quê”. Então, às vezes ele tá a fim de brincar com ela, ele entra na brincadeira e tal, às vezes ele quer ficar fazendo as coisas dele, que ele tava acostumado a fazer sozinho, e não tinha a interferência dela. E como ela não tem outros interesses sozinha, ela não brinca ainda, ela quer mexer, daí ela fica mexendo em tudo (Denise – mãe).

Destaca-se, que ambos os progenitores descreveram Guilherme como uma criança de temperamento fácil. Segundo Denise (mãe), Guilherme era dócil e gentil, uma criança que dividia facilmente suas posses com as demais. Leonardo indicou que gostaria, inclusive, que o filho fosse mais agressivo na interação social para poder defender-se melhor. Pode-se questionar o quanto esta descrição de Guilherme se aplicava às relações sociais fora da família, aos amigos, aos colegas, não sendo necessariamente transposta à relação com a irmã, a qual incluía não apenas a divisão de brinquedos e posses, mas também da atenção e do afeto dos progenitores. Além disso, a diferença de idade entre as crianças podia tornar a interação mais difícil do que aquela desfrutada com os pares na escola, por exemplo.

O Guilherme é muito tranquilo, na escolinha ele se dá com todos. Se ele chega num lugar, a gente vai numa praça, ele já faz amizade na hora. Ele é muito dado, ele é muito gentil. Então, por exemplo, a criança quer uma coisa dele emprestada ele dá, ele não é “Não, é meu”. Nunca foi assim, ele sempre foi uma criança muito gentil, muito dócil (Denise – mãe).

Ele é bem espontâneo, ele tem bastante desenvoltura, se expressa bem. Ele é meigo. Não é muito agressivo. Eu até gostaria que ele fosse mais pra se defender melhor (Leonardo – pai).

Em alguma medida, pode-se considerar que certa agressividade e irritabilidade de Guilherme com Laura fossem perceptíveis também através de brincadeiras ou interações limítrofes entre o carinho e a agressividade, em que podia machucá-la.

Ele com ela é aquela coisa de irmão um pouco mais velho. Ele, tá ali, tá brincando com ela e tal. Mas eu sinto que às vezes ele faz umas brincadeiras mais fortes. Ele quase machuca ela (Leonardo – pai).

Ele não tem muita noção do que é perigoso, do que pode machucar ela, do que não pode. Tipo, ele anda com ela pendurada de um lado pro outro, daí ele pega e joga ela no sofá, como se fosse uma bonequinha. Ele não tem muita noção do que é perigo (Denise – mãe).

La lá e chamava a Laura, ficava dando beijo, sabe aqueles beijos que tu vê que é uma coisa meio amor, meio ciúme, meio vontade de esganar. Mas pra me chamar a atenção de que ele gosta dela, que ele é bom, que ele é querido (Denise – mãe).

2. Relacionamento parental

Conforme Denise (mãe), Leonardo participava ativamente no cuidado dos filhos quando estava em casa. De modo geral, o pai realizava algum programa com o filho mais velho e Denise ficava com Laura. Às vezes, Leonardo ficava com os dois filhos para Denise ter um tempo só para si. Parecia que neste momento, uma vez que Laura já não era mais tão bebê, era mais possível para o pai ficar sozinho com os dois filhos.

Ele é bem participativo, me ajuda bastante. (...) Ele sai com o Guilherme, a gente divide. Ou, às vezes, ele até sai com os dois, vai no Parcão com os dois. Mas normalmente ele sai com o Guilherme e aí eu fico com a Laura. Ele me ajuda bastante (Denise – mãe).

(Marido) apoia me ajudando, sempre no que é possível. Às vezes eu tô cansada, aí, por exemplo, eu quero ir no shopping, mas com os dois não dá, e nem com ela só, daí ele diz: “Deixa os dois aí, vai dar uma volta, vai olhar vitrine”, pra poder também ter um tempinho pra mim. Vou lá fazer a minha mão, daí ele fica. (...) Ele me dá todo apoio (Denise – mãe).

No que tange ao relacionamento de Guilherme com os progenitores, diferentemente do período posterior ao nascimento de Laura, em que estava muito próximo à mãe, neste momento, Denise indicou não haver diferença de proximidade de Guilherme com ela ou o pai. Guilherme era muito amigo do pai, não apresentando resistência quando a mãe não podia atendê-lo e precisava ser cuidado pelo pai.

Não vejo diferença. Logo que ela nasceu sim, acho que era mais comigo. Mas agora... É que ele se dá muito bem com o Leonardo também. Eles são muito parceirão. Então, não tem. Se eu tô fazendo alguma coisa e eu não posso: “Pai, então tu me pega”. Não tem assim: “Ai, não, mãe, eu quero que tu me pegue. Mãe, dá a Laura pro pai pra...”. Ele se dá muito bem com o Leonardo. São muito amigos (Denise – mãe).

No que tange ao relacionamento mãe-primogênito, neste momento, Denise indicou ter aprendido a manejar melhor as confrontações e manifestações de ciúme de Guilherme, pois o período de maior dificuldade havia passado. Segundo ela, o período mais crítico havia ocorrido de 3 a 5 meses antes desta entrevista, quando Laura estava com idade entre 8 e 10 meses. Naquele momento, Denise havia encontrado dificuldades para controlar Guilherme, que estava “impossível” devido ao ciúme da irmã. Este havia sido um período bastante difícil para Denise como mãe, envolvendo sentimentos de culpa e impotência.

Agora eu consigo mais enxergar, mas teve uns quarto ou 5 meses atrás, que inclusive eu fui procurar a psicóloga da escola, porque o Guilherme tava impossível, uma coisa que eu não tava conseguindo controlar. Então, ao mesmo tempo eu me sentia culpada, não culpada de ter a Laura, mas culpada de não... A palavra não é culpada, é sem saber mesmo o que fazer. Porque é uma situação nova. Então, eu tive que perguntar pra ela como que eu fazia, tipo, eu oprimia, não oprimia, deixava ele fazer, não deixava, tirava a mamadeira – que ele tá tomando a mamadeira ainda – ou esperava mais um pouco. Aí, ela me deu algumas dicas (...). E eu fui fazendo assim. Tem hora que não adianta né, que mesmo assim ele não aceita (Denise – mãe).

O estresse é de saber dosar as coisas, de saber como lidar. Que há 3 meses atrás em relação ao Guilherme, de eu chegar às vezes ao ponto de chorar porque: “Ai, não sei o que eu vou fazer. Não sei mais o que fazer”. Essa eu acho que foi uma situação bem estressante (...). Daí tu tem que aprender, e até tu aprender vai um tempo, demanda. Mas eu acho que tudo é uma questão de querer também (Denise – mãe).

A gente fica cansada. Mas agora tudo acho que é um aprendizado. No início eu achava: “Ah, vou ficar louca. Não vai dar certo. Eu não vou conseguir”, mas depois tu vai entrando no ritmo, quando tu vê, tu entrou e deu, tá fazendo já como tem que ser feito (Denise – mãe).

Fase IV - Laura com 2 anos e 2 meses e Guilherme com 6 anos e 6 meses

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Neste momento, o ciúme de Guilherme para com Laura foi relatado por ambos os progenitores através de manifestações de sentir-se desfavorecido em relação à irmã perante a atenção dos progenitores. Guilherme manifestava perceber que Laura recebia mais atenção e privilégios do que ele. Embora discordasse desta percepção de Guilherme, Denise confirmou que Laura ainda exigia mais cuidados devido à sua idade. Além disso, Guilherme afirmava que os progenitores não gostavam dele, sentindo-se sozinho.

(Desagrada ele) achar que ela tem todas as regalias e ele não, de pensar que é tudo pra ela, e na verdade não é. É que como ela ainda é nova, existe um pouco mais de atenção, exige. Apesar de tá mais independente, ainda tem coisas que ela precisa. Então, às vezes, eu

vejo que desagrada ele o fato de ele achar que é só ela, tudo é ela, tudo é ela, e não é (Denise – mãe).

Ele chora, se emburra, diz: “Ai, tudo é pra mana, tudo é pra ela. A mana pode fazer qualquer coisa” (Denise – mãe).

Que ela ganhe as atenções dele, isso desagrada. Ele diz que a gente não gosta dele, que ninguém gosta dele, que ele está sozinho (Leonardo – pai).

Frente a este sentimento de ciúme, Guilherme buscava a atenção dos progenitores para si interferindo quando eles estavam atendendo a filha ou solicitando que a mãe fizesse para ele também o que realizava para a irmã (ex. carinho, colocar para dormir).

Algumas vezes ele tenta interferir (quando alguém está atendendo a Laura), outras vezes ele não faz nada. Ele puxa, quer chamar a atenção (Leonardo – pai).

Dependendo do que é, ele quer que eu faça com ele também. Tipo, fazendo um carinho: “Mãe, também quero”. Daí eu sento e fica um de cada lado. Se eu coloco pra dormir ela, ele também vai. Daí eu faço os dois. Ele quer também. Se é alguma coisa que ele também pode participar, ele também quer fazer comigo (Denise – mãe).

Apesar de ainda manifestar ciúme, Denise (mãe) indicou que os períodos mais difíceis para Guilherme foram logo após o nascimento da irmã e quando esta estava com aproximadamente 1 ano. Neste momento, Guilherme já aceitava que a mãe fizesse algumas atividades apenas com Laura sem incluí-lo, como alimentação, por exemplo. Segundo Denise, no início, Guilherme sofreu bastante com o nascimento da irmã, contudo, neste momento, parte de suas exigências e “revoltas” eram típicas da idade e não associadas ao ciúme.

Agora não, mas logo que a Laura nasceu e 1 ano e pouco, a gente inclusive colocou ele numa psicóloga porque a gente achou que ele tava muito revoltado, muito sofrendo com o nascimento dela. E realmente, ela viu isso. Inclusive disse que ele tava sentindo muito a minha falta, por mais que eu tentasse compensar duma forma ou outra, eu não tava conseguindo. E aí a gente teve que usar algumas estratégias, tipo eu ficar só com ele, fazer algum programa só com ele, e tal. E eu acho que ele tá melhor, ao menos a resposta tem sido mais positiva (Denise – mãe).

Agora ele tá mais tranquilo, porque antes ele não queria que eu desse comida pra ela sozinha, eu tinha que dar comida pra ela e pra ele, pros dois. Agora ele já tá comendo sozinho (Denise – mãe).

Claro, eu acho muito da idade, também, o Guilherme ainda tá numa idade que é ainda te testar. Então, tem algumas revoltas de não querer tal coisa, de dizer sempre “não” quando tu diz alguma coisa. A verdade é que nada muito significativo. (...) Acho que ele sofreu muito sim (no início) (Denise – mãe).

1.2. Disputa e competição fraterna

Em termos da disputa direta entre os irmãos, não necessariamente associadas ao ciúme, os progenitores relataram situações consideradas por eles como normais e leves. Segundo Leonardo (pai), o relacionamento entre Guilherme e Laura incluía um pouco de provocação (pegar coisas da irmã) e tapas de Guilherme para com a irmã.

Ele continua implicando com ela, pega as coisas dela, faz questão de provocar ela, volta e meia dá umas bordoadas nela. Mas ele também protege ela. Tem os dois lados. Normal, é competição dos dois (Leonardo – pai).

Fico contente de saber que eles são crianças amáveis, não são aquelas crianças praguinha. Tem umas crianças que se mordem, tem todo aquele processo, a disputa não é uma coisa tão light. Mas com eles é tranquilo (Denise – mãe).

Nas disputas entre os irmãos, percebeu-se uma tendência a que Guilherme cedesse às demandas de Laura. Este padrão pareceu associar-se tanto às características de temperamento das duas crianças (Guilherme muito dócil e Laura muito “braba”), como às recomendações da mãe de que Guilherme devia ceder à irmã por ser mais velho.

Ele é muito dócil, muito querido. Então, eu acho que não vai ser muito problemático, espero que não. Ela que é mais braba, ela disputa mais as coisas, ela não quer abrir mão, quando ela quer uma coisa. Aí ele sempre acaba cedendo. Eu digo: “Filho, ela é menor, tu tem que ceder”, e ele acaba cedendo (Denise – mãe).

Diferentemente do momento anterior, neste momento, Guilherme já havia aprendido a defender-se na escola, não mais apanhando dos colegas. Pode-se cogitar, que, embora cedendo às disputas com Laura, Guilherme também estivesse aprendendo com a irmã a competir e a resolver conflitos, aprendizado este transposto para os relacionamentos com os pares na escola.

Com os colegas, nunca recebi da escola alguma coisa: “O Guilherme foi agressivo, o Guilherme bateu, o Guilherme machucou o fulano”. Nunca, nunca, nunca. Sempre: “O Guilherme apanhou”, quando ele era menor. Hoje em dia ele já não apanha mais porque ele já revida. Mas ele não briga (Denise – mãe).

2. Relacionamento parental

No que se refere ao envolvimento parental no cuidado dos filhos, Denise (mãe) assumia os cuidados diários e contava com a participação de Leonardo especialmente nos fins de semana, quando ele não estava trabalhando. Nestes momentos, Leonardo assumia mais o cuidado de Guilherme, enquanto que Denise ficava mais com a filha mais nova. O pai possuía um relacionamento próximo com Guilherme, envolvendo-se em diversas atividades e brincadeiras

conjuntas, sendo considerados por Denise como muito “parceiros”. Em alguns momentos, Leonardo também ficava com os dois filhos para que Denise pudesse realizar algumas atividades sozinha.

O Leonardo vai (no parque com Guilherme) e leva junto até os amigos deles se precisar. E brinca, e faz festa, e ajuda. Assim, ajuda quando ele quer, mas acho que é de todo homem. Às vezes, ele ajuda, ele troca a Laura, dá comida quando precisa, quando eu peço. Fica com os dois, às vezes, quando eu tenho que sair também, se não tem outra pessoa (Denise – mãe).

Se dão super bem (Guilherme e o pai). O Leonardo interage muito, eles brincam muito, eles são muito parceiros. “Filho, vamos não sei aonde, vamos no super, vamos na loja, vamos no parquinho, vamos jogar bola, vamos pular corda, vamos jogar”. Tão sempre brincando de lutinha e são muito parceiros, muito parceiros. Conversam bastante (Denise – mãe).

No que tange à proximidade de Guilherme em relação aos progenitores, enquanto que Denise referiu que ele estava mais próximo do pai, Leonardo indicou que Guilherme solicitava mais a mãe. Pode-se supor que a mãe continuasse sendo a figura principal de referência de Guilherme, embora ele tenha realizado uma aproximação progressiva em relação ao pai, passando a desfrutar mais da companhia deste em atividades conjuntas.

Acho que (tá mais agarrado) com o Leonardo. Ele sai no fim-de-semana com ele, eu fico com a outra (Laura) também. Então, acho que tá mais com ele (Denise – mãe).

Ele pede mais pela presença da mãe (Leonardo – pai).

Quanto ao relacionamento de Guilherme com a mãe, pode-se cogitar que neste momento, ela estivesse mais disponível do que anteriormente. Conforme relatado por Denise, Laura estava mais independente, de modo que ela não precisava dedicar sua atenção de modo tão exclusivo à filha.

Ela tá um pouco mais independente. Ela já tá com 2 anos, então, não é mais um bebezinho que tu tenha que tá sempre em função. Ela quer ver televisão, ela vê, se ela quer sair, ela pede pra sair, se ela quer tomar água, ela pede. Então, tá mais independente, eu acho que isso é o que mudou (Denise – mãe).

O fato de ela tá mais independente, acho que isso facilita um pouco. Porque aí a atenção não é só voltada. Não é questão de atenção, é questão de que o nenê precisa ser atendido em função de que muitas coisas que ele não faz. Então, por exemplo, tu não pode largar num berço e deixar o dia inteiro. Tem mãe até que faz, mas eu não faço. Então, tu tem todo esse processo quando ele é menor (Denise – mãe).

ANEXO K

RESULTADOS CASO 4: HELENA E LUCAS

Fase I – Lucas com 32 semanas gestacionais e Helena com 6 anos e 1 mês

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Durante a gestação materna, o ciúme de Helena e o desejo de receber a atenção dispensada ao irmão, foram evidenciados através do ciúme da mãe com o pai e com outras crianças e do desejo de ela própria ser um bebê (ouvir músicas de ninar de Lucas).

Ontem, ela inventou de dormir escutando o CD que o Lucas ganhou, com musiquinha de ninar. Aí, ela: “Mãe, deita aqui do meu lado pra mim dormir. Aí, eu tô que é um nenê hoje” (Marta – mãe).

As manifestações de ciúme de Helena para com sua mãe apareceram tanto na disputa com as outras crianças, quanto também com o pai pela atenção materna. Pode-se supor que as disputas, que já eram características do relacionamento de Helena com o pai, estivessem mais intensas com a proximidade do nascimento do irmão, associadas ao risco de perda da atenção materna. O conflito entre Helena e Rodrigo ocorria principalmente na presença da mãe. Helena parecia desejar excluir o pai, e ter a mãe só para si.

Até se as crianças chegam muito perto, ela briga: “É minha mãe”. Já vem se esfregando, empurrando o outro de lado, querer tirar eles: “Ô, mãe, me dá um colo” (Marta – mãe).

Quando eu não tô em casa é as mil maravilhas. A mãe não tá em casa, uma (Helena) tá vendo desenho, outro (pai) tá vendo TV, outra tá dançando no quarto, tão brincando junto. Aí eu chego e começam a brigar, porque ela quer sentar do meu lado, porque é só ele que quer sentar do meu lado e tão sempre brigando. Qualquer motívinho tão discutindo. Agora tão brigando bem mais. Principalmente quando eu tô em casa (Marta – mãe).

Com o Rodrigo, agora ela tá mais com ciúme de mim. Não pode sentar no meu lado, ela senta no meio. Ela não pode sentar do meu lado e eu do lado dele. No meio. Se ele bota a mão na minha barriga, ela tira a mão dele da minha barriga. É bem ciumenta (Marta – mãe).

Ela já tá dizendo: “A mãe vai vir do hospital, o pai vai dormir no quarto dela e ela vai dormir no meu quarto”. Vai vir dormir comigo. “Não, mas eu não vou dormir contigo”. “Vai. Tu vai dormir lá no meu quarto” (Marta – mãe).

Ambos os progenitores fizeram previsões de manifestações de ciúme de Helena para em relação à mãe com o irmão após o seu nascimento. No relato da mãe, pôde-se compreender uma expectativa de ciúme tanto em relação a ela própria, que terá que direcionar sua atenção ao bebê, quanto em relação ao irmão, que Helena se referiria possessivamente como “meu mano”.

Eu não sei se não vai, de repente, até dar um pouco de ciúme. Porque a atenção toda vai ser pro bebê. E a mãe dela vai tá só em função do nenê: tem que dar mama, tem que. Eu não sei se ela não vai ter ciúme do mano dela. Do “meu mano, o meu”. Eu tenho que preparar ela pra isso, que eu acho que ela vai ter ciúme (Marta – mãe).

Eu acho que vai ter um atrito no início. Mesmo tu conversando com a criança, depois ela tem aquele baque. Com medo de tudo mudar (Marta – mãe).

O pai esperava que Helena fosse ter um momento inicial de euforia com a chegada do irmão, seguido de ciúme da mãe por verificar a diminuição de sua disponibilidade, para, por fim, voltar a apreciar a possibilidade de ter a mãe em casa, devido à licença maternidade.

Nos primeiros dias eu acho que vai ser excelente pra ela. Eu acho que ela vai curtir demais os 2, 3 primeiros dias. Acho que a partir daí ela vai sentir que a mãe dela não vai ter tanto tempo pra ela. Vai ter muito mais tempo pro nenê, vai repousar mais, não vai poder ficar por aí com ela. Nas primeiras semanas com o nenê acho que vai curtir, depois ela vai sentir esse baque, que ela tá sendo meio excluída um pouquinho. E depois acho que vai curtir bem mais. Daí a mãe dela vai poder sair com ela, vai ficar 3 meses. Vai poder passear, vai pro parque, vai com ela e com o mano. Então, acho que, a partir daí já vai começar a curtir o mano (Rodrigo – pai).

1.2. Disputa e competição fraterna

No que tange ao relacionamento entre Helena e o irmão, o pai antecipou um relacionamento difícil devido ao temperamento da filha, descrita como “geniosa” e exigente. Talvez esta expectativa estivesse associada à experiência do próprio pai no seu relacionamento com Helena neste momento.

A Helena é complicado. Eu acho que vai ser meio ruim. Acho que vai ser um troço meio pegado. Bah, a Helena é complicado. Tem que ser do jeito dela. Ela é muito chata, muito geniosa. Ela quer fazer e tem que ser na hora. Acho que ela vai incomodar bastante ele. Mas vamos tentar, a gente vai tentar apaziguar (Rodrigo – pai).

2. Relacionamento parental

No que se refere à proximidade de Helena com os progenitores, tanto Marta quanto Rodrigo referiram haver um relacionamento de maior proximidade de Helena com sua mãe, de modo que ela preferia ficar com a mãe a ficar com o pai.

Entre eu e o Rodrigo, acho que (é mais agarrada) comigo. Acho que é mais no fim do dia, quando chega. Ela é bem agarrada, não gosta de ficar sozinha. Na hora de tomar café, normalmente ela vai lá na frente da TV. Aí, se eu sento na cozinha pra comer, ela vai lá, senta do meu lado. Aí, o Rodrigo: “Por que que vocês duas vão sentar lá e eu fico aqui?”. Ela é bem assim, ela gosta de ficar bem perto (Marta – mãe).

Acho que vai ser brabo, vai ser ruim pra Helena, vai se incomodar um pouco. Ela não é muito manhosa, mas é que ela sente. Mais por ficar longe da mãe dela. Ficar longe de mim ela não se importa, mas da mãe dela (Rodrigo – pai).

Marta destacou que a proximidade de Helena com ela havia se intensificado no período da gestação, de modo que a filha estava “um grude”. Helena estava demonstrando mais carinho pela mãe (beijo, abraço, pedido de colo) e esperando o mesmo desta para com ela. Os momentos de despedidas estavam mais marcados do que anteriormente, assim como o ciúme em relação a outras crianças que se aproximavam da mãe.

Depois que eu engravidei acho que ela tá mais grudada ainda comigo. Bem grudada. Ela já era grudada, mas ela não era de ficar toda hora me abraçando. Ela tá num grude mesmo, terrível. Quando eu trago na creche, antes ela me dava um beijo e deu, não tava nem aí. Agora, ela vem, me abraça, me beija. E se eu saio e não vou dar tchau pra ela, ela vem correndo e: “Mãe, mãe e o meu beijo, o meu tchau”. Aí quando eu busco, ela me abraça, abraça a minha barriga. Ela tá bem grudenta (Marta – mãe).

(Depois que engravidei) ela tá bem mais carinhosa, bem mais próxima mesmo (Marta – mãe).

Além de mais próxima à Marta, Helena estava mais ansiosa e instável no relacionamento com a mãe, o que desencadeava mais desentendimentos entre as duas. Helena pareceu estar mais sensível neste momento.

Ela não encosta muito na minha barriga, até ela nem senta muito mais no meu colo. Filha, mas não tem problema, senta no colo da mãe. Não, mãe, porque daí o mano chuta. Só tá mais ansiosa, tá mais delicada. Ela tá mais estressada, discute, daqui a pouco já briga, qualquer coisinha é cara feia. Tá bem instável mesmo (Marta – mãe).

Neste contexto de aumento da exigência de Helena em relação à mãe, Rodrigo relatou que Marta estava mais intolerante e irritada com a filha. Na perspectiva paterna, embora próximo, o relacionamento mãe-filha não podia ser considerado favorável. Pode ser que, por um lado, Helena estivesse “incomodando” mais a mãe e, por outro, Marta estivesse mais “estressada” com a filha e as exigências da gestação.

Eu acho que o relacionamento da Marta com a Helena tá ruim. Não tá bom. Eu acho que a Marta tá ficando um pouco estressada com a Helena. Não sei se é por causa da gravidez, psicológico, a Helena tá irritando ela sempre. Ela tá com uma gravidez em família, né, não tem como. Eu não sei se a Helena incomoda muito ela mesmo que ela acaba perdendo a cabeça. Mas eu acho que ela grita muito com a Helena. Já não tem tanta paciência. Às vezes, eu acho que ela extrapola (Rodrigo – pai).

A maior proximidade de Helena com a mãe e a disputa com o pai por ciúme da mãe preocupavam Marta. A mãe considerava importante que Helena se aproximasse mais do pai neste momento, já que quando Lucas nascesse ela (mãe) não poderia mais suprir a atenção excessiva solicitada por Helena.

Eu não sei se isso é o melhor pra ela, essa proximidade tanta (comigo) agora, porque depois quando o nenê nascer não vai ter suporte maior. Tanto do pai dela que ela vai ter que ir nele, né. Vamos ver se ela gruda com ele, porque ele sempre diz que não gruda com ele. Depois que eu engravidei, ela tá mais grudada ainda comigo e brigando mais com ele. Então sempre tem atrito os dois (Marta – mãe).

Diferentemente do descrito pela mãe, o pai percebeu sua relação com Helena como melhor e mais próxima neste momento. Enquanto Marta apresentou o relacionamento pai-filha como mais conflituoso, Rodrigo percebeu que Helena estava mais próxima a ele. O ciúme em relação à mãe com o pai estava mais ameno que no momento anterior, de modo que o pai passou a poder se aproximar mais da filha, assim como trocar carinho com sua esposa na presença de Helena. O pai estava satisfeito com o relacionamento desfrutado com Helena, já que anteriormente sentia que não podia se aproximar da filha, ou mesmo encostar-se a ela, como gostaria.

Quando eu vou em algum lugar, convido ela pra sair, ela não quer, quer ficar com a mãe dela. Se é pra fazer alguma coisa, pentear cabelo mesmo, é difícil ela deixar eu fazer, mas a mãe dela. De um tempo pra cá não, mas eu não podia chegar perto da Marta e não podia chegar perto dela também. Bah, antes, se eu ia dar um beijo na Marta era uma briga. Agora não, agora não tem problema (Rodrigo – pai).

Em relação a mim tá tudo normal. A Helena não era muito apegada, agora ela tá bem mais apegada. Não podia encostar na Helena antes, podia tentar, mas não. Agora já dá pra pegar. Pentear cabelo que ela nunca deixava, agora deixa. Ela tá bem mais apegada. Não sei se é por causa da gravidez, mas ela teve tempo pra esperar o mano (Rodrigo – pai).

A gente quer às vezes deitar do lado, quer fazer um carinho e eles não deixam: “Ai, que droga mesmo, essa guria não deixa nem encostar nela”. Ficava muitas vezes brabo com ela: “Pô, quero fazer um carinho, tu fica xaropeando”. Então, agora tá como deveria (Rodrigo – pai).

Fase II – Lucas com 6 meses e Helena com 6 anos e 8 meses

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Agora que Lucas estava com 6 meses, os progenitores passaram a perceber sinais de ciúme de Helena com relação a eles com o irmão. Rodrigo percebeu que, conforme o irmão se tornou mais interessante e com mais capacidades de interação, passou a despertar mais a atenção dos progenitores, e, conseqüentemente, o ciúme de Helena, que até então não havia sido notado. O ciúme foi expresso através de verbalizações de que Lucas seria favorecido pelo pai em relação a ela. Na perspectiva de Rodrigo, a tendência era de o ciúme aumentar conforme Lucas se desenvolvesse.

A Helena tá sentindo um pouquinho. No começo não, foi bem normal, não deu muita bola. Mas ela já andou falando umas três, quatro vezes pra mim: “Ah, mais o Lucas, só o Lucas”. Então, acho que agora que o Lucas tá começando a crescer, que tá começando a fazer algumas coisas que não fazia. Então, ela vê que ele chama mais a atenção. Acho que ela tá sentindo um pouquinho agora. Eu acho que daqui pra frente ela vai sentir ainda mais. Daqui a pouco ele vai tá fazendo coisas que ela também faz, que a gente vai até dar, não mais importância, mas “Bah, que legal que o Lucas fez e tal”. E a gente não fala pra ela porque ela já é grandinha e a gente já acostumou que ela fizesse. Então, pra ela agora acho que tá sendo um pouquinho mais difícil, tá sentindo mais agora (Rodrigo – pai).

O ciúme de Helena foi perceptível tanto na relação com a mãe quanto na relação com o pai, de modo especial nas situações em que precisava dividir a atenção deles com o irmão. Com a mãe, era difícil para Helena tolerar que Marta não pudesse atendê-la no momento exato em que ela solicitava, pois muitas vezes estava cuidando de Lucas e Helena tinha que esperar para ser atendida depois. Além disso, buscava chamar a atenção da mãe, mostrando a ela tudo o que realizava.

Às vezes, o Lucas tá incomodando e ela se estressa. Ela não tem muita paciência, ela quer que eu faça as coisas na hora que ela quer. Eu disse: “Filha, mas não é assim. O mano tem que ter o tempo da mãe. O mano tá incomodando agora, espera um pouquinho”. Aí quando eu tenho tempo, ela perde e fica com outra coisa. “É hora do tema agora”. Aí ela diz: “Ai mãe, mas agora que eu...”. “Ah, agora que a mãe pode, né”. Aí ela vai, pega os cadernos. Daí ela já não tá mais a fim, mas o mano tá dormindo (Marta – mãe).

Ela (Marta) não tá tendo tempo também. Ela tem que tá muito mais em função do Lucas do que eu. E a Helena quer atenção. Sempre, tudo que ela faz ela quer mostrar. E a Marta também tem que coordenar a hora da Helena tomar banho, comer (Rodrigo – pai).

Em relação à Marta, eu acho que ela tenta chamar mais a atenção (Rodrigo – pai).

Com o pai, Helena reclamava que ele dava mais atenção ao irmão e realizava com ele coisas que com ela não realizava. Além disso, o pai referiu que Helena solicitava sua atenção

(convidar para brincar) nos momentos em que ele estava cuidando de Lucas (ex. fazer dormir) e não podia envolver-se com ela. Helena também buscava participar nas interações entre o pai e Lucas.

De vez em quando, achar que eu tô dando mais atenção pra ele. Isso foi a única coisa que mudou. Que ela não fazia antes. Eu tento mostrar pra ela que não é aquilo ali. Às vezes, até me irrita: “Ah, é o Lucas, filha” e aí dou uma brigada com ela. Tipo aconteceu esses dias. O Lucas nem tava aqui, mas ela disse: “Ah, mas com o Lucas tu faz” (Rodrigo – pai).

Na hora de brincadeira ela sempre participa. Quer participar, quer brincar junto. Não tem sossego. Mas, às vezes, quando ele tá meio fazendo uma manha, quer dormir, alguma coisa que eu tô dando bastante atenção e não posso dar atenção pra ela, ela quer brincar ou quer que eu vá fazer alguma coisa com ela, ou quer jogar videogame. E eu não posso, eu tô com o Lucas (Rodrigo – pai).

Além dos momentos em que perdia a atenção dos progenitores para o irmão, o ciúme de Helena também foi evidente nos momentos de desentendimento com o pai. Quando o pai discutia com Helena, ela demonstrava a insegurança em relação ao seu amor por ela e o sentimento de que este amor seria direcionado apenas ao irmão.

Aí quando ele (pai) começa a brigar com ela, ela diz: “Porque tu só gosta do meu mano” (Marta – mãe).

Além do ciúme em relação aos progenitores com o irmão, Helena manifestou ciúme em relação ao próprio irmão quando amigos da família se aproximavam e o pegavam no colo. Nesta situação, pode-se cogitar que, devido à diferença de idade, Helena estivesse se colocando no papel de cuidadora do irmão e “irmã mais velha” e apresentando sentimentos de posse em relação a ele.

Acho que a única parte que ela tem ciúme do Lucas é quando ela vê que as pessoas começam a pegar, vêm pra cima dele. Aí ela vem e quer pegar ele também. É propriedade dela. Ela tem ciúme dele. Ela não quer que ninguém chegue muito em cima dele. Eu já sei que é pra proteger, ela quer pegar (Marta – mãe).

1.2. Disputa e competição fraterna

Até o momento, Helena dividia sem dificuldade seus brinquedos, ajudava no cuidado do irmão e brincava com ele. Contudo, Rodrigo previa que isto se tornaria mais difícil para Helena conforme Lucas começasse a caminhar e tivesse maior acesso aos pertences da irmã.

Agora tá bom. É ótimo o relacionamento deles. Ela meio que fica briguenta, às vezes, por causa de mim, por causa da Marta, que ela pensa que é mais por ele. Mas com ele, ela

nunca deu problema, de não querer deixar pegar um brinquedo. Bem legal, ela dá, ajuda, ela dá papazinho pra ele. Na hora do banho também vai brincar com ele, na hora de trocar roupa. Tá super bom agora. Por enquanto (Rodrigo – pai).

Eu acho que ela já sabe o que vem pela frente. Que ele vai querer pegar as coisas dela, brinquedo. Antes de ontem, que ela tava estudando, fazendo uns negócios no caderno, ele queria pegar, queria porque queria pegar. Então, ela sabe que quando ele crescer um pouquinho mais e começar a caminhar vai ser ruim pra ela esconder dele as coisas. Coisa de criança, né (Rodrigo – pai).

2. Relacionamento parental

Segundo Marta, Helena sempre fora mais próxima à mãe e seletiva quanto a se aproximar de outras pessoas. Rodrigo confirmou a percepção de Helena ser mais próxima à mãe do que a ele, acrescentando que a avó materna era a segunda escolha da filha depois da mãe, e ele (pai), a terceira.

Acho que é (mais agarrada) comigo. Com o Rodrigo é mais pra farra, porque eu sou mais tranquila. (...) Ela já era grude mesmo comigo (antes do Lucas nascer). Ela sempre foi grudada, desde pequenininha (Marta – mãe).

Eu achava até que ia ter muita briga, choro (depois do nascimento do Lucas). Porque a Helena não se dava com ninguém, chorava com todo mundo. E era só eu, ela só queria eu (Marta – mãe).

(Mais agarrada com) a Marta e a vó dela. Terceiro lugar eu. Primeiro a Marta, depois a vó dela e em terceiro eu, sempre foi assim. (...) Se a Marta não tá, se tá eu e ela, ela prefere ficar com a vó dela do que ficar comigo. É bem mais agarrada a vó dela do que a mim, porque sempre foi criada com a vó dela (Rodrigo – pai).

Neste momento, Rodrigo (pai) relatou perceber que Marta (mãe) estava mais distante dele e de Helena, devido aos cuidados com Lucas. Marta estava dedicando mais atenção à Lucas, o que levava a que Helena sentisse mais a falta da mãe do que do pai. Rodrigo destacou também o pouco tempo dos progenitores com Helena, já que apenas a viam à noite, período em que, pode-se supor, Marta tinha que se envolver com a higiene, alimentação e sono de Lucas.

Eu acho que (mudou) mais esse afastamento da Marta. Não afastamento, mas mudou um pouco. A atenção tá mais voltada pro Lucas, principalmente da Marta, tem que ter mais cuidado com ele. E essa parte com a Marta acho que a Helena sentiu um pouquinho mais do que comigo. Que é muito mais atenção pro Lucas. E a Helena não vê muito a gente, ela sai de manhã pra estudar, daí volta meio-dia, uma e meia eu tô saindo, aí ela fica com a vó dela. E essa hora a mãe dela já tá saindo também. Depois à noite quando a gente chega, daqui a pouquinho ela já tem que dormir porque no outro dia tem aula (Rodrigo – pai).

Frente ao envolvimento de Marta com Lucas, Helena estava solicitando mais a atenção e o carinho materno, estando mais “grudada” à mãe.

Tá bem mais grudada. Aí de vez em quando: “Mãe, me dá um abraço”. Ontem eu saí cedo, aí ela: “Mãe, quando tu sair tu me acorda e me dá um beijo? Porque tu tá indo embora trabalhar”. “Mas a mãe vai sair tão cedo, fica dormindo”. “Não, mas me acorda pra eu te dar tchau”. “Tá, a mãe te acorda, filha”. Ela tá bem grudada (Marta – mãe).

Dada a necessidade de se dividir no cuidado dos dois filhos e com o aumento nas exigências de Helena pra com ela, Marta foi descrita por Rodrigo como menos tolerante, “brigona” e “estressada” no relacionamento com os filhos, especialmente com Helena.

Eu percebi que a Marta tá menos tolerante com a Helena. Tem horas que ela não aguenta, briga mesmo. A Marta sempre foi mais brigona, sempre brigou bem mais. Mas tem vezes que ela não aguenta. Acho que ela cansa também muito, o dia inteiro em função. Acorda, daí tem o Lucas pra cuidar. A Helena agora tá de férias, mas quando a Helena tá no colégio ela acorda pra arrumar a Helena. Depois dá atenção pro Lucas, vai trabalhar, volta e tal. Ela passa mais tempo com eles. Então, acho que ela se estressa mais com eles (Rodrigo – pai).

Com a Helena ela é bem mais stressada. Briga bem mais com a Helena do que com o Lucas. Mas com o Lucas, às vezes, ela também já não tem muita paciência: “Ah, fica aí no andador um pouco sentado”, que ele dá umas choradas e ela tem que fazer alguma coisa. Com o Lucas, não adianta, tem que tá toda hora fazendo, limpando uma coisa ou outra. (...) Então, por enquanto ela tá sendo mais stressada com a Helena, mas acho que vai ser igual com o Lucas. É o jeito dela (Rodrigo – pai).

No que tange ao relacionamento do pai com Helena, Rodrigo parecia estar aprendendo a ser pai com o segundo filho, o que, por consequência, o aproximava de Helena. Após o nascimento de Lucas, Rodrigo passou a brincar mais com Helena, pois a incluía nas atividades e brincadeiras que passou a realizar com Lucas. Rodrigo estava se envolvendo mais com Lucas em atividades que não havia realizado com Helena (ex. trocar fralda, dar banho) quando ela era bebê e estava se sentindo mais capaz de cuidar dos dois filhos.

Hoje eu brinco com ela direto. Depois que o Lucas nasceu, eu também brinco bastante com ela. Acho que ela sabe que é uma pessoa que vai agregar um pouco mais às brincadeiras. Acho que vai melhorar bastante (Rodrigo – pai).

Do Lucas ele faz tudo. Do Lucas ele é bem mais pai do que ele era da Helena. Que a Helena ele não trocava fralda, ele não fazia nada. O Lucas ele troca fralda, ele dá banho. Fica o dia inteiro. Semana passada ele saiu com os dois. Foi lá pra Viamão, botou ele no carregador, pegou a Helena e foi. Coisa que bem capaz que ele ia levar a Helena, um bebezinho, e mais o outro ainda. Até a mãe dele se impressionou (Marta – mãe).

Helena também estava procurando ficar mais com o pai, tendo sido descrita por Rodrigo como mais “apegada” a ele do que anteriormente. Contudo, os momentos de aproximação entre Helena e o pai ocorriam principalmente quando ele estava interagindo com o irmão e Helena desejava participar. O pai compreendia esta aproximação de Helena como forma de preservar seu lugar de filha perante ele com a chegada do irmão.

(Depois que o Lucas nasceu) ela tem ficado mais comigo. Ela tem se apegado mais a mim depois que o Lucas nasceu. Não muito, mas tem se apegado mais, ficado um pouco mais comigo. Principalmente quando o Lucas tá em casa junto, daí ela não quer descer (na casa da vó), ela quer ficar (...). É bom, super bom. Eu sempre briguei com ela, briguei brincando, quando ela era pequena, que era sempre a mãe, tudo a mãe, gostava mais da mãe (...). Eu acho que agora ela tá se apegando um pouco mais, ela vê que agora tem o mano, então, pra não tomar totalmente o lugar dela, ela vai ter que se impor um pouco (Rodrigo – pai).

Apesar da aproximação de Rodrigo com Helena, percebeu-se haver uma maior proximidade e envolvimento de Rodrigo com o segundo filho (Lucas), especialmente através de brincadeiras. Na divisão de tarefas, o pai assumia mais os cuidados de Lucas, enquanto Marta continuava a principal cuidadora de Helena. Parecia que a aproximação pai-filha tenha ocorrido apenas em interações triádica (pai-irmão-Helena), não se estendendo à relação diádica pai-Helena.

Com o Lucas, a Marta não brinca muito. Que eu veja, pelo menos, enquanto eu tô em casa. Não sei se porque eu tô sempre brincando também, acho que ela há tempos não brinca (Rodrigo – pai).

A Marta também consegue dar uma descansada, consegue fazer alguma outra coisa, porque eu fico bastante com o Lucas. Quando eu tô em casa tento ficar com ele. Brincando e no colo pra dar uma folga um pouco pra ela também (Rodrigo – pai).

Eu acho que a gente vai ter que dividir algumas coisas. Não dividir: “Ah, a Helena é tua e o Lucas é meu”, mas algumas coisas dividir: “Isso da Helena é contigo. Isso do Lucas é comigo”. Duas crianças acho que é isso aí. Acho que o casal vai ter que se unir mais. Se unir e separar algumas coisas (Rodrigo – pai).

Às vezes tem que ficar um entretido ali (com Lucas) e outro pra arrumar ela. De manhã cedo, todo dia de manhã eu tenho que arrumar ela pra ir no colégio. De repente, o Lucas acorda, o Lucas tá chorando. Aí ele (Rodrigo) tem que acordar, tem que dar atenção pro Lucas porque eu não tô nem aí. O Lucas chora e eu tô arrumando a Helena (Marta – mãe).

Além disso, Rodrigo demonstrava dificuldade de assumir o papel de autoridade e figura parental perante Helena, debochando e provocador a filha quando precisava educá-la. Esta postura do pai, considerada infantil por Marta, podia indicar conflito e disputa na relação pai-filha.

Com a Helena, eu brigo muito com ele (pai). Ele quer ficar debochando, quando eu tô chamando a atenção dela pra alguma coisa ele debocha dela. Se eu brigo com ela e digo: “Não é pra fazer isso. Senta ali. Fica quieta”. Aí ele: “Nãñãñã. Fica quieta”. Ele debocha. Ou então botando língua pra ela, dando risada pra ela. Mas: “Por isso que ela não te respeita”. Que ele é pior que ela. Aí ele disse que nenhuma criança respeita ele, e ele sabe disso (Marta – mãe).

É mais provocação, debocha muito. Ele é mais criança do que as crianças. Mais infantil (Marta – mãe).

Fase III - Lucas com 1 ano e Helena com 7 anos e 2 meses

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Neste momento, segundo o relato da mãe e do pai, Helena não estava mais demonstrando explicitamente ciúme de Lucas em relação a eles. Diferentemente da expectativa de Marta, não houve demonstrações de ciúme que chamassem sua atenção.

Eu achei que ia ter ciúme, alguma crise. Que todo mundo: “Ah, vai ter ciúme e tal”. Mas aí teve essa questão de desde a barriga a gente já conversava com ela. Tanto é que foi bem tranquilo (Marta – mãe).

O momento de maior dificuldade e ciúme de Helena havia passado e ela estava menos ansiosa e manhosa do que anteriormente. Segundo a mãe, a única demonstração de ciúme de Helena neste momento ocorria em relação ao irmão quando outras pessoas desejavam pegá-lo no colo, não havendo manifestações de ciúme em relação aos progenitores com o irmão.

Eu acho que a Helena meio que deu uma acalmada. Era mais ansiosa, mais manhosa também. Agora ela tá mais calminha (Rodrigo – pai).

A Helena, achei que ia ter um ciúme. Mas ela não tem nada de ciúme dele. Ela não gosta quando vem gente que fica pegando ele. Aí dá os ataques dela de ciúme, mas é ciúme dele daí. Aí ela quer pegar ele, quer abraçar (Marta – mãe).

Isto poderia estar associado a uma postura de irmã mais velha assumida por Helena para com Lucas, desejando cuidar dele e ensiná-lo.

E ela é super protetora. E ela quer ficar cuidando, ele vai nos lugares, (...) ela vai lá e pega no colo, tira de lá porque ela acha que ele vai se machucar. A briga minha com ela é que ela tá sempre pegando ele e não deixa ele se soltar muito (Marta – mãe).

Embora não chamasse a atenção dos progenitores, pareceu haver ciúme de Helena em relação a eles com o irmão, quando ela se comparava com o irmão, como se ele fosse privilegiado e favorecido no tratamento parental.

A gente nunca esperou que a Helena fosse manhosa por causa do mano, tivesse ciúme, coisa assim. Às vezes, tem uma coisinha ou outra e ela: “Ah, mas o mano fez e tal” (Rodrigo – pai).

1.2. Disputa e competição fraterna

Neste momento, pela primeira vez, houve relatos de disputas entre os irmãos, uma vez que, devido à maior capacidade motora de Lucas, este estava invadindo alguns espaços e buscando pegar os brinquedos de Helena, quando esta gostaria de brincar sozinha. As disputas envolveram a competição pelo espaço e pela divisão dos brinquedos.

Ela briga que ele pega as coisas dela. Ele come os brinquedos dela. Esses jogos de memória tem que cuidar porque ele pega as cartinhas, ele joga no lixo. Ele gosta de jogar as coisas fora pela janela (Marta – mãe).

Mudou, porque agora ele já aprendeu a pegar as coisas dela. Pega os brinquedos dela, e às vezes ela tá brincando, ela não quer brincar com ele, ela quer brincar sozinha. Sempre brincou sozinha. Então, às vezes ela tá brincando e ele vai lá, dá tapa nas bonecas dela, tira, quer morder, quer fazer alguma coisa. (...) Mas ele atrapalha sempre. Não pára. (...) É mais nesses momentos de brinquedo mesmo que ela não quer, que ela quer brincar sozinha. Às vezes é com lápis, com papel e não dá pra ele mexer e ele quer (Rodrigo – pai).

A diferença de idade entre os irmãos (6 anos e 2 meses) pode explicar a capacidade de Helena para lidar com estas disputas. Embora incomodada, Helena buscava tirar o irmão da situação, gritava com ele para que não mexesse em suas coisas, mas, muitas vezes, acabava incluindo Lucas em suas atividades.

Às vezes, ela não gosta. Quando ela tá disposta, eles brincam juntos, quando não tá, ela quer brincar sozinha (Rodrigo – pai).

No começo ela meio que briga: “Não, sai daqui”, mas depois ela se entrega, vê que não adianta, que ele vai xaropear mesmo e aí já bota ele na brincadeira. Acaba incluindo ele na brincadeira depois. (...) Ela dá aqueles gritinhos com ele: “Não, não faz isso. Deixa a mana brincar” e tal. Às vezes, tenta fechar a porta do quarto dela, mas não adianta, bate igual e abre. Mas ela não fica muito brava. Só isso aí: “Não é pra abrir a porta”. Dá uma chamada nele e tenta tirar ele da situação (Rodrigo – pai).

2. Relacionamento parental

No que tange ao relacionamento de Helena com os progenitores, a mãe continuava sendo a figura de referência para Helena e sua principal fonte de segurança e apoio. O pai era

considerado o companheiro para brincadeiras. Apesar disso, a filha estava aproximando-se mais do pai neste momento.

(Ela é mais agarrada) comigo mesmo. O pai é só pra farra. Daí, no aperto é a mãe. Se alguém briga com ela, ela sempre vem comigo. Eu chego em casa, daí ela sempre me abraça. Às vezes, ela não quer que eu vá trabalhar. Ela é bem grudada. O Rodrigo: “Ah, eu não vou ir trabalhar hoje também”, aí ela: “Ah, tá”. Bem assim. Quando eu tô doente ela fica toda tristonha e tal (Marta – mãe).

(Ela é mais agarrada) com a Marta. Com a Marta, com a minha sogra também, com meu sogro. Agora ela tá se apegando mais a mim. Mas ela é bem mais agarrada com a Marta do que com a minha sogra. Se tá só eu e ela não tem problema nenhum, mas a Marta chegou, já é toda da Marta, fica sempre com a Marta (Rodrigo – pai).

Neste momento, a relação de Helena com sua mãe parecia manter os padrões anteriores de pouco tempo para a interação e intolerância por parte da mãe. A interação mãe-filha envolvia basicamente conversas, sem que houvesse tempo para brincadeiras. Embora Marta se percebesse como mais paciente e conseguindo manejar melhor os conflitos com a filha, estes relatos foram acompanhados de descrições de momentos em que perdia a paciência com Helena.

Eu e a Helena a gente conversa bastante, conversa mais. Ela vem e me passa todos os assuntos dela. Tempo pra brincar a gente não tem muito (Marta – mãe).

Eu acho que até eu tô me saindo bem (como mãe). Que teve uma época que tu fica meio sem paciência, porque tu dorme pouco, tu não descansa. Mas é bem tranquilo com a Helena. Não tenho muita briga com ela. Falo as coisas, ela tenta fazer. O quarto dela se tá uma bagunça ela: “Ah, mãe, vou arrumar o meu quarto”. Disse: “Obrigado por arrumar o teu quarto. Porque o teu quarto quando eu vou lá eu fico o dia inteiro nele em função” (Marta – mãe).

A gente se estressa às vezes com a Helena. Não escuta, às vezes, sem limite, tem que chamar a atenção, tem que brigar um pouco mais. Mas ela sempre promete que vai ser a última vez, que ela não vai fazer mais, que ela vai parar, e assim vai indo. Quando eu tô bem estressada, brigando demais, aí eu paro um pouco: “Ai, tu deixa a mãe quietinha aqui. Vai brincar”. Aí ela entende, ela vai brincar e me deixa ali sozinha. “Ah, hoje a mãe não tá bem” (Marta – mãe).

Rodrigo considerava Marta muito exigente e irritada com os filhos, especialmente com Helena, sendo menos tolerante com a primogênita do que com o segundo filho. Depois do nascimento de Lucas e conforme ele ficou maior, Marta estava mais irritada e brigando mais com os filhos.

Com a Helena ela não é tão tolerante quanto com o Lucas. Então, às vezes ela briga com a Helena (Rodrigo – pai).

Não é muito bom (o relacionamento de Marta com Helena), eu acho que podia ser melhor, porque ela é bem sociável. Com a Helena mais ainda, agora que a Helena é a mais velha, entende mais. Às vezes, eu acho que ela trata a Helena mais como adulta. A Helena não é adulta ainda, ela não tem obrigações ainda. Às vezes, ela briga com a Helena que não fez isso, que não fez aquilo. Às vezes, ela cobra alguma coisa da Helena que eu acho que não deveria ser cobrado (Rodrigo – pai).

Eu sempre achei a Marta um pouco intolerante com as crianças. Aí depois que o Lucas nasceu mais ainda. Então, até por não brincar tanto, eu acho a Marta muito séria com ela (Helena). Brigas, coisas que ninguém precisava. E depois que o Lucas nasceu e agora que o Lucas tá crescendo mais ainda (Rodrigo – pai).

No que tange ao relacionamento de Helena com o pai, segundo Rodrigo, ele estava sendo melhor pai neste momento do que havia sido com Helena anteriormente. Quando tinham apenas Helena de filha, Rodrigo trabalhava e estudava, o que não lhe deixava tempo livre para se envolver com a filha. Além disso, a maior maturidade e experiência de Rodrigo teriam favorecido a isso.

Eu acho que agora e tô sendo um melhor pai do que quando era só com a Helena. Até com mais vivência, eu tô aprendendo melhor a ser pai, o que é ser pai. Com a Helena eu já era mais ausente, eu estudava e trabalhava, não tinha muito tempo. Mas agora tá bom (Rodrigo – pai).

Rodrigo estava aprendendo com Lucas a ser um pai melhor também para Helena. Neste momento em que Marta estava mais voltada para Lucas, sem tempo e impaciente com Helena, a filha estava se aproximando mais do pai (brincadeiras, hora de dormir, mais carinhosa). Rodrigo também estava mais disponível e envolvido com Helena. Em parte, o afastamento entre Helena e Marta se deveu ao pouco tempo juntas, pois Helena frequentava a escola pela manhã e a mãe trabalhava à tarde. Em contrapartida, o pai ficava em casa à tarde com a filha, pois iniciava seu trabalho no final da tarde. Segundo Rodrigo, Helena havia se aproximado mais dele também em função de ele ser mais “suave”, em oposição à “intolerância” de Marta. Rodrigo demonstrou satisfação com seu relacionamento com Helena, referindo sentir-se querido pelos dois filhos. A aproximação pai-primogênita foi mencionada por ambos os progenitores.

A gente tenta fazer as atividades junto com ela. Rodrigo jogou amarelinha com ela. Brinca e joga bola, pra ela não se sentir... Às vezes: “Ah, a mãe tá cuidando do mano, vamos lá brincar” (Marta – mãe).

Com o Rodrigo é super. Agora eles tão mais até ligados, porque eu tenho menos tempo pra ela. Então, isso aproxima um pouco mais eles. Em função do Lucas. Tem que trabalhar, e agora ela não vai mais pra creche comigo. A gente, às vezes, nem se via. Aí só à noite. Mas aí ela se grudou mais com o Rodrigo nessa fase quando o Lucas entrou pra creche, que eu

voltei a trabalhar. Por causa disso, o colégio dela era de manhã, a gente mal se via. Tinha vezes que eu só via ela de noite, quando chegava do serviço (Marta – mãe).

Nesses últimos tempos ela se aproximou mais do Rodrigo, até porque eu tô sem muito tempo. Eu tenho trabalho, ela não vem mais pra creche. Teve essa mudança do horário, a gente se vendo pouco, ela tendo que conviver mais com o pai dela, ela teve mais essa proximidade com ele (Marta – mãe).

A Helena nunca foi muito apegada comigo quando era bebê e agora, como o Lucas tá crescendo, ela tá se apegando mais. Até por isso a Marta, às vezes, é um pouco intolerante com ela. Ela sente que comigo é mais suave, então ela vem. Ela tá se apegando bem mais comigo. É complicado pra dormir, às vezes, quer que eu fique no quarto dela junto. Ela tá se apegando um pouco mais. Eu sempre quis que ela fosse bem apegada, ela nunca foi. Então, eu tô me sentindo super bem. Os dois filhos gostando de mim. Então, tá bom (Rodrigo – pai).

Ela tá bem mais comigo. É de agora assim, não faz muito. Ela nunca foi muito agarrada a mim, mas agora tá até brincando mais, mais carinhosa (Rodrigo – pai).

Contudo, embora estivesse dispensando mais atenção à Helena do que anteriormente e aproximando-se mais da filha, o pai continuava a se dedicar mais ao segundo filho. Com isso, Rodrigo preocupava-se por estar dando mais atenção a Lucas e afastando-se de Helena por considerar que ela “já sabia se virar”.

O Rodrigo ajuda bastante, cuida. Assume bastante essa parte de brincar. Brinca com a Helena, brinca bastante. Cuida do Lucas. Quer brincar com o Lucas. O Lucas às vezes não quer brincar, mas ele quer brincar com o Lucas (Marta – mãe).

Às vezes, eu acho que eu tô pecando um pouco nisso. A gente acaba dando um pouquinho mais de atenção pro Lucas por ele ser menorzinho. A gente acha que a Helena já sabe se virar. (...) Por mais que a gente diga que não, a gente se afasta um pouquinho, cuida mais dele e acaba esquecendo um pouco dela (Rodrigo – pai).

Além disso, o pai demonstrou pouca capacidade de empatia com a filha frente a suas demonstrações de ciúme. Em situações em que Helena solicitava explicitamente que o pai a tranquilizasse quanto a seus sentimentos de ciúme, ele, ao contrário, os instigava referindo preferir Lucas a ela.

Quando o Lucas nasceu eu sempre pergunto: “De quem é que tu gosta mais? Do mano, do pai?”. E daí, às vezes, ela me pergunta “De quem que tu gosta mais?”, “Do mano”. Eu ainda falo pra ela brincando. Aí eu brinco muito com ela: “O Lucas é o meu filho mais preferido”. Aí ela fica brava. Eu digo: “Não, o meu filho homem. Tu é a minha filha”, pra ela ver que não tem diferença. Mas ela sente. Às vezes, ela se sente um pouquinho carente (Rodrigo – pai).

Embora nenhum dos progenitores tenha mencionado demonstrações de ciúme de Helena em relação a eles com o irmão, neste momento, ambos destacaram que a filha estava mais “carente”, solicitando afeto e atenção (ex. ir para a cama dos progenitores, pedindo carinho, um abraço, para brincar, o colo do pai). Percebeu-se a capacidade de Helena de usar meios bem desenvolvidos de solicitar explicitamente a atenção dos progenitores, o que não parecia relacionar-se diretamente às situações em que eles estavam envolvidos com o irmão. Poderiam contribuir para isto, as capacidades sociocognitivas de Helena, uma vez que ela já estava com 7 anos e 3 meses de idade no momento desta entrevista.

Agora, de um tempo prá cá, eu tenho notado ela mais carente, quer um pouquinho mais de atenção. Às vezes, ela vem, deita na nossa cama, pede bastante carinho agora. Eu achei que ia parar isso, ela tá crescendo e ia parar, mas não. (...) Mas eu tenho percebido que ela tem ficado um pouquinho mais com a gente, quer um pouco mais de atenção (Rodrigo – pai).

A Helena é bem grudada. De vez em quando ela pede mais atenção. Que daí, tá na correria, às vezes tu não dá muita atenção pra ela. Daí ela: “Ai, faz tempo que tu não me dá um abraço. Faz tempo que não sei o que. Faz tempo que a gente não brinca” (Marta – mãe).

Ela (primogênita) percebe que a gente (...) cuida mais dele e acaba esquecendo um pouco dela e ela percebe isso. Às vezes, ela vem pro colo, vem junto (Rodrigo – pai).

Fase IV - Lucas com 2 anos e 1 mês e Helena com 8 anos e 4 meses

1. Rivalidade fraterna

1.1. Ciúme entre os irmãos

Neste momento, Marta manteve a percepção apresentada na etapa anterior, de haver menos disputas e ciúme entre os irmãos do que ela esperava.

Lá em casa é bem tranquilo. Que eu pensei, quando engravidei do Lucas, que fosse mais difícil, que a Helena fosse ter muita pendenga com ele por ser mais novinho. Mas até que não. É bem tranquilo (Marta – mãe).

Eu achei que ia ficar mais difícil, de repente ciúme um do outro, ou muita briga, mas tá bem tranquilo (Marta – mãe).

Contudo, a mãe relatou situações de ciúme que pareciam indicar um pequeno aumento com relação ao momento anterior. Com relação à mãe, Helena demonstrou ciúme frente às manifestações de afeto da mãe para o irmão, como os beijos, por exemplo, exigindo ganhar o beijo da mãe antes do irmão.

A Helena tá na fase agora de ter um pouco de ciúme. Comigo ela vem, é carinhosa como sempre. Eu dou beijo no Lucas, tem que dar beijo nela. Mas ela é a primeira sempre. O Lucas tem que brigar. Tri ciumenta (Marta – mãe).

O ciúme de Helena foi também percebido através de solicitações de que a mãe contasse se ela, quando bebê, realizava as mesmas coisas que neste momento despertavam a atenção para o irmão. Helena buscava comparar-se com Lucas a fim de não se sentir desvalorizada em relação a ele.

Ela pede pra contar o que ela fazia quando ela era da idade do Lucas. Ela quer se comparar, ela quer saber se ela fazia também ou se ela não fazia. Aí de vez em quando eu digo pra ela: “Claro, porque ele é gurizinho é meio boca abertinha. Então, tu era mais adiantada. Tu começou a caminhar mais cedo. Com a idade do Lucas tu já falava perfeitamente as palavrinhas. O Lucas ainda troca letra”. Aí ela fica bem faceira: “Ah, eu sou mais inteligente que o Lucas” (Marta – mãe).

Além disso, na presença de familiares, Helena estava rivalizando por sua atenção, buscando redirecioná-la para si quando o foco de interesse estava no irmão.

Com a família, a gente nota que ela tá com um pouco de ciúme. Até com a minha tia. O meu tio: “Quantos anos o Lucas tá?”. Aí ela diz: “Eu tenho 8”. Como se dissesse: “Eu também tô aqui”. Ela tem feito bastante disso. As pessoas perguntaram alguma coisa, é ela também. Como se dissesse, “Eu também tô aqui. Eu também gosto”. É isso que a gente tem notado, que ela tá um pouco querendo se mostrar, porque só vêem o Lucas que é pequenininho. “Eu tô aqui também. Eu sou grande, mas eu tô aqui” (Marta – mãe).

1.2. Disputa e competição fraterna

Nesta etapa, a disputa entre os irmãos referiu-se prioritariamente à competição por posses e brinquedos. Lucas invadia o espaço de Helena, desejando participar de suas brincadeiras, tomar para si os objetos com os quais ela estava brincando, e para isso batia na irmã. Helena, por sua vez, em alguns momentos conseguia incluir o irmão nas brincadeiras, enquanto que, em outros momentos, se irritava com ele ou dispensava-o quando não conseguia liderar a brincadeira. O que incomodava Helena na interação com o irmão eram as agressões e ter de cuidar de Lucas, respondendo à suas solicitações (ex. algo para comer).

A Helena adora desenhar. Então, ela e o Lucas já tão com as pendengas deles, as briguinhas básicas. Porque o Lucas adora dar nela. Então, ela não pode parar pra desenhar porque ele vai lá e dá uns petelecos nela. Eles tão assim, numa hora se amam, daqui a pouco a Helena tá brigando com ele. Mas ela é bem companheira. Às vezes, ela briga, se irrita porque ela quer desenhar e ele não deixa, ele pega os lápis dela e pega sempre o que ela tá desenhando (Marta – mãe).

(Desagrada ela em relação ao irmão) Quando ela não consegue convencer ele totalmente. Ela quer fazer alguma coisa e ele não quer, ou quer fazer outra coisa. Às vezes, ela quer brincar de boneca e ele quer brincar de carrinho. Então, até ela convencer ele que boneca é melhor, naquele momento, ela briga um pouco, tenta convencer. E, às vezes, ela se enche, diz “Ah, então eu não quero brincar contigo” e manda ele ir brincar sozinho. Aí ela não quer mais ele. Aí ela: “Vai, pega teus carrinhos e vai brincar”. Não briga (Rodrigo – pai).

Ela não gosta só quando ele dá nela. No mais é normal, brincam. Ele bater nela e também quando começa a pedir muito. Ela sempre fica assim: ‘Ai, que droga mesmo. Porque sempre eu que tenho que fazer’ (...). Ele pede tudo pra ela. Pede bolacha, pede não sei o que, eu só fico escutando ele pedir: “Mana, quero bolacha”. Ela: “Mãe, o Lucas me incomoda. Eu não aguento mais esse guri me pedindo as coisas” (Marta – mãe).

2. Relacionamento parental

Neste momento, Helena continuava tendo uma relação de maior proximidade com a mãe do que com o pai, sendo este apontado como companheiro para brincadeiras. Além da mãe, a avó materna ocupava um lugar importante entre os relacionamentos de Helena, sendo, inclusive, preferida pela primogênita ao pai.

Ela é mais agarrada comigo, mas pra farra, bagunça é o Rodrigo. Normalmente, no dia-a-dia, eu chego, ela conversa comigo, senta do meu lado. (...) Ontem, ela: “Mãe, penteia o meu cabelo pra ficar liso”. Só pra mim pentear o cabelo dela (Marta – mãe).

O pai dela é da bagunça. Ela deixa o pai dela com a bagunça. Então, as questões que ela quer saber, tudo que ela quer saber, ela pergunta pra mim (Marta – mãe).

(Tá mais agarrada) com a Marta, sempre foi. Desde bebê. Com a Marta e depois com a vó dela também. O dia inteiro, a Marta tá em casa, o tempo todo com a Marta. Às vezes, eu tô em casa e a minha sogra chega, ela sai de casa, vai pra minha sogra. Ela prefere mil vezes ir pra minha sogra do que ficar em casa comigo. Então, a minha sogra em segundo lugar direto (Rodrigo – pai).

Marta relatou impaciência e bastante estresse ao lidar com os dois filhos, em especial, ao ter que manejar as necessidades concomitantes de ambos. Rodrigo também considerava Marta pouco tolerante e exigente com Helena e a criticava por isso.

De vez em quando eu enlouqueço um pouco. Que, às vezes, tu tá cansada, ou já tá no extremo da hora e tá o Lucas pulando pra cá, a Helena brincando pra lá. Aí eu chego, brigo com todo mundo: “Helena, vai te arrumar, vai escovar teus dentes, vai dormir”. Ela diz: “Ih, baixou a...” não sei o quê. Aí eu vou pro quarto dela, já começo a me estressar. Vejo coisa jogada pra cá, coisa jogava pra lá, já começo a gritar: “Helena, vem cá. Olha aqui não sei o quê” (Marta – mãe).

Eu acho que ela tem que aprender um pouco mais a lidar com as situações. Tem que ser um pouco mais tolerante, menos estressada. É do jeito dela de ser, um pouco mais estressada, mais alterada que eu. Mas ela tinha que manejar um pouco mais. Com a Helena ela é um pouco menos tolerante ainda que com o Lucas. Às vezes, ela trata a Helena como se fosse

um adulto. (...) Com o Lucas , ela ainda é mais tolerante porque é bebê e tal, é engraçadinho, fica brincando (Rodrigo – pai).

Na relação pai-filha, foi apontada diminuição nas brincadeiras devido, segundo o relato do pai, ao amadurecimento e à mudança do tipo de brincadeira de Helena. A primogênita estava mais séria para as brincadeiras até então realizadas com o pai, o que poderia acabar por reduzir os momentos de interação pai-filha.

Teve pouquinhas mudanças. A gente tem ficado um pouquinho sério, eu acho. Não sei se por ela tá crescendo, por eu de repente tá largando um pouquinho mais também, ela ter ficado um pouquinho mais séria. A gente brinca igual. Tem as brincadeiras, tem a hora de lazer, mas tem ficado um pouco mais sério, não brincando tanto quanto a gente brincava antes. Por um lado, eu me sinto bem porque ela tá evoluindo, tá crescendo (Rodrigo – pai).

Em termos do estilo de interação pai-filha, segundo o relato da mãe, o pai continuava a assumir um papel infantil junto a Helena, sem colocar-se na posição de autoridade ou de cuidador, mas de igual e, em várias situações, de competidor, debochando e implicando com a filha. O conflito era parte do relacionamento pai-filha.

A Helena e ele são duas crianças. Parece que eu tô na segunda série. Ele tem a mesma idade que ela. Ela tem 8, ele tem 8. E, às vezes, ela tem 8 e ele tem 5, porque terrível. Eles brigam. Eles tão brincando, daqui a pouco ele já tá de deboche com ela. E começa de implicar e implicância, implicância. Aí, daqui a pouco ela já tá chorando. Eu disse: “Helena, o teu pai é pior que tu. Teu pai é criança. Tu não devia dar bola pra ele”. E ele não pára. Ele é muito infantil. Com a Helena, tá jogando vídeo-game: “Tu é burrinha. Eu já virei o jogo. Tu só tá nisso aí. Tu não consegue virar o jogo”. Eu disse: “Tu é pai dela, Rodrigo, te liga”. Ele não se liga, ele é tri infantil com a Helena, é uma coisa (Marta – mãe).

Lá em casa eu brigo muito no café da manhã. É sempre uma bagunça. E eu faço tudo, arrumo o café, aí chamo os belezas pra tomar café, aí ela e o Rodrigo ficam sempre se cutucando. Aí, eu dou atenção pro Lucas e finjo que eles nem tão ali, porque é sempre assim. Mesmo sentando um longe do outro eles tão sempre se cutucando. E o Rodrigo bota o dedo no café dela, ela fica furiosa com ele. Eles ficam se dando tapinha. Ah não, todo dia a mesma coisa. Pára (Marta – mãe).

O Rodrigo é bem bagunceiro. Aí, eles brigam muito. Essa noite ela acordou, foi lá pro meu quarto, mas ela tava dormindo. Ela é sonâmbula. Olhou pra gente: “Pai, eu posso dormir no helicóptero?”. O Rodrigo deu uma risada, riu, riu, riu. Aí ela já esticou os beiços, foi chorando pro quarto dela. Aí, fui lá, conversei com ela. Aí, ela: “Ai, que que o pai tem que quando eu erro, ele debocha de mim?”. Ele tem muito essas briguinhas. Ele é muito criança, muito infantil. E eu disse pra ele: “Tu magoou ela com essas brincadeirinhas. Ela já tá de saco cheio de ti. Daqui uns dias ela não vai querer olhar pra tua cara. Aí ela vai chegar em casa e vai pro quarto dela” (Marta – mãe).

Contudo, apesar do descontentamento de Marta com a atitude imatura de Rodrigo para com Helena, ela indicou que este estava mais participativo neste momento do que quando o casal tinha apenas Helena, envolvendo-se mais com os filhos. Percebeu-se que Marta compreendia os momentos de “bagunça” de Rodrigo com os filhos como favoráveis, pois significavam envolvimento dele como pai, o que não havia anteriormente.

O Rodrigo era muito infantil logo que a gente teve a Helena. De não dar muita bola, não participava tanto. Até no crescimento dela tudo ele era mais: “Vou trabalhar e ela que se lixe em casa”. E, de um tempo pra cá, eu comecei a xingar e brigar bastante com ele: “Daqui a pouco a Helena vai tá grande e tu não aproveitou nada da vida dela. E daí não adianta chorar”. Aí agora ele tá bem melhor na convivência com as crianças, de brincar e se envolver mais. Às vezes parte dele: “Helena, vamos sair?”. E eu não corto as brincadeiras dele porque é o momento dele com as crianças. E nem sempre ele foi assim. Então, eu deixo ele brincar bastante, faz bagunça. Eu sei que eles fazem uma bagunça naquela casa, quando eu vou trabalhar e ficam os três lá. Mas agora ele tá bem mais tranquilo e bem mais participativo do que ele era (Marta – mãe).